

Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota

MENINOS NÃO CHORAM

A formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP

Tese de Doutorado

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Universidade Federal do Ceará

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Universidade Federal do Ceará
Departamento de Ciências Sociais e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

MENINOS NÃO CHORAM

A formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP

Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Sociologia, no Curso de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

Dr. César Barreira - professor orientador

Fortaleza/ CE

2006

Universidade Federal do Ceará
Departamento de Ciências Sociais e Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

MENINOS NÃO CHORAM

A formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP

Jose Maria de Jesus Izquierdo Villota

**Tese defendida em 5 de junho de 2006 e aprovada pela
Banca Examinadora constituída pelos Professores:**

Prof. Dr. CESAR BARREIRA

Prof. Dr. EDUARDO PAEZ MACHADO

Prof. Dr. ALBA PINHO DE CARVALHO

Prof. Dr. GLORIA MARIA DOS SANTOS DIÓGENS

Prof. Dr. ELISABETH MARIA BESERRA COELHO

AGRADECIMENTOS

A César Barreira, pela paciência e dedicação durante todo o processo de elaboração deste trabalho. Não tenho palavras para descrever o muito que aprendi com ele como sociólogo e como ser humano.

À Professora Alba Pinho de Carvalho por ter sido meu alicerce nos primeiros passos em direção ao doutorado.

Aos diretores, funcionários e voluntários das instituições que intermediaram meu diálogo com “*ex-combatentes*” e possibilitaram a coleta de informações que embasaram este trabalho.

Aos entrevistados e aqueles que me narraram suas histórias. Sei que não os verei de novo para agradecer pessoalmente, mas confesso que me ajudaram muito quando, distraídos, deixaram escapular experiências profundamente humanas, cujo teor traçou o itinerário deste trabalho.

Aos professores que integraram a Banca Examinadora. Suas contribuições enriqueceram meu olhar sociológico.

Aos professores, funcionários e colegas do programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC pela ajuda oportuna nos momentos em que os procurei.

RESUMO

No presente trabalho, mediante o uso de alguns subsídios conceituais de teóricos como Norbert Elias, Hannah Arendt, Georg Simmel, Michel Foucault e Pierre Bourdieu, abordo a temática da formação do *habitus* guerreiro das FARC-EP. Desejo perceber, através das nuances da interação social, as mudanças que se dão na vida dos homens e mulheres que integram esse grupo guerrilheiro. No meio da guerra contra o Estado, é minha pretensão, neste trabalho, mostrar a maneira através da qual os guerrilheiros das FARC-EP incorporam características peculiares do *habitus* guerreiro, que lhes permite possuir um diferencial bastante evidente no que tange aos sentimentos e ao comportamento humano. Dessa forma, quero apresentar minha percepção em dois momentos investigativos: Nos dois primeiros capítulos, meu olhar será direcionado ao grupo, enquanto, nos três capítulos restantes, minha pretensão é perceber o processo pelo qual esse *habitus* guerreiro do grupo se instila nos membros que o conformam. O “*corpo temático*” deste trabalho foi estruturado da seguinte maneira: No capítulo I, a partir dos conflitos agrários de luta pela terra entre camponeses assalariados e latifundiários, tentarei mostrar como se dá o processo de configuração do *habitus* guerreiro de grupos de autodefesa camponesa que, posteriormente, constituirão a base social das FARC-EP. No capítulo II, quero elucidar sobre o *habitus* guerreiro como um traço coletivo da guerrilha, cuja formação foi possível através da vida nômade, das coações externas advindas das constantes ameaças inimigas e das coações internas promovidas pela aplicação de um Regime Disciplinar. No capítulo III, abordando algumas ações coletivas, quero problematizar a perda da individualidade no acontecer da guerra revolucionária, em que a identidade pessoal se dilui diante do aparecimento das características do grupo. O uso de diversos artifícios como a máscara, a mudança do nome, a ruptura dos vínculos sociais com pessoas alheias à organização, a prioridade atribuída aos interesses e aspirações do coletivo, articulam um processo social de transformação da personalidade dos guerrilheiros. No Capítulo IV quero avistar a vivência dos sentimentos de forma a ajustá-los a esse tipo de vida coletiva que decorre no meio do conflito armado colombiano. Inquieta-me saber como os guerrilheiros desenvolvem sua afetividade na interação homem/mulher, como vivem o vínculo com a família, como controlam o medo e, principalmente, como desenvolvem sentimentos que são característicos do grupo, como a desconfiança de tudo e a fidelidade à organização. No capítulo V, abordo a incidência da vida nômade, do rigor militar e da disposição para o combate no processo de construção da corporeidade dos guerrilheiros. Nesse capítulo, tentarei destacar o processo de disciplinarização da sexualidade, assim como também o condicionamento corporal para que os guerrilheiros sejam capazes de opor resistência ao cansaço, a condições climáticas adversas e aos demais apelos da própria estrutura biológica humana como a fome, o sono e a dor física.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 1

O percurso metodológico 11

CAPITULO I

O COMEÇO DE UMA LUTA SEM TREGUA 20

Liberais e conservadores 22

O destino que cansa e não satisfaz 26

A revolução em marcha 31

Quando o eu se transforma em nós 44

Uma porta que se abre 52

CAPITULO II

À PROCURA DO PODER PARA O POVO 63

Quem são vocês? 65

“Nós somos revolucionários” 67

“Lutamos por uma mudança de regime” 70

“Regra é regra e a questão é obedecer” 72

A vida no grupo guerrilheiro 75

Nós temos o apoio do povo 79

De Marquetalia até os confins do país 84

“Tudo o que se consegue é para a organização” 90

Todas as formas de luta 92

CAPITULO III

MEU NOME DE GUERRA 96

No balanço do indivíduo e da pessoa 99

“Com o tempo a gente se acostuma” 104

“É melhor ficar caladinha” 108

Na trilha dos planos 110

“O mundo da gente é que não muda” 112

“Depois do café, mais treinamento militar” 116

“A farda é para honrá-la” 119

“Regras não têm amigos” 121

CAPITULO IV

MENINOS NÃO CHORAM 129

“A gente se prende a essas idéias” 131

Ódio para quem nos odeia 137

Aqui está tudo bem 140

Sem medo para lutar 145

As saudades do guerreiro 148

“O guerrilheiro não é ambicioso” 155

CAPITULO V

A ESTRATEGIA DO CARACOL 161

“O pessoal não liga para isso” 163

“Nós somos homens de guerra” 167

Quando o corpo incomoda 172

“Camarada, foste um herói” 177

CONCLUSÃO 185**BIBLIOGRAFIA 195**

INTRODUÇÃO

Ângela, uma jovem camponesa que se incorporou às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo (FARC-EP)¹ quando contava apenas 12 anos de idade, descreve a execução do castigo imputado a outra moça guerrilheira:

Tinha uma amiga, Juanita, ela se meteu em problemas por estar-se deitando (sic). Nós éramos amigas na vida civil e partilhávamos uma trincheira. O comandante falou que não importava que ela fosse minha amiga. Ela havia cometido uma falta e tinha que matá-la. Fechei os olhos e disparei a arma, mas não acertei. Então disparei outra vez. A tumba estava justo do lado. Tive que sepultá-la. O comandante falou: ‘Fez muito bem. Vai ter que fazê-lo muitas vezes e terá que aprender a não chorar. (HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:111).

A causa para tal castigo foi a violação de uma norma da organização que proíbe ter mais de um companheiro sexual dentro do grupo. A dimensão da pena imputada à moça infratora revela um rigor inclemente, uma falta de consideração das limitações individuais por parte do grupo.

Embora o castigo tenha proporções extremas para o entendimento humano, medidas radicais como essas são em boa parte recorrentes na vida guerrilheira. Muitos pesquisadores afirmam precisamente que graças ao rigor na aplicação dos códigos de conduta é que as FARC-EP têm sobrevivido há mais de quarenta anos de luta armada. De fato, depois da configuração desse movimento guerrilheiro, na Segunda Conferência Constitutiva das FARC-EP², foi aprovado o Estatuto de Regime Disciplinar, no qual se definiu todo um aparelho disciplinar que funciona eficientemente como mecanismo de controle da ordem interna e do funcionamento coordenado do grupo. Mesmo que com o passar dos anos, o Estatuto tenha sofrido algumas modificações, o essencial dele se conserva³.

¹ Movimento guerrilheiro que nasceu na Colômbia em 27 de maio de 1964.

² A Conferência se deu entre 25 de abril a 5 de maio de 1966.

³ “A conferência guerrilheira” é o único espaço onde os quadros de mando revistam as estratégias e o funcionamento das partes que integram essa coletividade. A realização das conferências guerrilheiras são marcadas de percalços e entorpecidas por questões de segurança dos participantes, por consequência disso, última conferência (a oitava) foi realizada em 1993, data que marca a última tentativa de aprimoramento do Estatuto das FARC-EP.

Tudo o que envolve a vida coletiva e individual da guerrilha está previsto no Estatuto. É ele que dá fundamento e suporte aos mecanismos de reconhecimento e acato da autoridade, às orientações para o exercício do comando nos grupos, à administração das finanças, às normas de comportamento dos guerrilheiros tanto no dia-a-dia como no combate. Da vida dos guerrilheiros, parece que nada escapa desse poder disciplinador. O mencionado caso de Juanita é um exemplo disso. Ele permite intuir o alcance do poder que o grupo exerce sobre os guerreiros em obediência às normas do Estatuto. A sanção aplicada visa regular o comportamento sexual dos combatentes. A eliminação de Juanita tem como objetivo favorecer o funcionamento da coletividade. É claro que a intenção dessa norma não é apenas punir um desvio de comportamento; o essencial é perceber que o fundamento do castigo é evitar cisões e conflitos internos, assim como também favorecer a “*ordem social*” dentro da instituição.

É surpreendente o desenrolar do fato em questão. Além do rigor da punição que recai sobre Juanita, chama a atenção a indicação de Ângela para realizar a execução. Esta última, mesmo contrariando seus sentimentos, age em função da devida obediência a uma ordem superior. Numa figuração social como um clube, uma associação, um sindicato, provavelmente a falta de Juanita não seria punida tão severamente. Tal castigo não lhe seria imputado e também não se ordenaria ao executor que aprendesse “*a não chorar*”. É incomum exigir de uma pessoa a supressão de sentimentos como o da camaradagem e compaixão, os quais com recorrência atam os fortes vínculos de velhas amizades. Tais ações são exequíveis ou concebidas como necessárias somente numa estrutura social com traços guerreiros, como é o caso das FARC-EP.

É provável, que para a autoconservação de grupos em estado permanente de conflito, como é o caso da guerrilha, seja necessária a execução de punições rigorosas como essa, bem como, o devido cuidado na distribuição das proporções de poder do tipo ordem/obediência, onde a mediação de concessões ou de diálogo é quase inaceitável. A distinção clara entre chefe e súdito, a minuciosa divisão interna de funções sociais e a disposição de coações diversas parecem ser condições essenciais para que o grupo se mantenha coeso e ele próprio possa ter um estrito controle sobre seus membros. As FARC-EP são um grupo que vive em estado permanente de conflito, a vida de seus membros experimenta a inquietação da ameaça constante, o latente perigo de morte. O cotidiano da organização se desenvolve em contínuo assédio de grupos inimigos com

alto poder de destruição⁴, portanto, sua existência depende, em grande medida, do rigoroso controle que essa organização possa manter sobre cada indivíduo que a integra.

Face ao depoimento de Ângela, que noticia algo sabidamente corriqueiro na vida guerrilheira - o uso da violência física como mecanismo de controle do grupo sobre seus membros - e partindo da intuição sociológica que afirma que nada no ser humano é natural, que tudo nele é socialmente construído, surgem algumas perguntas que poderiam nortear esta pesquisa: o que levou Ângela a obedecer àquela ordem? Há alguma relação de proporcionalidade entre a falta cometida e o rigor da punição? Para alcançar esse nível de obediência aos mandos, quais dispositivos foram aplicados no processo de formação militar de Ângela?

Além disso, o fato de Ângela, mesmo que com lágrimas nos olhos, ter superado seu sentimento de comisseração e tirado a vida de sua companheira, autoriza ainda a formulação das seguintes indagações: como se dá esse processo de auto-regulação dos sentimentos do guerrilheiro em relação às pessoas ou coisas? Qual é a maneira através da qual as relações individuais se tornam tão maleáveis e adaptáveis a essa figuração social? Como acontece essa moldagem social por meio da qual o indivíduo abandona seu modo comum de viver para vivenciar um outro marcado pela violência permanente?

Embora as exigências da vida guerrilheira sejam algo conhecidas pelos colombianos, o índice de deserção é insignificante se comparado com o de ingresso. Por essa razão, é igualmente pertinente perguntar: o que molda e compromete o indivíduo para perseverar dentro desse cosmo humano da vida guerrilheira? Como foi possível o surgimento de uma formação social como as FARC-EP com traços guerreiros tão definidos? Qual é a ordem desse entrelaçamento incessante que determina a forma de ser dos guerrilheiros das FARC-EP? Como se instilam nos indivíduos as características que fazem das FARC-EP um grupo em estado permanente de conflito? Como se dá a distribuição dos poderes no interior do grupo?

⁴ Na Colômbia, são vários os grupos que vivem em estado permanente de conflito. Dada a rede de interdependência em que estão inseridos, neste trabalho farei referência aos mais significativos. Considero que esses grupos, sejam eles guerrilheiros, paramilitares ou de narcotraficantes, são importantes pelo nível de influência que exercem sobre as FARC-EP.

A resposta a esses e a outros questionamentos similares pode me aproximar da conexão entre as diversas estruturas sociais e o surgimento da estrutura peculiar da guerrilha colombiana, como também me pode ajudar a perceber as modificações correspondentes no comportamento e no sentimento individual dos homens e das mulheres que, a partir de sua inserção no grupo, fizeram da luta armada uma forma de viver.

Percebo, através das nuances da interação social, as mudanças que se dão na vida dessas pessoas: a forma peculiar de curtir seus amores, de celebrar suas vitórias, de forjar seus sonhos, de esculpir seus corpos, de dar rédeas às suas paixões, de lidar com seus anseios e de amargar suas dores. No meio da guerra contra o Estado, os guerreiros das FARC-EP incorporaram características peculiares que lhes permitiram possuir um diferencial bastante evidente no que tange aos sentimentos e ao comportamento humano. Na agitação da guerra, eles incorporaram um *habitus* guerreiro.

O conceito de *habitus* que, no percurso deste trabalho, é assumido, corresponde ao proposto por Pierre Bourdieu em suas diversas publicações⁵. Para esse autor, *habitus* é um sistema de disposições duráveis e intransponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, cuja combinação faz possível cumprir tarefas individuais em consonância com uma ordem social preestabelecida. Essa consonância entre "*campo*" social e ações individuais obedece a um processo de interação grupal em que cada indivíduo interioriza normas, usos e obrigações que pertencem à ordem social na qual ele está inserido. Dessa sorte, o conceito de *habitus* apresenta-se como uma noção mediadora que ajuda a romper com a dualidade do senso comum, em que são colocadas barreiras, por vezes intransponíveis, entre indivíduo e sociedade. Pelo uso, o conceito de *habitus* nos permitirá captar a "*interioridade da exterioridade e a exteriorização da interioridade*" ou, em outras palavras, o modo como a sociedade se explicita nas pessoas sob a

⁵ *Habitus* é uma noção antiga, usada originariamente sob o nome de *hexis* no pensamento aristotélico. Aparece na época medieval, na *Summa Theologiae* de Tomás de Aquino, traduzido no latim como *habitus* (particípio passado do verbo haver que designa ter ou possuir). Embora tenha sido usado parcimoniosamente e discursivamente em trabalhos de diversos autores, foi Pierre Bourdieu, na década de sessenta, quem o conceitualizou com maior precisão, na tentativa de forjar uma teoria que permitisse desconstruir a oposição latente nas diversas tradições de pensamento entre objetivismo e subjetivismo. Para ter uma noção mais precisa do conceito de *habitus* no pensamento de Bourdieu, pode-se ler *Esboço de uma teoria da prática. Precedido de três estudos de etnologia Kabila*. Oeiras: Celta, 1972.

forma de disposições duráveis ou capacidades treinadas, propensões estruturadas que levam o indivíduo a pensar, sentir e agir de um modo determinado ou, em algumas circunstâncias, o guia em suas respostas criativas aos constrangimentos e solicitações de seu meio social existente.

No caso da guerrilha colombiana, já na década de cinquenta, esse *habitus* guerreiro era perceptível nos camponeses que integravam os diversos grupos de autodefesa camponesa existentes naquela época. Na obra de Francisco Isaza (1959:180) podemos perceber as manifestações de seus traços mais característicos:

Lutaríamos contra tudo, até contra nós mesmos. Ai começa o combate; o alicerce desse grande edifício que se chama revolução, é a vitória que logremos sobre nós mesmos ao vencer nossa carne, nosso medo, nossa fome, nosso sono, nossas paixões e impulsos animais. Vencer nosso egoísmo, sacrificar tudo em benefício de uma causa.

A força do guerrilheiro não é a arma física que leva nos ombros ou que pende do cinto, é a força moral conquistada dentro de si mesmo, em meio do fogo. É a unidade superior do homem que toca os lindeiros dos deuses.

Essa “*força moral*” da qual fala Isaza manifesta-se, certamente, através de indivíduos concretos, mas sempre como reflexo de um sentimento coletivo. A partir do surgimento das FARC-EP na década de sessenta, o *habitus* guerreiro se enfoca e evidencia de uma forma mais clara na execução de diversas ações marcadas, em boa parte, pelo uso de violência física e direcionadas principalmente contra objetivos militares.

Nos dois primeiros anos de governo do presidente Álvaro Uribe (2002-2006), por exemplo, esse grupo guerrilheiro já havia realizado mais de 900 ataques militares⁶. Basta acompanhar os jornais para perceber que o cotidiano dessa organização oscila entre o ataque e a defesa. É a guerra que absorve o tempo dos guerrilheiros, que os leva a fazer projetos, que orienta sua mobilidade, que condiciona suas ações, que ocupa seu pensamento e sua vida. Contudo, é de se afirmar que tal disposição para o combate não surgiu espontaneamente, que houve um processo civilizador que norteou comportamentos e sentimentos individuais e coletivos nessa direção.

⁶ Esse dado foi fornecido pela Fundación Seguridad & Democracia em 25 de outubro de 2004 e pode ser lido em http://www.seguridadydemocracia.org/news_desc.asp?s_year=2004&s_news_id=28

Embora a existência desse grupo guerrilheiro remonte a 1964, o tempo de vida em combate para seus fundadores⁷ começou muito antes. Para um desses camponeses, o atual chefe máximo das FARC-EP, Manuel Marulanda Velez, conhecido como “*Tiro Fijo*” [tiro certo], o tempo de guerra começou já na década de cinquenta. Com 20 anos de idade ele era líder guerrilheiro e homem experiente nas artes da guerra. Mas essa experiência de vida individual não surge do acaso, ela está ligada a fatores de ordem nacional como disputas pela terra, perseguições políticas, exclusão social, pobreza e ausência do Estado em varias regiões periféricas do país. Esses fatores históricos podem servir de pistas para destrinchar o desenvolvimento do *habitus* guerreiro que identifica as FARC-EP.

Como se verá no Capítulo I, a interação entre grupos adversários, ora de opositores políticos (liberais, conservadores, comunistas), ora de latifundiários e pequenos agricultores, de polícia ou exército, foi o que possibilitou que organizações sociais emergentes encontrassem acesso à vida política nacional através do conflito armado.

Na realização deste trabalho, tentarei identificar o processo de formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP bem como as diversas manifestações do mesmo pelos indivíduos que integram esse movimento guerrilheiro. Para realizar tal mister, além de me valer do auxílio de alguns elementos analíticos, considero necessário observar o complexo de relações sociais no interior das FARC-EP e a dinâmica contínua das interações entre seus membros. Tais interações são governadas por um código de luta revolucionária. Também parece oportuno adentrar nas motivações pessoais que levam os guerreiros a querer participar das mais diversas atividades do grupo, já que para isso exige-se deles um emaranhado de abnegações e sacrifícios, tais como: disposição para colocar em risco a própria vida nos embates com forças inimigas, adesão radical às regras da organização, férrea disciplina militar, ruptura de vínculos afetivos com a estrutura familiar e renúncia a bens materiais, em fim, subordinação a uma vida itinerante e à execução de rotinas militares que, no mais das vezes, não estão em conformidade com os anseios da vida humana que confluem na procura de tranquilidade.

⁷ Consideram-se *fundadores* das FARC-EP os 48 camponeses que participaram do combate de Marquetalia entre maio e julho de 1964. A respeito desse combate pode-se ler o item *Uma porta que se abre*, no capítulo I deste trabalho.

No curso dos acontecimentos, acredito que as FARC-EP criaram e aprimoraram um tipo de estrutura social que favoreceu a constituição do *habitus* guerreiro. Mesmo que essa estrutura não tenha sido racionalmente criada para tal fim, sem dúvida ela permite à organização, por um lado, estabelecer processos de treinamento para inculcar valores muito específicos na individualidade de seus membros e, por outro, delimitar mecanismos de seleção que lhe possibilite formar estruturas de personalidade que estejam em sintonia com a ordem visível desse grupo guerrilheiro.

A partir de uma prévia análise do transcurso da história republicana da Colômbia, percebe-se que o *habitus* guerreiro das FARC-EP está inserido numa série de práticas violentas que ocorriam com frequência nas regiões rurais do país. Nesse contexto, tornaram-se conhecidos, por exemplo, os grupos de “*bandoleiros*” do Tolima, região de onde surgiram os maiores mitos populares de gangues cujas práticas violentas chegavam a ir além da mais febril imaginação. Diversas narrativas da época afirmam que esses grupos sistematizaram métodos para esquartejar, torturar e matar com invenção criativa. Seu intuito era aterrorizar a população para ganhar respeito e acumular poder. Muitas dessas práticas violentas eram veiculadas pelos meios de comunicação e passaram a constituir “*marcas*” de um *ethos* do terror, sempre atualizado pela arte.

De fato, o cinema e a literatura têm reconstruído artisticamente o que outrora era o acontecer diário de comunidades inteiras que se gestaram no meio do conflito acirrado das disputas partidárias ou de lutas pela terra. Nomes e codinomes dos “*bandoleiros do Tolima*” ficaram no registro da história em razão da violência que empregavam em todas suas ações. No imaginário popular circulam as mais diversas histórias dos feitos de figuras como Teófilo Rojas ou “*Chispas*”, que em 1958 foi acusado de quatrocentos assassinatos. Jesús María Oviedo ou general “*Mariachi*”, um dos chefes das quadrilhas liberais. William Aranguren ou “*Desquite*”, Noé Lombana ou “*Tarzan*”, Jacinto Cruz Usma ou “*Sangre Negra*”, Leopoldo García ou “*Capitán Peligro*”, Pedro Antonio Marín ou “*Tiro Fijo*”, Jacobo Prias Alape ou “*Charro Negro*”, etc.

Atrás do codinome pitoresco de cada um desses personagens escondiam-se, diversas práticas violentas que marcaram a vida de comunidades inteiras. Embora alguns desses líderes agissem por motivações políticas e em condição de autodefesa, muitos deles se valiam das disputas partidárias, que geravam um clima de exaltação social em todo o país, e atuavam, em realidade, por motivações econômicas: expulsavam camponeses de suas respectivas terras sob a justificativa de integrarem determinado partido e posteriormente se apropriavam do pedaço de chão desocupado, pois em razão das constantes ameaças e perigos experimentados em diversas regiões do país, segmentos da população passaram a desenvolver um *habitus* guerreiro que se foi manifestando e reafirmando através de sua forma peculiar de resolver problemas sociais.

Com a pretensão de compreender o processo de formação do *habitus* guerreiro das FARC-EP, tentarei captar, neste trabalho, a maneira como a população de algumas zonas rurais do país lidava com certos eventos sociais que as instigavam a executar uma série de práticas violentas que temperaram, por décadas, sua vida cotidiana. A soma dessas ações possibilitou o desenvolvimento de uma forma bastante peculiar de *habitus* guerreiro. Nesse sentido, considero oportuno mencionar as palavras do pesquisador Orlando Fals Borda, quando se referiu aos efeitos do assassinato do líder liberal Jorge Eliecer Gaitan⁸, ocorrido nas zonas rurais do país. O pesquisador afirma:

Efetivamente, a violência exercida depois de 1948 foi executada ou dirigida por pessoas de baixa condição econômica, perdidas na busca do imediato, com uma confusa visão da grande transformação que se poderia ter realizado e sem o apoio místico de uma ideologia patriótica. Eram pessoas que seguiam sendo o que foram, pobres e faltos de instrução, pois no indigno conflito comerciavam com a pobreza e o analfabetismo [...]. Esses camponeses, órfãos de dirigentes competentes, não podiam dar o passo subsequente para a revolução social, embora ela estivesse presente em seus sentimentos [...]. Por uma espécie de ação diabólica, a população ordinária, o pessoal do comum, foi induzida a identificar os seus inimigos entre seus próprios vizinhos e parentes, não entre os membros de grupos externos, e principalmente sobre bases políticas (1985:42).

⁸ Político que aglutinou grandes massas populares e se perfilava como futuro presidente do país nas eleições que aconteceriam em 1950.

Num contexto histórico de vida rural e tensão social, como o anteriormente descrito, situa-se a gênese das FARC-EP.

Em verdade, esse grupo surgiu como resultado das prolongadas ações militares de agrupamentos de autodefesa camponesa, que nas décadas de quarenta e cinquenta deram vida aos mais diversos conflitos agrários do país. Esses grupos, com o objetivo de defender suas vidas e suas propriedades, orientados para o combate contra os seus inimigos, no percurso de tantos anos de luta, desenvolveram um saber social que se poderia definir como “*habitus* guerreiro”. Tal saber se afirma e reafirma na execução das atividades cotidianas da vida em comum marcada por um traço visível: a disposição para o combate.

No entanto, com o intuito de explicitar, com certa clareza, a formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP, considero oportuno fazer o esforço de observar além das manifestações evidentes e institucionais dessa organização guerrilheira. É preciso seguir de perto também as ações que não são veiculadas pela imprensa, os fatos da guerrilha que estão longe de ser considerados relevantes para o acontecer nacional. Sinto-me desafiado a perceber os detalhes, os interstícios da vida dos guerrilheiros que ocorrem no meio do conflito. Essa tentativa se justifica porque acredito serem os passos infinitamente pequenos os que criam a unidade histórica, assim como são as ações recíprocas entre pessoas, igualmente pouco perceptíveis, as que dão coesão a uma determinada figuração social. Com efeito, o acontecer dos contínuos contatos físicos e espirituais, das excitações mútuas direcionadas para o prazer ou para a dor, das conversações e dos silêncios, dos interesses comuns e antagônicos, é o que determina que a sociedade seja coesa. Das miudezas da vida em comum dependem as flutuações de vida individual e coletiva, é em virtude delas que a vida dos seres humanos pode ganhar intensidade ou perder significado.

Neste estudo, os traços característicos do *habitus* guerreiro das FARC-EP serão percebidos através daquilo que não necessariamente é o distintivo do guerreiro, mas, por fazer parte do seu cotidiano, se constituiu em seus indicadores. É claro que não será descartado como via de análise aquilo que é evidente, como, por exemplo, o Estatuto de Regime Disciplinar. O que quero dizer é que pequenas tarefas, pequenas obrigações ou ações banais, podem oferecer

informações importantes para nos aproximarmos da compreensão do processo de construção do *habitus* guerreiro.

Para abordar esse processo, tentarei seguir algumas trilhas analíticas que me permitam, além do embasamento teórico, ter certa flexibilidade investigativa. Proponho-me a abordar a dimensão coletiva e individual da vida guerrilheira em dois momentos investigativos. Nos dois primeiros capítulos, meu olhar será direcionado sob o grupo como uma figuração com traços sociais específicos, enquanto, nos três capítulos restantes, minha pretensão é perceber o processo pelo qual esse *habitus* guerreiro do grupo se instila em seus membros.

No primeiro capítulo desta pesquisa, a partir dos conflitos agrários de luta pela terra entre camponeses assalariados e latifundiários, tentarei abordar a forma como a interligação entre grupos com interesses opostos gerou um tipo de organização social com traços guerreiros bem definidos. Traços que no percurso do tempo se tornarão fundamentais ao processo de configuração do *habitus* guerreiro de assentamentos de camponeses comunistas que, a partir da década de sessenta, constituirão a base social das FARC-EP.

No segundo capítulo, tentarei mostrar que as FARC-EP, mediante uma série de artifícios disciplinares de cunho claramente militar, auto-afirmam sua singularidade como figuração social bem definida para, progressiva e objetivamente, enquadrar seus componentes conforme suas tendências guerreiras.

Nos capítulos restantes, tentarei mostrar o processo através do qual o indivíduo corresponde às exigências do grupo, encaixando-se nesse tipo de estrutura. Para tanto, evidenciar-se-ão as exigências que a guerrilha faz para seus membros. Os guerreiros são compelidos a desenvolver propriedades psicológicas específicas, próprias da vida guerrilheira e que não são comuns a todos os homens, como por exemplo: a arte de observar os outros e a si mesmo, a censura dos sentimentos, o domínio das paixões e a incorporação da disciplina que rege esse tipo de civilidade. Um processo de transformação tal não modifica apenas as maneiras de pensar, mas atinge toda a estrutura da personalidade, gerando um “*saber social*” que norteará a economia psíquica individual.

O rigor disciplinar, tão característico das FARC-EP, será o visor através do qual perceberemos a adequação do indivíduo a essa figuração social. Compenetrados nessa teia de inevitáveis interações sociais, na névoa incessante de interdependências sociais, o guerrilheiro, pela influência recíproca da vida em comum, incorpora progressivamente traços característicos desse grupo e, seguidamente, passa a revelá-los em todas as dimensões de sua existência: nas suas atitudes, nos modos de expressar-se, nas representações que ele tem acerca dos seres humanos, na estrutura da personalidade e, fundamentalmente, na sua economia psíquica.

No olhar perscrutador da população civil, a existência desse *habitus* guerreiro no interior das FARC-EP é um fato evidente. Ele se revela em suas ações de ordem militar a partir das expressões com que as pessoas se dirigem aos componentes dessa organização. No linguajar popular, freqüentemente se escutam expressões como “*guerrilheiro*”, “*narco-guerrilheiro*”, “*guerro*”, “*enmontado*”, “*bandoleiro*”, “*bandido*”, “*anti-social*”, “*maleante*”, para fazer referência aos indivíduos que integram esse grupo. Essas expressões e outras similares surgem a partir de um olhar tendencioso, pois procedem da percepção particular de quem não está envolvido no conflito armado, e denotam a existência de um tipo de figuração social onde as contradições, tensões e explosões da vida em comum alcançaram uma forma de expressão bastante característica. A interação guerrilha/guerrilheiro demarca o campo de ação do indivíduo singular, e as FARC-EP, como figuração social, constitui a ordem visível dessa vida em comum, da vida dos guerrilheiros, oferecendo ao indivíduo uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento, ou seja, oferecendo aquilo que lhe é característico: seu *habitus* guerreiro.

O percurso metodológico

É necessário aguçar a intuição e arriscar na trilha de caminhos que possam ajudar na compreensão de uma construção social. Entretanto, o processo de formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP desafia ainda mais. É preciso farejar possibilidades e arriscar-se naquelas que podem oferecer informações eficientes.

Inegavelmente, há ações que inquietam o pensamento e instigam a reflexão. O insight que me levou a assumir o desafio de refletir acerca das FARC-EP foi um ataque guerrilheiro acontecido no sul do país em 30 de agosto de 1996. Nesse dia, às 19h30min, hora em que o pessoal da Companhia C do Exército Nacional fazia troca de guarda, entre a escuridão da noite iluminaram-se os céus pelo fogo de morteiros, metralhadoras e lança-granadas de alta intensidade. A chuva de munição não dava trégua para escutar ordens militares. Tudo era muito confuso. A reação dos soldados resumia-se a movimentos agitados e deslocamentos pouco coordenados. A preocupação de cada um era proteger a vida enquanto se inteiravam do que realmente estava acontecendo. Às 20h30min o comandante da companhia entrou em comunicação com seus superiores para informar que se estava perpetrando um ataque descomunal contra aquela base militar. O operador de rádio precisava que o ataque estava sendo dirigido com “*artilharia pesada*”. Às 7h, a menos de doze horas depois do início do ataque, as FARC-EP já tinham sob seu controle todo o pessoal da base militar Las Delicias, uma das bases mais bem equipadas e com um número significativo de militares em serviço ativo do país.

O ataque guerrilheiro foi um desastre para o Exército Nacional. Logo após 16 horas de intenso combate, a guerrilha abandonou a base militar levando consigo todo o arsenal da base e os 62 militares sobreviventes na condição de seqüestrados. Além disso, o Exército perdia mais 27 de seus militares, que morreram durante o ataque, enquanto a guerrilha contabilizava uma vitória militar sem precedentes que não lhe custou nenhuma perda humana. Com esse ataque, ela mostrou seu poder bélico e conseguiu revelar-se como um exército de capacidade superior, com poder bélico capaz de derrotar qualquer contingente do Exército estatal.

As notícias desse ataque eram veiculadas por todos os meios de comunicação. O jornalismo dedicou espaços importantes para narrar todos os detalhes do assalto. De maneira particular, eu fiquei impressionado, tempos depois, quando li o testemunho de um jovem guerrilheiro de 19 anos que participara dos preparativos da mencionada ocupação. Segundo seu depoimento, cinco dias antes do combate, ele foi enviado como integrante do grupo incumbido de fazer o rastreo da rotina militar da Companhia C. Era seu dever perceber os lugares onde se situavam os soldados, os horários e as atividades cotidianas, os movimentos que se realizavam dentro da base, os pontos de luz, os giros da vigilância, as características do terreno, os tipos de

animais que circulavam, as entradas, as saídas, enfim, todos os detalhes da base militar. Para cumprir seu mister, o referido guerrilheiro passou dois dias deitado no meio da mata, no mesmo lugar e na mesma posição, impossibilitado de fazer qualquer tipo de movimento que o pudesse delatar e com plena concentração para codificar toda a informação possível sobre a vida dentro da companhia C.

Diante de fatos como esse, surge uma pergunta: como uma pessoa consegue alcançar um nível de autocontrole capaz de dominar o pensamento, os sentimentos e, principalmente, os apelos do corpo, como a necessidade imperiosa de se alimentar, descansar e expelir o resultado da atividade metabólica do organismo? Com efeito, o cotidiano guerrilheiro faz com que o modo de viver de seus combatentes seja carregado de sacrifícios, sem contar que o próprio acesso ao grupo exige de seu integrante o despojamento de interesses pessoais e a disposição para arriscar tudo em nome de uma causa impessoal. A vida itinerante reclama disposição ao sofrimento e à penúria. O estado de ameaça constante em que se encontram os guerrilheiros os submete a mudanças de pensamento e sentimento, como meio de proteger suas próprias vidas. Esses e outros mais percalços impõem aos combatentes o firme propósito de desenvolver energias interiores que só são possíveis na névoa das incessantes interações sociais guerrilheiras. Mas nada disso acontece de repente. O desenvolvimento do *habitus* guerreiro se dá num período de tempo prolongado, fato que confirma o que freqüentemente se ouve dos guerrilheiros: “*com o tempo a gente se acostuma*”.

Na tentativa de captar a formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP, notei o quão importante é perceber, antes de tudo, a maneira através da qual acontece a interiorização individual das proibições impostas pelo grupo, fenômeno que ocorre graças à implantação de um regime disciplinar bem definido e rigoroso. Como se verá no capítulo II desta pesquisa, o fortalecimento das FARC-EP acontece depois da implantação de uma série de dispositivos que findam por forçar seus membros a interiorizar diversas proibições que, além de reforçar o poder do grupo sobre o indivíduo, transformam a economia psíquica do guerrilheiro e os impulsionam a desenvolver um elevado nível de autocontrole das funções e emoções individuais. Á medida que se possa esclarecer o caminho entre a coerção social e a autocoerção individual, acontece o processo civilizador que faz do indivíduo um guerreiro. Em outras palavras, a conformação da

autocoerção psíquica do indivíduo à disciplina do grupo no qual está inserido constitui o traço típico do *habitus* guerreiro que caracteriza a guerrilha colombiana. Como se poderá perceber, no decorrer deste trabalho, a autocoerção psíquica está estreitamente ligada à monopolização da coerção física e à solidez crescente dos órgãos sociais centrais, o que nas FARC-EP é perfeitamente identificável⁹.

São muitos os traços característicos que fazem das FARC-EP um dos fenômenos sociais que suscitam mais interesse na pesquisa. O fato de ser colombiano, de tomar diariamente conhecimento, no mais das vezes através da imprensa, das ações da guerrilha e de ter sido, de alguma maneira, afetado por algumas delas, faz com que me sinta interiormente motivado a aproximar-me analiticamente desse grupo. Ter uma visão mais próxima do real desse microcosmo social se tornou para mim, há tempos, um desafio pessoal. Contudo, se a escolha do tema de pesquisa foi relativamente fácil, o mesmo não se pode dizer de sua delimitação.

No universo acadêmico, a reflexão em torno das FARC-EP é algo recorrente. Mas, no meu caso, a escolha do ângulo sob o qual deveria focar a empreitada de uma tese de doutorado, foi, inicialmente, muito confusa. Para nortear as primeiras tentativas de pesquisa escolhi, como roteiro a seguinte pergunta: qual é a especificidade das FARC-EP como figuração social? Minha pretensão era estudar a estrutura interna dessa organização guerrilheira utilizando, como via analítica, a sociologia do conflito.

O passo seguinte seria, mediante uma aproximação da vida cotidiana guerrilheira, destacar aquilo que diferencia essa coletividade de outras figurações sociais. Entretanto, com o passar do tempo, percebi que a combinação da pesquisa de campo com a fundamentação teórica me permitiria captar o processo mediante o qual se dá a formação do *habitus* guerreiro tanto no grupo como nos indivíduos que o integram. Assim, comecei a realizar leituras seletivas e diálogos com diversas pessoas na tentativa de problematizar a formação do *habitus* guerreiro nas FARC-EP.

⁹ No Capítulo II desta pesquisa tentarei mostrar o funcionamento da dinâmica organizacional das FARC-EP e a maneira como acontece o monopólio da violência física no interior do grupo.

A procura de uma moldura teórica, de um marco que pudesse me fornecer os suportes conceituais necessários a tal empreendimento, tornou-se possível graças à influência de diversas discussões, travadas na Universidade Federal do Ceará, das quais tive oportunidade de participar¹⁰. Mesmo sabendo que “nenhuma teoria e nenhum modelo, em qualquer campo de pesquisa, pode ter a pretensão de ser definitivo e absoluto” (ELIAS, 1994: 59), optei por mergulhar em construções teóricas de autores que, com suas pesquisas, têm dado vida à sociologia do conflito. Dentre eles, destaco: Norbert Elias, Hannah Arendt, Georg Simmel, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. As contribuições conceituais desses autores, têm-me permitido desenvolver o trabalho de pesquisa com certa flexibilidade para abordar simultaneamente tanto a dimensão coletiva e social (capítulos I e II) quanto a dimensão particular e individualizada (capítulos III, IV e V).

Realizar uma pesquisa sobre as FARC-EP é um instigante desafio. Mas pensar no processo de formação do *habitus* guerreiro num grupo em estado permanente de conflito tem suas complicações. Sou consciente das limitações decorrentes do fato de abordar um objeto de estudo cuja natureza enquadra-se nos parâmetros do secreto. Contudo, creio que existem alguns indicadores que, em seu conjunto, definem a forma característica da vida social guerrilheira. A disciplina grupal, a vida nômade abraçada pelos seus membros e o constante estado de ameaça experimentado pelo grupo podem delinear uma via investigativa, uma trilha rica de pistas analíticas capazes de desvendar esse peculiar microcosmo social.

Embora as FARC-EP, em seus mais de quarenta anos de existência, tenham sofrido uma série de transformações na sua estrutura e no seu modo de operar, os traços militares que caracterizam esse grupo se conservam sem maiores mudanças. Assim, a observação na presente investigação de aspectos como horários, alimentação, obediência, posse de armas e interdependência entre seus membros, pode permitir alguma compreensão confiável e passível de verificação das formas fundamentais de interação social característica das pessoas que integram esse grupo guerrilheiro e, além disso, da sua inter-relação com outras estruturas humanas no âmbito do intercâmbio social.

¹⁰ Em especial os debates propiciados pelo LEV e a partilha da pesquisa dos colegas da pós-graduação que enveredaram por estudar casos relacionados às práticas violentas.

Captar o processo civilizador que gera o *habitus* guerreiro nos militantes das FARC-EP exige adentrar o tecido social guerrilheiro, para isso, procurei direcionar meu olhar aos processos internos de constituição militar, ao desenvolvimento do grupo enquanto organização e aos meandros dessa vida coletiva. Atentei para o seu cotidiano, enfocando a forma como se sucedem interações, interdependências e coações, e a maneira como são tecidas as estratégias, traçados os padrões e construídos os valores. Para empreender essa aventura, além de procurar uma fundamentação teórica capaz de nortear este estudo, busquei realizar um trabalho de campo que me permitisse o acesso à vida do grupo através dos seus integrantes¹¹. Optei por entrevistar guerrilheiros que se encontravam reclusos em algumas cadeias públicas¹². Após vencer as formalidades necessárias com as direções dos estabelecimentos prisionais e, em alguns casos, através da mediação da Cruz Vermelha, tive a possibilidade de entrevistar oito “*supostos guerrilheiros*”.

Minha impressão nas primeiras entrevistas era a de que havia ocorrido uma inversão de funções, parecia que de entrevistador passei a ser o entrevistado. Fui àquela prisão por diversas ocasiões. À medida que “*meus entrevistadores*” iam passando, um a um, pela sala onde me permitiram realizar meu trabalho, percebia que o comportamento dos guerrilheiros era o mesmo. Parecia que a desconfiança era uma marca grupal e que o tom de voz revelava aversão ao fato de expor sua intimidade. Não precisei de muito esforço para perceber a indisposição para colaborar. Mesmo antes de cumprimentá-los, eles começavam a formular perguntas do tipo: quem é você? Por que quer falar conosco? Como é seu nome? Onde mora? Em que trabalha? Depois de responder ao rosário de perguntas, eles terminavam a conversa negando qualquer envolvimento

¹¹ Até dezembro de 2001, entrevistar guerrilheiros não era nenhuma façanha. Em determinadas regiões do país, eles interagiam com as comunidades e era possível o contato direto. Mas em 20 de fevereiro de 2002, depois de três anos de negociação, o governo de Andrés Pastrana (1998-2002) rompeu os diálogos de paz e acentuou as hostilidades contra as FARC-EP. A guerrilha intensificou suas ações militares, dando ênfase aos seqüestros em todo o país. Através do seqüestro, conhecido pelos guerrilheiros como “*pesca milionária*”, membros da população civil eram “*capturados*” com o objetivo de permitir à guerrilha a negociação da libertação de prisioneiros por parte do governo (como exemplo, o caso mais conhecido é o seqüestro da ex-candidata à Presidência da República Ingrid Bethancourt). Em razão dessas circunstâncias, preferi me manter distante das zonas de conflito onde operam as FARC-EP. A impossibilidade de manter um contato mais direto com guerreiros ativos me obrigou a procurar caminhos alternativos de pesquisa.

¹² Minha primeira tentativa foi na penitenciária de Ipiales, cidade situada na região montanhosa dos Andes, na fronteira com Equador, onde há uma intensa atividade guerrilheira. Muitos guerrilheiros que caem em combate no sul do país são, com frequência, trasladados para essa cidade.

com as FARC-EP e afirmando que estavam sendo injustamente acusados. Agradeciam a visita, pediam-me cigarros e, do jeito que entravam, iam embora: misteriosos, fechados, silenciosos.

Por indicação de uma pessoa conhecida, visitei a prisão de Pasto¹³. Soube que, nesse lugar, um grupo de voluntários realizava diversas atividades sociais às quartas-feiras, cujo objetivo era contribuir para a melhora da qualidade de vida no presídio. Engajei-me no grupo como voluntário e me “*desarimei*” das ferramentas do sociólogo: não levei agenda, caneta, gravador nem as pretensões do pesquisador que procurava entrevistar guerrilheiros. Graças a alguma habilidade no manuseio do violão, consegui cativar a atenção de alguns e, de certa maneira, ganhar sua simpatia. No diálogo descontraído de tardes inteiras, tive a oportunidade de escutar os mais diversos relatos, inclusive histórias de vida carregadas de sonhos e esperanças e marcadas por profundas dores. Percebi que a vida dessas pessoas alcançava limites de sofrimento nunca antes imaginados por mim. Causou-me estupor a maneira crua como eles narravam tantos momentos de horror que permearam suas vidas. Sobreveio-me a impressão de estar diante de pessoas que viveram intensamente uma fase do passado, mas que já não possuíam nenhuma perspectiva.

Verifiquei também a enorme distância entre os guerrilheiros que conheci tentando entrevistá-los na qualidade de “*sociólogo*” e aqueles aos quais me apresentei na condição de voluntário. Esses últimos não tinham traços de guerreiros, eles deixaram em minha memória a imagem de pessoas sofridas, sacrificadas por perseguirem o sonho de encontrar uma oportunidade de serem felizes na vida. Fiquei com a suspeita de que, mais do que a luta contra o sistema capitalista, o que os movia a participar das causas guerrilheiras era o desejo de ter algo em que se ocupar e de poder, eventualmente, ajudar economicamente suas famílias. Seus depoimentos, ricos em detalhes, me levaram a concluir que o que se sabe através da mídia e da literatura a respeito da vida guerrilheira é apenas uma aproximação dessa realidade.

¹³ Realizei oito visitas e o número de internos era de 78 guerrilheiros, a maioria deles pertencia às FARC-EP e ao ELN.

Em 16 de janeiro de 2003 tive a oportunidade de entrevistar uma jovem guerrilheira das FARC-EP, que desertou do seu grupo e se entregou ao amparo do Exército para ser inserida no programa de anistia do governo. Contava à época 21 anos de idade e foi, segundo ela, raptada¹⁴ pela guerrilha quando cursava o primeiro ano numa escola do interior, nas montanhas da Colômbia. Antes de realizar a entrevista, organizei as perguntas e senti-me ansioso por ter acesso a uma fonte de informação disposta a cooperar com meu trabalho. O fato de se dispor a falar comigo deixou-me à vontade para deflagrar o nosso diálogo. Mas Rosa Flor, como quis ser chamada a jovem guerrilheira, quando indagada sobre a ideologia do grupo, as armas, os combates, a organização interna, respondia-me apenas com monossílabos. Fiquei desapontado. Dez minutos após o início da entrevista, senti que não havia nada mais para perguntar, porém surgiu a “*pergunta de ouro*”: Na guerrilha, você se apaixonou? Rosa Flor, sem reparos, afirmou que sim e retrucou com outra pergunta: quer que eu lhe conte? Percebi que ela mais que da guerra o que queria mesmo era falar de amor. Com eloquência e riqueza de detalhes, relatou-me como os guerrilheiros vivem sua afetividade, como curtem seus amores, como se dá a interação entre homens e mulheres no interior das FARC-EP. Por mais de três horas, escutei um relato que revelou para mim uma forma de ser mulher no meio da guerra. Minha entrevistada revelou-se como hábil guerreira nos embates do amor.

Além dos relatos descontraídos com os guerrilheiros presos e do diálogo ameno com Rosa Flor, tive a oportunidade de entrevistar pessoas que tiveram contato com algumas frentes das FARC-EP, como políticos, lideranças comunitárias, representantes de ONGs. Também pude conversar com William, um jovem de 25 anos, que passou um ano e meio em cativeiro, convivendo com os guerrilheiros em condição de seqüestrado, esperando sua libertação enquanto a família pagava o dinheiro de seu resgate.

Uma outra via de informação tem sido a pesquisa documental, através da qual tenho realizado certa aproximação sistemática das ações militares das FARC-EP e dos efeitos da guerra

¹⁴ O proselitismo das FARC-EP é realizado, usualmente, através da persuasão. No entanto, a partir da década de noventa, tal como se verá no Capítulo II, dado o crescimento econômico desse grupo, a necessidade de preencher seus quadros militares o obrigou a acudir, em muitos casos, ao rapto de combatentes. Com freqüência as pessoas raptadas são jovens camponeses, a maioria deles pobres com idades entre 15 e 18 anos.

no interior do movimento. As diferentes informações me permitem resgatar diferentes olhares e versões acerca do conflito armado colombiano.

Foi de extrema utilidade a informação obtida através da circulação diária pela Internet dos arquivos de “*El Tiempo*”, jornal que dedica, de forma exclusiva, uma seção ao *conflito armado colombiano*. A presença das FARC-EP e de seus feitos ocupam um espaço garantido no cotidiano desse jornal. Igualmente, foram-me úteis o jornal “*El Espectador*” e a “*Revista Semana*”. Tais materiais me ofereceram informações valiosas a partir do enfoque noticioso que se dá à interação da guerrilha com a população civil e aos embates com as forças inimigas.

Uma outra fonte de informação foi a literatura popular, essa que se encontra nas bancas de revistas e nas revendas de livros usados nas ruas de Bogotá. A partir desse farto material, encontrei relatos extraordinários referentes às lutas revolucionárias e à vida no interior das FARC-EP desde meados da década de cinquenta do século passado. Esta produção literária é abundante e, em grande parte, elaborada pelos próprios guerrilheiros nas campanhas de educação política que desenvolvem, de maneira especial, nas comunidades rurais do país. Tal literatura foi muito útil para perceber as representações no interior do movimento guerrilheiro. Nas freqüentes histórias das grandes “epopéias”, como a de Marquetalia, pode-se perceber a maneira como se constroem os heróis e como se exaltam valores dos guerreiros, tais como a coragem, a valentia e a honra. Uma outra fonte foi o site das FARC-EP na Internet. Nele, encontram-se diversas informações dessa organização guerrilheira. Basta uma leitura atenta desses textos para ter noção do que se pode chamar de “*auto-imagem*” da instituição. Noutras palavras, uma rápida observação das idéias divulgadas nesse espaço de comunicação permite intuir a maneira como as FARC-EP enxergam a si mesmas e como elas vêem os seus membros.

Existe, também, abundante bibliografia sobre a violência na Colômbia. A produção literária sobre esse tema, sempre atual no país, intensificou-se a partir da década de 90. A leitura do material produzido por pesquisadores especializados no estudo sociológico das FARC-EP, tais como Alfredo Molano, Consuelo Aumada e Camilo Echandia, contribuiu positivamente no processo de elaboração desta pesquisa.

Uma outra fonte importante de informação foi a abordagem de documentos oficiais promulgados pelo governo e de relatórios de ONGs que promovem os direitos humanos e acompanham de perto as ações guerrilheiras. Nesse tocante, merece destaque o interessante estudo realizado em 2002 pela ONG americana Human Rights Watch sobre as crianças envolvidas no conflito armado colombiano. Por último, uma outra via importante de informação sobre os fenômenos da violência na Colômbia nas duas últimas décadas foi fornecida pelo Banco de Datos de Derechos Humanos y Violência Política do Centro de Investigación y Educación Popular (CINEP).

CAPITULO I

O COMEÇO DE UMA LUTA SEM TRÉGUA

Falar das origens, do começo do fenômeno guerrilheiro colombiano é, definitivamente, um instigante desafio sociológico. As versões para explicá-lo emergem de distintos olhares, por vezes condicionados pelos lugares sociais a partir dos quais são lançados. Assim, se examinarmos os arquivos do Estado, as FARC-EP são tidas como uma simples perversão política. Para a mídia, a guerrilha é tida, nos círculos da nova ordem do capital, como a maior força desestabilizadora do Estado colombiano ou como a organização que, depois da queda dos cartéis do narcotráfico, monopolizou o cultivo e a comercialização da coca. Para um considerável número de pessoas, a guerrilha não passa de uma forma ofensiva da luta de rebeldes, de uma forma de resistência ao sistema econômico e político vigente. Por último, caso orientemos nosso olhar pelas conclusões dos pesquisadores sociais, teremos de considerar a idéia de que a guerrilha surgiu como a arma defensiva do povo, consolidada durante um longo período de violência, no âmbito das lutas partidárias.

Embora as versões explicativas das origens do fenômeno guerrilheiro colombiano sejam abundantes, elas não conseguem exprimi-lo plenamente, dada a versatilidade de formas que esse fenômeno possui. Contudo, pode-se afirmar que a existência da guerrilha na Colômbia é um fato evidente e antigo. O surgimento de grupos guerrilheiros no país não tem uma data exata, mas pode-se dizer que no início do século XIX eles apareciam como organizações clandestinas que lutavam por causas diversas, participando ora de disputas agrárias, ora de confrontos político-partidários, ora de meras rixas comerciais, como foram as violentas lutas pelo monopólio da borracha, da banana ou da mineração¹⁵. Uma característica marcante das guerrilhas do século XIX é que elas se enquadravam mais como grupos de autodefesa, e sua dissolução acontecia quando as hostilidades e ameaças dos inimigos cessavam. Contudo, é preciso dizer que foram as disputas partidárias, surgidas no processo histórico de construção da nação, que deram solidez a

¹⁵ Sobre os grupos de autodefesa que antecederam os movimentos revolucionários, conferir SANCHEZ/PEÑARANDA, 1986:73-222.

alguns grupos de autodefesa camponesa para que se tornassem, já na década de sessenta, movimentos revolucionários. De modo singular, o comunismo, mais que qualquer outra ideologia, contribuiu para que algumas organizações guerrilheiras superassem a fugacidade de sua existência e transformassem a razão de suas lutas, que transcendeu da mera resolução de assuntos imediatos à busca de transformações estruturais de caráter nacional.

Dentre os diversos grupos guerrilheiros que surgiram no país, ocupar-me-ei neste texto de estudar as FARC-EP, organização que se tem constituído como o movimento guerrilheiro mais antigo do mundo e, provavelmente, como a melhor expressão das lutas revolucionárias no século XXI. Seu intento de disputar o poder leva mais de quarenta anos. Nesse percurso, o grupo cresceu de tal maneira que, atualmente, seu poderio econômico, político e militar o transformou no maior adversário do Estado colombiano e num ator político de cunho internacional. Mas as FARC-EP não surgiram pelo acaso, nem são um surto espontâneo de uma forma de vida marcada por práticas violentas ou pela paixão de uma luta política contra o poder estatal. Sua origem a podemos encontrar na combinação de uma série de fatores de ordem social, político e econômico.

Sendo assim, o objetivo do presente capítulo é olhar o passado para entender a origem e o posterior desenvolvimento desse grupo guerrilheiro. Para tanto, tentarei desvendar o emaranhado social marcado pelo conflito em que se deram as condições necessárias para sua gênese. Nesse intento, perceberemos que o fenômeno guerrilheiro na Colômbia é consequência de um processo de tessitura histórica onde as dimensões comunitária, econômica, política e militar se entrecruzam com as aspirações de indivíduos singulares.

Para realizar essa incursão analítica, optei por seguir a trilha oferecida pela história de vida de Isauro Yosa, cujo nome de guerra era *Mayor Lister*, um guerreiro de muitas batalhas, possuidor de uma personalidade combativa, capaz de conseguir, em seu contexto histórico e social, cativar a simpatia de muitos camponeses, homens e mulheres que partilhavam com ele aquilo que parecia ser sua sina: uma vida marcada pelo abandono do Estado e inserida numa agricultura de subsistência. Isauro Yosa foi um colombiano que, em princípio, nunca pensou em fundar um movimento guerrilheiro ou fazer parte de algum tipo de organização congênere, ele é

apenas um homem que buscava desfrutar de uma parcela de alegria “*neste mundo desventurado*”.

Estando já afastado da militância, velho e esquecido pela guerrilha e pelo governo, confinado num bairro periférico de Bogotá onde amargurava as dores dos rins, meses antes de sua morte, que veio a ocorrer em 1994, Yosa¹⁶ partilhou sua experiência nas lutas populares entre 1920 e 1964. É nesse período que, indubitavelmente, encontra-se a gênese das FARC-EP. De fato, a história de vida de Yosa percorre a época em que a violência partidária começa a adquirir dimensões inusitadas, que demarcarão os traços característicos do atual conflito social colombiano.

Liberais e Conservadores

Para entender o porquê da formação dos grupos guerrilheiros na Colômbia, é preciso levar em consideração a vida política nacional, pois foi nessa arena que a guerrilha encontrou as causas que lhe deram origem e as condições necessárias para seu posterior desenvolvimento. Os estudiosos do conflito armado colombiano são unânimes em afirmar que a intervenção violenta do Estado na esfera política contribuiu sobremaneira para a configuração dos mais diversos grupos guerrilheiros. Como se verá, vários fatos da história do país parecem confirmar essa hipótese, já que não é exagero dizer que o Estado colombiano, em sua tentativa de autoconservar-se, tem-se valido do uso da violência contra todo aquilo que se apresente como ameaça e, em consequência disso, tem gerado as mais diversas manifestações de contraviolência.

Remontado às origens da vida republicana, pode-se perceber que depois de conquistar a independência dos espanhóis, animado pelo anseio de viver o espírito da democracia e da liberdade, o Estado emergente, representado por uma reduzida elite política, convocou todos os setores da nação a se unirem em torno de um objetivo comum: elaborar, no Congresso de Cucuta, em 1821, a Carta Magna do país. O texto constitucional definiu os lineamentos para garantir as liberdades individuais, reconheceu as autoridades eleitas pelo sistema de voto e organizou as

¹⁶ O depoimento foi colhido pelo sociólogo Alfredo Molano (1999:21-50).

atribuições para os três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Não obstante, nos meandros da Constituição, o Executivo conseguiu atribuir para si faculdades que lhe conferiam uma posição privilegiada diante dos outros poderes. Pela administração do tesouro nacional e o comando da chefia imediata das forças armadas do país, o monopólio do poder estatal foi colocado em suas mãos, dando a impressão de que, diante dos outros poderes do Estado, o Executivo era um “*super-poder*”.

Inspirados pelo humanismo conclamado na Revolução Francesa, os próceres da pátria ensinaram que a titularidade do poder pertencia ao povo. Entretanto, o conteúdo da Constituição foi engendrado tão-somente pela minoria que participava da vida política do país. O engenho das elites assentadas no poder criou uma série de artifícios que excluía as grandes massas populares dos processos democráticos. Assim, por exemplo, o regulamento eleitoral tornou-se um instrumento de exclusão de um vasto setor social. Entre os critérios para eleger e ser eleito, estavam o gênero humano (somente os homens participavam), a pontualidade no recolhimento de tributos aos cofres públicos e a idoneidade moral, que se aferia pela ausência de qualquer processo penal. Dessa sorte, a participação da população era bastante reduzida. Diz-se que, em Bogotá, cidade capital que concentrava a maior população do país, apenas 14% dos seus cidadãos cumpria as condições para participar do processo eleitoral. A pequena elite que monopolizava o poder tinha como base os artífices da libertação: Simón Bolívar e o general Santander.

As idéias políticas giravam em torno da consolidação de um pensamento Liberal. O clima político na Colômbia de começos do século XIX era de esperança, de otimismo, de celebração; a euforia da vitória da libertação congregava o povo em torno de um mesmo desejo: o de construir um país onde se respeitasse as liberdades individuais e se construíssem os alicerces de uma sociedade justa e equitativa. Embora as lutas contra os espanhóis tenham unido forças divergentes, depois da conquista da independência, no seio da emergente elite burguesa começaram a se apresentar divisões intestinas que, com o passar do tempo, foram marcando distâncias insuperáveis entre os dirigentes. Simón Bolívar e o General Santander, embora comungassem da mesma orientação liberal, tinham olhares e aspirações políticas dissidentes; o proceder de ambos terminou os afastando de tal forma que permitiu, posteriormente, a configuração dos dois partidos políticos hegemônicos do país: o Liberal e o Conservador.

A Administração Pública, desde seu primeiro governo, adquiriu uma clara orientação sectária e clientelista. Bolívar, como cabeça do Estado, estabeleceu vínculos com oligarquias de diversas regiões do país, assim como também fez concessões à Igreja Católica, reconhecendo-a como religião oficial. Com isso, fortaleceu significativamente seu poderio e definiu os traços característicos do que seria o futuro Partido Conservador. Santander, por sua vez, dada sua origem popular, proferia um discurso de cunho populista e atraía a atenção de setores representativos de diversas áreas de produção: agricultores, artesãos e pequenos comerciantes. Com o funcionamento do governo, houve, de fato, considerável ampliação do número de atores políticos como consequência do tipo de instituições estabelecidas. Multiplicaram-se as aspirações para ascender na carreira burocrática e legislativa, como também surgiu a possibilidade de inserção na carreira militar. Com a irrupção no cenário público de uma série de novas figuras estatais, a burguesia emergente começou a experimentar uma sensação de desconforto e insegurança, dado que, mesmo antes da independência, ainda no regime colonial, eles já monopolizavam o poder e ostentavam certo prestígio social. Pugnas e acusações recíprocas entre os prosélitos de cada grupo político, agressões e rixas de diversas índoles pela disputa do poder, deram gradativamente origem a um conflito social com dimensões inusitadas.

A sucessão dos governos passou a se dar em meio a manifestações de inconformidade social em diversos setores do país. Tal inconformidade obedecia à insatisfação com a Administração Pública que, desde o começo, mostrou-se clientelista e excludente. A primeira manifestação desse conflito foi a Guerra dos Supremos, que começou em 1839 e se estendeu até 1842. O fato que provocou o confronto entre os dois partidos foi a execução de uma lei, prevista desde a Constituição de 1821, que facultava ao governo a expropriação de bens da Igreja com o intuito de beneficiar o ensino público. A Guerra dos Supremos tornou-se referência para a história do país, dado que ela contribuiu para a definição dos contornos ideológicos dos Partidos Liberal e Conservador¹⁷ e também porque com ela se iniciaram as lutas partidárias que marcariam o futuro da vida política do país.

¹⁷As duas agremiações que dominam ainda hoje a vida política da Colômbia são: o Partido Conservador, que se formou a partir do pensamento de Simón Bolívar, e o Partido Liberal, que nasceu do pensamento do general Santander. David Busnell afirma que ambos os partidos possuíam uma orientação liberal que pugnava por reformas

Embora o Partido Liberal contasse com um número significativo de adeptos em suas fileiras, o Partido Conservador se assentou no poder praticamente por todo o século XIX, até 1930. Durante o período da “*hegemonia Conservadora*”, instaurou-se no país um modelo de desenvolvimento bastante afetado pelas sucessivas crises fiscais, que impediram o governo de criar condições necessárias para mudar a problemática social concernente às relações conflitantes entre capital e trabalho. O capital estava monopolizado por poucas pessoas e as fontes de emprego eram escassas, o que gerou, nos centros urbanos, precárias condições de vida e de trabalho para os operários, os quais não contavam com moradia, assistência à saúde e educação pública por parte do Estado. Nas zonas rurais, os confrontos frequentes entre latifundiários e lavradores, arrendatários e colonos, eram ocasionados por disputas pela terra, o que deu início, a partir de 1920, ao conflito agrário, considerado por todos os estudiosos como a raiz do atual conflito armado colombiano.

Uma marca do extenso período de governo conservador foi o uso da violência contra o Partido Liberal. As perseguições políticas eram evidentes, as elites locais do governo usavam a polícia ou financiavam “*milícias*” privadas com dinheiros públicos para perseguir seus oponentes. Nas zonas rurais os confrontos armados eram de alta intensidade e geravam um conflito ininterrupto que se desenvolvia sem a menor intervenção do governo central. A causa dessas lutas interioranas obedecia à obsessão pelo poder. É isso que afirma Bushnell, comentando a vida política do país no começo do século XX:

Não se pode descartar a tese de que a luta político-partidária girava em torno das rivalidades pelo controle dos cargos burocráticos, do exíguo capital guardado pelos cofres públicos ou simplesmente do status que conferiam os altos cargos, sendo muito limitadas as possibilidades de medrar ou de figurar na atividade econômica privada em razão do estancamento secular. Por que não procurar na política uma alternativa? [...] A arraigada politicagem contribuiu, sem dúvida, para produzir violência, pois as derrotas nem sempre eram aceitas pacificamente; nessas ocasiões, um pouco de violência preventiva se esgrimia como tática para impedir a votação inimiga. (em SANCHEZ - PEÑARANDA, 1986:75)

sociais, diferenciando-se apenas pela disposição dos “*bolivarianos*” para fazer concessões à Igreja Católica (em Sanchez/Peñaranda, 1986:79).

A violência que emanava da agitação política, quer por convicções ideológicas, quer pelo interesse daqueles que pretendiam o monopólio do poder político e econômico do país, constituiu o motor que dinamizou uma série de processos sociais, entre eles, a consolidação dos mais diversos movimentos guerrilheiros.

Embora a dinâmica da vida social encontre seu brio na intensidade da vida política, as primeiras décadas do século XX foram bastante agitadas pelas transformações econômicas, ocasionadas pelo desenvolvimento capitalista impulsionado por empréstimos internacionais. Essa época é lembrada como a da “*dança dos milhões*”. Os créditos externos que o governo conseguiu foram investidos nos centros urbanos, deu-se ênfase à construção da malha ferroviária do país e de algumas estradas que permitissem agilizar a comunicação entres diversas regiões. As cidades tornaram-se centro de atração populacional, de tal maneira que as regiões rurais foram ficando relegadas, condenadas ao atraso e ao abandono por parte do Estado.

O destino que cansa e não satisfaz

Como foi colocado anteriormente, depois da *Guerra dos Supremos* (1839-1842), o país definiu seu futuro político. Seu devir histórico estava marcado: ou se era Liberal ou se era Conservador. O poder monopolizado nesse bipartidarismo não permitia outras opções políticas. O Partido Conservador manteve-se no poder até 1932, quando os Liberais assumiram o comando do país. Até então ser conservador era motivo de honra, dado que, pelas alianças ideológicas assinadas com instituições tradicionais, ostentadoras de algum tipo de poder - latifundiários, capitalistas, clérigos, etc. - seus prosélitos se sentiam, de alguma maneira, amparados pelo Estado.

Até a década de sessenta, a população se concentrava de forma majoritária nas zonas rurais do país. A terra era administrada por latifundiários sem nenhuma fiscalização do Estado. Nessas zonas, a economia adquiria vitalidade na agricultura e na pecuária. Nesse contexto de vida rural e disputa política, nasceu Isauro Yosa, em Chaparral, no estado de Tolima, na Colômbia. Sua história começa assim:

Nasci em 1910. As primeiras idades são uma lacuna de onde não se pode tirar nunca nada, nem sequer um sabor. Meu pai era viciado em cachaça e eu lhe fugia. De tanto fugir, com

certeza as lembranças se afogaram no buraco do medo. Mas depois começam as recordações: as boas, essas que são poucas, porque as ruins são a maioria (MOLANO, 1999:20).

Falando das condições de que dispunha sua família, Isauro Yosa lembra:

Éramos muito pobres. Primeiro pelo vício do meu pai, que não parou de beber desde que os conservadores ganharam a guerra, e segundo por viver de aluguel. O dono, que era conservador, não deixava de lembrar a meu pai que vivíamos de favor” (MOLANO, 1999:21).

Inserido na estrutura social e no desequilíbrio familiar acima descritos, é razoável concluir que as possibilidades de Yosa realizar suas aspirações pessoais eram bastante reduzidas. De início apresentam-se duas limitações significativas para enfrentar a vida: a pobreza em que nasceu e a condição de ser liberal. Charles Bersquit, comentando o modo de vida dos pobres dessa região até a década de cinquenta, afirma que esse tipo de família se caracterizava pelo número significativo de membros e por possuir uma economia de auto-sustento. Moravam em pequenas casas construídas artesanalmente com madeira, as quais não dispunham de unidade sanitária. As vilas careciam de estrutura de esgoto e água potável, assim como de centros de ensino para crianças e jovens. A maior parte da população padecia de parasitas intestinais e 95% sofriam de anemia tropical pela subnutrição.

O mesmo autor afirma que, até duas décadas atrás, as principais causas de mortalidade nas regiões cafeeiras eram a malária e a febre amarela¹⁸. Estas características eram comuns às pessoas que trabalhavam em pequenos cultivos de café. Entretanto, poder-se-ia supor que as condições de vida da família de Yosa eram ainda mais desfavoráveis, pois eles não eram proprietários, moravam de aluguel. No que tange à sua segunda limitação, na Colômbia do começo do século XX, onde o conservatismo era hegemônico, ser liberal era um estigma social.

A estrutura social em que nasceu Yosa apresenta matizes bastante significativos: pobreza, vida rural e desequilíbrio familiar. Numa realidade como essa, a sua existência parece condenada a contradições e tensões. As alternativas que ele tem são encarar ou “*fugir*”. A estrutura social, ou seja, essa ordem invisível, essa forma de vida em comum que não pode ser diretamente percebida, oferecia a Yosa uma gama muito restrita de funções e de comportamentos possíveis.

¹⁸ Cf. SANCHEZ/PEÑARANDA, 1991:170-171.

Por nascimento, todo ser humano está inserido num complexo funcional de estrutura bem definida, de acordo com o qual se molda e se desenvolve. Até mesmo a liberdade de escolha tem como limite as funções preexistentes que, sem dúvida, são bastante limitadas. As possibilidades de se inserir em escalões mais visíveis da vida social dependem, de fato, das circunstâncias em que o indivíduo nasce e cresce nessa teia humana, das funções e da situação dos seus pais ou da solidariedade de terceiros.

No entanto, no pensamento comum, a responsabilidade pelo sucesso ou o fracasso na realização dos projetos pessoais é freqüentemente atribuída à capacidade e à tenacidade da pessoa considerada. É provável que esse tipo de pensamento, que coloca no indivíduo a responsabilidade pelas conquistas que possa alcançar, tenha sido herdado das sociedades industriais, as quais acreditavam que toda e qualquer pessoa pode encontrar uma tarefa significativa e gratificante na vida, desde que se esforce ao máximo por consegui-la. Se contextualizarmos esse pensamento na vida de Yosa, facilmente podemos concluir que isso é falacioso. Na dinâmica da vida social, existem fases distintas em que os canais para a mobilidade em direção ascendente das gerações jovens e vindouras são relativamente numerosos e abertos, e outras em que são limitados e restritos, como é o caso das sociedades existentes ainda hoje em algumas zonas rurais da Colômbia.

Com efeito, Chaparral, a cidade onde Isauro Yosa nasceu e viveu até sua juventude, situa-se no oriente da Cordilheira dos Andes, região caracterizada pelo desenvolvimento econômico baseado no cultivo de café. Entre 1920 e 1940, a distribuição da terra obedecia a antigos modelos de atribuição da propriedade por título público do governo a particulares. O critério freqüente a ser observado era o da afinidade política ou o do usucapião. Distinguiam-se às claras dois tipos de proprietários: os latifundiários possuidores das mais fecundas e extensas terras, e as pequenas parcelas familiares de camponeses pobres que, com freqüência, situavam-se em ladeiras pouco produtivas. Os trabalhos no cultivo de café eram significativamente diferentes. Enquanto nos latifúndios se começavam a usar métodos industriais de cultivo e colheita, nas pequenas parcelas os métodos usados eram artesanais. Nestas, a ferramenta de trabalho eram as mãos e os responsáveis pelos pequenos cultivos eram principalmente mulheres e crianças, dado que os homens adultos preferiam trabalhar nos latifúndios pela conveniência do salário. Além de plantar

café, os camponeses pobres, visando ao sustento da família, aproveitavam o espaço para plantar milho, feijão e macaxeira.

Os modos de produção e a disparidade na propriedade da terra foram moldando as características da estrutura social dessa região cafeeira. Embora as condições de vida entre os latifundiários e os pequenos proprietários fossem bastante evidentes, essa realidade era desconhecida ou carecia de importância para o governo central e para o resto da nação. O censo realizado nessa região, publicado em 1932, indica o desconhecimento, por parte do governo central, dos conflitos sociais dos pequenos agricultores. Nas conclusões do censo, constata-se o seguinte:

Todos esses dados interessantes e verdadeiramente surpreendentes demonstram que a indústria cafeeira é não somente o fator fundamental e decisivo de nossa economia nacional como também, por sua vez, constitui um elemento admirável de equilíbrio social, já que, devido à natureza mesma de sua organização e as circunstâncias excepcionalmente favoráveis para brindar trabalho adequado e quase permanente a mulheres e crianças, está fazendo realidade, em forma automática e sem necessidade de nenhuma lei de expropriação, o fenômeno da divisão da propriedade¹⁹.

Pelo teor otimista do documento, fica difícil identificar as verdadeiras intenções do Estado com a referida publicação. Não se sabe se houve excesso de otimismo ou uma explícita manifestação de cinismo.

Com o passar do tempo, Isauro Yosa decide deixar a rotina da vida agrícola e trilhar outros caminhos para superar a pobreza em que nasceu:

Com dezessete anos, fui embora de casa [...]. Sendo rapaz, já precisava vestir-me do jeito que eu queria e fui trabalhar na construção do trilho, no Guamo. Ganhava o que precisava para vestir-me e para namorar as garotas que, naquele local, havia muitas. Mas, esse destino me cansou e fui trabalhar como ajudante de caminhão. (MOLANO, 1999:22)

O abandono das condições de vida nas quais se criou obedece, talvez, ao fato destas já não serem suficientes para satisfazer as expectativas que começaram a surgir com sua juventude. Provavelmente, deu-se um “*despertar*” à realidade em consequência da percepção das

¹⁹ Trecho publicado em Editorial, “El censo cafeeiro” em boletim de estatística 1:15, fevereiro, 1933, pg.117.

disparidades de suas aspirações com as condições desvantajosas que sua estrutura social lhe oferecia.

A percepção dessa disparidade comumente pode originar, no indivíduo singular ou em grupos de pessoas, tensões cuja natureza e intensidade podem variar substancialmente, mas que sempre têm uma estrutura muito clara, passível de uma descrição bastante precisa pela forma como se revelam. E são tensões desse tipo que, quando atingem certa intensidade e estatura, geram impulsos por conquistar mudanças estruturais na sociedade. Em verdade, a vida em comum carrega a sombra constante da insatisfação e do conflito, pois só pode haver uma vida comunitária mais livre de perturbações e tensões se todos os indivíduos dentro dela gozarem de satisfação suficiente; e só pode haver uma existência individual mais satisfatória se a estrutura social pertinente for mais livre de tensão, perturbação e conflito. No caso de Yosa, a dificuldade parece estar no fato de que a ordem social que lhe foi apresentada era restrita demais para suas aspirações.

Entre as necessidades e inclinações pessoais e as possibilidades de realizá-las no seio dessa sociedade agrária, há um conflito considerável, um abismo quase intransponível para a maioria das pessoas que pertencem a esse tipo de figuração social. Na trajetória de vida de Isauro Yosa, podem-se perceber as marcas dessa dupla tensão: as limitações da pobreza e a dureza da exclusão social. Essa tensão o perturbava, e a sensação interior de uma insatisfação crescente o fez buscar com entusiasmo diversos caminhos para superar aquilo que parecia ser sua sina.

A Revolução em marcha

Em 1930, há uma guinada na vida política nacional. Derrotados nas urnas, os conservadores, depois de anos assentados no poder, cedem espaço político e os liberais assumem as rédeas do governo nacional. A vitória de Olaya Herrera (1930-1934) colocou fim a vários anos de “*República Conservadora*”. O discurso do novo mandatário e de seus sucessores liberais até 1946 tinha um tom reformista. Prometia-se a execução de todo um processo de renovação social; porém, durante os 16 anos de governo liberal não se realizaram as ações necessárias para atender os mesmos assuntos que desgastaram o governo conservador.

No entanto, o que quebrou o continuísmo da administração conservadora foi a tentativa dos liberais de implementar, através de uma série de reformas constitucionais, uma democracia emancipada de valores transcendentais e fundamentada em princípios sociais. Nas palavras de Pecaüt, as reformas sociais feitas no período liberal “*perseguíam uma finalidade antes de tudo política: a de manifestar, mediante um pacto social, que a política entrava em sua fase democrática*” (1987:278). Para esse mesmo autor²⁰, uma das heranças dos anos de governo liberal foi a criação das condições necessárias para o desenvolvimento do capitalismo.

De fato, a condução dos processos econômicos que, em décadas passadas, preparou a inserção do país no mundo capitalista, foi realizada num contexto econômico com claros traços de um regime feudal. Nele, a acumulação de capital se dava apenas em alguns setores de produção, excluindo amplas bases sociais e trazendo conseqüências pouco favoráveis. A isso se soma o fato de que o país exportou bens primários da produção nacional, como os provenientes do setor agrícola e de mineração, com lucros que só beneficiaram os grandes latifundiários. Nas áreas da indústria e da tecnologia, que poderiam ter contribuído para a geração de trabalho e renda, houve uma séria estagnação. O orçamento público foi totalmente desproporcional na distribuição do gasto: privilegiou-se a dotação das forças armadas e da manutenção do corpo burocrático em detrimento da educação, da saúde e da produção agrícola, áreas que restaram acuadas, sem merecer maior importância.

A transição do governo conservador para o governo liberal trouxe tempos de relativa tranqüilidade e segurança nas zonas rurais. Num país onde o Estado se confundia em boa parte com as ramificações do partido no poder e onde os partidos constituíam sub-culturas separadas, a transição de um governo conservador para um liberal representava algo que parecia impossível. A vitória do Partido Liberal deixa, no país, a sensação de que as disputas violentas bipartidaristas chegaram a seu fim e abre passo ao processo de estabilização do que se ousava chamar “*república liberal*”. Com muito tato político, os líderes governistas liberais permitiram uma participação significativa de muitos representantes do Partido Conservador em seu governo. Em razão do projeto político de reformas econômicas que gerariam melhores condições de vida para

²⁰ É interessante conferir a análise que faz PÉCAÜT desse período da história colombiana (1987:107-184).

os colombianos, as lideranças políticas do país decidiram chamar esse período de governo liberal de “*Revolução em Marcha*”.

O Estado começou a executar uma série de políticas de proteção social do comércio, que beneficiavam especialmente o setor cafeiteiro, e a abrir espaços para os investidores estrangeiros, que começavam a penetrar no país visando explorar setores potencialmente rentáveis, como o petróleo, a banana, a mineração e, principalmente, o ouro e as esmeraldas. Assim, os latifundiários, animados pelo lucro do café, aderiram ao Partido Liberal como forma de retribuir os favores.

Esse é, em síntese, o clima de otimismo que se viveu no país através do governo liberal. E a juventude de Isauro Yosa testemunhou esse ambiente de renovação política. Depois de alguns anos, o mesmo retornou à sua cidade natal, Chaparral, com o desejo de se engajar na lavoura das plantações de café.

[Em Chaparral] fui para a fazenda La Providencia. Ali casei [...]. O roubo no sistema [de pagamento] era descarado. O proprietário arrendava a terra, aliás, a caatinga, porque você tinha que desbravar, desmatar, talar o mato, queimá-lo e semeá-lo. O arrendatário - que éramos a maioria dos trabalhadores - tinha que trabalhar a terra plantando café. O patrão reconhecia, só depois de dois anos, o preço de um peso por pé de café e comprava o café beneficiado a oito centavos a arroba. O dono tinha, além disso, a metade da macaxeira, da banana, do milho, da cana, do feijão e de tudo o que a gente colhia. Não se podia ser colono, pois quatro famílias eram as donas de Chaparral e cobravam por toda a terra. (MOLANO, 1999:24)

Pouco tempo depois de iniciar a nova atividade, Yosa começa a perceber os abusos dos donos da terra e a levantar sua voz de protesto. O avanço dos anos lhe acarretou outras atribuições, e suas preocupações passaram a ter teores de responsabilidade e compromisso, uma vez que, além do dever de cuidar de si, também assumiu com o matrimônio a incumbência de prover a família que constituía.

Os protestos de Yosa e dos camponeses que partilhavam sua sorte obedecem às desigualdades sociais que açoitavam os camponeses da região. Eles percebiam que, enquanto o trabalho físico nas plantações de café era exigente e cansativo, os fazendeiros, além de não

contribuírem com mão-de-obra, angariavam lucros bastante superiores àqueles alcançados pelos colonos. Demais disso, até mesmo o modo de pagar os salários consistia numa estratégia utilizada pelos latifundiários para incrementar o lucro, dado que o faziam *in natura*, em medidas de café pesadas em balanças reguladas por eles mesmos ou por parentes próximos. A esse respeito, Yosa comenta: “[...] a fazenda não aceitava pesar o café se não fosse com suas próprias balanças, e todos nós sabíamos que eram adulteradas, carregadas para o lado deles[...]. Dessa forma nos espancavam duas vezes” (MOLANO, 1999:25). A dupla perda de que fala o depoente diz respeito ao que lhes subtraía a balança e ao prejuízo ocasionado pela inconveniência de receberem *in natura*. Como somente o dinheiro poderia comprar o que a terra não produzia e eram largas as distâncias entre as terras trabalhadas e os centros urbanos, não lhes restava outra alternativa senão vender o café dentro da própria fazenda a um preço bastante inferior do estipulado pelo mercado. Como se pode concluir, também isso suscitava revolta nos colonos.

A condução das relações de trabalho nessas regiões ainda hoje não conta com nenhuma mediação do Estado. Elas são ditadas pelo critério do empregador e pela aceitação do empregado, o qual no mais das vezes a elas se subjeta tão-só pela necessidade premente da subsistência. Dado que quase todos os trabalhadores vivem nas mesmas condições de pobreza e sujeitos às mesmas normas desse mercado de trabalho, geraram-se então a solidariedade entre os camponeses e o interesse na solução da exploração econômica a que estavam subjugados.

Esse ambiente de trabalho cheio de necessidades materiais e de tensões sociais foi quase geral nas zonas produtoras de café do país até a década de noventa, quando a presença do Estado nessas regiões se tornou mais efetiva. Em comunidades como essas, pobres e não-alfabetizadas, é perfeitamente lógico esperar que não se encontrem figuras com aptidões para exercer funções de liderança, capazes de promover mudanças no contexto local, dada a enorme discrepância na distribuição dos instrumentos do poder social. Contudo, ainda que essa estrutura social seja adversa, a figura de Yosa emerge com grande força de articulação social.

Enquanto conflitos como esses envolviam os trabalhadores rurais, na capital do país a preocupação dos líderes do Partido Liberal era desmontar a burocracia conservadora e colocar, no Executivo, pessoas que pudessem promover uma dinâmica de fortalecimento do Estado e uma

abertura capaz de viabilizar a participação política do Partido Conservador. A máquina estatal que os liberais assumiram era típica de uma ordem feudal, herdada da colônia e sustentada por uma sólida superestrutura religiosa de profunda penetração entre as gentes. Olaya Herrera e os governos posteriores do Partido Liberal, sem poupar esforços, tentaram realizar uma série de reformas econômicas que, com o passar do tempo, terminaram beneficiando os donos de capital, tornando assim ainda mais agudas as tensas relações com os trabalhadores rurais. Começaram a surgir diversas manifestações de repúdio às iniciativas do sistema, encabeçadas todas elas por camponeses de diversas localidades. Muitas dessas manifestações encontravam seu canal de expressão nas mais diversas práticas violentas, fato que levou os latifundiários a pressionar o Estado para tomar medidas de controle nas zonas rurais, as quais, tradicionalmente, eram controladas pelas oligarquias locais.

Mas as iniciativas do Partido Liberal não eram totalmente tendenciosas. Nos discursos de campanha, manifestava-se a intenção de promover projetos que também beneficiariam os pequenos cultivadores e os colonos que trabalhavam a terra em condição de peões. Na teoria, os liberais queriam exercer um governo que pudesse mediar as relações de trabalho em termos de equidade e justiça tanto nas zonas rurais como nas zonas urbanas do país, mas, na prática, o Estado não conseguiu encontrar os mecanismos adequados para fazê-lo.

Em 1931, permissivo legal legitimou a criação de sindicatos nas cidades e nas zonas rurais, o que propiciou o surgimento das Ligas Camponesas, que ativaram uma outra “revolução em marcha”, cujo objetivo era beneficiar os excluídos.

Em setembro de 1934, depois de uma chacina de 17 camponeses, perpetrada por organizações de segurança particular dos latifundiários, o Presidente da República afirmou que o Estado não poderia continuar ladeando apenas os proprietários de terra nem dando forças a uma “*ordem feudal*” com um poder quase ditatorial nas zonas rurais do país. Ele proclamava a necessidade premente de uma renovação das normas jurídicas que pudessem arbitrar esse tipo de conflito.

Estão em plena vigência legal, em todos os casos, procedimentos para submeter qualquer brote de rebeldia do trabalhador [...], mas não há ainda nenhum modo de operar

sobre os proprietários de terra e grandes industriais para evitar conflitos com um critério mais humano, mais liberal, mais generoso, que corrija as injustiças e impeça a aplicação de alguns regulamentos de trabalho que mantêm o camponês sujeito a um regime feudal. O conceito invulnerável de propriedade privada na Constituição pode obrigar e obriga o governo, em cumprimento da lei, a rejeitar a mão armada ante a rebeldia dos colonos que não queiram submeter-se de bom grado a uma disposição jurídica que os expulsa de uma extensão de terra cultivada por eles, mesmo que de boa fé, em grande parte dos casos introduzindo melhorias que não lhes são reconhecidas. Mas não existe a atribuição do governo em tempos normais para obrigar os empresários agrícolas a manterem um determinado nível mínimo de vida para que seus trabalhadores tenham dignidade e perspectivas. (PÉCAUT, 1987:151)

Embora as iniciativas do governo tivessem a intenção de intervir no controle dos problemas de ordem social, o Estado não conseguiu desenhar mecanismos eficazes para que suas pretensões pudessem ter a devida execução. Mesmo possuindo o monopólio da força para intervir em conflitos, a orientação das ações da polícia e do exército, na prática, era definida pelas elites locais sem qualquer fiscalização do governo central.

Enquanto o Partido liberal se debatia na faina da administração pública, a participação do Partido Conservador no governo parecia ser de cunho conciliador. Notáveis conservadores mostraram-se abertos a cooperar com o governo do presidente liberal Olaya Herrera. Mesmo ocorrendo algumas revoltas populares de baixa intensidade, o clima político do país era favorável, a maneira como se deu a transição de governo parecia confirmar a certeza de que as sucessivas guerras civis, ocasionadas pelas disputas partidárias, tinham sido superadas. Mas o desconforto do Partido Conservador surgiu com a reforma constitucional de 1932, que importou, dentre outras coisas, sensíveis modificações dos interesses diretamente afetos a uma sua aliada histórica: a Igreja Católica²¹. Tal acontecimento fez recrudescer as velhas rixas entre os dois partidos.

²¹ Na realidade, o governo liberal apenas ativou um princípio constitucional que já se insinuava na primeira constituição de 1821. As mudanças realizadas pela reforma de 1932 consistiam no seguinte:

- A supressão do nome de Deus do texto constitucional, como forma de proclamar o povo como soberano na direção dos destinos da nação.
- A assunção pelo Estado da responsabilidade pela educação pública no país, competência anteriormente conferida à Igreja.
- A expropriação de prédios do patrimônio público anteriormente outorgados à Igreja Católica.

Foi então que as reações do Partido Conservador em defesa dos interesses da Igreja começaram a se manifestar. O fundamentalismo conservador retornou ao cenário político e encontrou sua maior expressão na figura de Laureano Gómez, para quem o partido do qual era integrante “*tinha sido designado por Deus para preservar a civilização divina de Cristo das hordas furiosas da barbárie*”²², o que se cumpria zelando pela tradição e pelos costumes. Assim, o *conservatismo*, apelando a uma moral intransigente e interpretando a história como um combate incessante entre as forças da ordem e da dissolução, se joga na arena política para restaurar a cristandade. O potencial mobilizador do *conservatismo* certamente encontrava sua fonte no vínculo com o catolicismo, pois este, além de lhe oferecer suporte ideológico, congregava grandes massas populares. Esse elo com a Igreja conferia ainda ao Partido um caráter religioso. Em sendo a Colômbia um país arraigado na tradição católica, a Igreja permeava todas as relações da vida social. Neste sentido e usando os termos de Durkheim, o catolicismo na Colômbia apresenta-se como “*um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os que a ela aderem*” (1989:79). Em décadas passadas, a adesão à Igreja Católica praticamente significava adesão ao Partido Conservador, pois este conseguiu misturar, na sua definição de identidade, o sagrado e o político.

Já no seio do Partido Liberal emergia uma figura cativante: Jorge Eliecer Gaitan. Este líder surgiu como o “*caudilho*” que representaria, perante o governo central, as causas dos operários e dos pequenos cultivadores de terra. Gaitan organizou núcleos de ação política em diversas regiões do país, sem descuidar daquelas que estavam já se consumindo no meio do conflito agrário. É nesse contexto que Isauro Yosa se torna militante do movimento liberal idealizado por Gaitan: “*Começamos a lutar com o movimento que formou Gaitan, convidamos os camponeses para as assembléias e colocamos a questão das balanças*” (MOLANO, 1999:25). Engajado no movimento político, o carisma de Yosa começou a cativar a atenção da população local e sua voz era ouvida pelos camponeses. Sua autoridade pessoal, seu compromisso com a luta pelo equilíbrio nas relações de trabalho agrário, sua participação nas atividades do partido, os alvissareiros projetos de reforma agrária e de proteção social ao trabalhador industrial propostos

²² Declaração dada ao jornal El Siglo, em 20 de agosto de 1936.

por Gaitan perante o governo central, enfim, tudo isso somado às palavras apaixonadas que auguravam um futuro melhor para os excluídos foram motivações decisivas na luta por ele atizada nas aldeias de Chaparral.

O clima de otimismo entre os camponeses crescia, o resgate de sua dignidade parecia um fato; porém, a resistência às elites dominantes começou a desencadear ações concretas, tal como afirma Yosa: *“O pessoal contente e satisfeito apoiava a gente. Eles [os trabalhadores rurais] começaram a perceber que tinham direitos e se desafiavam a tê-los respeitados. A prefeitura se manteve firme. Ao começo era só uma comissão, mas, aos poucos, se foram formando cinco, depois dez. Cada uma tinha sua própria balança”*. (MOLANO, 1999:25). Das assembléias, surgiu um outro tipo de estrutura organizacional mais coesa e menos espontânea: as Ligas Camponesas²³.

O funcionamento das Ligas contava com o aval do governo local. As Ligas passaram a ser o instrumento de coesão utilizado pelos camponeses para unificar interesses pessoais e o canal através do qual manifestavam de maneira coletiva e organizada as vontades individuais. Eles estavam vivenciando um processo de reflexão que os levava a tomar consciência dos seus direitos, a refletir de maneira crítica sobre a situação de exploração que experimentavam nas relações de trabalho. De maneira espontânea, os debates travados trouxeram à mesa de discussão o tema da justiça social, o que acabou por despertar os camponeses para outro tipo de realidade da vida em comum.

A razão de suas lutas começava a mudar de feição, o interesse de continuar em frente com as Ligas não era mais reclamar meramente o pagamento justo de salários e a transparência na forma como o mesmo era efetuado. Em outras palavras, a luta das Ligas deixou de ser movida pela necessidade de aplacar a fome, de obter os meios de subsistência, e se transformou numa luta para satisfazer outras aspirações humanas.

²³ Em dezembro de 1934, o jornal *Unirismo* informava que era preparado um protesto em algumas regiões “cafeteiras”. Camponeses pobres e pequenos cultivadores, possuidores de uma economia de auto-sustento, se organizaram em comissões de 30 a 50 pessoas para exigir mais controle e equidade no pagamento de salários nas grandes plantações. À reivindicação do salário somaria-se, posteriormente, a reivindicação pela propriedade da terra, cuja bandeira será assumida pelas Ligas Camponesas, as quais congregavam as comissões que operavam nos diversos latifúndios da região cafeeira, sob liderança dos próprios camponeses.

Em 1934 o Partido Liberal assume pelo segundo período consecutivo a presidência do país, e em Chaparral, apoiado pelas Ligas e representando o movimento de Gaitan, Isauro Yosa passa a ocupar uma vaga como vereador na Câmara Municipal. As Ligas se fortaleceram e conseguiram aglomerar em torno de si um número bastante significativo de camponeses. Embora a comunhão de interesses tenha sido a causa primeira para a luta coletiva, o que mais gerou vínculos de unidade entre os membros das Ligas foi o fato de perceberem que viviam sob ameaça dos latifundiários. É desse processo de formação das Ligas que a seguir nos fala Isauro Yosa: *“Os administradores se opunham defendendo o patrão, ou melhor, o negócio que tinham com ele, mas como éramos muitos, ficava difícil não nos deixar agir. Isso virou perigoso. As dez comissões formaram em pouco tempo o que se chamou Liga Camponesa, e já com nome, mais nos escutava o povo e mais nos odiavam os patrões”* (MOLANO, 1999:25). O crescimento das Ligas provocou a multiplicação de hostilidades, e estas, conseqüentemente, levaram os latifundiários a reforçar mecanismos de coerção para evitar as atividades das Ligas. A tensão de forças aparentemente alcançou um equilíbrio.

As Ligas possuíam em seu favor um número significativo de componentes que, certamente, era maior que o de latifundiários. Mas o poder dos latifundiários não tinha seu vigor apenas na posse dos meios de produção, eles possuíam também o monopólio da violência que, com certa freqüência, era subsidiado pelo Estado através da prestação de serviços de segurança por parte da força pública. Em situações como essa, pode-se perceber o fenômeno sociológico que afirma que a sobrevivência do monopólio econômico está subjugada à existência do monopólio da força física, ou, em outras palavras, que o monopólio econômico não existe isoladamente do monopólio da força física.

Para os latifundiários, *“herdeiros de um regime feudal”*, o uso da força física como forma de fazer valer seus interesses não era algo estranho. Carlos Medina Gallego²⁴, falando sobre o processo de configuração de grupos de autodefesa, paramilitares e de cartéis do narcotráfico, mostra a forma como o uso da violência por parte de grupos economicamente privilegiados tornou-se método quase que exclusivo para agilizar processos de colonização de terras. De sua

²⁴ Ver em GALLEGO, 1990:25-95, com especial ênfase na primeira parte do livro.

parte, os camponeses, experimentando alguma segurança inspirada pelo apoio coletivo das Ligas, em aberta oposição aos latifundiários, continuaram em frente, abrindo novas trilhas para suas lutas. É disso que fala Yosa: “*Das balanças do café passamos à organização e logo à terra mesma: a Liga começou a pensar no pessoal que não tinha terra onde trabalhar*” (MOLANO, 1999:26). O fato de trabalharem juntos em torno de uma causa comum, de pertencerem a uma organização comunitária que abrigava interesses coletivos, despertou nos camponeses o desejo de opor resistência ao sistema que os encarcerava e que lhes negava oportunidades de um futuro pleno de significado.

O conjunto de necessidades materiais certamente contribuiu sobremaneira para a união de forças em favor da luta por uma série de transformações sociais. A existência das Ligas passou a constituir ameaça para os latifundiários, pois o mero fato de congregar membros cujos interesses eram diretamente contrários aos seus já apresentava motivo mais do que suficiente para enxergá-la como uma força a ser combatida.

Em verdade, os camponeses das Ligas começaram a “*pensar*” de maneira coletiva. Os interesses pessoais adquiriram uma outra dimensão e então as ações já não eram mais orientadas por indivíduos singulares, os anseios e aspirações dos pequenos cultivadores e dos peões assalariados passaram a ser anseios e preocupações de uma instituição, das Ligas. A estrutura social começou a se abalar. As tensões que evidenciam a existência do conflito entre as Ligas e os latifundiários começaram a encontrar canais concretos de expressão. A luta já não era apenas pela correção da forma tendenciosa do pagamento de salários, o conflito se estendeu para uma outra dimensão: a posse da terra.

A propriedade da terra estava monopolizada por poucos latifundiários, os quais contratavam colonos para o cultivo de café. Dado que não possuíam moradia e sempre migravam de um latifúndio a outro a cada término de colheita, recorrentemente os homens²⁵ levavam consigo suas famílias, o que findou por formar grupos significativos de colonos morando em condições precárias de vida. A necessidade de trabalho e a falta de espaço físico para construir

²⁵ A grande maioria dos colonos procedia principalmente dos estados de Caldas e Antioquia.

moradia e garantir subsistência motivaram as Ligas a realizar campanhas de invasão de terras, razão pela qual o conflito que antes era latente passou a tomar feições de confronto armado.

A seguir, Isauro Yosa descreve as primeiras ações realizadas pela Ligas:

As Ligas deram uma orientação: roçar para semear, sem respeitar os terrenos baldios que os fazendeiros reclamavam para si. Fizemos comissões de cinquenta ou de cem homens para ir roçar o mato, fazer limpeza e semear. No começo, a polícia conseguia nos tirar do local, mas, aos poucos, perdeu-se o respeito pela autoridade. ‘Não mandar coisas impossíveis - dizia minha mãe - para não se ver desobedecido’. (MOLANO, 1999:26).

A invasão de terrenos abandonados tornou-se afronta para os latifundiários, que, apoiados pela polícia, começaram a se confrontar com os camponeses, evidenciando assim um fenômeno sociológico: as hostilidades como reação às iniciativas das Ligas, em lugar de minguarem sua força, trouxeram um ar renovador. Amiúde, experiências como essa mostram que a resistência a forças opressoras gera no indivíduo um sentimento de não estar completamente oprimido, permitindo-lhe adquirir consciência de sua força.

Muito embora o clamor dos camponeses pobres das regiões periféricas do país e os problemas de ordem pública no campo não ocupassem um lugar de importância na seqüência de prioridades do governo central, merece destaque a promulgação, pelo governo liberal, da Lei 200 de 1936. Pode-se dizer que o implemento dessa Lei, lembrada como a “*Lei da Terra*”, foi a primeira tentativa séria e de estirpe moderna na História colombiana para solucionar as agudas desigualdades sociais nas zonas rurais. Porém, a “*Lei da Terra*” foi um fator determinante no agravamento dos conflitos agrários. Pela falta de mecanismos do governo que pudessem efetivamente garantir sua execução, a consequência dessa tentativa foi o desencadeamento de uma onda incessante de violência que desenhou nos contornos da zona rural do país o cenário para o futuro conflito armado colombiano.

Por consequência da execução da Lei 200, a dinâmica do conflito pela posse de terras foi acelerada. A mencionada lei passava a afetar diretamente o andamento dos conflitos em algumas zonas rurais do país e começava a marcar um novo capítulo na história das lutas populares colombianas. Lembrando o começo da execução da mencionada lei, Yosa comenta:

Por essa data saiu a Lei da Terra, a famosa Lei 200 de 1936. Eu era vereador e celebrei com o pessoal a publicação da lei como se nós mesmos a tivéssemos escrito. As Ligas se fortaleceram e os patrões se trancaram, ficaram muito fechados, até o ponto de importar administradores para domesticar os comunistas. Com essa Lei começou a se escutar falar do comunismo e o pessoal a apontar-nos como tal. A lei era rigorosa: dava 24 horas para o proprietário poder denunciar a invasão de um terreno. Tratava-se de madrugada. De madrugada para semear, de tal maneira que, quando clareasse o dia, a terra fosse da gente. Desmatávamos como doidos. Chegava a polícia e perguntava: ‘de quem é isto?’ Nós respondíamos: ‘De todos, aqui não tem dono, todos somos donos’. Aí foi que começou a coisa. Os patrões discutiam danados em Bogotá, enquanto nós semeávamos pencas de banana já crescidas. (MOLANO, 1999:26-27).

De fato, a promulgação da Lei 200 constituiu um fenômeno legislativo sem precedentes. Além de criar instituições bancárias para crédito agrário, disciplinou especialmente a redistribuição de terras à medida que permitiu aos colonos tomar posse de áreas apropriadas para a agricultura mas sub-aproveitadas pelos seus senhores. As manobras políticas que levaram à cristalização do projeto de lei requereram mais habilidade e persuasão que quaisquer outras, dado que grandes proprietários de terra compunham também o parlamento.

Depois da promulgação da lei houve uma queda na produção agrícola do país, o que promoveu no Senado o questionamento acerca da responsabilidade do governo pela reforma agrária, pois, segundo os latifundiários, ela favorecia a pecuária em detrimento dos cultivos. Percebe-se, assim, que também os discursos e reclamações perante o governo central, e não apenas a repressão violenta, eram alternativas de combate utilizadas pelos latifundiários. Entretanto, as invasões de terras já estavam sendo realizadas pelas Ligas, a Lei 200 lhes conferiu apenas um caráter de legitimidade. E então, sob o amparo dela, as Ligas incentivaram ainda mais as invasões, enquanto os latifundiários multiplicavam estratégias para impedi-las. O critério para justificar a posse da terra restou assim problematizado: enquanto para os latifundiários era o direito de propriedade que a fundamentava, para o governo passou a ser o uso produtivo.

A interação dos grupos em conflito adquiriu dimensões inusitadas, percursos não planejados, mas que iam dando um sentido mais nítido às confrontações entre camponeses e latifundiários à medida que emergiam. Nesse contexto de confronto, a pessoa de Isauro Yosa

deixou de ser apenas um camponês que reivindicava direitos trabalhistas e passou a configurar-se como um representante de uma causa comum que, amparada pelo partido liberal, já transcendia o limiar de meras relações de trabalho para adquirir conotação política.

As expressões violentas do conflito começaram a ser mais envolventes e direcionadas a alvos concretos. Yosa e seus companheiros de partido passaram a estar na mira dos latifundiários que, com a colaboração do governo local, tentavam reprimir o movimento camponês. É o que nos dá a perceber o seguinte depoimento de Yosa:

Aconteceu que uns camponeses da Liga deram umas pancadas em um dos engenheiros que estavam loteando a terra. Nós, os vereadores de Gaitan, apoiávamos os companheiros. O governo do Tolima tirou nossas funções e nos deixou presos. O pessoal ficou revoltado e mandou uma comitiva falar com a gente. Também os deixaram presos. Mas o povo todo se revoltou até que tiveram que nos mandar embora. (MOLANO, 1999:27) .

Na interação dos dois grupos em confronto, percebe-se que há um curso lento, progressivo e facilmente identificável da metamorfose da violência. De um estado de tensão latente passa-se a outro de hostilidade para, posteriormente, alcançar o estágio de confronto armado.

O uso da força física para os camponeses era um meio de autodefesa, enquanto para os latifundiários era a forma de reprimir a ação das Ligas e manter seu poderio. A intervenção das forças do Estado em favor dos latifundiários contribuiu significativamente para o recrudescimento da violência. Provavelmente, a equação dos camponeses era: se o Estado usa a violência contra nós, então nós também devemos usá-la contra ele. Evidenciou-se assim ainda mais o processo de tensão de forças contrapostas, mostrando que em processos desse tipo é possível que exista uma regularidade quase universal na qual o grupo agredido emprega esforços para oferecer uma resposta ainda mais violenta à agressão recebida. A reciprocidade no empenho em opor violência superior àquela que lhe é dirigida traça o roteiro de um processo de agressões mútuas cada vez mais crescente.

Em 1946, no contexto nacional, a situação do Partido Liberal era crítica, as promessas da “*Revolução em marcha*” estavam distantes de ser realizadas e o intervencionismo do Estado na economia nacional não tinha alcançado o seu objetivo, qual seja, o de inserir as classes menos

favorecidas na dinâmica do progresso. A Colômbia foi abrindo espaços para uma economia de livre mercado, o capitalismo ia tomando conta do país do seu jeito: beneficiando as tradicionais oligarquias e condenando milhões de pessoas a um processo de pauperização crescente.

A crise do Partido Liberal afetou o desenvolvimento da dinâmica política local, fato este que Yosa descreve da seguinte forma:

Chegou a eleição de Santos²⁶ e perdemos as vagas na câmara dos vereadores. O Unirismo, o partido de Gaitan, deixou-se convencer pelos liberais santistas e eu fiquei revoltado e virei comunista de verdade, de partido mesmo. Pedi ingresso e recebi minha carteira. Coloquei a corda no pescoço. Mas não tinha jeito, não podia voltar atrás. Os donos da terra se armaram e começaram as ameaças e perseguições. (MOLANO, 1999:28)

Depois de 16 anos de governo, o Partido Liberal é derrotado e o Partido Conservador reassume as rédeas do poder em 1946. Nesse contexto de agitação política nacional, Isauro Yosa, desiludido com o seu partido, decide filiar-se ao Partido Comunista Colombiano²⁷. Embora essa mudança obedeça a um processo de ruptura com um tipo de orientação ideológica, a trajetória de vida de Yosa evidencia que foram as motivações internas, suscitadas por necessidades pessoais, que o levaram a se engajar nas lutas populares. Sobreditas motivações dizem respeito a uma série de fatores sociais interligados que o afetaram diretamente.

Nesse processo de consolidação das lutas populares, mais que a ideologia liberal ou comunista, foi o peso da exclusão social, da pobreza, da exploração econômica, entre outros fatores alheios a sistemas ideológicos, o que motivou os camponeses das Ligas a se opor ao sistema dominante. É necessário que se precise o móvel dessas lutas porque, com certa recorrência, a sua importância se vê apagada por um véu ideológico de marxismo ou de seus derivados, dando a impressão de que as circunstâncias concretas que atingem a vida dos indivíduos são menos inspiradoras ou percebidas apenas como um fator ocasional, periférico, sem força suficiente para justificar o envolvimento de seus defensores.

²⁶ O período compreendido entre 1930 a 1946 é identificado na história colombiana como o da “hegemonia liberal”. Tal interregno é fechado com a derrota do candidato liberal Eduardo Santos. A revolta a que se refere Yosa diz respeito ao fato de Gaitan ter abdicado de sua candidatura para fortalecer a campanha de Santos, que não contava com o mesmo apoio popular.

²⁷ O vínculo do Partido Comunista Colombiano com as lutas populares será abordado no capítulo II deste trabalho.

Quando o eu se transforma em nós

Como já foi dito, nas eleições de 1946, o Partido Conservador retoma o poder. O liberalismo, aparentemente em decadência, via fortalecer-se em seu seio a figura de Jorge Eliecer Gaitan, homem perspicaz, de grande agilidade mental para intuir as necessidades do povo e hábil guerreiro na arena política. Pela sua grandiloquência, começou a destacar-se no parlamento nacional. Como tática política, incorporou-se ao Partido Liberal, objetivando formar uma frente de combate às oligarquias, que possuía representação nos partidos hegemônicos. De fato, ao provocar uma dissidência interna do liberalismo, ele reafirma suas reais intenções, assim: *“Ingresso no Partido Liberal à maneira do Cavalo de Tróia, para fazer dele aquilo a que me propunha dentro da UNIR. O povo tomará o comando do partido, expulsará a oligarquia liberal e lhe dará a orientação programática conforme os seus interesses. Então, o Partido Liberal, será o partido do povo”* (VARIOS, 1985:330). Urgia congregar as massas populares, sejam elas de filiação liberal ou conservadora, o importante era formar uma frente de combate que transcendesse o bipartidismo tradicional e assumisse as feições da luta de classes, tão almejada pelo socialismo.

Gaitan conseguiu construir uma imagem política que atingia todos os setores sociais, dando a impressão de que, a partir dela, o povo conseguia enxergar-se a si mesmo. Pela sua origem humilde, tornou-se o paradigma do homem colombiano que derrota a pobreza pelo esforço pessoal; com seu histórico acadêmico, inspirou respeito nas elites intelectuais do país; com seu discurso inflamado e bem articulado, conseguiu reunir forças políticas diversas: camponeses, operários, empresários, intelectuais. Segmentos fortes de mobilização popular agitavam o país em seu favor. Gaitan era apontado como o futuro presidente da nação, era visto como a pessoa capaz de mudar o destino cego e caótico de um país que secularmente se mostrava entretido com as lutas partidárias em detrimento de outras questões essenciais de Governo.

No entanto, todas essas aspirações afundaram-se no caos. Gaitan tornou-se uma séria ameaça para o sistema dominante e caiu assassinado numa rua de Bogotá em 9 de abril de 1948. A morte de Gaitan foi sentida em todo o território nacional. As acusações mútuas pela autoria do

crime entre prosélitos dos dois partidos ocupavam a ordem do dia e deram causa a um período de graves perturbações sociais que é lembrado como “A *Violência*”, com letra maiúscula. Isauro Yosa lembra, da seguinte forma, a perturbação social que o assassinato de Gaitan causou:

O 9 de abril foi muito triste[...]. Quando saí do hospital, após quarenta dias de tratamento, a coisa estava fervendo, os mortos abundavam e eram conhecidos. Mas os assassinos não. A polícia não dava conta nem razão de nada, como se o que estivesse acontecendo fosse no país vizinho. Por isso foi que tivemos que pegar as armas, porque ninguém assumia a responsabilidade de nada. O prefeito dava de ombros como se dissesse: ‘se vira’. Por isso decidimos obedecer [o prefeito] e começamos a nos virar. (MOLANO, 1999:29-30).

O período da “*Violência*” começou no dia do assassinato de Gaitan e se estendeu por quase vinte anos, deixando profundas feridas em todas as esferas da vida nacional e um resultado de mais de trezentas mil mortes violentas. Embora nas cidades muitas manifestações públicas de repúdio tivessem se degradado em atos de vandalismo, foi nas regiões rurais do país que a violência fez mais vítimas. A impressão que se tinha naquela época era de que o país submergia num caos social que superava a capacidade de controle do Estado. Nas zonas rurais, a morte de Gaitan fez com que os grupos de autodefesa camponesa, depois de terem minguado suas ações durante os 16 anos de governo liberal, se armassem novamente e recrudescessem os antigos embates armados.

Na região onde operavam as Ligas Camponesas, as agressões entre latifundiários e camponeses adquiriram novo vigor, cada um fazia uso da violência com todo o amálgama de possibilidades que tinha a seu alcance. Lembrando esse momento, Isauro Yosa comenta:

Uma tarde chegou apressado a Coronillas, a fazenda onde eu trabalhava, o senhor Alejandro Londoño [...], a contar para mim o que tinha escutado falar na diretoria conservadora. Eles afirmavam que eu era comunista, acusavam-me de armar a gentilha [...]. Isso era verdade: na vila que chamávamos de Apicala, tínhamos organizado umas comissões com quatro espingardas que não avançavam mais de dois metros, feitas para matar pássaros e não para lutar na guerra. Tínhamos também lanças feitas de madeira. Era todo nosso arsenal. Organizei as comissões porque numa vila próxima, chamada El Totumo, a polícia massacrou uma família liberal inteira e fez torresmo com ela. Quando me comunicaram, eu lhes disse que era o jeito, que procurassem se armar e comessem a lutar pela sua defesa. Muita gente se organizou porque já para

esses dias as Ligas tinham muitos adeptos. (MOLANO, 1999:31).

Pelo fato do Partido Conservador estar assentado no poder, os grupos de latifundiários sentiam-se amparados pela polícia, acentuando as agressões numa desproporção de força com os camponeses. Enquanto os latifundiários tinham recursos econômicos para comprar armas e contratar pessoal capacitado para atividades combativas, os camponeses das Ligas inventavam suas armas e se organizavam comunitariamente para formar seus grupos e resistir aos ataques.

As investidas dos latifundiários eram focalizadas, sistemáticas e marcadas por atos de barbárie. O alvo era os camponeses das Ligas e o argumento utilizado para dar uma conotação política a essas agressões era o fato deles serem membros do Partido Comunista Colombiano. Os contínuos ataques levaram os camponeses a organizar “*comissões*”, ou seja, grupos de autodefesa locais que tinham como missão vigiar a segurança tanto das famílias engajadas nas Ligas como dos demais moradores da região, pois também contra estes se dirigiam as arremetidas dos latifundiários, como afirma Yosa:

Começaram a chegar pessoas perseguidas para que nós as amparássemos, mesmo que nós não tivéssemos mais que quatro ripas e quatro facas. Como podíamos parar com essas chacinas que deixavam [mortos] num canto e noutra, de casa em casa? Não chegam nem sequer homens formados, senão mulheres e crianças. (MOLANO, 1999:32).

As terras invadidas pelas Ligas tornaram-se então refúgio para camponeses desamparados que fugiam tomados pelo terror. Como nessas regiões não se contava com nenhum tipo de proteção do Estado, as Ligas passaram a ser o refúgio de famílias pobres.

A série ininterrupta de ataques violentos dos latifundiários contra os camponeses se ampliou e se acirrou, promovendo uma demarcação de quadros sociais bem definidos na região e desencadeando formas específicas de interação grupal. O estado de ameaça e medo pelo confronto dos grupos ativou energias socializantes. Ou, em outras palavras, o que fez o conflito foi colocar em movimento as relações de unidade que existiam em estado latente entre os camponeses. Aliás, na vida social, o conflito é usualmente a causa que facilita a unificação de forças interiormente desejadas, mesmo que o conflito não seja o fim da unificação. A necessidade de se defender é, no mais das vezes, o móvel que gera maior coesão grupal. A finalidade defensiva é o *minimum* coletivo, porque, para cada grupo e para cada indivíduo, a defesa é indispensavelmente exigida pelo mero instinto de conservação. Quanto mais variados sejam os elementos ligados, tanto menor será, evidentemente, o número de interesses coincidentes. Nos casos extremos, como foi o dos camponeses vinculados com o Partido Comunista, a unificação se fez possível pelo instinto mais primitivo, que é o da defesa da existência. Para isso, além do fortalecimento da unidade entre seus membros, eles desenharam outros mecanismos de defesa, como a criação de grupos de combate e a demarcação do espaço de dominação territorial.

Na visão de Yosa, o lugar escolhido para congregar as famílias dos camponeses das Ligas, estrategicamente, não era o mais adequado, dado que o território não lhes oferecia condições favoráveis de proteção. A intuição alertava os camponeses que, por maiores que fossem suas capacidades para o combate, por mais rigorosas que se mostrassem a vontade e a disciplina dos combatentes, por mais perspicazes que fossem sua inteligência e ousadia, eles sozinhos não poderiam preservar por muito tempo a vida das famílias congregadas no território ocupado. Para garantir maior segurança, era necessário aumentar a força de ataque e isso só seria possível pelo

envolvimento de um número significativo de indivíduos com capacidade combativa, capaz de manter o equilíbrio de forças nessa rede humana.

Para superar as fraquezas do seu grupo, Yosa tomou a iniciativa de estabelecer contato com outro grupo que estava em melhores condições para resistir às hostilidades dos inimigos.

Eu tinha escutado falar que pelos lados de Rio Blanco tinham-se levantado os Loaiza e os Garcia. Eram afamados e ricos, principalmente o velho Gerardo Loaiza, homem cabal, liberal de casta muito falado. Tomei a decisão de aproximar-me para falar com eles e fiz a proposta para nos armar. As terras deles facilitavam a luta por serem altas e montanhosas, as nossas não eram mais que um barraco estéril enfiado num buraco. (MOLANO, 1999:32)

Mesmo sendo camponeses e partilhando as mesmas condições de ameaça, o pacto estabelecido com os Loaiza se deu num clima de desconfiança.

O que marcava a diferença entre os dois grupos era a filiação política. O grupo de Yosa era comunista e o dos Loaiza, liberal. A desconfiança destes residia no fato de o Comunismo ameaçar o direito de propriedade e resistir à doutrina católica tradicional. Mas a habilidade de Yosa conseguiu fechar a negociação e promoveu o deslocamento dos camponeses das terras de Chaparral para uma fazenda chamada El Davis, no lugar mais alto de Rio Blanco, em território dos Loaiza. O primeiro obstáculo a ser superado nessa empreitada foi mobilizar um grupo numeroso de pessoas sem que a polícia e o Exército o percebessem. A dificuldade era óbvia. Percorrer até as terras dos Loaiza implicaria passar vários dias caminhando, a mudança de todas as famílias com seus pertences, a escolha de caminhos não demarcados para não serem facilmente descobertos pelos inimigos. Mas com plena consciência das dificuldades e dos riscos, os camponeses deram início à travessia. Isauro Yosa lembra:

Entre o Ambeima e Rio Blanco havia dois dias de caminho quando a gente ia de escoteiro. Mas andar com famílias e com bagagem era uma história bem diferente. A primeira coisa que fizemos foi construir em terras do Davis, acima de Rio Blanco, um quartel geral e barracas para as famílias. Enviei 20 homens para onde tínhamos que chegar para fazer as barracas enquanto nós avançávamos com esse monte de gente. Eram mais de 200 famílias. Iam desde os avós até as galinhas. Milhares de pessoas. Nos organizamos em várias comissões divididas por fuzileiros. Nós os chamávamos assim

para que se sentissem importantes. Os fuzileiros caminhavam à frente e aos lados; as famílias no centro. Foi assim que nasceu a primeira coluna guerrilheira que batizamos com o nome de Luís Carlos Prestes, um comunista brasileiro que ia com a gente, mas que ninguém conhecia. Iam também pessoas conhecidas [...], todos respeitáveis e já velhos. (MOLANO, 1999:34).

Como se percebe, para realizar com certo sucesso a travessia, Isauro Yosa criou uma estrutura organizacional que permitisse aos camponeses conquistar o objetivo imediato: chegarem ilesos a El Davis. Baseado na experiência que adquiriu quando prestou o serviço militar obrigatório, Yosa desenhou as estratégias para facilitar o percurso dos retirantes e para organizar a comunidade no assentamento, reproduzindo nessa organização clandestina o que existia na organização oficial. Esse fato antecipa o que se evidenciará na conformação dos grupos guerrilheiros, dado que eles, erguidos em oposição ao poder estabelecido, se convertem numa espécie de reflexo do mundo oficial, perante o qual se colocam em oposição. É como se fosse norma sociológica que figurações sociais que surgem em oposição a outras maiores repitam em seu seio as formas básicas destas últimas²⁸. Organizando seu grupo como se fosse uma réplica da organização militar oficial, os camponeses conseguiram garantir sua sobrevivência durante a longa travessia.

Além do fato de terem suas vidas ameaçadas e da necessidade de ocupar um espaço que oferecesse maior segurança, os camponeses realizaram o êxodo animados pelo desejo de possuir uma terra que lhes possibilitasse uma vida mais digna e feliz. Portanto, depois de chegarem a El Davis, Isauro Yosa e seu grupo das Ligas tinham diante de si o desafio de dar continuidade a esse projeto. O sonho de possuir um território pacífico parecia concretizar-se. El Davis tornou-se a terra dos camponeses e para os camponeses, uma zona liberada, um lugar aberto para construir sonhos e acalantar esperanças, uma terra comum para trabalhar, produzir e vencer as angústias ocasionadas pela pobreza e pelo desamparo de um Estado ausente. Ali os camponeses viam-se livres da influência do poder financeiro dos latifundiários e das ameaças constantes das disputas

²⁸ As FARC-EP conservaram sua estrutura militar tendo como parâmetro a formação do Exército Nacional até o ano de 1965, quando se realizou a segunda conferência constitutiva, na qual os guerrilheiros tomaram a decisão de eliminar as denominações de grados e as estruturas que os assemelhavam ao Exército Nacional, objetivando, com isso, o desenho de outras estruturas que dessem forma ao “*Exército Popular*”.

partidárias. Este núcleo agrário tornou-se o modelo daquilo que posteriormente seria denominado pela oligarquia colombiana como as “*Repúblicas Independentes*”.

Com a posse da terra, o cenário estava preparado, a concreção do projeto podia começar, e para isso, o primeiro desafio era organizar a vida comunitária. Yosa lembra assim o começo da vida em El Davis:

Desde o começo, tive que organizar tudo muito bem: manejar tanta gente não é fácil. Nos ajudava o fato de estarmos ameaçados pelas tropas e sermos acusados de comunistas pelos liberais. Isso nos fazia sentir ainda mais próximos e respeitar a autoridade e a disciplina. Sem isso não teríamos sobrevivido a tanta necessidade e a tanto assédio. (MOLANO, 1999:36).

Embora fosse bastante a capacidade de liderança de Yosa, as constantes ameaças dos inimigos agiam em seu favor. Elas ajudavam os camponeses a perceber que a unidade, a disciplina e o respeito pela autoridade, nas circunstâncias em que viviam, mais do que submissão a um conjunto de normas eram uma questão de sobrevivência. Assim se destaca uma importante contribuição do conflito para os processos de configuração dos grupos guerrilheiros, qual seja, a idéia de que uma organização social, ainda que integrada por um grande número de membros, precisa de um grau de ameaça tal que obrigue seus membros a formar unidade na diversidade. Vale dizer que sem a participação de algum tipo de perigo, qualquer grupo social corre o risco de dissolver-se, pois, para manter unidade grupal duradoura, mais do que um confronto momentâneo, parece ser muito necessária uma ameaça constante.

A realização dos objetivos dos camponeses não seria possível sem uma estrutura militar de segurança. Nessa perspectiva, no momento em que firmou aliança com os Loaiza, Yosa propôs a organização de comissões de combate, um pequeno exército integrado pela equitativa participação de cada um dos grupos: cem homens dos comunistas e cem homens dos “*liberais limpos*”²⁹. Essas comissões eram formadas fundamentalmente por homens em capacidade de combate e tinham como missão “*arranjar*” aquilo que a terra não produzia, como medicamentos, roupas, implementos para a agricultura, dinheiro etc. Suas ações obedeciam a um planejamento estratégico realizado pelo grupo de mando central. A vida no assentamento comunista de El

²⁹ A base social do Partido Comunista Colombiano na década de cinquenta foi constituída, em sua grande maioria, por dissidentes do partido liberal, os quais se identificavam como “liberais comuns”. Os prosélitos do Partido Liberal que se armaram e formaram grupos de autodefesa camponesa se chamavam “liberais limpos”.

Davis tinha traços de comportamento bem diferenciados. “*Munición*”, membro dos “*liberais limpos*” e integrante de uma das comissões de combate, lembra:

Eles [os “liberais comuns”] eram muito mais organizados do que nós e formavam um bloco único em torno de um comando central. [...] No comando se vivia como militar os dias e as noites. Construía fortificações, tinham código e senha para entrar e para sair. Horário para o banho e para a comida, hora de armaria e hora de instrução militar. Sextas, sábados e domingos davam conferências públicas para explicar os motivos das lutas, as razões da violência, a causa dos ricos e dos pobres. Eles trabalhavam todos juntos na economia, tinham colheitas comunitárias e o que colhiam servia de alimento para todos [...]. Eles produziam para satisfazer as necessidades de todos. Se conseguiam dez reses, isso tinha que alcançar para todos; se conseguiam 20 volumes de rapadura, era para todos. Faziam planejamento e trabalhavam com essa orientação. Essas eram diferenças substancialmente grandes com os liberais. (MOLANO, 1999:75).

“*Munición*” destaca, em sua fala, que a administração dos bens materiais conquistados pelas comissões de combate constituiu uma das causas que dividiram a base social do assentamento de El Davis. Enquanto para os “*liberais comuns*” as missões da comissão de combate tinham sentido à medida que contribuía para satisfazer as necessidades da comunidade, para os “*liberais limpos*”, comandados pelos Loaiza, as ações das comissões de combate seguiam critérios bastante flexíveis, a obediência ao comitê central era relativa e na maioria de casos buscavam satisfazer interesses pessoais.

Essa intervenção “*egoísta*” dos “*liberais limpos*” é descrita por Yosa assim:

Os Loaiza, filhos do velho Gerardo, eram três. Ciumentos e egoístas, aliás, anticomunistas, eram apelidados de “Calvário”, “Tarzan” e “Veneno”. Associados com “Perigo”, que era Leopoldo García, formavam uma turma perigosa da qual não se podia descuidar. Também a gente não podia se aproximar deles. Eu dava livros para que lessem e quando lhes perguntava pela leitura eles me respondiam: ‘Nós não lemos porque podemos virar comunistas’. (MOLANO, 1999:36).

A partir da fala de Yosa, percebe-se que a cisão no grupo era evidente e irreversível. Os “*liberais limpos*” liderados por “*Mariachi*” decidiram romper o pacto e se separar do grupo de El Davis.

Mesmo que a causa principal para justificar essa ruptura fosse de cunho econômico, o argumento utilizado pelos Loaiza era eminentemente político.

A coesão do grupo viu-se ferida por uma clara divergência de interesses entre as partes integrantes. Uma vez declarada a ruptura, desencadeou-se uma luta frontal entre “*limpos*” e “*comuns*” pela disputa territorial. Os “*liberais limpos*” aliaram-se à polícia e ao Exército e começaram a prestar serviços de segurança aos fazendeiros da região, assumindo funções de mercenários e deixando as marcas de uma luta sangrenta na história nacional.

O grupo dos Loaiza é um exemplo das lutas violentas sob argumentos políticos ocorridas na Colômbia. Entretanto, é preciso dizer que esse é apenas um entre os muitos grupos armados que desataram campanhas de extermínio em diversas regiões rurais do país, deixando um saldo de mais de 200 mil mortos nos estados de Tolima, Boyaca, Huila e Valle Del Cauca³⁰.

Ondas de violência abatiam o país fazendo-o submergir numa sangrenta guerra civil não declarada. Em 1950, Laureano Gómez assume a Presidência da República, trazendo consigo o mais cruento radicalismo conservador. Durante seu governo, a violência que se iniciou com a morte de Gaitan em 1948 se ampliava cada vez mais, adquirindo maior cobertura em todas as esferas da vida nacional. O Estado começou a perder contato com seus aliados de base, vez que os empresários e os militares eram cada vez menos levados em conta pelos agentes da administração pública. Em decorrência desses fatos criaram-se as condições necessárias para que num futuro próximo se viabilize um golpe de Estado. Na memória de Yosa, a ascensão dos militares ao poder ficou assim registrada:

Esse dia, sem saber, chegou Rojas Pinilla ao poder. Era 13 de junho de 53. As notícias nos sepultavam: o golpe era contra os conservadores, a perseguição terminava. Rojas era inimigo dos comunistas, ele garantia que podia acabar com a gente. Corriam novidades. No começo, todos desconfiávamos; depois, mesmo com desconfiança, alguns começaram a sair, reintegraram-se à vida civil, e todos no final terminaram batendo palmas ao General. O Partido não dava nenhuma

³⁰ Sobre a violência nas regiões rurais do país entre 1946 e 1964, considero bastante iluminador o capítulo III do livro de SANCHEZ/ PEÑARANDA (1986:225-371).

orientação. O pessoal queria e precisava trabalhar (MOLANO,1999:45).

A ascensão dos militares ao poder foi acionada pela conjugação de uma série de fatores que desestabilizavam o país. A economia estava estagnada, os sindicatos em várias ocasiões paralisaram o país. Mas o que levou Rojas ao poder foi o desejo de acabar com a violência que ensangüentava o país. E foi precisamente com essas promessas que o General começou a governar.

Em seu primeiro discurso, Rojas ofereceu anistia aos grupos armados e incorporou às fileiras do Exército muitos combatentes dos “*liberais limpos*”. Os camponeses que viviam nos assentamentos comunistas se deslocaram para outros lugares. Com isso, a fragmentação do grupo de Isauro Yosa era inevitável. Mesmo desconfiando das promessas do ditador, a grande maioria de guerrilheiros decidiu se reintegrar à vida civil. Os segmentos remanescentes mantiveram-se unidos pelo vínculo do Partido. Isauro Yosa, fiel ao Partido Comunista e desconfiado das promessas do governo, se une com outros guerrilheiros que operavam em regiões próximas. Em agosto de 1954, é comissionado pelo Partido para fazer atividade política em Villarica e em 14 de novembro do mesmo ano é preso e conduzido a uma cadeia pública em Bogotá.

Uma porta que se abre

O governo militar (1953-1957) revelou-se como um “*conservatismo renovado*”. Na esfera do social, encaminhou uma série de projetos que procuravam preencher o vazio dos governos precedentes. O setor de construção civil teve um grande desenvolvimento nos centros urbanos do país. No governo militar foram executadas as maiores obras de infra-estrutura em todo o território nacional: estradas, viadutos, aeroportos, esgoto e saneamento básico nas cidades, etc. Mas o governo de Rojas Pinilla procurava de todas as formas possíveis se fortalecer politicamente e, para isso, tomou a iniciativa de convocar em 1956 o país para uma Assembléia Nacional Constituinte. Nessa Assembléia, o governo militar conseguiu, além de fortalecer seu poder, declarar ilegal o Partido Comunista Colombiano, tornando-o passível, por via de consequência, de todo tipo de repressão. Mas as causas que ocasionaram as mais diversas revoltas populares não foram atendidas. Embora no período de governo militar a economia tivesse alcançado uma certa

estabilidade e a violência experimentado um significativo declínio, para muitos estudiosos Rojas não soube aproveitar o apoio popular que conquistou com o encanto de suas primeiras promessas³¹. Arrastado pelo desejo de cultuar sua própria personalidade e convencido de que era um “*Ser Providencial*”, fechou-se politicamente, desenhando seu governo com os traços do despotismo.

Em 1954, Rojas Pinilla centrou suas atenções em monopolizar o poder. Atraiu para si o comando do Executivo, do Legislativo e do Judiciário e se constituiu chefe máximo das Forças Armadas. A par disso, não mostrou interesse em dar freios à ação de grupos de extermínio que banhavam de sangue as zonas rurais do país. Tudo isso inspirou a oposição de todos os setores sociais. O sentimento nacional era de revolta, as elites burguesas sentiam falta de sua participação no protagonismo social, os grupos políticos perderam sua parcela de poder na Administração Pública e as grandes massas populares amargavam a desatenção do governo quanto às necessidades de educação, saúde e trabalho. Nesse contexto de insatisfação geral, o governo de Rojas assistiu ao que outrora parecia impossível: os Partidos Liberal e Conservador se aproximaram e se coligaram para juntos reaverem o poder perdido. A essa “*estranha aliança*” dos dois partidos seus líderes deram o nome de *Frente Civil*. Militares dissidentes do governo de Rojas também aderiram à *Frente Civil*, formando assim uma força de choque que conseguiu derrocar o ditador e condená-lo ao desterro em 10 de maio de 1957, abrindo passo para outra etapa no processo histórico da nação: *A Frente Nacional*³².

A Frente Nacional, a famosa instituição da “*Paridade Bipartidarista*”, surgiu no cenário político como o tipo de democracia restrita a dois partidos previamente definidos. Ainda hoje a Frente Nacional é lembrada como a expressão melhor elaborada e com pleno ajuste constitucional da monopolização do poder estatal por dois partidos hegemônicos: o Liberal e o Conservador. Com esse tipo de governo, as elites políticas assumiram o compromisso de pacificar a nação e com alta dose de otimismo falavam que havia chegado “*o tempo da*

³¹ Cf. ALAPE: 1999:201s.

³² A Frente Nacional foi consequência da Frente Cívica, desse compromisso assinado pelos líderes dos partidos Liberal e Conservador. A Frente Nacional era um pacto político entre os dois partidos, onde eles se comprometiam a se revezar na presidência do país em períodos de 4 anos para cada partido, começando pelo partido Liberal. A Câmara e o Senado seriam constituídos por um número igual de representantes de cada partido.

reconciliação nacional”. Conforme a alternância ajustada, o primeiro período de governo coube ao Partido Liberal, representado por Alberto Lleras Restrepo.

Para os grupos de camponeses, a transição do governo militar para o da Frente Nacional não abria nenhuma perspectiva de transformação social que pudesse beneficiá-los, eles não percebiam indícios de alguma modificação efetiva das condições de vida em que se encontravam. Em diversas regiões do país, alguns assentamentos comunistas continuaram ao largo das promessas do governo central, os grupos que não se desmobilizaram no tempo da anistia de Rojas continuavam agindo orientados pelo Partido Comunista Colombiano. Muitos líderes desmobilizados dos grupos de *“liberais comuns”* tinham sido assassinados e, por conseqüência disso, os camponeses dos assentamentos comunistas, inundados por um sentimento de desconfiança ante o governo central, assumiram uma atitude defensiva radical.

Lembrando esses anos de expectativa, *“Tiro Fijo”*, Chefe Máximo das FARC-EP que, à essa época, liderava grupos de camponeses que lutavam pela terra e que nas zonas rurais do país eram distinguidos como *“liberais comuns”*, comenta:

Diziam [os emissários do governo] que a gente deveria estar trabalhando [...]. O governo ainda não tinha cumprido muitas das coisas que tinha pactuado. Isso nos indicava que queriam nos enganar. Enquanto isso, percebíamos que para os liberais eles davam todo tipo de garantias, mesmo que eles não estivessem cumprindo os acordos. Os grupos liberais de autodefesa não paravam de roubar, continuavam cobrando impostos aos camponeses, chegando ao extremo de se deslocarem para muitos povoados onde tiravam os fuzis da polícia e do Exército. Eles [o governo] agüentavam esses fatos porque parecia que a intenção do governo era colocar o povo sob ordens de *“Mariachi”* e *“Peligro”*. (ALAPE, 1999:227)

Desde o governo militar, como uma saída negociada ao conflito armado dos camponeses, criou-se a *Polícia Cívica*³³, cujo intuito era incorporar às forças do Estado os camponeses que

³³ Os grupos de *“Polícia Cívica”* eram identificados pelos camponeses como *“chulavitas”* e *“pajaros”* e se caracterizavam pela barbárie em suas incursões militares.

integravam grupos de autodefesa. Porém, na percepção dos “*liberais comuns*”, o governo só queria favorecer os “*liberais limpos*”, ou seja, os grupos armados de camponeses fiéis ao Diretório Nacional Liberal, cujos dirigentes, no sul do Tolima, eram “*Mariachi*” e “*Peligro*”. Após ser declarada ilegal, a existência do Partido Comunista na Colômbia restou limitada à clandestinidade e, conseqüentemente, os assentamentos de camponeses “*comuns*” eram vigiados e acusados pelo governo de serem o braço armado do comunismo.

No governo liberal de Lleras Camargo, acirrou-se a perseguição ao comunismo e se engendrou uma série de estratégias para alcançar esse objetivo. Uma dessas estratégias foram as “*brigadas de paz*”, que eram campanhas intensas de assistência social³⁴ nas regiões habitadas por comunistas. Embora o governo justificasse as “*brigadas de paz*” como uma tentativa de fazer chegar às comunidades periféricas a assistência do Estado, propiciando espaços de inserção social e de desenvolvimento humano, para os camponeses perseguidos como comunistas, elas não eram mais do que estratégias do governo para se infiltrar nas comunidades, liquidar sistematicamente seus líderes e favorecer os latifundiários.

Ciro Trujillo, líder de um dos assentamentos comunistas, em carta dirigida a um general da República, justificando a rejeição às tentativas de aproximação do governo, manifesta:

Nossa região é conformada por mil e oitocentos sítios onde temos gado, porcos e galinhas. Os valores somados, representados pelos bens de nossa propriedade, se aproximam de 40 milhões de pesos. Por isso nós dizemos que o que estimula a cobiça dos grandes latifundiários do oriente do Cauca é o desejo de estender seus latifúndios a nossos sítios, querendo enriquecer às custas de nosso suor, das privações e sofrimentos em tantos anos de luta [...]. As coisas não são assim, Senhor Major General. As gangues de ‘pajaros’, assassinos e ladrões estimulados, armados e pagos com salário do governo, têm-se constituído em provocadores a serviço de uma política de violência que, sem dúvida, não é como a nossa, uma coletividade camponesa dedicada ao

³⁴ Mesmo contando com a participação de voluntários da sociedade civil, a coordenação das “brigadas de paz”, era responsabilidade do Exército Nacional. Entre as atividades realizadas durante as “brigadas de paz” destacam-se as seguintes: corte de cabelo, extração de dentes, revisão médica, distribuição de alimentos e de medicamentos e cadastro da população.

trabalho e à luta pela paz e pelo progresso da região. (ALAPE, 2002:49).

No contexto nacional, percebia-se que a Frente Nacional tinha optado, em sua primeira etapa de governo, por satisfazer os interesses de uma minoria, dando curso às velhas práticas “*clientelistas*” que caracterizaram os governos precedentes.

A exclusão das massas aumentava. A burguesia, por conservar distância dos problemas que atingiam as zonas rurais do país, não conseguia perceber as dimensões do conflito agrário nem entender os protestos dos camponeses pelo abandono em que viviam. As causas dos conflitos nas zonas rurais continuavam sendo as mesmas de décadas passadas. O clientelismo continuava suscitando embates entre grupos políticos que disputavam o poder local e a distribuição dos cargos públicos. A deficiência das redes de comunicação terrestre continuava condenando vastas regiões do país ao atraso e à estagnação econômica pela falta de meios adequados para agilizar o comércio. A reforma agrária não conseguia operar nenhum efeito concreto na vida dos pequenos cultivadores e dos colonos que perambulavam pela cordilheira oriental em busca de trabalho. Também, nas cidades, o clima de insatisfação agitava os ânimos: sindicatos, agremiações e movimentos estudantis começaram a se mobilizar e a pressionar o Estado que, lento e centralizado, parecia desconhecer as necessidades reais da nação.

A “*aliança*” entre liberais e conservadores representada pela “*Frente Nacional*”, rapidamente se foi desmoronando. O governo liberal (1958-1962) começou a ser criticado pela estagnação da economia, pela falta de agilidade no desenvolvimento de projetos sociais e pela ausência de resultados da tentativa de pacificar a nação. Já no parlamento, a crítica que adquiria maior força era a falta de atitude capaz de deter as ações do Partido Comunista. As pressões políticas se intensificavam e o Diretório do Partido Conservador conseguiu que o governo rompesse as relações diplomáticas com Cuba. Nos bastidores da política do Estado, a existência dos assentamentos comunistas, chamados pelas elites de “*Repúblicas independentes*”, era considerada uma ameaça à soberania nacional e, pela mesma causa, passava a ser posta sobre a mesa de discussão.

As pressões do Partido Conservador sobre o governo central ocasionaram um fato inédito na história colombiana: elas conseguiram chamar a atenção do país para os conflitos sociais nas regiões rurais. A vida no campo nunca teve tanta importância para o Estado como no período da Frente Nacional. A impressão da época era que o governo estava incapacitado para executar seus projetos estatais sem a participação dos cidadãos do campo. Os conflitos agrários ecoavam nas universidades, intelectuais se interessavam por conhecê-los, estudá-los e publicar trabalhos sobre essa realidade secularmente ignorada pelas áreas urbanas.

No começo da década de sessenta, assentamentos comunistas como El Davis, El Pato, Guayabero, Cimacota, Rio Chiquito e Marquetalia chamavam a atenção nacional. Em 25 de outubro de 1961, em acalorado debate no Senado da República, reaparece dentre as cinzas o senador Álvaro Gomez Hurtado, pronunciando um discurso “*bombástico*” que repercutiria no futuro político do país. Num trecho do texto, o senador, depois de acusar o presidente liberal Lleras de inimigo dos agricultores, afirmou:

Não tem nenhum colombiano que, legitimamente, possa invocar motivos políticos para rejeitar a soberania de seu Estado. E isso é o que não se tem levado em conta. Não se leva em conta que há neste país uma série de repúblicas independentes que não reconhecem a soberania do Estado colombiano; há lugares onde o Exército colombiano não pode entrar, onde falam que sua presença é funesta, que afugenta o povo, os habitantes. Tem uma série de repúblicas independentes que existem de fato, mesmo que o governo insista em negar sua existência. Periodicamente, emite comunicados falsos, mentirosos, dizendo que todo o território nacional está submetido à soberania. E não está sob soberania colombiana [...]. A soberania nacional está se encolhendo como um lençol; esse é um dos fenômenos mais dolorosos da Frente Nacional. (ALAPE, 1999:244-245).

Com essas palavras, o senador Gómez, além de colocar em questão a defesa do domínio territorial, necessária à preservação da soberania, exigia do governo uma presença mais efetiva nesses lugares onde a tradicional ausência do Estado forçou a organização autônoma de certas comunidades. Diante das exigências dos conservadores, o governo de Lleras Restrepo não teve mais alternativa que a de continuar apostando nas “*campanhas de paz*”. Findado o período de

governo, os liberais concluíram seu mandato com a imagem política desgastada e com profundas divisões internas.

Conforme o pactuado na criação da Frente Nacional, a vez de governar o país cabia ao Partido Conservador, e esta incumbência foi cumprida por Guilermo Leon Valencia (1962-1966). O novo presidente assumiu o poder no início de 1962. Seu primeiro passo já era esperado em razão dos posicionamentos do Partido Conservador durante o governo liberal: eliminar as “*Repúblicas Independentes*”. Para um Estado que experimentava um progressivo enfraquecimento, a realização de um ataque espetacular significaria uma grande demonstração de força e poderia ser muito útil para recuperar a confiança dos seus opositores e congregar as forças políticas dissidentes. Ademais, a demonstração de poderio militar abrigava a possibilidade de criar um precedente de dominação territorial capaz de desmontar os outros assentamentos comunistas tão-somente pela via da ameaça, sem maiores investimentos militares. Para os camponeses, a postura e os pronunciamentos do Partido Conservador nos tempos de governo liberal não significavam meras ameaças, eles esperavam que em algum momento se desencadeasse uma ofensiva militar justificada pelos princípios constitucionais.

De fato, pouco tempo depois de assumir o poder, o governo tomou a decisão de “*recuperar*” os territórios dominados pelos comunistas. O primeiro assentamento escolhido foi Marquetalia, formado sob a liderança de Manuel Marulanda Vélez, ou “*Tiro Fijo*”, no ano de 1954. Esse assentamento situava-se numa pequena aldeia na parte oriental da Cordilheira dos Andes, cujo terreno caracterizava-se pela fertilidade do solo e pela topografia espessa que dificultava o acesso. Pressionados por essa ameaça latente, os camponeses criaram comissões e procuraram a mediação de intelectuais e de alguns políticos para falar com o governo central³⁵. Mas toda tentativa para evitar a invasão armada a Marquetalia lhes foi negada.

“*Tiro Fijo*”, lembrando esses momentos de tensão dos primeiros meses de 1964, diz:

³⁵ Quando foi confirmado o operativo militar contra Marquetalia, além da mobilização dos camponeses houve uma série de manifestações de apoio nas cidades. Tal vez o caso mais significativo foi o do Padre Camilo Torres, que, depois de romper com a Igreja Católica, abandonou suas ocupações na academia universitária e se incorporou ao grupo guerrilheiro ELN, tornando-se, após sua morte, um símbolo das lutas revolucionárias.

Desde o começo, denunciávamos a “operação” e buscamos saídas. Dirigimo-nos ao parlamento, aos governadores, às organizações sindicais, aos partidos políticos, às mulheres, à Cruz Vermelha Internacional, aos intelectuais [...]. Tentamos falar com todos aqueles que nos poderiam ajudar, tentamos encontrar uma saída para esse tipo de luta que, sabíamos, ia-se apresentar, porque já estava aprovada de fato, até mesmo pelo próprio parlamento. Mas nós não podíamos abandonar essas terras porque elas eram nossas, tínhamos conquistado com trabalho, com muito sacrifício. Tudo porque a um governo, a uma facção, porque a um mando com qualquer pretexto que queira impor, lhe ocorreu a vontade de nos obrigar a abandonar a região? Isso não podia seguir acontecendo, essa situação tinha-se apresentado no percurso de nossa história em outros locais. No final, a gente se convenceu de que tinha chegado a hora: era preciso que um pequeno núcleo se enfrentasse com uma grande força militar e marcasse, definitivamente, um precedente na vida nacional. (ALAPE, 1999: 72).

De fato, a “operação Marquetalia” começou em 27 de maio de 1964. O operativo contava com a participação de um batalhão de 16.000 soldados, 10 aviões e de toda a tecnologia bélica de que dispunham os militares. A justificativa para uma ofensiva militar desse porte era a suspeita de que nesse lugar existisse um exército comunista forte, que contava com armamento pesado e de grande potência e com o apoio logístico e militar da Rússia. Os camponeses de Marquetalia previam para 18 de maio a invasão militar. Assim, desde o início do mês desocuparam suas casas, espalharam as famílias em diversos lugares e fizeram os preparativos para o confronto. Para eles, a “invasão” não era uma experiência nova, pois a violência partidária há tempos os tinha adestrado para a defesa e o ataque em desigualdade de condições. Esses tempos de violência os obrigaram a amargar com certa frequência as penúrias e os desapegos que o êxodo implicava. Mas havia uma diferença com os confrontos antigos. Nas lutas pela terra, os camponeses estavam com suas famílias e não se viam obrigados a abandonar seu território. No confronto de Marquetalia o desafio era distinto e o núcleo familiar não mais podia estar envolvido.

Os camponeses organizaram um pequeno exército com aqueles que estavam em condição de combate, como os filhos e esposos que ficavam para lutar e tentar conservar o domínio “*da terra que tinham conquistado com trabalho*”. Na versão dos guerrilheiros, eles não dispunham de

arsenal militar e as armas que improvisaram eram as ferramentas usadas para a lavoura do campo. Jacobo Arenas, um dos combatentes “*marquetalianos*”, descreve assim o confronto:

Em Marquetalia, 16.000 homens não alcançavam nem sequer em pé, pois o nosso espaço era muito pequeno e a operação, aliás, a agressão, era em todas as áreas adjacentes. Foi assim como começou a briga entre 16.000 soldados e 42 camponeses que não eram guerrilheiros, senão agricultores que só queriam viver em paz com suas mulheres e seus filhos. Mas, diante da agressão, tiveram que se levantar e se defender, transformando-se então em guerrilha móvel, comandada por Manuel Marulanda Vélez. (ARANGO, 1984:31).

Além de Marulanda Vélez, o grupo contava com líderes experientes no combate armado e na organização de massas. Podem ser citadas pessoas como Jacobo Arenas e Hernando Gonzáles, enviados pelo Partido Comunista Colombiano para contribuir com a formação política no assentamento; Ciro Trujillo e Isauro Yosa, *o Mayor Lister*, que depois de sair da prisão se incorporou ao grupo de Marquetalia e passou a prestar serviços de secretaria e arquivo. Os camponeses planejaram sua defesa usando como método a guerra irregular, o mesmo método que usaram em décadas passadas.

Antes do ataque, liderados por Marulanda Vélez, os camponeses ultimaram os detalhes para enfrentar o exército. Definiram que o modo de operar se caracterizaria pela flexibilidade; como sabiam que o ataque poderia durar muito tempo, se as condições não fossem favoráveis, os guerreiros poderiam recuar sem nenhuma sanção por parte dos dirigentes. O objetivo era enfrentar o inimigo e desmoralizá-lo, e o procedimento consistia em atacar de surpresa, agredindo e retirando tudo o que podiam (armas, farda, alimentos, equipamento de dotação militar, etc) para logo se dispersar, embrenhando-se nos campos, em seguida na população civil e, por fim, em algum lugar previamente escolhido, onde o guerreiro se uniria aos demais para avaliar as ações realizadas e planejar um novo ataque. Eles se organizavam em pequenos grupos de, no máximo, 12 homens. As ações principais eram orientadas pelo comando central, mas no momento dos ataques cada grupo tinha plena autonomia para reformulá-las, dependendo a mobilidade das circunstâncias em que se apresentava o inimigo.

Os combatentes “*marquetalianos*” se organizaram na forma de guerrilhas móveis para enfrentar o exército. Os combates começaram em 27 de maio de 1964. As previsões militares eram de concluí-lo em 15 dias, mas pela destreza dos camponeses prolongou-se por mais de quatro meses. A finalização desses embates foi celebrada com espírito de vitória pelas duas partes em confronto. Para o Exército, a posse simbólica da região de Marquetalia significou recuperar para o Estado a soberania sobre esse território. Enquanto para os camponeses, além de ter sobrevivido a um combate tão desigual, essa batalha significou uma vitória pelo fato de ter-se constituído na melhor maneira de manifestar ao Estado sua força e seu poder combativo. Enquanto que os camponeses perderam dois combatentes, o número de baixas do exército ainda hoje se mantém no silêncio. Uma parte significativa da dotação militar foi tirada pelos camponeses para fortalecer seu nascente exército revolucionário.

Foi assim como começou a guerra revolucionária que tem trazido tantos custos à nação. Marquetalia tornou-se referência dos começos de uma luta sem trégua, ela abriu a porta para uma nova forma de resistência social que hoje sangra o país. O conflito armado iniciado em maio de 1964 transcendeu o limiar das zonas rurais para tomar conta do país. Na medida em que se espalha, ele se alimenta de recursos materiais incalculáveis e de enormes sacrifícios humanos. Na versão dos guerrilheiros³⁶, tudo isso se poderia ter evitado com uma atitude mais tolerante e menos ditatorial do governo central para com aqueles movimentos de massa.

Depois da “*invasão*” a Marquetalia, o próximo objetivo militar do exército era o assentamento de Rio Chiquito, liderado por Ciro Trujillo. Os camponeses dos diversos assentamentos comunistas, informados da determinação do governo de aniquilá-los, reuniram-se em 20 de julho de 1964 para formar uma frente comum de combate e traçar o que seria seu ideário político: o “*Programa Agrário*”. Em setembro de 1965, esses mesmos guerrilheiros criaram o “*Bloque Sur*”, uma organização armada que aglutinava os diversos setores comunistas com o intuito de desenvolver em todo o território nacional um processo revolucionário para disputar com as elites políticas do país o poder do Estado.

³⁶ Ver declaração de “Tiro fijo” em ALAPE, 1985:266.

Entre abril e maio de 1966, o “*Bloque Sur*” se transformou num exército revolucionário com estrutura militar bem definida, com fundamentação ideológica precisa e com o nome que os dará a conhecer como a maior força guerrilheira do mundo: FARC-EP. A guerrilha colombiana em mais de quarenta anos se mantém hoje em pleno vigor, lutando pelo sonho comunista que aqueceu várias épocas da história, mesmo que, para muitos, esse sonho, após a queda do Muro de Berlim, a ruptura do bloco comunista e outros fatos de ordem internacional, já tenha sido superado.

No entanto, o que aqui pretendi mostrar é que, na constelação das mais diversas interações humanas, surgiu uma instituição guerrilheira que é hoje referência mundial das lutas revolucionárias. Como foi exposto no percurso deste texto, na gênese da , trançam-se a política, a economia, a força das mais diversas instituições e, principalmente, os sonhos e utopias, fracassos e vitórias, alegrias e tristezas de pessoas concretas. Em outras palavras, poderíamos dizer que a exploração no campo, o monopólio econômico, os surtos de violência e a intervenção das mais diversas instituições, apesar de incorporados aos objetivos de curto prazo de muitas pessoas e grupos isolados, no transcurso de longas extensões temporais, foram tomando o curso para uma direção única que nenhuma pessoa ou grupo, isoladamente, desejou ou planejou.

CAPITULO II

À PROCURA DO PODER PARA O POVO

Perguntava um jornalista: “*Para quê foram criadas as FARC-EP?*” E Manuel Marulanda Vélez, um dos fundadores desse grupo guerrilheiro, respondia:

As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia foram criadas com o propósito de lutar pela tomada do poder para o povo, com o propósito de constituirmos um Exército do Povo em contraposição ao exército que está ao serviço da burguesia, das classes exploradoras. E lhe colocamos esse nome porque é o que mais se ajusta a seus objetivos e princípios, aos interesses da classe que defende. (ARANGO, 1984:95).

Essa breve resposta de Marulanda sugere uma pergunta: como foi o processo de configuração desse grupo como Exército do Povo? À primeira vista, as FARC-EP surgiram como efeito de atitudes tomadas por indivíduos interessados em disputar o poder do Estado. No entanto, o que a história aponta é que a configuração desse grupo é resultado da incessante dinâmica de um cúmulo de interações sociais entre grupos rivais. Nessas interações se entrelaçam planos e ações, impulsos emocionais, ideologias, dispositivos disciplinares, estruturas de comando e estratégias de guerra. O entrelaçamento desses fatores, num período determinado de tempo, deixou como resultado um saber social marcado por ações eminentemente militares. Esse saber social, ou seja, esse *habitus* guerreiro característico das FARC-EP, se instila nos seus integrantes por ocasião do fluxo dos acontecimentos cotidianos da vida comunitária.

A incorporação do *habitus* guerreiro das FARC-EP supõe um processo de alteração de sentimento e comportamento individual dos guerrilheiros. De fato, antes de ingressar na guerrilha, o indivíduo possui um determinado *habitus*, adquirido no seu convívio familiar e social. Embora esse *habitus* não seja totalmente suprimido, para quem está inserido num grupo cujo cotidiano é vivenciado em função de contínuas ações militares, a incorporação do *habitus* guerreiro do novo grupo é inevitável. Cada pequeno passo dessas ações militares foi determinado racionalmente pelos líderes do grupo, como mecanismo necessário à consecução de objetivos imediatos. Porém, o *habitus* guerreiro, ou seja, o saber social desenvolvido nessa trajetória de

lutas incessantes e incorporado pelos indivíduos que conformam essa coletividade, certamente não foi pretendido nem planejado por nenhuma pessoa em particular. Ele surgiu como remanescente do processo civilizador que se desenvolve no acontecer de uma vida coletiva em estado permanente de conflito.

Os critérios de que dispõe o Estatuto para a seleção de seus comandantes possibilita uma descrição desse *habitus* a partir da própria coletividade. Diz o mencionado documento constitutivo:

Ter capacidade militar e dom de mando. Ter dois anos na fila desempenhando tarefas indicadas e haver observado boa conduta. Haver mostrado interesse por elevar o nível ideológico dos combatentes. Ter cumprido e defendido as determinações dos organismos superiores das FARC-EP e haver-se destacado na obediência das normas disciplinares. Ser militante ativo da organização política. Saber orientar-se em situações difíceis, ser sereno, corajoso, reflexivo, respeitoso e modesto. Ter caráter revolucionário, elevada moral e estar dotado de honestidade exemplar. Haver manifestado profundo respeito pelos interesses da população civil, portar-se corretamente com ela e conquistar sua confiança. Saber ler e escrever. (Estatuto das FARC-EP, capítulo III, artigo 6º).

Assim, em cada exigência, encontra-se um traço do guerreiro, do guerrilheiro pleno, visto a partir do olhar da organização mesma. Embora nesse texto estejam plasmadas as requisições que o grupo faz para o comandante, ele também pode servir como paradigma do guerrilheiro ideal que se pretende formar.

Na tentativa de perceber esse processo de formação do *habitus* guerreiro das FARC-EP, proponho-me revistar a trajetória desse grupo revolucionário a partir do período que sucede à epopéia de Marquetalia até as informações que se têm desse grupo atualmente. Em conformidade com os registros da história, entre abril e maio de 1966, os camponeses sobreviventes do mencionado combate organizaram um pequeno exército autodenominado '*Bloque Sur*', germe do futuro Exército do Populo (EP). Na época, o grupo já contava com estrutura militar definida e fundamentação ideológica precisa, assim como também com uma base social de caráter rural, que emergia de uma tessitura social excludente. Camponeses que acreditaram em sua capacidade de

resistência, movidos pelo desejo de mudar o que parecia ser sua sina, empunhando as bandeiras da revolução, deram início à luta armada contra o poder estabelecido.

Quem são vocês?

Como se deu o processo através do qual aquele grupo de camponeses deixou de ser uma organização agrária para se tornar uma figuração guerrilheira com extraordinária capacidade política, econômica e militar? Para responder a tal questionamento, considero pertinente seguir as trilhas do conflito social colombiano para tornar inteligível o discurso revolucionário através do qual a guerrilha justifica suas lutas.

Tal como contam as diversas narrativas da história pátria, luta é a palavra de ordem quando o assunto são os processos de mudanças sociais. A palavra '*luta*', quando usada no contexto do conflito social que se tece na Colômbia, não significa apenas a mera conotação simbólica de esforço ou abnegação, ela também atualiza manifestações de intensa violência física entre opositores. Greves, guerras civis e as mais diversas manifestações de descontentamento popular eram temperadas pelas mais variadas expressões de violência.

A irrupção das diversas vertentes do comunismo consolidou essas lutas, dando origem a um tipo de conflito social de cunho político com atores armados e bem definidos. A sucessão de movimentos políticos e organizações populares constituíram terra fértil para esse novo pensamento, que pugnava pela nivelção das classes sociais e apontava a guerra revolucionária como único caminho de transformação social. Nessa perspectiva, grupos humanos com experiência nos confrontos armados, como as autodefesas camponesas, encontraram, renovado ardor para congregar forças, enfocá-las e usá-las com um propósito definido: a conquista do poder do Estado.

Na opinião dos historiadores³⁷, até 1965 as intermitentes guerras internas do país caracterizavam-se por ser de alta intensidade e pouca duração. Mas com o surgimento dos grupos revolucionários, as lutas adquiriram uma dimensão mais prolongada, dado que seus objetivos

³⁷ Ver PARDO, 2004: 390-413

estavam traçados em longo prazo, substituindo as lutas pela mera resolução de dificuldades imediatas. Essas organizações emergentes, movidas por um discurso impregnado de profundo teor ideológico, queriam cativar diversos setores da população e envolvê-los em suas lutas. Os grupos eram diversos e cada um abraçou uma causa para justificar sua luta³⁸. A maioria deles fez das zonas rurais do país a arena para suas ações e o palanque de discursos políticos dos mais diversos conteúdos.

Na década de sessenta, a agitação política era intensa. Grupos emergentes se esforçavam por protagonizar aquele momento histórico da vida nacional. Um assalto perpetrado pelo grupo guerrilheiro ELN em Simacota, pequena cidade interiorana, talvez possa ajudar a exemplificar a ação daqueles grupos. Conta-se que 27 homens armados entraram abruptamente na mencionada cidade e distribuíram uns panfletos à população local. Os moradores, camponeses cujos conhecimentos se limitavam à lida com a terra e ao ordenho de vacas, não sabiam ler e menos ainda compreender o assunto da moda naquela época: a revolução armada. O grupo distribuiu uns panfletos em cujo texto os guerrilheiros comunicavam à população a causa de suas lutas. O panfleto concluía com as palavras de ordem da época: “*Liberação ou morte!*”. A incompreensão do clima político nacional bem pode ser percebida através das palavras de um bêbado anônimo, lembradas assim por Gabino, atual chefe do ELN:

Um bêbado gritava: ‘viva o Partido Liberal!’ Os companheiros lhe falaram que nós não éramos liberais, então ele gritou novamente: ‘Viva o Partido Conservador!’ Os companheiros lhe disseram que nós não éramos conservadores. Então ele voltou a gritar: ‘Viva o Partido Comunista!’... um companheiro lhe informou que nós também não éramos do Partido Comunista. O bêbado, desapontado, ficou olhando o companheiro e exclamou: ‘Putá merda! E então? quem diabos são vocês?’ (MEDINA, 1996:54).

A confusão do bêbado, além dos efeitos do álcool, obedecia também à pluralidade de tendências políticas que caracterizou aquela época.

³⁸ Assim, por exemplo, as FARC-EP queriam congregar forças para executar seu projeto de reforma agrária; o EPL, os ideais do PCC; o ELN, a igualdade social e a nacionalização dos recursos naturais; o MRL, os ideais fundadores do Partido Liberal; a ADO, os direitos da classe operária; o M-19, o ideal bolivariano; o Quintin Lame, as causas indígenas; etc.

As diferenças entre esses grupos revolucionários eram conseqüência de pequenas discrepâncias ideológicas. Mas a maioria deles coincidia no método para alcançar suas metas: a luta armada. No percurso do tempo, alguns grupos desapareceram antes de se tornarem perigo para o poder estabelecido, outros conseguiram sobreviver. Dos sobreviventes, as FARC-EP são o grupo que melhor se consolidou política, econômica e militarmente. Talvez o fator que mais contribuiu para isso tenha sido a racionalização que essa coletividade fez da guerra. De fato, desde os começos elaboraram planos estratégicos de longo prazo, onde escalonaram metas militares e políticas, definiram as áreas de expansão e formularam estratégias de combate e formas para captar recursos de autofinanciamento. Graças à combinação dessas variáveis, hoje o potencial bélico das FARC-EP só é comparável ao do Exército Nacional.

Se levarmos em conta o poder militar do Exército Nacional, será um paradoxo falar sobre o fortalecimento da guerrilha na Colômbia, país onde secularmente as instituições estatais tiveram sua estabilidade pela intervenção da força pública. No seio de um Estado fortalecido militarmente, como foi possível o desenvolvimento da guerra revolucionária? É inegável que as décadas vividas sob o terror das lutas partidárias e dos conflitos agrários contribuíram na formação de comunidades com certa predisposição para a hostilidade contra o estabelecimento. Embora nas cidades tenham-se registrado violentos conflitos armados, a maior intensidade destes registra-se nas zonas rurais do país, onde centenas de camponeses aprenderam a se defender de constantes agressões inimigas e desenvolveram uma grande capacidade de resistência militar.

Na tentativa de verificar o que foi afirmado no parágrafo anterior, poder-se-ia mencionar o caso das comunidades que habitavam a zona oriental da Cordilheira dos Andes, onde se situa a pequena aldeia de Marquetalia, berço social das FARC-EP. Contra todos os prognósticos³⁹, mais que em doutrinas emancipatórias ou em projetos políticos, a guerrilha colombiana encontra suas raízes na capacidade de resistência de comunidades pobres e na displicência com que secularmente as tratou o país. Inseridas num Estado excludente, essas comunidades fizeram da luta armada o caminho para alcançar visibilidade e poder social.

³⁹ O teórico inglês E. Hobsbawm afirma que é pouco provável o surto de graves conflitos sociais de comunidades sedentárias, não alfabetizadas e fechadas na vida rural com outras que estejam em melhores condições (cf. 2002:115).

“Nós somos revolucionários”

A influência do Partido Comunista nos grupos agrários data da década de quarenta. As disputas políticas entre *'limpos'* e *'comuns'*, na década de cinquenta, são a concreção da formação de grupos rivais com uma fundamentação ideológica precisa. Da vertente dos *'comuns'* é que surgirão os assentamentos camponeses comunistas que, na década de sessenta, se constituirão na base social das FARC-EP. *'Tiro Fijo'*, um dos fundadores das FARC-EP e herdeiro dessa experiência, afirma:

Com o Partido Comunista [...] temos muitas coincidências. O Partido Comunista diz que tem que ter uma reforma agrária que entregue a terra gratuitamente a quem quer trabalhá-la. Nós dizemos o mesmo. Esse partido afirma que é necessária uma mudança de estruturas no país por outras que representem os interesses dos trabalhadores. Nisso também coincidimos. Os comunistas sinalizam o imperialismo americano como inimigo fundamental. Nisso nós nos identificamos perfeitamente. Os comunistas propõem dentro de seu programa amplas liberdades democráticas, nós também o propomos. (em ARANGO, 1984:109-110).

A citação acima nos faz perceber que a guerrilha é o resultado do processo de transformação de um movimento agrícola que, na trilha da luta armada, teve a necessidade de procurar uma ideologia que desse consistência a seu projeto político.

No começo do movimento guerrilheiro, houve tentativas de promover a fusão entre a emergente guerrilha e o partido comunista. Tal junção de forças era algo conveniente para ambos os envolvidos. A guerrilha acreditava que o partido comunista facilitaria a persuasão de diversos setores da população e que, através dele, poderia ultrapassar as circunscrições das zonas rurais e adentrar as cidades. Eles queriam que na sociedade civil existissem pregadores, gente que falasse às multidões sobre suas idéias, sobre aquelas novas interpretações da vida e do mundo; gente que soubesse colocar sobre a mesa de discussão os velhos problemas e as novas soluções que o comunismo oferecia. E quem melhor para fazê-lo do que os intelectuais das grandes cidades? Por sua vez, o partido comunista pretendia fazer da guerrilha o seu braço armado.

As expectativas mútuas não eram satisfeitas. O distanciamento entre guerrilha e partido se deu pela divergência de olhares. A diretoria do Partido era constituída por pessoas de procedência

urbana, que moravam nas cidades. A composição social das FARC-EP era predominantemente agrária. A conclusão dos guerrilheiros foi: “*nós não podemos ser dirigidos por correio*”. Desconfiados da política, uma vez que esta nunca lhe trouxe bons resultados, os guerrilheiros se radicalizaram na luta militar. Atualizando o pensamento de Marx e da tradição modernista, preferiram reafirmar a convicção de que a história é feita pelo homem, talhada com o pulso férreo da violência. Fecharam a janela política aberta pelo partido e ficaram com a ideologia comunista, utilizada como verniz no processo de construção de sua identidade revolucionária.

Ter uma identidade revolucionária é uma questão estratégica para a guerrilha. Para o guerrilheiro, ser revolucionário significa ter domínio sobre um discurso envolvente de denúncia e protesto. Identificar-se como revolucionário é ter visibilidade, é abraçar propostas concretas de mudança, as quais inserem os excluídos num projeto coletivo de transformação social, desconsiderado pelo tradicional bipartidarismo colombiano. Ivan Rios, um comandante das FARC-EP, afirmava:

Nós tomamos o marxismo, mas não de maneira dogmática [...]. Os postulados fundamentais, as propostas gerais, a metodologia do conhecimento da sociedade e a evolução histórica, as contradições da sociedade que propõe o marxismo, para nós são vigentes. A própria economia política marxista, o conceito de capitalismo, isso é o fundamental [...]. Nós precisamos perceber como está a nossa sociedade e como fazer para acabar com essas velhas oligarquias que estão montadas no poder há tantos anos e que nos têm deixado cada vez pior. (FERRO/URIBE, 2002:122).

Como se percebe nas palavras acima, os conceitos da guerrilha não são estáticos. É provável que essa flexibilidade da leitura do pensamento de Marx seja motivada pela queda do comunismo.

Face à complexidade da realidade colombiana, que coloca inúmeros questionamentos cujas respostas nem sempre o marxismo/leninismo consegue oferecer, esse grupo viu-se na necessidade de formular um ‘*marxismo à colombiana*’. Nos começos da década de oitenta, eles perceberam que era necessário ampliar seus conceitos. O comunismo pregado pelas FARC-EP começou a ser enriquecido a fim de configurar uma ideologia capaz de explicar, a partir de suas premissas, toda a problemática econômico-social colombiana. Os subsídios para tal empreitada

estavam próximos. Tomando do Pensamento Bolivariano⁴⁰ o discurso político que pugna pela soberania nacional, a guerrilha encontrou um outro argumento para justificar sua luta e ampliar o foco de seus inimigos. Com o lema “*Com Bolívar pela paz e pela soberania nacional*”, a guerra declarada às oligarquias colombianas se estendeu de forma a alcançar o imperialismo americano.

“Lutamos por uma mudança de regime”

Por ocasião dos diálogos de paz encaminhados pelo ex-presidente Andrés Pastrana (1998-2001), líderes guerrilheiros manifestaram:

Nós somos revolucionários que lutamos por uma mudança de regime. Mas queríamos e lutávamos por essa mudança usando a via menos dolorosa para nosso povo: a via pacífica, a via democrática de massas. Essa via foi fechada de maneira violenta para nós com o pretexto fascista oficial de combater as ‘supostas repúblicas independentes’. Como somos revolucionários que de uma ou outra maneira executaremos o papel histórico que nos compete, tivemos que procurar a outra via: a via revolucionária armada para lutar pelo poder⁴¹.

Embora a citação anterior faça menção a tentativas de ação política, é evidente que as FARC-EP desde seu início revelaram-se como um grupo mais militar que político. Esse traço militar é resultante das contínuas interações com grupos rivais e também da racionalização da luta armada, que começa após os embates de Marquetalia.

A primeira evidência desse fato são os lineamentos da Assembléia Geral de guerrilheiros⁴², realizada pelos sobreviventes do ataque a Marquetalia e por outros camponeses de diversos assentamentos comunistas. As primeiras orientações da Assembléia visavam incentivar a luta armada, reafirmar os objetivos políticos e, principalmente, dar começo a uma estratégia de guerra: a dominação territorial, isto é, a ocupação do espaço físico daqueles territórios nos quais a ausência do Estado era patente. Tempos depois, na Segunda Conferência Constitutiva das FARC-

⁴⁰ Chama-se “*Pensamento Bolivariano*” o legado ideológico de Simon Bolívar, prócer da pátria e primeiro presidente do país.

⁴¹ FARC-EP, 2001:50-51

⁴² A racionalização da luta armada foi um exercício norteador das ações guerrilheiras que começou na “*Primeira Conferência Guerrilheira de Marquetalia*”, realizada em Riochiquito, em 24 de setembro de 1964.

EP⁴³, foram avaliadas as ações, planejados objetivos de longo prazo e reafirmada a luta armada como estratégia para conquistar o poder.

Nos começos dessa luta armada, faltava à guerrilha o que sobra ao Estado: recursos humanos e financeiros, liberdade de movimento e apoio popular que ultrapassasse a dimensão regional. Nessas condições adversas, como formar um exército revolucionário de dimensão nacional? Embora na sociologia seja aceita a equação violência/poder, ou seja, quem exerce a violência é aquele que monopoliza o poder⁴⁴, no caso das FARC-EP, essa equação foi alterada. Na previsão da guerrilha, o processo para conquistar o poder consistia em trilhar o caminho da violência: sem violência não é possível conquistar o poder.

Optar pelo caminho da violência, inicialmente, trouxe conseqüências funestas para a nascente guerrilha. Entre 1966 e 1968, o grupo quase foi aniquilado. A resposta às ações da guerrilha, por parte do governo central, foi de repressão militar. Embora aparentemente o Exército levasse vantagem nos confrontos, o que se evidenciava na prática é que, a partir das perseguições sofridas, o grupo encontrava argumentos para justificar suas lutas e, conseqüentemente, causas objetivas para aumentar nos guerreiros a aversão pelas “*oligarquias*” que concentraram em torno de si o monopólio econômico e político do país.

As expressões de violência da emergente guerrilha pareciam mais uma manifestação de impotência que de poder. No entanto, eles conseguiram fazer da adversidade uma aliada e, assim, progressivamente, na medida em que interagiam com grupos inimigos, aqueles camponeses ‘*subversivos*’ adquiriam confiança em suas possibilidades de luta. A violência como manifestação de resistência gerou neles clara consciência de que poderiam perseverar em seu projeto. Ela lhes permitiu adquirir maior segurança em sua força e proporcionou-lhes um projeto de vida na clandestinidade.

Em razão das constantes ameaças inimigas, o grupo incorporou a mobilidade como maneira de operar. A experiência de anos de luta lhes ensinou que a movimentação contínua por

⁴³ Realizada de 25 de abril a 5 maio de 1966, em El Duda, Casa Verde.

⁴⁴ Nesse sentido, é que se podem entender as previsões de Weber quando afirma que a monopolização da violência é competência do Estado para garantir seu poder (1974: 98)

diversos territórios os pouparia de agressões. Como já afirmado, o espaço escolhido para agir foi o das regiões onde a ausência do Estado era quase total. Exercendo grande influência sobre as comunidades, passaram a delimitar padrões sociais, estabelecendo normas e afirmando valores. Nessas localidades, os guerrilheiros ostentavam poder e, progressivamente, tornavam-se referencial de autoridade. Assim, com o passar do tempo, esse poder foi se consolidando e mostrando aos guerrilheiros que as práticas violentas, inicialmente justificadas pela necessidade de proteção, tornavam-se instrumento de reversão daquele quadro. Os que eram vítimas começaram a exercer, na surdina, o poder do qual antes careciam. Os guerreiros passaram a experimentar um sentimento coletivo de satisfação, fruto da visibilidade que conquistavam no cenário social. Em poucos anos de ação, era fato a irrupção dos excluídos no contexto nacional, dominado, tradicionalmente, por uma sociedade burguesa indiferente, acostumada a conviver com a exploração e o domínio.

Essa notoriedade nacional foi alcançada na década de setenta. Lembro que, na minha infância, no sul do país, ouvia debates públicos nas ruas, opiniões diversas sobre problemas sociais que a todos afetavam. A guerrilha colocou em pauta a luta revolucionária e se revelava como a única alternativa capaz de frear a aplicação do modelo capitalista que abria cada vez mais a brecha entre ricos e pobres. Pairava no ar a impressão de que o povo não tinha outro porta-voz para reclamar seus interesses. Esse sentimento coletivo de abandono não era gratuito, e sim consequência do descrédito dos partidos políticos tradicionais e da falta de ação dos sindicatos e outras organizações populares.

Enquanto, em outros países, os sindicatos eram a mais viva expressão da resistência popular, na Colômbia, o perfil incorporado pela classe operária parecia se adequar aos interesses de seus líderes. O sindicalismo oficial⁴⁵ se mostrava mais preocupado em alcançar vantagens para o Estado do que representar os interesses trabalhistas e sinalizar alternativas para viabilizar o desenvolvimento do país. Operários vinculados a empresas do Estado, como a indústria petrolífera, redes ferroviárias e portos, fizeram das centrais operárias uma elite burocrática, uma central de cargos privilegiados pela posse de fortins econômicos, o que terminou minando

⁴⁵ Na Colômbia, a liderança sindical tem-se revelado bastante tímida. Apenas nas eleições de 2002 mostrou certa força de representatividade social, conquistando algumas posições na administração pública.

pretensos avanços no amparo ao trabalhador. Sem forças coletivas que pressionassem o Estado, as causas sociais foram ficando relegadas a um segundo plano, o que favoreceu o desenvolvimento das lutas revolucionárias guerrilheiras.

“Regra é regra e a questão é obedecer”

As ações militares da guerrilha se encaixam no modo de operar da “*guerra irregular*”. Essa estratégia encontra sua principal característica na mobilidade permanente dos combatentes. A opção por esse modo de enfrentar o inimigo foi tomada na Conferência do Bloque Sur, cujos detalhes são lembrados assim por Jacobo Arenas:

consistia numa guerrilha que hoje pode estar aqui e amanhã, a léguas de distância; que opera um mês num estado, no próximo em outro estado, e aos três meses em outro estado, e num ano pode ter percorrido parte considerável do território do país lutando [...]. Nós falamos: a guerrilha revolucionária morde e foge para voltar a morder e a fugir e assim sempre, na guerra irregular. (Em ALAPE, 1994:27).

Com essa estratégia, a guerrilha dificulta sua localização, dificilmente o opositor saberá com exatidão o lugar e as condições em que esta se encontra. Pela combinação de ataques por surpresa com a rápida dispersão do lugar de combate, o resultado previsível é que o adversário se desgaste e se fadigue. Em conseqüência disso, sentindo-se permanentemente ameaçado, ciente de possíveis ataques de súbito, sua vontade de defesa é minada, ficando dessa forma submetido psicologicamente às iniciativas da guerrilha, dado que é esta a que decide o momento e a forma de atacar. Por outra parte, a “*guerra irregular*” é de longa duração e de baixa intensidade. Em perspectiva de futuro, sobreviverá o grupo que possa ter mais fôlego para conservar-se em pé-de-luta. Graças a essa forma móvel de operar, perambulando por quase todo o território nacional, a guerrilha dá a impressão de onipresença, mesmo que algumas Frentes contem com um número reduzido de combatentes.

No entanto, se, por um lado, a vida itinerante da guerrilha facilitava a execução de suas ações, por outro acarretava o desafio de homogeneizar a diversidade de membros e manter a ordem e a coesão internas. Dessa maneira, a guerrilha desenhou um aparelho disciplinar que, com o tempo, se tornou seu melhor aliado tanto na sua capacidade combativa quanto na formação de

seu *habitus guerreiro*. Nesse aparelho militar, articulavam-se harmoniosamente ideologia, estrutura organizativa, coordenação de mandos e experiência militar sob a forma de Estatuto, Normas e Regimento Interno. Com isso, a guerrilha adquiriu dimensão institucional, dando o grande pulo em seu processo de consolidação⁴⁶. Assim, seu projeto político não correria mais o risco de ficar à mercê de pessoas efêmeras que pudessem aniquilar a estabilidade de que o grupo precisava para se fortalecer.

Com a aplicação desse complexo aparelho disciplinar, os traços característicos do *habitus guerreiro* nas FARC-EP tornaram-se mais definidos. Cada uma das ramificações que formam esse aparelho disciplinar atinge uma dimensão concreta da vida em comum guerrilheira, tal como se prevê no seguinte texto:

O Estatuto formula em essência os fundamentos ideológicos das FARC-EP, define sua estrutura orgânica, o regime de comando, os deveres e direitos dos combatentes e outros princípios básicos da organização revolucionária. O Regulamento de Regime Disciplinar trata de questões essenciais de ordem militar. As Normas Internas de Comando tratam o cotidiano no exercício diário das diversas unidades das FARC-EP, incluídas comissões, missões e Unidades Táticas de Combate⁴⁷.

À semelhança das cidades antigas que precisavam construir muralhas para delimitar o campo de ação dos seus cidadãos, também na guerrilha foram construídas normas para orientar as ações dos combatentes. Esse conjunto de normas deu origem a um complexo funcional de coerções internas que comanda a vida individual de tal maneira que torna o guerrilheiro peça essencial de um corpo coletivo uniforme, onde as particularidades individuais são praticamente imperceptíveis.

No teor de cada norma, com tom imperativo, são proibidas todas as ações que não estejam em sintonia com as pretensões coletivas. Em seu conjunto, as normas são apresentadas para o guerrilheiro como um saber maior diante do qual não se admitem discussões nem questionamentos. “*Regra é regra e a questão é obedecer*” - falava para mim um guerrilheiro. Insistir no ato de obedecer-lhe é a melhor forma que encontrou o grupo para evitar pulverizar-se

⁴⁶ Ver a institucionalização das FARC-EP em FERRO/URIBE, 2002: 40-57.

⁴⁷ FARC-EP, Estatuto: 2-3

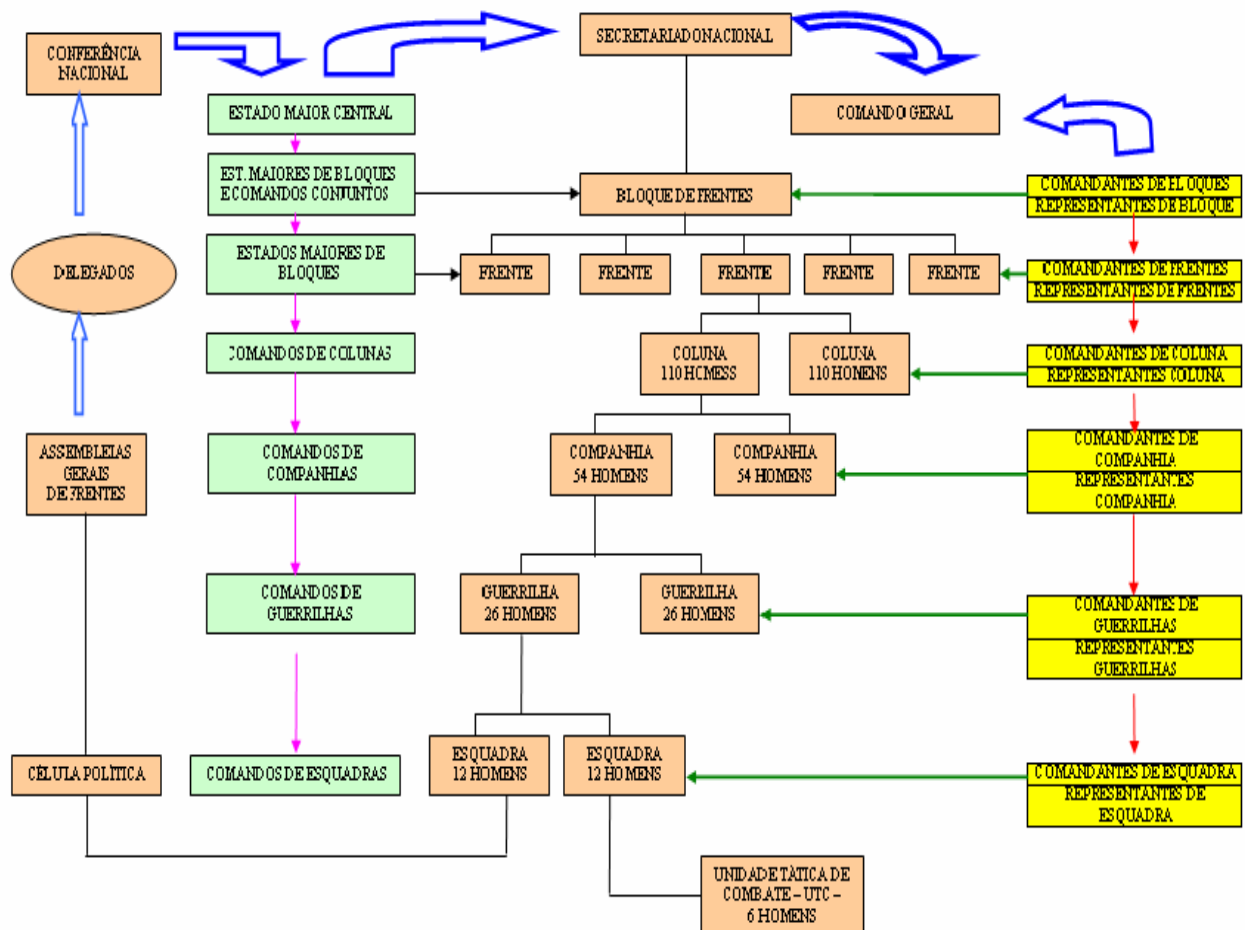
por consequência da heterogeneidade de seus membros. A obediência às normas, além de garantir coesão interna e estabilidade grupal, dá um matiz peculiar à vida em comum guerrilheira. De fato, o complexo de relações pessoais governado pelos mesmos códigos de conduta – tendo lugar privilegiado a obrigatoriedade da obediência, a participação submissa nas atividades delegadas, o rigoroso cumprimento dos horários e a aceitação passiva das condições precárias de vida - têm uma dupla função: desencadear um processo de treinamento para inculcar nos guerrilheiros valores muito específicos e um processo de seleção para escolher estruturas de personalidade capazes de assimilar o *habitus* guerreiro característico das FARC-EP.

A vida no grupo guerrilheiro

Os líderes são os tutores do conjunto normativo que rege a vida guerrilheira. Em decorrência desse fato, conforme a competência e o lugar que ocupe esse líder no quadro de mandos, poderá exercer o poder sobre os guerrilheiros subalternos. Dos cargos de responsabilidade no exercício do poder, o principal é o de comandante, dado que na guerrilha as funções são poucas e aquelas de escassa importância, como a de tesoureiro ou secretário, na maioria das vezes, são executadas pelo próprio comandante. Com essa redução de mediações na distribuição de poder, a coordenação é ágil e não embaraça a produtividade das diversas unidades guerrilheiras. A não interferência de mandos permite que as ordens se cumpram rapidamente, evitando que se retardem os processos. Mas os comandantes não são autônomos, a execução de ações militares é decidida em sintonia com os planos traçados pelo Secretariado Maior Central, órgão máximo de comando, o que garante a coordenação da guerrilha em toda sua extensão, bloqueia invenções espontâneas ou criatividade surpreendentes e protege o grupo de tendências ditatoriais ou da dependência de indivíduos singulares.

Essa eficiência operacional é consequência do fato de as FARC-EP, desde suas origens, terem-se organizado burocraticamente. Com efeito, objetivando assegurar uma sólida coordenação, na Sexta Conferência Guerrilheira, realizada em 1978, foi criada uma estrutura funcional em total interdependência com os diversos órgãos que compõem essa coletividade. Desenhada de forma piramidal, cada estrutura de poder está integrada colegiadamente em todas

suas instâncias⁴⁸. Foram definidas a estrutura dos quadros de comando, suas funções e o número de integrantes⁴⁹. A distribuição de poder na estrutura hierárquica da guerrilha acontece de forma descendente. No seguinte quadro podemos perceber essa estrutura organizacional geral desse movimento guerrilheiro.



⁴⁸ A essa estrutura organizacional, somam-se as denominadas “Milícias Bolivarianas” e as “Milícias Populares” que, embora não participem da vida militar guerrilheira, operam em conjunto com as Frentes, para realizar ações de inteligência, principalmente, nas cidades.

⁴⁹ Em ordem descendente, os organismos de direção são: Estado Maior Central, Comando Geral, Os Estados Maiores de Bloque e de Frente, os Comandos de Coluna, Companhia, Guerrilha e Esquadra (Estatuto das FARC-EP, Cap. III, artigo 4, letra o).

Como se pode observar no gráfico anterior, a máxima instância de decisão é a “Conferência Nacional de Guerrilheiros”. A partir dela, os quadros de governo se estruturam, as estratégias de guerra se reformulam e se avaliam os passos dados em direção dos objetivos traçados pela organização. A Conferência deve acontecer a cada quatro anos. Participam dela pessoas escolhidas colegiadamente por todos os membros da organização. A Conferência designa o Estado Maior Central (EMC), organismo superior de direção e mando, integrado por trinta e um membros. Este nomeia, por sua vez, o Secretariado do Estado Maior Central (SMC), integrado por nove componentes. O Secretariado faz, às vezes, de executivo e toma as decisões necessárias enquanto as outras instâncias não estão reunidas.

A estrutura de poder está desenhada de tal maneira que não deixa espaço para a dispersão individual. Embora o número de integrantes seja elevado, as FARC-EP parecem não possuir dificuldades na administração do pessoal. É provável que isso seja consequência da forma como está organizada a estrutura básica da organização: a “*Esquadra*”. Na estrutura piramidal de poder, a esquadra é a menor unidade. Nela, concretiza-se a existência do fenômeno social guerrilheiro e, através de suas ações, materializa-se a utopia revolucionária. Cada esquadra é integrada por 12 componentes. Com essa estratégia, o poder de coerção grupal é mais intenso e, conseqüentemente, a autonomia individual fica reduzida a sua mínima expressão. É, nesses pequenos núcleos humanos, que o guerrilheiro experimenta o rigor da disciplina militar. Lá é que ocorrem a obediência às normas, como a divisão do trabalho, a pontualidade nos horários, o cuidado com os movimentos, o aprendizado do manuseio da arma e a resignação de viver com o que ele possa dispor. Enfim, os detalhes que fazem parte do cotidiano vivido pelo guerreiro na esquadra são os que permitem a ocorrência do processo civilizador, através do qual o *habitus* guerreiro das FARC-EP se instila na diversidade de seus membros.

Com efeito, a fragmentação do todo em partes semelhantes, em esquadras, parece ser uma estratégia imbatível para garantir a conservação e a sobrevivência da guerrilha. A experiência mostra que podem ser eliminados membros ou grupos de combate, mas nunca a totalidade da organização. Sobreviventes de esquadras atacadas por forças inimigas se encontram e o grupo se

reconstrói⁵⁰. Além disso, a materialização do todo em pequenas unidades mostrou ser a melhor estratégia de dominação individual e o antídoto contra qualquer tentativa de deserção ou criação de facções grupais⁵¹.

A vida individual nas esquadras é cercada de cuidados. O pragmatismo da rotina militar cotidiana é a oportunidade que o grupo tem para absorver seus membros. O tempo dos guerreiros é empregado na execução das mais diversas atividades decorrentes da divisão do trabalho. Compete ao comandante coordenar essas ações. Melisa, lembrando seu ingresso na guerrilha, comenta:

Durante oito dias, fui nomeada para a cozinha. Na minha casa, odiava cozinhar; muitas vezes não me alimentava por não fazer comida [...]. O que mais me incomodava era lavar pratos e, na minha casa, no pior dos casos, eram dez pessoas. Na guerrilha, embora não tivesse que lavar os pratos, tinha que cozinhar para sessenta pessoas, três vezes por dia [...]. Comia-se carne de vez em quando. As vezes que acontecia era uma tragédia porque tinha que ajudar a preparar a vaca⁵².

A divisão do trabalho é meticulosa e rotineira. Os componentes das diversas estruturas sempre têm uma tarefa a cumprir. Assim, por exemplo, as responsabilidades no interior no EMC de cada Frente se denominam “Carteira”, como: Comunicações, inteligência, contra-espionagem, educação, logística e finanças, armamento, organização e massas, agitação e propaganda, saúde, controle de pessoal, etc. Através desta distribuição de responsabilidades o grupo gera tal força centrípeta que agrega o indivíduo por inteiro, colocando-o a seu serviço.

Cada guerreiro tem tarefas a cumprir e o rigor disciplinar do grupo se encarrega de fazer acontecer. Os diversos trabalhos, mesmo aqueles realizados individualmente, são de interesse coletivo, trazendo como consequência o fortalecimento da rede de interdependências entre os guerrilheiros, dado que cada um necessita irrevogavelmente do outro. E a necessidade gera engrenagem grupal, força o contato entre os guerreiros e abre caminhos para um processo

⁵⁰ A Terceira Conferência, que aconteceu depois da dura perseguição sofrida entre 1966 e 1968, durante a qual foram assassinados quase 70% dos integrantes das FARC-EP, pode ser um bom exemplo. Os que estavam dispersos se reuniram, avaliaram e traçaram os lineamentos para continuar executando atividades combativas.

⁵¹ Acontecem poucas deserções, e se tem conhecimento de apenas uma facção, que foi a do grupo de Ricardo Franco em 1980. Seu final foi trágico, o grupo foi totalmente aniquilado. “*Deserção consciente*” e formação de facções são tidas como traição, e traição na guerrilha é crime que se paga com a vida.

⁵² Depoimento registrado em MOLANO, 1999:149.

estreito, espacial e dinâmico de interação social que fortalece o grupo. Por outra parte, é freqüente que, pelo fato dos combatentes dependerem uns dos outros para cumprir seus afazeres, se desenvolvam sentimentos de solidariedade grupal e de pertença a essa organização guerrilheira⁵³.

No entanto, se a divisão do trabalho fortalece o grupo, conseqüentemente ela reduz ao mínimo as possibilidades de individualização dos guerreiros. Fechado o cerco pelas coerções grupais, a autonomia individual é substituída pela obediência às normas. Na guerrilha, a especialização funcional é banida pela rotação constante nos serviços. O que interessa ao grupo é que o trabalho seja realizado independentemente de quem o faça, razão por que o guerrilheiro raso, aquele que não detém patente nem distinção, pode ser substituído a qualquer tempo, uma vez que as funções que ele desempenha podem ser realizadas por qualquer outro, sem importar o gênero, a idade, a experiência ou o nível acadêmico. Ele não passa de um instrumento cuja utilidade é alcançar os objetivos perseguidos pela guerrilha. Dessa forma, partindo do fato de que à guerrilha nunca faltou material humano, o guerrilheiro raso, enquanto ser humano com uma biografia precisa, perde seu valor. De outra sorte, funções de responsabilidade como a de mando, de secretariado, de inteligência militar e outras que demandam certas habilidades individuais, tornam-se palanque de visibilidade e reconhecimento entre os guerreiros.

“Nós temos o apoio do povo”

Sem o aumento sempre crescente do número de combatentes⁵⁴, provavelmente o fortalecimento político e militar das FARC-EP não teria sido possível. Na época de sua fundação, o grupo contava com 48 integrantes. Posteriormente, organizados em pequenos grupos e a fim de recrutar futuros combatentes, deslocaram-se pelas regiões rurais onde poderiam exercer maior influência sobre a população local. A ausência do Estado nessas regiões favoreceu sua mobilidade e o entrosamento com a população. As comunidades pobres e afastadas, sem alternativas de lazer nem possibilidades de acesso a qualquer meio de informação massiva, tornaram-se seu alvo.

⁵³ A esse respeito pode-se ver em DURKHEIM, 1960:19-34.

⁵⁴ O número exato de militantes das FARC-EP é difícil de se fixar. Calcula-se que, até o ano de 2005, eram mais de 16.500 combatentes, dos quais, segundo depoimento do comandante Ivan Rios (FERRO/URIBE 2005:64-65), 90% são camponeses. Entretanto, segundo informações do serviço de inteligência do Exército Nacional, o número de guerrilheiros de origem urbana é mínimo, não chegando a alcançar sequer 1% do total de combatentes.

Dessas comunidades é que ela capta o maior número de componentes para ampliar seus quadros. Esse fato tem favorecido o fortalecimento dos elos de unidade grupal e o exercício de dominação dos líderes guerrilheiros. Governar por tanto tempo um grupo tão numeroso seria praticamente impossível se não existissem certas manifestações de pensamento e comportamento que dêem características de homogeneidade entre seus membros. Cada novo integrante, na prática, é como se fosse a reprodução dos traços comuns a todos os guerrilheiros.

Crianças e jovens mostraram-se mais disponíveis para trilhar os caminhos da revolução. É provável que a falta de oportunidades seja o motivo para que o jovem camponês veja na guerrilha uma alternativa de vida, que ele faça de sua inserção no grupo um pretexto para romper com a monotonia de uma vida ingrata, de trabalho escasso e pesado, com um salário quase que insignificante⁵⁵. Talvez perceba que na guerra contra o estabelecimento, ele possa viver a irresistível tentação da aventura, a possibilidade de se deslocar e conhecer novos lugares, de realizar ações militares que exaltem sua hombridade e de experimentar novas emoções através do uso das armas. Disse para mim um guerrilheiro:

A gente entra na guerrilha porque é pobre. Em casa passávamos muita fome. Não conheci meu pai, minha mãe teve quatro filhos. Eu pensei que, indo para a guerrilha, em casa o alimento aumentaria e meus irmãos poderiam comer mais. Eu queria mesmo ficar em casa, mas não podia porque minha mãe não conseguia comida suficiente para todos. Depois que fui embora, ninguém me procurou, acho que era porque sabiam que isso era o melhor para todos.⁵⁶

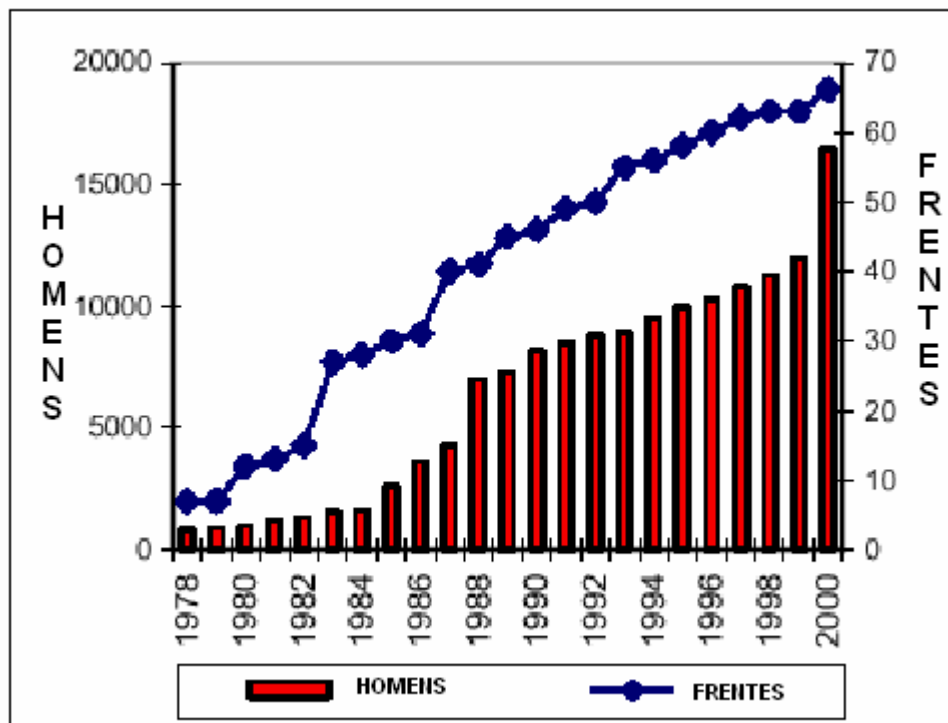
Esse depoimento foi proferido por um jovem que nasceu na região andina, onde o apego a terra e à família é uma marca social. A pobreza parece ser um fator determinante na hora do camponês tomar a decisão de se inserir na guerrilha. É de se deduzir que os sentimentos de frustração e de impotência diante de sonhos e esperanças pesam mais que o apego à terra e à família. Na Colômbia, para muitas pessoas sem oportunidade de escolha, a guerrilha tornou-se alternativa de algum tipo de realização humana.

⁵⁵ O trabalho nas zonas rurais da Colômbia não tem fiscalização do Estado. O serviço que melhor remunera o trabalhador é a colheita de folha de coca, dado que uma diária pode alcançar o valor de até 18 dólares. Normalmente, o camponês assalariado recebe 5 dólares por 10 horas de trabalho.

⁵⁶ O depoimento acima transcrito foi colhido na prisão de Pasto, nas circunstâncias descritas na Introdução desta pesquisa. Todos os demais depoimentos que adiante serão mencionados, com exceção do prestado pela guerrilheira de nome Rosa Flor, foram tomados na mesma ocasião, razão por que deixarei de acrescentar as competentes notas bibliográficas.

O proselitismo da guerrilha é eficiente graças aos métodos utilizados. Na interação com a população, os guerreiros são persuasivos. Sua pregação revolucionária é carregada de positividade. Cada palavra dirigida aos eventuais combatentes tenta levá-los a descobrir as extraordinárias possibilidades de ser artífice no processo de construção da “nova Colômbia”. Os líderes guerrilheiros, dirigindo seu olhar amistoso, quase que fraterno, convidam os jovens a fazerem parte do movimento e, dessa maneira, tornarem-se protagonistas do sublime ato de se libertar “*de forças que oprimem e exploram o país*”. Pelos dados fornecidos no seguinte gráfico, pode-se perceber o significativo poder de convocação das FARC-EP no intuito de preencher seus quadros militares.

GRÁFICO - NÚMERO DE HOMENS E FRENTES - FARC - EP



Fonte: Ministério da Defesa

No discurso, parece que é muito importante dar a impressão de que todos os elementos da sociedade estão representados na guerrilha, que ela tem congregado em torno de si quase toda a população colombiana. O proselitismo, assim como quase todas as ações da guerrilha, está marcado por uma forte racionalização da guerra. Nesse sentido, disse-me um ex-guerrilheiro:

Tive um curso de formação política. Aprendemos como educar as massas e recrutar mais jovens. Eles escolhem moças bonitas e homens elegantes para que a rapaziada tenha uma imagem boa a qual queiram imitar. Mentíamos muitas vezes para poder recrutar-los: lhes falávamos que [na guerrilha] ganhariam bem e que a vida era boa. Organizávamos uma reunião na escola e o pessoal aparecia. Amiúde, tínhamos entre 15 e 30 pessoas, eu dava o discurso das boas-vindas e havia outro monte de discursos. Falávamos muito dos ‘paracos’ [paramilitares] porque o pessoal tinha medo deles. Lhes dizíamos que tinham que contar para nós se algum desconhecido chegava, que nos mantivessem informados. Também treinávamos os camponeses a se defender. Lhes dávamos armas e eles praticavam tiro⁵⁷.

A guerrilha sabe que do recrutamento depende sua sobrevivência e é por isso que zela para que essa atividade não aconteça de improviso. Quem ainda não faz parte do grupo precisa ser persuadido, deve ser conquistado com o uso de todos os argumentos possíveis, ainda que muitos sejam falaciosos.

No discurso, não se revelam as exigências e os riscos da vida militar guerrilheira. Pelo contrário, aduz-se que o engajamento no movimento não é para a vida toda, que é uma questão de pouco tempo, dado que o momento da vitória se faz próximo. Se a pobreza dos ouvintes é evidente demais, fala-se das benesses de pertencer à guerrilha e da possibilidade de ganhar dinheiro e ajudar financeiramente a família. Aos jovens, promete-se uma vida de aventuras e de emoções fortes; aos desempregados, uma ocupação que rompa com o tédio de uma vida monótona. Se por acaso surgir alguma rejeição ao Estado, a questão é facilmente resolvida: o discurso reafirmará que na guerrilha a pessoa terá a oportunidade de acabar de vez com essa “*estrutura opressora e oligárquica*”.

O proselitismo só pode trazer resultados positivos se a versatilidade do discurso permitir que o apelo do movimento corresponda às experiências ou desejos dos ouvintes. Por essa razão,

⁵⁷ HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:69.

as vicissitudes do cotidiano são silenciadas. Os encarregados da propaganda guerrilheira sabem que, na esfera pública, deve-se falar daquilo que é considerado importante, digno de ser visto e ouvido por todos. O supérfluo, o irrelevante, o que possa ser motivo de desencanto, se não for condenado ao silêncio, será assunto privado, para ser comentado somente na intimidade do grupo.

Os discursos de captação de novos combatentes são acalorados, carregados de denúncias e protestos. Inspirados na Teoria da Dependência⁵⁸, os guerrilheiros afirmam que a crescente pobreza e o subdesenvolvimento do país servem para confirmar a veracidade da doutrina revolucionária. Os culpáveis por isso são apontados. A estagnação da economia e a distribuição desigual da riqueza são atribuídas às oligarquias nacionais e ao colonialismo europeu de séculos passados, levado ao extremo pela expansão do imperialismo norte-americano. Esses inimigos externos, segundo o discurso guerrilheiro, fragilizam as instituições públicas e agravam a situação de pobreza e exclusão social de milhões de colombianos⁵⁹.

Na maioria dos casos, os ouvintes percebem nesse discurso uma narrativa de suas próprias vidas. A força da palavra lhes renova a ilusão de construir com as armas melhores condições de vida para si e para os seus. Quem vive desprovido de tudo dificilmente poderá manter-se imune a esse espetáculo de sugestões. Camponeses e jovens das periferias das grandes cidades, estimulados por esse tipo de discurso, tornam-se terreno fértil para o desenvolvimento dos sentimentos de ódio e revolta diante dessas '*estruturas opressoras*' do país.

A partir da década de noventa, a guerrilha alcançou ótimas condições financeiras para adquirir armas e manter um número significativo de combatentes. Esse fato fez com que as técnicas de recrutamento mudassem. Embora o discurso guerrilheiro mostrasse resultados, a

⁵⁸ Elaborada na América Latina nos anos sessenta e setenta, essa teoria deu coerência intelectual à auto-afirmação do enriquecimento do Norte em detrimento do empobrecimento do Sul. Tendo como vozeiros privilegiados os movimentos de esquerda, na sua multiplicidade de ramificações, a Teoria da Dependência fornece argumentos que atribuem a pobreza primeiro ao colonialismo, posteriormente ao neo-colonialismo e, atualmente, ao expansionismo das empresas multinacionais. Cf. FUKUYAMA, 1992:151-164.

⁵⁹ É esse o teor dos discursos e declarações públicas da guerrilha, tal como se pode ver nas diversas declarações de seus líderes à agência de comunicação ANNCOL, órgão de comunicação das FARC-EP. Ver em <http://www.anncol.org/es/site/index.php>

guerrilha passou a se valer de métodos violentos para recrutar pessoal suficiente ao preenchimento de seus quadros. Rosa Flor, lembrando como ingressou na guerrilha, afirmou:

Fui parar na guerrilha por um erro da vida. Na vila, tinha um grupo do Exército e eu mais uma colega gostávamos de sair da escola para dar uma ‘espiadinha’. Os soldados se aproximavam, conversavam com a gente, mas não rolava nada porque os revezavam com frequência. Um dia, quando ia para minha casa, fui abordada por dois homens. Falaram que eram da guerrilha e que eu estava sendo levada para castigar-me por ser colaboradora do Exército. Não entendi nada do que estava acontecendo, até que dois dias depois o comandante me informou que não poderia regressar mais para minha casa porque pertencia à guerrilha.

Casos como o de Rosa Flor tornaram-se recorrentes. O recrutamento forçado de crianças e jovens é, de fato, um mecanismo das FARC-EP para somar forças, crescer em número e fortalecer-se militarmente.

Um outro fator que contribui para o fortalecimento da guerrilha é a propaganda privada. O grupo dispõe de sítio eletrônico, de revista e frequentemente se vale da velha técnica do panfleto e da pichação como forma de divulgar seus feitos e mostrar presença nas regiões onde opera. Entretanto, nada tem contribuído tanto para a divulgação das FARC-EP quanto os meios de comunicação de massa. Confrontos com o exército, assassinatos individuais ou coletivos, seqüestros e ações políticas de todas as ordens, são divulgados pela mídia; imagens e depoimentos sobre a guerrilha são veiculados como parte dos fenômenos cotidianos da vida nacional. Com isso, o poder da guerrilha se revela e alcança notória visibilidade. Para que sua mensagem seja reconhecida também no exterior, o grupo criou a Comissão Internacional, cujos delegados têm como missão fazer com que a comunidade internacional se solidarize e apóie a causa revolucionária.

Com o aumento progressivo do número de combatentes, tornou-se conseqüentemente necessário o acúmulo de capital. No mundo da guerra, a incorporação de guerreiros e a acumulação de capital são como faces da mesma moeda. Manter um exército revolucionário tem um custo econômico elevado; sem capital, qualquer tentativa de crescimento seria vã. No entanto, a acumulação de guerreiros e de capital seria impossível se não se levasse em conta um fator determinante na arte da guerra: a expansão territorial.

De Marquetalia até os confins do país

Em 1982, com a realização da sétima conferência das FARC-EP, formulou-se uma nova concepção de caráter militar que levaria o movimento a se tornar eminentemente ofensivo. Definido o novo método de operar, tomou-se a decisão de ocupar espaços nos quais até então a guerrilha não se havia feito presente. A dominação territorial tornou-se fator essencial para o desenvolvimento da guerra revolucionária. Aproveitando o vazio deixado pela falta do Estado, a guerrilha se apresentava, em algumas regiões, como solução eficiente para os problemas de segurança, justiça, ordem social e, em geral, de tudo aquilo que deveria ser promovido pelo governo.

Dominar o território é fundamental para o fortalecimento político e militar, para incrementar as finanças e, principalmente, para exercer domínio sobre a população das regiões onde o grupo opera. A presença guerrilheira tem deixado resultados positivos em algumas comunidades. Mas, na maioria dos casos, a guerrilha, agindo sob o velho critério de “*quem não é por nós está contra nós*”, tem causado enormes prejuízos à população local. De fato, empurrada pelo anseio de estender seu domínio, a guerrilha tenta eliminar tudo aquilo que possa ser obstáculo ao seu projeto político. Nesse sentido, quem não se adequar às suas exigências políticas, econômicas e militares pode ser vítima de seqüestro, expulsão da região ou de algum tipo de escárnio público, como trabalhos físicos forçados, serviços de assistência social a pessoas carentes ou, no pior dos casos, correr o risco de ser assassinado. É de reconhecer que a lista de pessoas assassinadas é extensa; nela figuram importantes atores sociais: líderes comunitários, representantes de ONGS, políticos, professores, sacerdotes e profissionais de diversas áreas. Muitos, diante da ameaça, preferem fugir para as capitais do país⁶⁰.

Na tentativa de expandir sua dominação territorial, as FARC-EP têm-se confrontado com a oposição de outros grupos guerrilheiros e com organizações paramilitares financiadas por

⁶⁰ No relatório da Consultoria para Los Derechos Humanos y Desplazamiento divulgado em maio de 2005, se afirma que nos primeiros três meses de 2005 foram expulsas de suas propriedades 61.997 pessoas e assassinadas 1.037, o que significa que, por dia, mais de 688 pessoas são forçadas ao êxodo e 11 perdem a vida. Segundo alguns analistas, a tendência é de que essas cifras possam aumentar. O texto pode ser lido em http://www.codhes.org/index.php?option=com_content&task=view&id=3&Itemid=5.

latifundiários e narcotraficantes. As regiões aptas ao cultivo de coca ou ricas em exploração dos derivados da mineração e os territórios de fronteira por onde circula o contrabando são os mais disputados por esses grupos. Mesmo tendo o marxismo como denominador comum, o que se observa entre os grupos revolucionários colombianos é que a tendência é de se repelirem mutuamente. Por essa razão, registram-se inúmeros confrontos entre grupos revolucionários locais⁶¹. Provavelmente, tais fatos ocorrem mais pela necessidade que todos os grupos têm de garantir o auto-sustento⁶² do que por divergências ideológicas.

O expansionismo guerrilheiro começou por regiões pobres e isoladas onde era possível ter liberdade de ação, possibilidades de subsistência e segurança. Mas, com o passar do tempo, a guerrilha precisava também de se fortalecer financeiramente. Assim, buscar fontes de financiamento para sustentar a máquina de guerra passou a ser uma de suas principais ocupações na década de oitenta. Com invenção criativa, desenharam estratégias com vistas a garantir o crescimento econômico. Para perceber esse crescimento financeiro, em decorrência da expansão territorial, considero oportuno acompanhar a pesquisa de Naylor⁶³. Tomando como critério a relação que a guerrilha possui com a população e com a economia local, esse pesquisador acredita ser possível identificar pelo menos três tipos de arrecadação de fundos para o financiamento da guerrilha: predatório, parasitário e simbiótico ou orgânico⁶⁴.

⁶¹ Pode exemplificar essa afirmação a guerra travada entre as FARC-EP e o EPL no ano de 1991. Depois que o EPL assinou a paz com o governo e se incorporou à vida civil, procurando alcançar uma projeção política através do partido “*Esperanza, Paz y Libertad*” na região de Uraba, os membros que possuíam alguma liderança regional ou que gozavam de uma boa projeção política foram sistematicamente assassinados pelas FARC-EP, sob acusação de traição à revolução, embora a causa do genocídio apontasse para a disputa pelo domínio da região e pela liderança do maior sindicato de agricultores da Colômbia, o SINTRAINAGRO, que, na época, agrupava mais de vinte mil trabalhadores rurais. Em 1994, atribuiu-se às FARC-EP, no confronto mencionado, o assassinato de cento e vinte ex-guerrilheiros.

⁶² São poucas as experiências de convivência pacífica entre grupos guerrilheiros. Os fatos acontecidos nos anos de 1986 a 1989, em Pueblo Nuevo, pequena região interiorana com economia de auto-sustento, podem nos ajudar a entender a inconveniência da convivência entre grupos guerrilheiros. Com o interesse de melhorar a condição de vida dos moradores, espontaneamente se congregaram várias ONGs de orientação socialista, uma frente do ELN, seis frentes das FARC-EP, duas frentes do EPL, uma frente do Quintin Lame e cinco frentes do M-19. Ainda que a intenção de cada uma dessas organizações fosse, teoricamente, promover a melhoria das condições de vida da população civil, terminaram prejudicando-a economicamente. Pelo fato de ter que sustentar esses grupos durante três anos, a região empobreceu rapidamente e os camponeses, pessoas simples que viviam do trabalho agrícola e pecuário, ficaram desiludidos de qualquer perspectiva de mudança social.

⁶³ Ver em *The Insurgent Economy: Black Market Operations of Guerrilha Organizations*, em *Crime, Law and Social Change*, No. 20, Kluwer Academic Publishers, 1993.

⁶⁴ Pela combinação desses três tipos de arrecadação de fundos acredita-se que a guerrilha conseguiu auferir um total de 77,16 milhões de dólares só no ano de 2005.

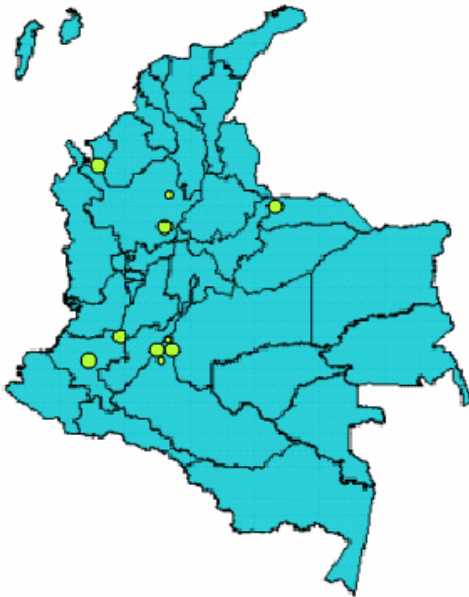
Na classificação de Naylor, consideram-se como atividades de tipo *'predatório'* assaltos, seqüestros e extorsões. São atividades que, além de lucrativas, funcionam também como estratégias militares para pressionar o Estado a ceder às exigências guerrilheiras. Atividades do tipo *'parasitário'* seriam as contribuições forçadas da população civil, exigidas tanto das pessoas jurídicas quanto das físicas. Em estudos geopolíticos que se têm feito dos grupos guerrilheiros, percebe-se que esse é um dos critérios das FARC-EP para a criação de novas frentes de combate⁶⁵. Contudo, o tipo *'simbiótico'* ou orgânico é o que mais resultados econômicos têm trazido para a guerrilha. Consiste no denominado *'imposto revolucionário'*, que são contribuições periódicas de empresários, latifundiários e narcotraficantes. Com este tipo de financiamento, a guerrilha capta seus mais altos dividendos, mas também consegue numerosos inimigos.

Com a desarticulação dos cartéis de Medellín e Cali, o monopólio da produção e comercialização da cocaína, no começo da década de noventa, se tornou uma atividade bastante rentável para a guerrilha. O pagamento do *'imposto revolucionário'* por conta da produção de coca ocasionou à guerrilha enorme crescimento militar, muito mais do que nas três décadas anteriores. Nos anos noventa, a Colômbia ocupou o primeiro lugar mundial na produção de cocaína, superando países como Peru e Bolívia. Em razão do poder aquisitivo que se angariou com a produção e o tráfico da droga, as técnicas de guerra e a implementação dos armamentos utilizados permitiram uma significativa transformação no interior das FARC-EP, transformando-as num exército poderoso, só comparável com o Exército Nacional. Dominar territórios inóspitos tornou-se para a guerrilha uma estratégia fundamental de guerra, dado que esses lugares oferecem maior liberdade para a manutenção de centros de treinamento e formação militar, como também para o cultivo e produção de coca. Os índices de crescimento e expansão militar da guerrilha revelam obedecem, sobre maneira, ao esforço desse grupo por monopolizar o cultivo de plantas de coca. Ao realizar uma observação comparativa entre o estado da guerrilha no ano de 1980 e

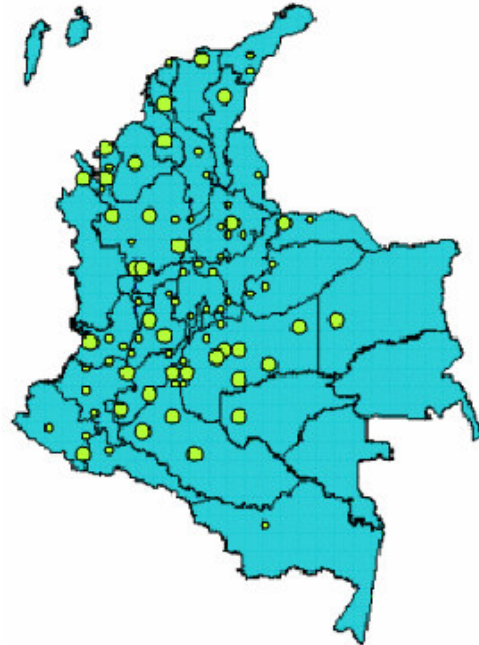
⁶⁵ O procedimento mais freqüente na criação de frentes de combate das FARC-EP é o seguinte: primeiro, uma frente guerrilheira devidamente estruturada envia um quadro político à localidade escolhida para a criação de uma nova frente. Sua missão é explorar o terreno, estabelecer condições de segurança dos moradores da região, localizar pessoas abastadas e analisar o tipo de relação que possui a comunidade com a polícia local. Posteriormente, é enviada uma outra comissão, chamada de ordem pública, que tem como propósito a eliminação de delinqüentes da área e, após a conquista da simpatia da comunidade, o ataque à estação da polícia como forma de neutralizar a área urbana. Se esta tentativa fracassa pela resistência militar da polícia, outros ataques são empreendidos até que se alcance o objetivo. Se não houver resultados positivos, escolhe-se outro território para ser demarcado. Podem-se encontrar mais detalhes acerca desse assunto em RANGEL, 1999:40 e, ainda, na pesquisa realizada por Camilo Echandía em DEAS/LLORENTE, 1999:149.

seu crescimento para o ano de 2000, podemos perceber que o vínculo com atividades ligadas à produção e tráfico de drogas, que se fortaleceu no início da década de noventa, favoreceu, significativamente, o crescimento militar guerrilheiro.

Mapa 1 Presença FARC 1980



Mapa 2 - Presença FARC - 2000



Fonte: Ministério da Defesa

A cobrança do *'imposto revolucionário'* trouxe à guerrilha extraordinários dividendos. Mas, proporcionalmente, também trouxe grandes ameaças. A rejeição às exigências econômicas da guerrilha deu origem a um tipo de resistência armada de profundas conseqüências para o país. Da combinação de forças entre militares do Estado, comunidades locais, latifundiários, empresários, grupos de narcotraficantes e outros grupos guerrilheiros, surgiram os mais diversos grupos para-militares. O primeiro desses grupos veio a lume financiado pelo narcotráfico. Criado na região de Puerto Boyacá⁶⁶, o fenômeno do para-militarismo logo se espalhou por todos os locais onde atuava a guerrilha.

⁶⁶ Fazendeiros articulados e liderados por Gonzalo Rodriguez Gacha, em parceria com grupos terroristas israelitas e britânicos, desenharam sofisticadas técnicas de combate para expulsar as FARC-EP dessa região. A guerra declarada desse narcotraficante contra as FARC-EP está documentada em ARANGUEREM, 2002:93-106 e em MEDINA, 1990.

As regiões onde os grupos paramilitares surgiram se caracterizam pela alta concentração de capital e pela notória ausência do Estado. Ivan Roberto Duque, conhecido chefe paramilitar, narra assim a criação das autodefesas do Magdalena Médio:

[...] a finais de 1982, aconteceu um primeiro encontro de produtores de gado, agricultores e comerciantes da região. Quase 250 empresários se organizaram para defender-se dos atropelos da guerrilha, com base nas disposições legais de 1965 e 1968 (Lei 48 de 1968), que permitiam aos cidadãos portar armas com salvo-conduto. O espírito da lei pretendia que os cidadãos se organizassem e cuidassem de seus prédios com a colaboração das forças armadas. Como era algo legal, surgiu a primeira associação de autodefesa coletiva, ACDEGAN. A reunião aconteceu em Medellín, dado que 70% deles não podiam retornar para suas fazendas. As FARC-EP nunca imaginaram que esta agremiação de prejudicados da guerrilha se converteria no cimento das autodefesas. Se o calculassem, ter-nos-iam esmagado. (ARANGUREN, 2001:96).

A falta de agilidade e eficácia da justiça estatal, reforçada pelo amparo legal que oferecia a Lei 48, criou as condições favoráveis para que determinados setores da sociedade, descrentes do sistema judiciário, passassem a enxergar os grupos paramilitares como um órgão eficiente de justiça particular para conter as ações guerrilheiras⁶⁷.

A ação da guerrilha é a mola propulsora da dinâmica do para-militarismo, assim como a guerra declarada dos paramilitares é o fator que mais incide na organização militar guerrilheira. Os métodos de combate dos grupos paramilitares são reconhecidos pelo excesso de crueldade. Um ex-paramilitar, prisioneiro em Bogotá, comenta:

O que mais lembro da minha vida anterior são as chacinas das quais participei em sítios e povoados do Meta. Nós os matávamos porque eram guerrilheiros, colaboradores ou delatores. Então tínhamos que varrer. Quando abríamos zona, chegávamos a uma fazenda e acabávamos com tudo. O que mais lembro foi quando vi morrer um meninozinho de colo, como de nove meses de idade. Agarraram-no pelos pés e das

⁶⁷ Nesse sentido, é oportuno lembrar as afirmações de Hernando Gómez Buendía: “[...] o para-militarismo por definição existe para fazer aquilo que os militares não podem fazer: pular os limiares da guerra” (em Revista Semana, edição de 23 de julho de 2001, pg. 15). Nesse mesmo diapasão, em Mi Confesión, Carlos Castaño, outrora máximo líder paramilitar, afirma que para os altos mandos militares a guerrilha só pode ser combatida eficazmente usando os mesmos métodos da subversão (em ARANGUREM, 2002).

perninhas o espancaram contra um muro. O muro de cimento ficou manchado e a mim me doía tanto que a cabeça me fazia bum! Se os pais dele estavam mortos na fazenda, para que deixá-lo vivo? Tínhamos que varrer com tudo. A ordem era não deixar nada vivo, até um gato levou bala. (GONZALES, 2002:115).

Agindo dessa forma é que a guerrilha e os paramilitares têm disputado palmo a palmo, aldeia por aldeia, os territórios nos quais possuem algum interesse⁶⁸.

A avidez pelo dinheiro procedente do narcotráfico reforçou as mútuas agressões entre guerrilha e paramilitares. A caça de recursos para financiar a guerra tirou o brilho das causas das lutas para as quais foi criado cada um desses grupos. Guerrilheiros de extrema esquerda e paramilitares de extrema direita disputam na arena da guerra os lucros gerados pela produção e comercialização de droga. Nos últimos anos, por conta do narcotráfico, têm-se registradas situações que, na década de oitenta, eram inimagináveis. Registram-se hoje como fatos recorrentes alianças econômicas entre guerrilha e paramilitares, organizações que pela polarização ideológica se repeliam militarmente⁶⁹.

Das disputas pela dominação territorial e da violência empreendida por grupos inimigos para se proteger das investidas guerrilheiras, é, sociologicamente interessante, observar a influência que esse tipo de relação tensa exerce no processo de formação do *habitus guerreiro* das FARC-EP. Não há dúvida de que o perigo representado pelos possíveis ataques de grupos inimigos ativa nos guerrilheiros a disposição necessária para cumprir com a rotina militar e aviva a coragem para encarar eventuais combates. O fato de serem observados por olhares que podem delatá-los ativa a autodisciplina que evita dispersão e desordem. Incutir sentimentos de medo dos inimigos é a sutil estratégia utilizada pelos líderes para reforçar nos guerrilheiros a obediência às normas do grupo. A existência desse cúmulo de coerções externas instiga o desenvolvimento dos traços militares que caracterizam a guerrilha hoje. Por conseqüência das interações mútuas entre

⁶⁸ Em estudo realizado pelo Centro de Investigación y Educación Popular (CINEP), constataram 11.161 assassinatos, 1869 desapareções e 164 casos de tortura, todos perpetrados por grupos paramilitares entre 1988 e 2003. A equivalência é de quase 3 assassinatos por dia. (ver em Deuda con la humanidad, paramilitarismo de estado 1988-2003, CINEP).

⁶⁹ Hoje a finalidade mais freqüente dessas parcerias é a produção e a comercialização de cocaína. Em informação veiculada pelo jornal El Tiempo no dia 13 de maio de 2005, descreve-se detalhadamente a apreensão de uma carga de treze toneladas de cocaína, avaliada em 325 milhões de dólares, pertencente ao Bloque Paramilitar Libertadores e à frente 29 das FARC-EP.

grupos inimigos, podemos perceber as FARC-EP como uma instituição disciplinar, com enorme potencial ofensivo e compacta estrutura de mando, traços guerreiros quem em tempos de paz nenhum grupo poderia desenvolver.

“Tudo o que se consegue é para a organização”

Impelida pela empreitada militarista, a administração dos recursos financeiros da guerrilha é extremamente utilitária. A rigidez das normas fez do dinheiro um bem de curta duração, cuja finalidade última é o fortalecimento da capacidade bélica do grupo. Assim, inserida no redemoinho da guerra revolucionária, as ações da guerrilha estão cobertas de condicionamentos: para que o grupo possa dar continuidade a seu projeto político, precisa fortalecer-se militarmente, e para que isso aconteça, não pode poupar esforços para alcançar um rentável crescimento econômico. No meio do fogo cruzado da guerrilha com seus inimigos, formou-se um círculo vicioso entre a necessidade da guerra para gerar lucros e a necessidade de lucros para abastecer o aparato da guerra. O lucro da guerra é revertido em benefício dela mesma, ampliando-a e prolongando-a no tempo e no espaço sem um fim previsível.

A administração dos recursos financeiros pode ser um bom indício para perceber o elevado poder de coerção que o grupo tem sobre seus membros. Ao contrário de outras instituições, o maior obstáculo da guerrilha na administração de seus recursos não é a corrupção de seus membros, e sim a falta de mecanismos eficientes que possam garantir segurança a esses recursos. De fato, por conta do caráter itinerante da vida guerrilheira, a guerrilha precisa conservar seus recursos na forma de dinheiro vivo, carregando-o consigo nos deslocamentos. No entanto, em diversas emboscadas, na pressa de fugir sem grandes volumes, o dinheiro é sepultado, deixando, no imaginário popular dos moradores locais, a expectativa da *res nullius*, do grande tesouro escondido⁷⁰.

⁷⁰ Contam-se histórias de camponeses, militares e aventureiros que mudaram suas vidas com os *achados milionários* deixados nas fugas guerrilheiras. Segundo informações de fontes oficiais, a guerrilha já perdeu mais de 2.200 milhões de dólares em dinheiro vivo guardado no meio dos matos. Ver por exemplo as crônicas do jornal El Tiempo publicadas em 22 de junho de 2005.

À semelhança de uma confraria franciscana, os recursos captados, mesmo que sejam em ações individuais, são administrados como patrimônio coletivo:

Nosso regulamento diz com muita clareza que todos os bens auferidos em determinadas ações, ou em qualquer situação, são da organização, não são de nenhuma pessoa, e isso é muito importante. Eu realizo uma ação e consigo um relógio, um fuzil ou uma pistola, um uniforme e dinheiro [...], tudo o que se consegue é para a organização. Aqui abri os estatutos exatamente onde diz: ‘que as armas e as munições que se encontrem devem ser entregues à unidade respectiva, porque pertencem a todo o movimento’. Isso quer dizer o quê? Que tudo é do coletivo. Tudo o que se recupera ou tudo o que se arranja [...], destina-se a um mesmo fundo e aí então, coletivamente, se estudam quais são as necessidades do movimento e como será administrado esse dinheiro, pois não será distribuído individualmente⁷¹.

O rigor das normas ativa o zelo pela administração dos recursos financeiros e coíbe qualquer tentativa de furto, sob pena de fuzilamento.

A monopolização da violência física e dos recursos econômicos facilita o exercício do poder do grupo sobre os indivíduos. Dependendo inteiramente da assistência do grupo, inabilitado para realizar ações por sua própria iniciativa, o guerrilheiro sabe que, para garantir sua sobrevivência, é preciso submeter-se às exigências coletivas. A uniformidade dos guerreiros estreita a margem de possibilidades de satisfazer necessidades e aspirações individuais. O mínimo que cada um possui é algo a que todos têm acesso, ou seja: alimentação, fardamento e dotação militar. As alternativas de usufruir algo além desse mínimo desencadeiam a concorrência entre os guerreiros. O fato de os recursos estarem sob o amparo dos comandantes amplia as possibilidades dos ocupantes desses cargos fruírem pequenas benesses pessoais. Dessa forma, além do comprometimento com a causa revolucionária, o interesse por desempenhar cargos de poder tornou-se a melhor motivação individual para esmerar-se como guerreiro.

Em razão de uma administração austera e da execução de contínuas ações em busca de recursos financeiros, a guerrilha conseguiu superar os limites do capital necessário, abrindo espaço à acumulação de capital supérfluo. Percebe-se que, para a guerrilha, dinheiro nunca é suficiente quando se trata de implementar suas fileiras com material bélico. O acionar da máquina

⁷¹ Depoimento dado pelo comandante Camilo Echandia em FERRO/URIBE, 2002:104.

de guerra das FARC-EP deu origem a um processo coletivo de auto-sugestão a partir do qual os guerreiros são levados a acreditar que o aumento de capital deve ser proporcional ao aumento de armas, que o aumento de armas exige o incremento do número de guerreiros, que o número de guerreiros aumenta a força combativa e que o aumento desta, hipoteticamente, preanuncia a conquista do poder.

Todas as formas de luta

Che Guevara afirmava que, para que aconteça a revolução, era necessário combinar todas as formas de luta. Inspirados nesse pensamento e objetivando a conquista do poder do Estado, os líderes das FARC-EP fizeram várias tentativas para combinar a luta política e a luta armada. A trilha da política e da democracia teve sua melhor expressão em 1984, com a criação da União Patriótica (UP), partido que representava, na arena eleitoral, os interesses guerrilheiros. Porém, tal empreendimento foi rapidamente abortado pela ‘*guerra suja*’ de alguns setores sociais interessados na monopolização do poder. Entre 1986 e 1991, 1.163 líderes políticos da UP foram sistematicamente assassinados, outros 123 restaram desaparecidos e 43 fugiram do país para salvar suas vidas⁷².

Por conseqüência do fracasso da luta política através da UP, as FARC-EP radicalizaram na luta armada⁷³. Inspirados nos resultados da revolução cubana de 1959, a guerrilha deu curso à idéia de que forças populares podem ganhar a guerra contra o Exército do Estado. Da mesma forma, constatou que nem sempre é necessário esperar que estejam cumpridas todas as condições para a revolução, dado que o foco insurrecional e o ataque planejado e estratégico poderiam criá-las. No entanto, a maior lição tirada da revolução cubana foi a percepção de que na América subdesenvolvida, o terreno mais adequado para a luta armada se encontra nas zonas rurais⁷⁴. Uma vez que o maior número de combatentes das FARC-EP procede de zonas rurais, o profundo e

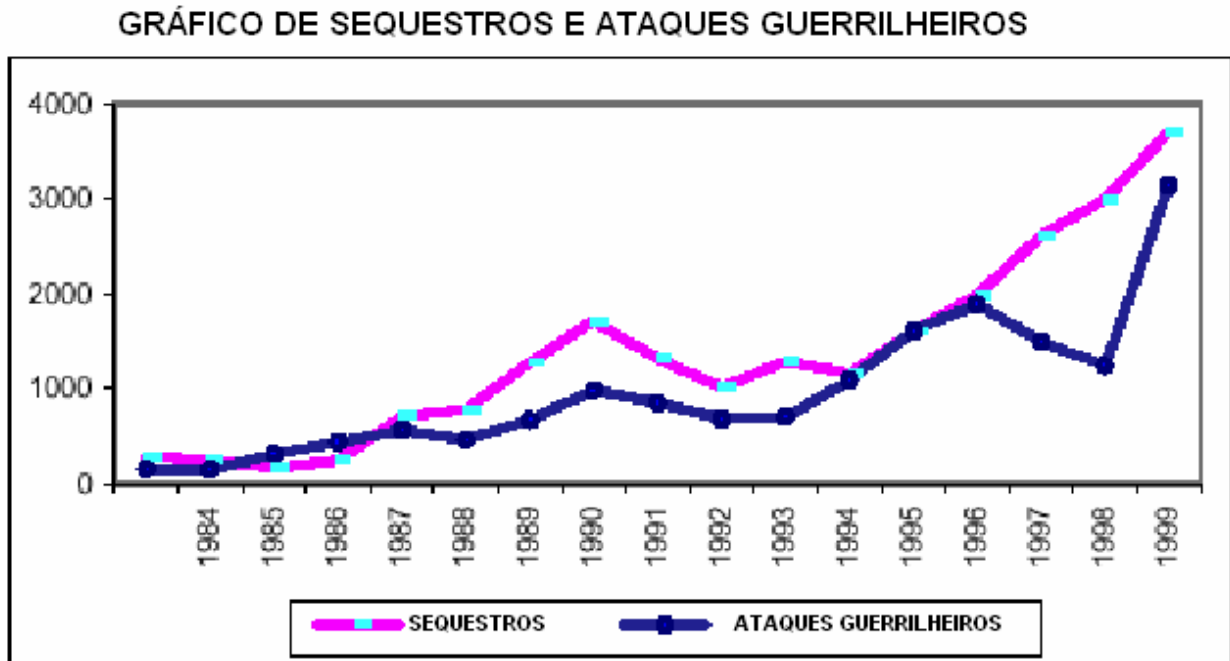
⁷² O massacre da UP rendeu acaloradas discussões. Setores de esquerda acusaram o comando central das FARC-EP de acreditar que a única alternativa para conquistar o poder é a violência e de serem indiferentes às alternativas democráticas que a política nacional oferecia. A guerrilha deixou a impressão de que tinha abandonado seus líderes políticos, dada sua preferência pelo caminho das armas.

⁷³ A racionalização da violência física como estratégia de luta foi a principal conclusão a que chegaram na Sexta Conferência das FARC-EP, realizada entre 18 e 26 de janeiro de 1978.

⁷⁴ Cf. GUEVARA: 1967:31.

preciso conhecimento geográfico das zonas de conflito tornou-se um fator decisivo na eficácia de seus ataques⁷⁵.

No entanto, um dos fatores que mais contribuíram para o fortalecimento da guerrilha foi o passo do militarismo defensivo para o ofensivo. Só atacando é que a guerrilha poderia demonstrar - tanto para seus membros quanto para o exterior do grupo - que estava dando passos concretos em direção à conquista do poder. Nos começos da organização, atacar era o único meio para arrebatar da força pública as armas de que precisavam para equipar o movimento⁷⁶: entre mais combates, mais armamento. Mas, tal como revela o seguinte gráfico, essa equação se ampliou na medida em que a guerrilha percebeu que só atacando poderia configurar-se, derradeiramente, como Exército Revolucionário.



Fonte: Ministério da Defesa e Polícia Nacional

⁷⁵ No planejamento dos ataques entra em jogo uma série de fatores que no momento dos embates são definitivos, como, por exemplo, o preparo diante das adversidades climáticas, a escolha do momento no qual menos possa reagir o inimigo, o estudo de horários e estratégias de defesa do opositor, e, também, a extrema racionalização da força física, uma vez que alguns combates podem exigir um preparo físico capaz de suportar distâncias, climas e extensos períodos de luta.

⁷⁶ Sabe-se que, em muitos casos, esse é um dos rituais de iniciação. O neo-guerrilheiro é obrigado a participar do combate e de conquistar dos militares sua própria arma de dotação. Se a ação for positiva, o calouro alcançará reconhecimento do seu valor como guerreiro, da sua disposição para oferecer a vida em prol da causa revolucionária e do seu fervor pelo movimento.

Pelo que se observa no processo de configuração das FARC-EP, o fato de enfrentar as hostilidades contra grupos inimigos tornou-se um instrumento extraordinário de coesão interna. A busca de inimigos para declarar-lhes guerra gera engrenagem coletiva e reforça a unidade entre seus membros. A guerrilha sabe que o Exército e os paramilitares dispõem de melhores armas e de pessoal mais treinado para o combate. Amiúde, os comandantes recalcam esse fato no imaginário dos guerrilheiros como artifício sutil capaz de torná-los mais dóceis ao regime disciplinar e mais obedientes às suas orientações. No entanto, mesmo cientes do poder de ataque dos inimigos, o que equilibra a balança em favor dos guerreiros é o profundo conhecimento que eles têm dos mínimos detalhes das regiões onde operam. Um ex-combatente dizia: *“Em muitos vilarejos em Nariño, a gente se encontrava com a policia, mas eles faziam como se não enxergassem nada. Era melhor para todos. Para a gente, porque se evitava o desgaste. Para os chulos [policiais], porque não apanhavam bala”*. A contenção do ataque militar da polícia, nesse caso, certamente foi motivada pela consciência dos policiais acerca de quem possuía o melhor conhecimento geográfico da área. Como se pode perceber no depoimento transcrito, na medida em que os opositores reconhecem as capacidades e as limitações militares mútuas, as hostilidades minguam.

Os ataques são consequência de todo um processo de racionalização da guerra. O planejamento e a previsão são uma das marcas da guerrilha. Suas ações são flexíveis, o importante é seguir os lineamentos dos comandantes. Cada combate é uma missão. Analisa-se o inimigo e se estuda em detalhe o terreno; determinam-se lugares e horários e, é claro, os responsáveis para cada uma das ações. Nos embates, todos são guerreiros. Para executar uma missão, todos estão em igualdade de condições. Não há distinção de crianças e adultos, de homens e mulheres; o critério norteador é enfrentar o inimigo. Um ex-guerrilheiro comentou:

O primeiro combate de que participei foi no Cauca[...]. A ordem era destruir a estação de polícia. Eu levava cinco meses na organização, nunca tinha disparado uma arma. Tive um curso de três meses, mas aí só falavam de política e, em combate, a língua não serve para nada. Fiquei com medo de dizer que me sentia despreparado, eles poderiam pensar que eu era infiltrado ou poderiam fazer conselho de guerra por desobediência. No ataque, chovia bala por todo lado. Eu me deitei no chão, me tremia todo. Morreram sete companheiros

e dois policiais. Eu só saí do lugar quando deram a ordem de retirada.

Testemunhos como o anterior ajudam a perceber que, nos ataques guerrilheiros, mais do que o condicionamento militar, o que prima é a ousadia e a incitação para o combate, incitação essa que faz registrar, em diversos confrontos, o aniquilamento de grupos inteiros em razão da falta de preparo. Nas crônicas de um desses massacres de guerrilheiros pelas mãos do Exército, o Miami Herald conclui: “*Alguns estavam queimados, muitos ensangüentados, outros não eram mais do que meras crianças. Mesmo que se desconheça a idade dos mortos não identificados, as extremidades que saíam sob os lençóis azuis os delatavam. Eram pequenas pernas, ainda sem pelo, de crianças*”⁷⁷. A combinação da necessidade de atacar, da auto-sugestão dos comandantes de se acharem ‘*profissionais da revolução*’ e da falta de capacidade militar para encarar inimigos em melhores condições de combate, só resulta num enorme desgaste humano materializado em extensas contas de mortos anônimos⁷⁸, largados no campo de batalha, sem vida, sem nome e sem história.

⁷⁷ A crônica está referida à batalha acontecida no Departamento del Huila, na qual morreram sob fogo do exército 30 guerrilheiros. Em: Rances Robles, *The new face of Colombian leftist guerrillas: children*, 14 de julho de 2002.

⁷⁸ É isso o que se pode concluir a partir dos estudos realizados pela Fundación Seguridad y Democracia, divulgados em 23 de outubro de 2004. Constata-se que as FARC-EP, nos últimos anos, realizam um ataque militar a cada 48h, onde morrem 1,2 guerrilheiros por cada confronto. A relação de mortes é de 10 guerrilheiros por um militar. O texto pode ler-se em http://www.seguridadydemocracia.org/news_desc.asp?s_year=2004&s_news_id=29.

CAPITULO III

MEU NOME DE GUERRA

“Quando [o comandante] me deu a arma, me perguntou como queria chamar-me desse momento em diante. Falei, sem pensar duas vezes: Melisa, porque admirava a Melisa Gilbert, que fazia o papel de Laura na ‘Família Ingalls’, um programa de televisão que me encantava” (MOLANO: 1999:139).

Na guerrilha, cada membro é impelido a romper com qualquer tipo de conexão social que possa interferir em seu processo de inserção. Quem ingressa deve suspender vínculos afetivos, familiares, políticos, profissionais, etc. A escolha do ‘*nome de guerra*’ com o qual se identificará dentro da organização sinaliza o começo do processo civilizador que conduz o indivíduo na direção da formação do *habitus guerreiro*.

Longe da esfera pública, desmembrado daquele contexto amplo da vida social, o guerreiro não pode fugir da interação constante com seus ‘*companheiros de luta*’. Ao experimentar as nuances da vida cotidiana e participar das alegrias, esperanças, vitórias e fracassos dessa vida em comum, ele se insere no tecido social guerrilheiro e incorpora os traços militares que identificam essa coletividade. É próprio do guerrilheiro ser disciplinado, obediente, fiel; ter amor pela pátria e pela revolução, destreza para o combate e coragem para enfrentar o inimigo. Encoberto pela névoa do secreto, tão característica desse tipo de grupo, progressivamente o militante do grupo assume o desafio de construir para si uma nova identidade: a do guerrilheiro. Amparado pelo princípio segundo o qual na guerrilha ninguém conhece seu passado, percebendo-se livre das coerções do contexto familiar e social de onde veio, ele se abre para iniciar uma nova etapa da vida totalmente desconexa do seu passado.

A partir do ingresso na guerrilha, abre-se um novo horizonte a ser explorado. Dialogando com guerrilheiros, percebi que suas vidas se fragmentam no *antes* e no *durante* a vida guerrilheira. Com expressões do tipo “*quando estava na civil*”, “*antes de me enmontar*” [refugiar-se no mato], “*quando era guerreiro*” [guerrilheiro], referiam-se a dois momentos sem nenhuma conexão entre si, dando a entender que o curso de suas vidas foi interrompido com o

ingresso na guerrilha, como se esse fato tivesse dado começo a uma outra experiência que aniquilou qualquer junção com o passado.

No mundo novo que se abre, no mundo dos guerreiros, o indivíduo pode metamorfosear-se, desenvolver uma forma particular de se apresentar perante os demais, seja ela provisória ou permanente, sem temer que a realidade o desminta. Escondido no anonimato da vida guerrilheira, sem rosto identificável na esfera pública, ele não corre mais o risco de ser visto e reconhecido. Pode agir destemidamente e é livre de qualquer responsabilidade. Participando da uniformidade guerrilheira, suas ações não o denotam nem o comprometem, porque ele não age por si, mas em obediência aos mandos. Dizia o velho comandante Jacobo Arenas: “*Entra um novo membro das FARC-EP, entra um novo integrante e esse integrante pode ser homem ou pode ser mulher. Todos têm os mesmos direitos e as mesmas obrigações*” (ARANGO:1984:41). Dados precisos sobre a identidade de outrem têm pouca importância. Características raciais, de gênero, de idade ou de formação acadêmica são apenas dados secundários, objeto de uma descrição de pouca monta.

Os traços individuais dos novos componentes são regulados para que não interferem na organização interna do grupo, nem possibilitem algum tipo de deferência no tratamento militar. Despojado do passado, o sujeito encarna uma nova forma de existir, sua identidade passa a se revelar a partir das informações que ele mesmo fornece: ele é o que deixa transparecer em suas ações e palavras. Quando desvela sua intimidade, nenhum de seus companheiros, com exceção dos comandantes, o pressiona para fazê-lo inteiramente, pois, assim como ele, todos os demais também são atores que, bem ou mal, estão representando um personagem que atua no grande enredo das lutas revolucionárias. Valendo-se da artimanha de esconder ou revelar o que considera conveniente no redemoinho das incessantes interações sociais guerrilheiras, o indivíduo não corre mais o risco de ser traído ou reconhecido pelo seu passado, pois só se leva em conta o que ele dá a conhecer do seu presente.

Liberto das restrições da esfera pública, o microcosmo social guerrilheiro lhe oferece um sem número de “*eus*” provisórios, os quais funcionarão como subsídios na tentativa de construir

uma nova identidade. E essa nova identidade não é mais que a sucessão desses ‘*eus*’, usados pelo indivíduo para revelar-se conforme o sabor das circunstâncias. Camarada, amigo, amante, combatente... Nesse mundo coletivo, de indivíduos relativamente anônimos, o ser social do guerreiro se constrói. Ali, no dia-a-dia, é-lhe oferecida a possibilidade de fazer novas revelações, exercitando uma experiência original de relativa liberdade, sem as coerções do passado. Em relação ao futuro, no processo de construção do *habitus guerreiro*, o horizonte se abre para que o indivíduo, conforme suas conveniências, dê os passos oportunos na tentativa de se integrar ao grupo. Assim como quem escreve sua própria biografia, aos trancos e barrancos a máscara simbólica do anonimato guerrilheiro se torna um estímulo ao relaxamento de toda civilidade pretérita.

Uma vez inserido na guerrilheira, o indivíduo não pode fugir da força centrípeta do grupo que o envolve e o ata à rede de interdependências que se estabelece entre os guerreiros. Para participar dela não precisa de qualquer tipo de especialidade funcional ou de algum requisito prévio. O que o grupo espera dele é que participe ativamente dessa vida em comum, que se integre e contribua com sua força singular para a manutenção e sobrevivência dessa coletividade. Com o tempo ocupado na execução de tarefas encomendadas pelos superiores, pensamentos e sentimentos que vinculam o guerreiro a seu passado gradativamente vão cedendo espaço às preocupações próprias da rotina militar guerrilheira. Interesses, anseios e projetos individuais vão ficando relegados a um segundo plano, face à urgência da luta revolucionária que não dá trégua. Assim, como efeito dessa força centrípeta da guerrilha, as marcas do passado, inscritas no corpo e no espírito do guerreiro, são ofuscadas pela visibilidade do guerrilheiro. Assimilado pelo grupo, ele não deixa vestígios de sua identidade individual, o que se veicula é o nome da organização como a única responsável de seus feitos no desenvolvimento da guerra.

A fim de assimilar a diversidade de seus membros, a guerrilha desenhou uma estrutura de dominação e de subordinação com hierarquia de comando e obediência, onde a autonomia individual, embora não totalmente aniquilada, é extremamente limitada. Cercado por uma série de coerções sociais, a alternativa que fica para o indivíduo é a de se esforçar para viver em conformidade com o que a coletividade espera do guerreiro. É perceptível que, enquanto os nexos com o grupo guerrilheiro se fortalecem, o contato com o a esfera da vida pública se rompe. Como

uma evidência desse fato, pode ser considerada a displicência com que os guerrilheiros se referiam aos laços que poderiam atá-los a sua vida anterior. Perguntei para alguns deles pelos documentos de identidade. Sua inexistência foi a constatação mais freqüente. Muitos nunca os tiveram, alguns tantos os perderam, mas todos admitiram que, durante o tempo de militância, nunca precisaram deles. Embora, para a maioria dos seres humanos, os documentos confirmem vínculos civis, familiares e profissionais, já que, para os guerrilheiros eles não eram necessários. Dessa forma, eles pareciam revelar que, na guerrilha, qualquer nexos com o resto do mundo circundante é preterido, pois para conduzir sua existência bastava ser guerrilheiro.

No balanço do indivíduo e da pessoa

Como se constrói a identidade do guerrilheiro? Questionar pela categoria *identidade* No interior das FARC-EP nos remete a uma multiplicidade de perspectivas interdisciplinares. No novo dicionário Aurélio, a palavra *identidade* é definida como o “conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa: nome, idade, estado, profissão, sexo, defeitos físicos, impressões digitais, etc”. Para os antigos latinos, *indentitate* significava a consciência que uma pessoa tinha dela mesma e a consciência daquelas características que a identificavam, no ato de relacionar-se com seus semelhantes. A identidade, portanto, implica e pressupõe a presença de outrem. É no fato de estabelecer vínculos relacionais de confrontação mútua, na incessante sucessão de interações sociais, na confrontação de olhares sobre as pessoas e as coisas, que o indivíduo pode determinar as diferenças entre ele mesmo e os outros.

O modelo sócio-cultural do modernismo tornou-se para nós lugar comum para refletir em torno da vida humana, dado que a percepção da existência parece precisar de um referencial que permita estabelecer os limites da identidade. Nesse diapasão, as categorias de lugar e tempo contribuem para a localização e estabilização da identidade. Essas comunidades definidas por Benedict Anderson no marco das ‘*comunidades imaginárias*’, alcançam sua homogeneidade quando referidas ao conceito de Estado-Nação⁷⁹. A preponderância do coletivo manifestada na força do Estado se evidencia no ato de subjugar os interesses individuais mediante o exercício da

⁷⁹ Cf. em ANDERSON, 1983:43-49.

violência simbólica que emerge de seu discurso dominante, trazendo como efeito a dizimação das manifestações singulares que possam disputar o poder monopolizado. Nesse modelo, constrói-se uma história evolutiva inspirada nos fatos do passado, tendo como eixo o homem em sua condição de sujeito único e individual. Assim, o lugar e o tempo outorgam a substância que molda e define a identidade do indivíduo.

No mundo dos guerreiros, no processo de construção da identidade individual, as categorias de lugar e tempo, oferecidas pelo Estado-Nação como subsídios básicos para a construção da identidade individual, são substituídas por outras propiciadas pela criatividade humana, que na guerrilha parece não ter limites. Num contexto de conflito armado, artifícios de dominação do grupo sobre os indivíduos que o integram emergem como alternativas de sobrevivência para quem vive assediado por constantes ameaças. Temos, então, entre outros artifícios racionalmente construídos: o secreto como condição necessária no processo de configuração do grupo; códigos disciplinares e coerções grupais como instrumentos que tornam o indivíduo mais dócil e o colocam a serviço da guerrilha; interações comunitárias que ativam o processo de auto coerção individual; interdependências com grupos inimigos que reforçam a disposição para o combate; a negação da individualidade que, embora esteja na contramão do pensamento pós-moderno, é condição fundamental para a sobrevivência dos grupos revolucionários. A tudo isso se soma a lógica das máscaras que, nesse eterno carnaval dos grupos revolucionários, é levada até o extremo. As categorias de tempo e espaço do Estado-Nação, na guerrilha, foram substituídas por esses dispositivos, os quais, embora tenham sido criados em função do fortalecimento do grupo, seus efeitos são sentidos pelos indivíduos à medida que são induzidos no processo dinâmico de construção da identidade dos guerreiros.

Um traço característico da identidade dos guerreiros é sua disposição para o combate, traço esse que, à primeira vista, vê-se favorecido por uma aparente predisposição dos indivíduos que integram esses grupos guerrilheiros para realizar ações de ordem militar. De fato, no contato que tive com alguns guerrilheiros, quase todos afirmavam ter, se não disposição, pelo menos *'inclinação'* para participar de algum grupo em estado permanente de conflito. A explicação para esse fato provavelmente se encontra numa breve observação sobre o processo de configuração do Estado Colombiano. Tal processo foi caracterizado pela evidente fragmentação social. O mapa

geopolítico do país tem sido povoado por diversos grupos humanos, ligados entre si por processos de interdependência mútua. Mesmo que dividindo o mesmo espaço físico, esses grupos, constituídos por razões de raça, região ou cultura, encontraram nas características que os identificavam a causa para se diferenciarem e se separarem dos outros. Como foi mostrado no Capítulo I deste trabalho, as disparidades favoreceram a configuração de grupos excluídos do processo de desenvolvimento econômico e político no país. As diferenças desataram conflitos sociais profundos, cujo melhor indicador é a existência de tantos grupos armados em estado de guerra permanente.

Esses grupos irromperam com sua força e alteraram a inércia de uma sociedade alicerçada na tradição. A interação sociedade/guerrilha possibilitou que, em alguns setores da população, os traços de civilidade que contribuía para a formação da identidade individual, como a família, a escola, a religião, etc., fossem substituídos por outros marcadamente militares. De fato, nas regiões onde grupos armados marcam presença há três ou quatro décadas, os moradores perceberam que nessa coletividade poderiam encontrar uma alternativa de inserção social que lhes permitisse uma forma de vida diferente, substitutiva daquela que propunha o Estado. No seio do estabelecimento, as FARC-EP emergem como um novo cenário social, onde cada indivíduo que ingressa encontra uma gama de possibilidades para construir uma outra identidade.

A noção de identidade⁸⁰ se explicita em dois conceitos através dos quais é possível denotar a complexidade de duas realidades humanas predominantes: a do indivíduo como ser concreto e a do indivíduo como peça que conforma uma figuração social. O conceito de *indivíduo* nos remete àquela idéia enfatizada pelo ‘*eu individual*’, aquele ser possuidor de um cúmulo de emoções, sentimentos, anseios e espaços de intimidade, e capaz de discernir e fazer escolhas. Revestido por esses traços, o ‘*eu individual*’, na cultura ocidental, tornou-se o centro a partir do qual se ergueram saberes que proclamam a importância da parte sobre o todo, tais como a democracia e o direito. Não é estranho que, no senso comum, se assuma como defensável a assertiva de que a sociedade deve estar a serviço do indivíduo. Se, por acaso, este for colocado a serviço da sociedade, tal fato seria interpretado como prova de grande injustiça.

⁸⁰ Na tentativa de abordar esse conceito, foi bastante iluminadora a leitura do IV Capítulo do livro de DaMATA (1990) titulado *Você Sabe com Quem Está Flando?* Um ensaio sobre a Distinção entre Indivíduo e Pessoa no Brasil.

No entanto, o indivíduo, embora possuidor daquele cúmulo de manifestações de sua singularidade, mesmo em situações de aparente isolamento, não deixa de fazer parte de uma coletividade conduzida através de uma ordem oculta e não diretamente perceptível pelos sentidos. Nessa ordem invisível que emerge da vida em comum, cada um está inserido num complexo funcional de estrutura definida. Nessa teia de interações sociais, o indivíduo, a partir do momento em que nasce, passa a se conformar a esse complexo funcional e a se desenvolver baseado nele. Mesmo sendo livre, em suas possibilidades de escolha terá que se moldar às funções preexistentes, as quais são apresentadas de forma bastante limitada. Nessa agitação da vida em comum a que chamamos de sociedade, as aspirações individuais cedem espaço para o aparecimento da primazia dos interesses coletivos. Amíúde, na vida em comum o critério é: entre mais igualdade para todos, melhor. A uniformidade se impõe.

Inserido no tecido social comunitário, a função do indivíduo é vista mais como necessidade de complementaridade do que como possibilidade de auto-realização. No cenário da vida social, cada indivíduo é peça necessária, e através da soma de todos é que se alcança a

formação daquela totalidade. Em vez de termos a sociedade contida no indivíduo, temos o oposto: o indivíduo contido e imerso na sociedade. É a essa vertente que corresponde a noção de *'pessoa'*. Entendemos como *'pessoa'* aquela entidade capaz de remeter ao todo, e não mais à mera unidade. Em outras palavras, a noção de *'pessoa'* pode ser sumariamente caracterizada como uma vertente coletiva da individualidade, como uma máscara que é colocada sobre o indivíduo para oferecer-lhe uma gama mais ou menos restrita de funções e modos de comportamento possíveis, como subsídios necessários para que o indivíduo singular, revelando-se na esfera pública, se torne um ser social.

De fato, não há dúvida de que o melhor espaço de auto-afirmação e auto-revelação da individualidade é a esfera pública. Na medida em que se ampliam os círculos sociais, em que as interações dos indivíduos adquirem maior cobertura, haverá mais espaços para o desenvolvimento da individualidade. Na amplitude da vida social, os limites que fecham o círculo de ação individual são flexíveis, permitindo que as peculiaridades individuais se acentuem. É por isso que se afirma que, entre mais amplo seja o círculo social, maiores são as possibilidades para a manifestação da individualidade.

Entretanto, no mundo dos guerreiros o círculo se fecha. O cerco sobre o indivíduo aperta com todo seu rigor, incidindo diretamente sobre a configuração da individualidade dos guerrilheiros. É de supor que quem ingressa na guerrilha, ainda que o faça antes de entrar na vida adulta, já tem traços de uma individualidade formada. Sendo a família o primeiro grupo social do qual sai o indivíduo para ingressar na vida guerrilheira, ele leva consigo uma série de informações que lhe configuram como ser social, possuidor de uma diferencial provisório no turbilhão de relações da vida em sociedade. É do núcleo familiar que cada indivíduo tira as bases para delinear uma série de traços de pensamento e de sentimento, os quais lhe serão característicos quando alcance a configuração de uma individualidade relativamente estável.

No contato que tive com diversos guerrilheiros, percebi que, embora os traços individuais fossem evidentes, havia uma série de marcas do passado que lhes eram comuns. Na maioria dos casos, faziam parte de sua identidade a pobreza, a exclusão social, o subemprego, a falta de perspectivas, de afeto e apoio familiares, assim com também, em alguns casos, a violência

praticada por outros grupos armados. Condenados, na maioria dos casos, a sobreviver por seus próprios meios, desejavam ajudar economicamente a suas famílias, levar uma vida menos ingrata, alimentar-se devidamente, curtir certo tipo de aventura, possuir uma arma ou, simplesmente, a vivenciar um sentimento de pertença que lhes oferecesse status e visibilidade social.

Mesmo possuindo características comuns, cada guerreiro levava consigo uma história individual para contar; mas no mundo dos guerreiros o cerco é estreito e o que for patrimônio individual deve ser silenciado. Separado do núcleo social amplo, o guerreiro é inserido numa estrutura eminentemente militar. Nela, mediante coações calculadas, progressivamente os traços característicos do grupo vão penetrando a sua intimidade, tomando-lhe posse, moldando-o de acordo com as necessidades do coletivo. Assim, a incessante ação das coações sociais torna o indivíduo sempre disponível, prestativo, quase que instrumental à luta revolucionária. Mas só depois de um período de tempo bastante prolongado é o grupo poderá celebrar seu domínio sobre o indivíduo, e esse momento ocorrerá quando ele tenha sido possuído plenamente pelo automatismo dos hábitos e sua forma de pensar, sentir e agir passe a revelar os traços característicos do *'habitus guerreiro'*. Nessa viagem sem retorno, a identidade do camponês foi suplantada pela identidade do guerrilheiro.

A comandante Olga Lúcia afirmava:

Quando a gente decide ser guerrilheira das FARC-EP não pode sair mais [...]. É o regulamento [...]. Do contrário seria uma romaria de gente. Não haveria estabilidade na organização. Além do mais, tudo seria muito simples porque se você pisa na bola, e vê que a coisa ficou difícil, vai embora. Não, a decisão é séria. A gente tem que saber onde está entrando. (LARA, 2001: 105).

Entrar na guerrilha é uma opção que envolve e compromete a vida da pessoa por inteiro, ninguém pode entrar e sair conforme sejam suas motivações. Inserido nessa máquina de guerra, a dimensão individual é contida, reduzida a espaços mínimos. Mas o grupo guerrilheiro, mediante uma série de dispositivos disciplinares, oferece um cúmulo de possibilidades para que o indivíduo desenvolva plenamente a noção de guerrilheiro.

“Com o tempo, a gente se acostuma”

Confidenciou-me Rosa Flor:

No começo, foi terrível, eu não entendia nada do que acontecia. Éramos quatro mulheres, a mais velha se chamava Mariana. Comecei a falar com ela porque era muito legal comigo. Me aconselhava. Ela me dizia para evitar fazer reclamações do que não gostava, que não fizesse críticas nem comentários do que ouvia, se perguntavam como me sentia que respondesse que bem, porque eles poderiam pensar que era infiltrada e eu não sairia viva de um conselho de guerra. Depois dos primeiros meses, fui me acostumando.

Quando Rosa Flor ingressou nas FARC-EP, contava 17 anos de idade. Ela poderia expressar seus pensamentos, comportamentos e sentimentos com mais liberdade, provavelmente, se o campo de interação fosse a família, a escola ou a vila onde morava. Inserida na guerrilha, para estabelecer novos vínculos sociais ela não tinha outro ponto de referencia que aquele grupo de vinte e duas pessoas, até então desconhecidas. Sob efeito das coerções coletivas, sejam elas explícitas como as normas ou sutis como os aconselhamentos, críticas e comentários de companheiros de grupo, não restou para Rosa Flor mais alternativa que a de procurar outras vias de expressão de sua individualidade. Em seu novo contexto social, progressivamente a espontaneidade de outrora cederá lugar ao uso de artifícios como dissimulação, conformismo, docilidade, etc., para evitar o conflito com o modelo de vida guerrilheiro. Doravante, o processo de construção de sua identidade estará condicionado pelo rigor da vida militar e pela silenciosa obediência ao Regulamento Interno.

Inserida na guerrilha, Rosa Flor começou a viver de forma bastante diferente. O tempo, o espaço, seu corpo, as interações sociais, etc., começaram a ser experimentados de uma outra forma. O universo das lutas revolucionárias rasgou a narrativa linear de sua existência, alterou o curso de sua vida. Ao inserir-se na guerrilha houve uma transgressão espaço/temporal. Longe do contexto social em que cresceu, apartada de qualquer vínculo com seu passado e em sua nova condição de combatente, não lhe era possível agir em conformidade com seu 'eu'. Ficaram para trás os parâmetros de coerência e estabilidade que lhe eram exigidos anteriormente no comportamento social. A casa e a família como centro de vida em comum foram radicalmente substituídas pelo 'acampamento' e pelos 'camaradas'. Na nova ordem da vida guerrilheira, sua presença dentro do grupo era percebida a partir de outra perspectiva, as aspirações pessoais passaram a ocupar um lugar irrelevante, dado que o que prima é o interesse coletivo.

É perceptível que, no cotidiano da vida guerrilheira, que se partilha é essencialmente a parcela da individualidade ligada às lutas revolucionárias, o indivíduo busque mecanismos para lidar com suas necessidades e carências. O fato de viver no meio da guerra o induz a buscar outras alternativas de satisfação. Se essas necessidades e carências persistirem, o guerreiro terá que esforçar-se para reprimi-las ou aniquilá-las, a fim de não entrar em conflito com o grupo. A intervenção dos códigos disciplinares lhe ajudará a discernir o que deve ou não deve fazer. Da mesma forma, o rigor das normas regulará cada ato de interação social e, portanto, de construção de uma nova identidade, marcada pelos traços militares da organização, os quais definem os parâmetros do *'ser guerrilheiro'*. O grupo se impõe, sua força centrípeta leva o novo integrante a romper com o passado, a distanciar-se daquilo que antes era definido. Ele induz o guerreiro a se abrir para novas sensações, a quebrar paradigmas de pensamento, a incorporar novos hábitos e a alterar seus comportamentos. Enfim, a ativação das mais variadas coerções sociais tem poder para levar o indivíduo a extrapolar os limites do seu *'eu'* e a abrir-se para os novos horizontes traçados pela incorporação progressiva do *habitus* guerreiro.

O efeito das coerções sociais é sentido pelos guerreiros no cerco da vida comunitária. Nas FARC-EP, a unidade mínima dessa vida em comum é a esquadra, integrada por 12 guerreiros. Assim, entregue a um grupo restrito, que absorve o indivíduo por inteiro, as margens de liberdade do guerrilheiro ficam reduzidas ao mínimo. É nessas pequenas unidades que o rigor da vida militar guerrilheira se materializa. Também é nas esquadras que alcança sua maior expressão o processo de tensão das oposições entre o pessoal e o impessoal, o público e o privado, o anônimo e o conhecido, o universal e o biográfico. Com a primazia do coletivo, a conquista de interesses individuais ou a auto-revelação subjetiva perdem sua força. Para a guerrilha, o guerreiro não passa de um instrumento, dado que todas suas ações estão encaminhadas para alcançar objetivos comuns que superam a “trivialidade” das aspirações individuais. O fervor coletivo por esses objetivos coage o indivíduo de tal forma que o leva a desprezar qualquer tipo de aspirações egoístas.

O grupo espera do indivíduo entrega total e desvencilhada de qualquer interesse pessoal. Em outro momento de seu depoimento, Rosa Flor lembrou: *“Nunca tinha visto uma arma, jamais*

pensei que ia ter que carregar uma para todo canto e menos ainda imaginei que aprenderia a dispará-la. Mas o pessoal não perdoa. Com oito dias do meu ingresso, lá estava eu fazendo guarda". O cerco das coerções sociais explicitado na rotina diária e nas normas disciplinares vai colocando cada guerreiro no lugar comum a todos os que fazem parte dessa vida comunitária: a luta revolucionária. Com orientação definida, planos desenhados e objetivos estabelecidos para serem alcançados a curto, médio e longo prazo, a guerrilha encaixa seus membros com simetria, de tal maneira que eles formam uma unidade compacta. Nela, o indivíduo não tem espaço para si, ele está envolvido e comprometido com o coletivo para lutar em bloco por uma causa comum: a conquista do poder. Nas nuances do ajuste indivíduo/grupo é que acontece o processo civilizador, ou seja, o processo através do qual o indivíduo incorpora para si o *habitus guerreiro* característico das FARC-EP.

No entanto, considero oportuno questionar o destino dos traços individuais. Eles se diluem? Em diversos diálogos com guerrilheiros percebi que, assim como numa demorada peça de teatro, eles aprendem a conduzir sua existência de maneira dupla: por um lado como indivíduos que estão dentro da guerrilha, com limites sensíveis frente ao resto de seus membros, e de outro, como pessoas que representam esse grupo guerrilheiro. No cotidiano, a necessidade de individualização persiste. Batem as saudades, assaltam as lembranças, clamam as necessidades subjetivas. Contudo, de maneira gradual e lenta, termina-se impondo a *'pessoa'* do guerrilheiro, caracterizada por viver na esfera do secreto, pelo caráter militar e por apresentar-se desnudada de qualquer rastro de relações transparentes, abertas, pessoais e autobiográficas. No passar do tempo, o guerrilheiro aprende a lidar com a complexa dialética do *'indivíduo'* e da *'pessoa'*. Esse é seu drama. No encontro dessas duas vertentes, passam-se os dias, flui a vida.

É claro, que pelo aval do grupo, a pessoa, o *'ser guerrilheiro'*, impõe-se, deixando a impressão de que os traços individuais desaparecem. Mas não é o que acontece. Com seus dilemas e anseios, em cada guerrilheiro sobrevive um indivíduo. Ele não se resigna a viver no mundo da conformação e do contentamento, conclamado pela causa revolucionária. De fato, o desejo do indivíduo de satisfazer as inclinações do seu *'eu'* tornou-se para a guerrilha seu maior obstáculo na tentativa de assimilá-lo. Ao comentar a interferência dos interesses individuais na concreção de projetos coletivos, Montesquieu sugeria que para o grupo tomar posse do indivíduo

por inteiro, a primeira característica a ser aniquilada teria que ser o egoísmo, aquela tendência a pensar em si próprio e a se preocupar com interesses pessoais. Para o pensador francês, as pessoas egoístas são um perigo à unidade de qualquer grupo, dado que elas seriam sempre incapazes de promover qualquer tipo de transformação social que beneficie a maioria, tal como conclama o espírito revolucionário⁸¹.

“É melhor ficar caladinha”

Dizem que é próprio do ser humano revelar-se em palavras e ações. Viktor Frankl⁸² concluía que a formação da identidade se define na adolescência, etapa na qual o indivíduo, em constante interação social, confronta suas idéias e desenvolve o ‘eu’ essencial que dará sentido à sua existência. Por outra parte, para os seguidores da tradição aristotélica, o homem se diferencia dos animais pelo comando autônomo no uso da fala e do pensamento. Contudo, qualquer que seja a vertente de pensamento que oriente nossa reflexão em torno da palavra e da ação, todas parecem coincidir ao dar prioridade à palavra como meio de revelação da individualidade.

A palavra é a faculdade que nos humaniza. Através dela, o homem, dono de seu pensamento, se revela. No mundo guerrilheiro, o comando autônomo do uso da palavra alcança seu ápice. Falar, na maioria dos casos, é um ato extremamente racional. Marilyn, uma jovem ex-guerrilheira, comenta:

Das 19 às 20h era hora das notícias pela televisão. Das 20 às 21h falávamos sobre o que tínhamos visto. Mas você tinha que ter cuidado com o que falava. Se você não concordava, ficava calado. Porque senão, eles começavam a lhe perguntar por que você estava defendendo o governo. Podiam pensar que era um infiltrado. Não falava nada. Por exemplo, se via na televisão que as FARC-EP tinha feito algo mau, como destruir uma casa com uma mulher e uma criança dentro, ficava caladinha⁸³.

⁸¹ Cf. MONTESQUIEU, 2000:36.

⁸² Ver, por exemplo, na coleção Logoterapia: *Psicoterapia Para Todos, Petrópolis, Editora Vozes, 1990.*

⁸³ Em HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:86

Depoimentos como esse, me levam a concluir que na guerrilha não há espaço para o confronto de idéias. Diálogos subjetivos ou formulações de pareceres que estejam em contraposição aos interesses do grupo, por conveniência pessoal, devem ser silenciados.

Mas nem sempre o silêncio se impõe. A palavra, quando portadora de uma opinião coletiva ou que reafirme um valor guerrilheiro, pode ser usada com inteira tranqüilidade, ciente da absoluta aprovação dos outros. Como se percebe, o uso da palavra é salutar a depender das circunstâncias. Uma boa estória, uma anedota, uma piada engraçada, pode descontrair o ambiente e *'elevantar o moral dos guerreiros'*. A palavra na vida guerrilheira deve ser usada para congregar, orientar, educar e conduzir o grupo. Ela reafirma o pensamento e anestesia os medos.

No mundo da guerra, a palavra é um instrumento que traz ótimos resultados. E os guerreiros sabem disso. Eles sabem que nada consegue mexer tanto com as emoções quanto a palavra. Antes de um combate eles se reúnem, não apenas para revisar estratégias, mas principalmente para exaltar a auto-imagem coletiva de *'salvadores da pátria e valentes guerreiros'*. No carnaval da auto-sugestão, a palavra é a música que mais empolga. No calor do combate, gritos, insultos, proclamas e consignas tornam-se fogo envolvente que vitaliza o corpo e enche o guerreiro de coragem. A voz em grito estimula os guerrilheiros e os contagia de motivações inusitadas para *'pegar fôlego'* e encarar o adversário com mais disposição.

No entanto, o conteúdo das palavras muda quando são dirigidas ao inimigo. Comentou-me um guerreiro: *"Meu pai era estrito demais. Em casa a gente nunca dizia palavrão. Eu aprendi a xingar na guerrilha. Nos combates eu nem sei de onde saía tanta baixaria, talvez do medo que era brabo. Xingando, a gente desmoraliza o inimigo"*. Dos vários elementos que se combinam para encorajar o guerreiro nos combates, o uso da palavra é um dos que mais se destacam. Embora a palavra não atinja o corpo do inimigo, durante o confronto os guerrilheiros não o poupam de agressões verbais. Palavras vis e humilhantes podem trazer ótimos resultados. Amiúde, ativam sentimentos de insegurança e medo no opositor. Na aparente desordem da guerra, cuja confusão e caos parecem tomar conta das tropas, os efeitos da palavra trazem como resultado o prelúdio da vitória. Ninguém nega que por trás dos gritos de coragem se escondem medos e fraquezas, mas quê importa a verdade se o que se pretende é debilitar emocionalmente o

inimigo? Nessas circunstâncias, palavras que denotem poder e coragem são meros impressionismos que emergem de disposições táticas.

O uso da palavra como tática de guerra é extensivo à vida em comum dos guerreiros. Nos acampamentos, eles são induzidos a falar o estritamente necessário. O que se pretende é que o traço guerreiro do grupo se enraíze na estrutura de personalidade individual. Como retribuição desse esforço, o guerrilheiro passa a participar daquele carisma que o grupo acredita possuir. Carisma tal que é, sem dúvida, a imagem que o guerrilheiro tem de si próprio, não como indivíduo isolado, mas como manifestação de um grupo específico. A incorporação desse carisma indubitavelmente lhe ajudará a dar sentido à vida em comum e a seu esforço para manter-se ativo no movimento. Para que falar de si, se o que importa é a compenetração no grupo? Surge, então, o secreto como regulador do processo de auto-revelação individual.

Falar na guerrilha tornou-se a arte de revelar as conveniências pessoais. Foi isso o que percebi realizando trabalho de campo. Quando me apresentei como pesquisador, os guerrilheiros manifestavam uma série de comportamentos tendenciosos de dissimulação e mascaramento de sua realidade. Pela força das circunstâncias, presos numa cadeia pública à espera do julgamento, era evidente que eles tentavam ser discretos em suas declarações. De fato, ser discreto se traduz em saber guardar um segredo, em falar o necessário, em silenciar e, eventualmente, se for necessário, mentir de maneira convincente. Contudo, a medida da fala do guerreiro é um gradiente do estado orgânico das FARC-EP. Pelo fato de encontrar-se num estado intermédio entre o ser e o não ser, a guerrilha precisa fazer do segredo um artifício de auto-proteção, um instrumento tático para alcançar o poder do Estado. Enquanto isso acontece, na dialética das mudanças constantes em função da conquista do poder, o segredo continuará a ser a confirmação de sua fragilidade.

Na trilha dos planos

Se o uso da palavra do guerreiro é caracterizado pelo secreto, então a ação é a dimensão privilegiada no processo de auto-revelação do ser guerreiro. Na guerrilha, para tecer vínculos grupais, não é necessário que os guerreiros se conheçam profunda e totalmente entre si. Para eles,

basta saber que *'o companheiro é um dos nossos'*, que está envolvido com a causa revolucionária, que tem dado mostras de seu potencial como guerreiro. Prima o conhecimento militar dos guerreiros para tecer vínculos sociais e inspirar confiança, mesmo que não se saiba nada do outro no plano individual.

A intimidade pessoal é reservada por todos os guerrilheiros. E o nível de reserva dentro do grupo é proporcional ao poder de mando que o indivíduo ocupe na organização. Quanto maior o poder, maior o distanciamento do contato interno com os demais membros do grupo e maior a reserva com a esfera externa à organização. Através de artifícios como esse, a guerrilha consegue tornar o chefe invisível aos olhos dos súditos e um mistério a desvendar para quem está fora dessa coletividade. O medo e a suspeita generalizada não permitem manter maior intimidade entre seus membros, embora aparentemente a unidade do grupo seja evidente. O efeito de uma aparente unidade grupal surja talvez porque todas as ações do grupo estão interligadas, dado que na guerrilha ninguém age sozinho.

A eficiência das normas, a distribuição de tarefas e espaços, enfim, a estrutura dessa vida social permite que os guerrilheiros vivam privados de autonomia, assim como impede que se isolem fisicamente uns dos outros. O convívio cotidiano obriga à proximidade, mas não há espontaneidade de movimentos individuais. A obediência rigorosa aos horários estabelecidos, a obrigatória convivência por períodos extensos de tempo, a proximidade física e tantos outros aspectos dessa vida comunitária formam uma teia constante de interações, uma rede social envolvente, aglutinante, na qual o indivíduo, a passos calculados, se torna guerreiro. Em cada ação executada, as possibilidades de compenetração mútua entre guerrilha/guerrilheiro aumentam de maneira progressiva.

Na medida em que o guerreiro age, simultaneamente se torna paciente da ação. Agir e padecer são como faces da mesma moeda. A história iniciada por uma ação compõe-se dos efeitos e dos sofrimentos dela decorrentes. As conseqüências das ações dos guerreiros são ilimitadas, ainda que elas sejam pouco significativas na perspectiva das lutas revolucionárias. Assim, por exemplo, obedecer a uma ordem pode trazer como reação o enaltecimento do chefe pela resignação do guerrilheiro. Em conseqüência desse fato, abre-se um processo em cadeia,

pelo surgimento de uma outra reação coletiva: a imitação dos outros membros do grupo. Ações provocam reações, e estas, além de serem resposta ao agir humano, transformam-se em novas ações com poder de atingir e afetar os outros. No incessante acontecimento de ações e reações, emergem processos concatenados. Seus efeitos recaem sobre a vida individual, transformando-a e enfocando-a na direção definida do *habitus guerreiro*.

Observando o mundo dos guerreiros, é perceptível que nada nele acontece por obra do acaso. Ações e reações decorrentes de um processo histórico fizeram das FARC-EP um grupo marcado pelo rigor disciplinar. No entanto, esse traço disciplinar foi incorporado e reforçado no percurso da experiência histórica desse grupo guerrilheiro. É isso o que transparece nas palavras de ‘*Tirofijo*’, seu chefe máximo, ao avaliar as derrotas sofridas entre os anos de 1966 a 1968, nas quais essa organização perdeu quase 70% de seus combatentes:

[...] mas não me complexei, tampouco me senti desconcertado; lograva perceber que não havia uma aplicação correta do principio fundamental da mobilidade guerrilheira. Isso me fazia pensar que nossos descabros não eram conseqüências da capacidade do inimigo, nem que eram debilidades nossas, senão que houve violações específicas da guerra de guerrilhas móveis, como a violação da disciplina e a não realização dos planos. Comandante que não realiza os planos está no topo de sua liquidação. (ALAPE, 1994:100).

Foi a experiência militar adquirida no meio de ‘*descabros*’ que ensinou o caminho certo para a sobrevivência do grupo no meio da guerra. Ações disciplinares concretas trouxeram como reação o cuidado e a atenção dos guerreiros para garantir a auto-conservação do grupo.

Na guerrilha, todas as ações individuais se enquadram dentro da margem de conveniências do grupo, as quais estão estipuladas na inflexibilidade das normas. Estas denotam as ações que o indivíduo deve realizar no redemoinho da vida comunitária guerrilheira. Para explicitar esse fato, um bom indicador pode ser a distribuição do tempo no dia-a-dia dos guerreiros. Usado como dispositivo para evitar a improvisação, o horário tornou-se o mecanismo por excelência que permite ao grupo regular e controlar as ações individuais. Rosa Flor comentava:

Em minha casa, não gostava de acordar cedo. A aula de que menos gostava era educação física, essa história de correr não é comigo. Mas na guerrilha o horário era rígido. O despertar

às 04h30min e logo um cafezinho. Atividades físicas de 05 às 06h. Às 06h30min tomávamos o café da manhã. Das 07h às 11h era treinamento militar. Às 11h, almoço. Das 12h às 15h, mais treinamento militar. Às 15h, refrigerio. Às 15h30min, se o clima estava gostoso, banho no rio. Às 17h começava a guarda e os serviços. Depois do jantar davam um tempinho de descontração.

A repetição constante das mesmas ações faz com que o indivíduo internalize os traços característicos do grupo. O regulamento interno se impõe. Já não é mais a vontade do indivíduo que rege seu comportamento. Na guerrilha, a autodeterminação cedeu seu lugar à obediência.

“O mundo da gente é que não muda”

Na combinação do uso racional da palavra e na realização calculada de ações, progressivamente se configura o *‘habitus guerreiro’*. Cercado por um conjunto de coerções grupais, o indivíduo experimenta que nada nele está definido, que a forma de apresentar-se para os demais pode ser usurpada, modificada, criada e experimentada por ele de diversas maneiras. Na tentativa de configurar-se como guerreiro, seus traços individuais se vão diluindo, abrindo espaço para que os traços característicos do coletivo se imponham. Envolvido na inércia da vida guerrilheira, o indivíduo aprende a conduzir suas ações em sintonia com os padrões de comportamento do mundo militar. No diálogo calculado, a linguagem oculta a dimensão individual, fazendo da comunicação uma mera exposição de significantes das lutas revolucionárias. A inserção no mundo dos guerreiros advém da inércia de uma vida envolvente, preenchida por uma rotina militar que não deixa espaços para a análise e a reflexão subjetiva. Ali, o desafio constante dos indivíduos é representar personagens que na maioria das vezes não correspondem aos traços característicos do seu *‘eu’*.

Pelo que pude observar, na interação social entre guerrilheiros, assim como o nome, eles escolhem também uma máscara, um tipo de *‘personae’* para representar, uma forma perceptível através da qual eles possam revelar aspectos individuais distantes da vida passada. O mundo secreto da guerrilha apresenta-se para eles como seu novo contexto social. Nele, é possível esconder traços individuais e, ao mesmo tempo, fazer uma projeção de quem cada guerrilheiro deseja ser. Amíúde, é através deste modo de agir que os guerrilheiros desenvolvem facetas da

personalidade que na esfera pública da vida familiar, por exemplo, seria impossível revelar, por consequência da ditadura dos limites de comportamento que a sociedade impõe ao indivíduo.

No diálogo com Rosa Flor, restou evidente que a melhor recordação do tempo nas fileiras das FARC-EP foi a liberdade com que viveu seus primeiros amores. Entregar-se *'de corpo e alma'* nos braços de um homem, estando inserida na sociedade civil, seria algo inconcebível. O primeiro obstáculo poderia ser a intervenção da autoridade familiar que, certamente, argumentaria que por consequência de sua idade e da condição de ser mulher, numa sociedade camponesa, alicerçada em valores tradicionais que realçam o matrimônio e a virgindade, um relacionamento amoroso que envolva o uso da sexualidade não seria socialmente bem aceito. Assim, a guerrilha, ao oferecer-lhe algumas possibilidades de auto-expressão, revelou-se para ela como aquele espaço desconexo do contexto sócio-cultural colombiano. O isolamento físico do entorno familiar e social do guerrilheiro colocou diante dela um futuro cheio de incertezas, porém, com a possibilidade de viver algumas experiências que correspondiam, sem dúvida, a seus mais profundos anseios.

Freqüentemente pude observar que muitas das pessoas que participaram dos grupos armados colombianos não estiveram satisfeitas com a vida que levaram, e que sua inserção, de alguma maneira, foi uma tentativa de alcançar outro tipo de vida, para elas mais significativo. Na guerrilha, a possibilidade de um ser humano viver duas realidades paralelas, em função de seus desejos e necessidades, parece mais tangível do que em outras esferas da vida social.

Incorporado na guerrilha, identificando-se com a nova identidade de guerrilheiro, o vínculo do guerreiro com seu passado fica reduzido ao corpo. Este se apresenta como a ponte que une a vida do indivíduo à do guerreiro. Através do corpo, o indivíduo poderá revelar na pessoa do guerreiro sua paixão pela vida, seu poder de sedução, a ambivalência de seus gestos, a elipse de sua linguagem, o mistério de sua máscara. Encoberto pela máscara, no registro de quem o observa fica impressa a imagem do guerreiro, que em quase nada se diferencia dos outros que participam do mesmo movimento. Dessa forma, o fato de ter seu rosto encoberto libera o indivíduo das amarras do passado e dá plena visibilidade ao que precisa ser visto: o guerrilheiro que combate em nome da revolução.

É de observar-se que, face à tentativa de construção da identidade, a vida em comum guerrilheira vai além das experiências tradicionais. Pela ativação de uma série de medidas coercitivas, o processo de inserção individual no grupo guerrilheiro é mais rápido do que poderia ser em outros grupos sociais. Logo após seu ingresso, o indivíduo se defronta com uma estrutura social restrita, onde as alternativas de escolha são ou desistir da guerrilha ou ajustar-se a ela. Inserido no tecido social guerrilheiro, em breve ele será assimilado pelo grupo e rapidamente perceberá que, na guerrilha, a fronteira entre o “*eu*” individual e a identidade coletiva se desmancha. Esse processo de assimilação é acelerado por diversos artifícios de coerção grupal que se explicitam em cada ação comandada pela rigidez da vida militar, a exigência disciplinar, a obediência silenciosa, a camaradagem cotidiana, etc. Em cada ato realizado, o *habitus guerreiro* das FARC-EP é incorporado por seus membros.

A vida nômade do grupo traz como consequência certa desconexão como o tempo e com o espaço. Quem ingressa parece perceber que sua história pessoal se desfaz. Tempo e espaço dão a impressão de passar sem deixar marcas na sua existência. Aparentemente o passar dos dias não deixa marcas naqueles que se jogam nas ondas do mundo guerrilheiro. Dizia para mim um guerreiro:

Faz algum tempo quase morro. Me pegou uma apendicite que por pouco me mata. O comando me mandou para casa. Fazia mais de quatro anos que não passava por lá. Quando cheguei tive que perguntar o nome do pessoal. Eles olhavam para mim estranhados. Crianças já crescidas. O pessoal tinha mudado muito. Eu olhava para mim e parecia que continuava sendo o mesmo. Parecia que o mundo mudava para todos, mas para a gente continuava sempre igual.

A estagnação do processo de vida do guerreiro é mera impressão. Provavelmente pela rotina da vida guerrilheira ele não perceba que nas coordenadas do tempo e do espaço é que, de fato, sua vida se transforma, mesmo que ele não tenha plena consciência, a incorporação do *habitus guerreiro*, seja ela total ou parcial, é um fato que acontece enquanto dure sua permanência dentro do grupo.

O processo de incorporação do *habitus* guerreiro das FARC-EP é acelerado. As relações sociais e a intensidade das experiências acontecem rapidamente. Jovens camponeses, num tempo breve, tornam-se guerreiros. No tracejo espontâneo de uma vida sem tempo para o ócio, o ‘eu’ do camponês cede lugar à réplica de um guerrilheiro, de uma pessoa que povoa um universo onde diferenças e identidades entre as unidades individuais são pouco perceptíveis. A vida se fragmenta e se dispersa no incessante fluxo do cotidiano militar. Na guerrilha, o indivíduo aprende a pensar, sentir e agir em sintonia com o coletivo que lhe absorve e lhe induz a experimentar sua identidade num ciclo contínuo de desintegração e reconstrução, cujo resultado final, na maioria dos casos, é sempre imprevisível e provisional.

A diversidade de experiências revela que a construção da identidade do guerreiro está vinculada a uma série de variáveis, entre elas, o tempo. Quanto maior o tempo, mais nítida se torna a identidade do guerreiro. Com o passar dos anos, indivíduo e pessoa encontram-se para revelar uma unidade indissolúvel. Nesse sentido, Lembro-me de Simon Trinidad⁸⁴ diante dos holofotes da imprensa antes de ser extraditado para os Estados Unidos. Sozinho, com o olhar perdido e as mãos trêmulas, não parava de gritar consignas em favor das FARC-EP e contra o Estado. Pela maneira de comportar-se, percebi nele um homem com plena consciência de ser “*revolucionário*”. Em nenhum momento essa identidade se desmanchou, a figura do banqueiro dos anos idos, do homem de negócios bem sucedido, não aparecia. O espetáculo de representação do guerreiro, nele, tinha chegado a seu fim. Para muitos, ser guerrilheiro é viver com uma identidade provisional, postiza, usada enquanto uma fase da vida acontece. Para Simon Trinidad, ser guerrilheiro tornou-se a condição absoluta, única e coerente de sua identidade pessoal.

“Depois do café, mais treinamento militar”

Antes de participar ativamente das atividades guerrilheiras, o prosélito é submetido a um processo de formação inicial de cunho político-militar, cuja duração oscila entre quatro e cinco meses. Nesse processo são transmitidos conceitos e técnicas de combate, desenvolvidos pelas FARC-EP em mais de quarenta anos de luta revolucionária.

⁸⁴ Líder guerrilheiro das FARC-EP preso e extraditado em março de 2005 para os Estados Unidos, acusado de tráfico de drogas, de seqüestro e assassinato de três cidadãos americanos.

O processo inicial de formação militar tem duas etapas complementares entre si: *'a de ordem fechado e a de ordem aberto'*. Na etapa de *'ordem fechado'* se desenvolvem atividades que capacitam o guerrilheiro a tornar-se um defensor da organização. Ensinam-se técnicas de combate pessoal, técnicas para uso, manutenção e conserto do armamento, procedimentos para realizar tarefas de vigilância, desfiles militares, formação e apresentação de armas, etc. Das tarefas a realizar, na que mais se insiste a vigilância noturna do grupo.

Para exorcizar o sono e a preguiça na vigília noturna, os comandantes reafirmam frequentemente que o sentinela não pode dormir nem se distrair no serviço, uma vez que tal desídia é considerada falta grave, que se castiga severamente. O efeito coercitivo da norma é sempre reforçado por lendas fantásticas. Comentam-se estórias de ataques imprevistos de inimigos perigosos e cruéis ou, na maioria de casos, contam-se anedotas de sentinelas que ao serem surpreendidos dormindo em horários de vigilância foram assassinados de súbito pelo chefe imediato. A comandante Olga, lembrando sua iniciação na guerrilha, diz:

Falavam que quando estavam montando guarda, com frequência chegavam os do Exército e, de um momento a

outro, se produzia o combate. Falavam que pela noite apareciam tigres na zona. Sentia-me indefesa. E dizia para mim mesma: se com eles que têm formação acontece isso, o que não acontecerá comigo que estou começando? Serei capaz de agüentar? (LARA, 2001:93).

O zelo pelo grupo nos horários noturnos é algo óbvio. As trevas da noite favorecem a execução dos ataques militares. Portanto, para evitar surpresas, espera-se do encarregado por esse turno o máximo de atenção e cuidado.

Da destreza com as armas dependerá a sobrevivência do guerreiro. É, por isso, que a organização lhe oferece espaços de formação técnica, onde ele aprende a lidar com armas de variados tipos: automáticas, granadas, mortíferos e explosivos. Além do uso, o guerreiro é também adestrado na fabricação de armas de ataque massivo. Dizia um guerreiro:

Quando explode uma bomba [de fabricação] caseira faz um barulho danado. Essa é uma arma altamente destrutiva, barata e fácil de fazer. Você esvazia o xilindró, tira todo o gás butano e corta a parte de cima. Logo a cobre com sacolas e enche de dinamite a parte de baixo. O xilindró se utiliza como lançadeira de um xilindró menor cheio de explosivos e fragmentos de metal. O explosivo do tubo se detona acendendo uma mecha e se lança o projétil. A arma é de curto alcance, mas mata que é uma beleza.

A eficácia no ataque evidencia o poder militar guerrilheiro, daí a insistência do grupo para que os guerreiros se aperfeiçoem cada vez mais com o manuseio das armas.

A segunda etapa no processo de formação militar é chamada de '*ordem aberto*', o objetivo desta etapa é adestrar os guerreiros ao combate em campo aberto. Eles recebem orientações para lidar com o assédio do inimigo e reagir a seus ataques. São treinados para realizar tarefas de inteligência militar, usar técnicas de sobrevivência na selva e executar emboscadas. Um jovem guerrilheiro afirmava:

Capturaram 18 [paramilitares] das AUC. Torturaram e mataram todos. Primeiro os amarraram e os levaram para o acampamento. Chamaram todos os que estávamos em treinamento, os recém-chegados, para olhar como era que matavam [...] para tirar informação. O comandante da companhia deu a ordem, tínhamos que estar aí para aprender a torturar. Cortavam-lhes os dedos, primeiro lhes arrancavam as unhas, o nariz, cortavam as orelhas com facas e depois os

mamilos [...] logo os matavam a tiros. Todos olhávamos, alguns se retiraram porque tinham nojo e vomitavam⁸⁵.

Dessa forma, mediante um treinamento militar rigoroso e prático, realizado num período de tempo geralmente curto e marcado por uma obediência radical, a guerrilha induz seus membros a seguir pelas trilhas da luta armada, como homens especializados na arte da guerra. Insere-os numa dinâmica de vida ocupada em ações eminentemente militares de treinamento, ataque e defesa, sem tempo nem condições para manter outro tipo de vínculo humano senão com outros guerrilheiros e a exercer outro tipo de ocupação senão às ordenadas pelos seus líderes.

No entanto, é necessário dizer que a formação do guerrilheiro não fica reduzida ao mero treinamento militar para combate armado, porque a guerrilha quer que os guerreiros sejam também homens políticos. Como a formação militar, a formação política na guerrilha é igualmente permanente. Com discursos persuasivos, cada oportunidade é aproveitada pelos comandantes para que o combatente entenda a lógica do conflito, perceba as causas da guerra e, conseqüentemente, comprometa-se de forma integral com a luta revolucionária. Seja o discurso, a leitura ou a reflexão, tudo é pretexto para suscitar debates que reforcem o ideal da luta armada. Um guerrilheiro resumiu da seguinte forma o conteúdo mais freqüente dessas discussões: “*A gente falava das injustiças do governo, do roubo que os políticos fazem do erário público e do saqueio que o país sofre por causa das multinacionais que o administram. A gente luta é por isso, para acabar com a pobreza, para acabar com os ricos, para que exista mais trabalho, para que ninguém passe fome*”. No centro das discussões fervilham os temas, os mais preferidos são aqueles que estão vinculados à vida econômica e política do país.

No cotidiano, é freqüente que a jornada da tarde seja usada para a formação política. As discussões são instigadas pelos comandantes ou por pessoas por ele delegadas. Fala-se da origem e da história da guerrilha como resposta a uma conspiração maléfica “dos ricos” para oprimir o povo colombiano. Com entusiasmo, recordam-se momentos vitoriosos das lutas revolucionárias, exaltam-se figuras carismáticas da guerrilha, explicam-se as normas das FARC-EP, comentam-se o regulamento interno e a disciplina da organização. Pelo que se observa, tendo como pano de fundo a esperança de conquistar o poder para o povo, o objetivo da formação política está orientado a insistir na necessidade de lutar, de fortalecer militarmente a guerrilha como organização de resistência popular.

⁸⁵ Em HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:140

“A farda é para honrá-la”

A farda e a arma identificam o guerreiro. Nas FARC-EP, grande parte dos recursos captados é destinada à dotação militar de suas unidades. No uso permanente da farda, da arma e de outros distintivos, o guerreiro adquire permanente visibilidade e participa do poder dessa organização. Diante da população civil, ele se coloca numa situação de superioridade; diante dos companheiros da mesma organização, pelo efeito de uniformidade que provoca a arma e a farda, ele cultiva um sentimento de pertença e camaradagem. Mas, perante os inimigos, o guerrilheiro vive num estado de latente ameaça.

A farda e a arma favorecem a percepção do grupo como uma unidade compacta. A farda causa um efeito visual de unidade coletiva, a arma evoca permanentemente o poder bélico do grupo. Embora o momento do confronto seja fugaz, graças à uniformidade visual coletiva o poder combativo do grupo continua delatando sua presença na visibilidade do guerreiro. Contudo, a participação no poder do grupo está condicionada à permanência do indivíduo nas fileiras. Se por acaso ele se isola do conjunto de seus companheiros, se ele se despoja daqueles símbolos que denotam sua pertença à guerrilha, de fato ele estará renunciando ao poder do grupo e passará a tornar-se impotente, mesmo que sua força seja grande e extraordinário seu talento militar.

No mundo dos guerreiros, perder a arma é considerado delito grave que, geralmente, se paga com a vida. Por isso é de se entender a frase de um guerreiro: “*A gente pode perder a vida, menos a arma*”. Desde o momento em que recebe a arma, esta se torna uma beneficiária de todos seus cuidados. Não há momento em que ele fique desarmado. O contato permanente com a arma, na medida em que passa o tempo, permite que ela se torne para o guerreiro uma extensão de si, a ponto de definir sua identidade mediante a seguinte equação: sem arma não existe guerreiro. A auto-imagem do guerrilheiro é construída sobre essa lógica, tal como revela o seguinte depoimento:

Era o quarto dia de caminhada, eu estava cansado. As provisões de alimentos estavam faltando e o pessoal pressionava para que a travessia pelos Andes fosse rápida. Mas eu não agüentava mais. Fazia tempo que tinha vontade de ir embora. Ouvi comentar que perto do local por onde

caminharíamos essa noite estava o Exército. Eu fui ficando distante do grupo. Quando percebi que ninguém estava prestando atenção, comecei a correr desesperado. Corri muito, não sei quanto. No caminho, parei. Deixei a arma sepultada e me entreguei ao Exército. Desarmado, eles acreditaram de mim. No fundo, sabia que a guerrilha não ia procurar-me, pois não roubei a arma nem a entreguei ao inimigo. Eu sabia que quem deserta e leva a arma é muito procurado e quase sempre termina morto.

Sendo a arma o elo de unidade entre o grupo e o indivíduo, o fato de perdê-la ou dar-lhe fim quebra esse vínculo. Desarmado, a visibilidade do guerrilheiro se esvai, assim como também minguava a violência do castigo de seus inimigos.

Essa percepção da pertença do guerreiro é um reflexo do raciocínio que predomina no grupo. Para este, a arma é um instrumento que demarca o nível de pertença do indivíduo. Assim como a entrega de armas é interpretada como o ritual de passagem à participação ativa do grupo, o desarmamento de um guerreiro é tido como um castigo severo, só comparável com o fuzilamento. De fato, tirar a arma de um guerreiro é uma maneira sutil de condená-lo a uma morte lenta e progressiva, que começa na rejeição do grupo e que se concretiza no combate. É consabido que, nas FARC-EP, guerrilheiros que cometem grave infração, no mais das vezes, são obrigados a participar desarmados de violentos combates. Se no confronto conseguem tirar a arma de algum inimigo, a recuperação dessa arma repara a falta cometida e restabelece o elo de unidade com o grupo.

“Regras não têm amigos”

Vida nômade e grande número de membros seriam dois fatores que impediriam qualquer figuração social sobreviver por muito tempo. Mas, no caso das FARC-EP, a disciplina empregada em suas fileiras tornou esses dois fatores favoráveis ao seu crescimento. A guerrilha soube desde cedo que só a disciplina poderia gerar elos de coesão fortes para manter unido o significativo número de componentes que estão sempre em contínuo movimento, deslocando-se de um lugar para outro como estratégia de sobrevivência no jogo da guerra. De fato, a disciplina para essa

organização guerrilheira é mais do que um meio para manter a ordem interna e impedir a pilhagem, a deserção ou a desobediência de seus membros. A guerrilha parece saber que amolecer na disciplina, afrouxar nas exigências, poupar os sacrifícios ou flexibilizar as determinações seria a maneira mais sutil de cometer um lento suicídio. Na rigidez disciplinar ela encontrou um mecanismo indispensável para evitar a dispersão e garantir sua sobrevivência.

O teor das normas, além de manter a coesão interna do grupo e a definição clara de seus objetivos, exerce extraordinário efeito coercitivo sobre cada um dos indivíduos que integram essa organização. A clareza de seus preceitos reclama rigor em sua obediência, fato que inibe o guerreiro do sentimento de autonomia em seus atos. Como se fosse um efeito colateral das normas, o guerreiro é isento do dilema pessoal de ter que discernir o que é certo ou errado, na guerrilha ele só se precisa obedecer.

No entanto, com a ativação das normas a guerrilha não pretende aniquilar a liberdade individual nem subjugar o guerreiro às vontades espontâneas de outrem, seja lá do comandante ou do chefe imediato. Mesmo que restritas, as possibilidades de autonomia pessoal são reais. O guerreiro pode agir em liberdade, mas deve ter cuidado para que essas ações não firam os interesses coletivos. Por exemplo, no que afeta a organização aproveitar o tempo livre da forma que para o guerreiro seja mais prazerosa? A razão de ser das normas não está no afã de domínio do indivíduo, nem em sua exploração desmedida, ela só pretende que cada guerreiro se ajuste na engrenagem coletiva mediante o exercício pontual e disciplinado das funções a ele encomendadas. Como é cediço, o grupo possui um plano racional de conjunto. Mas, em longo prazo, raciocínios individuais, elucubrações, enfim, o azar de iniciativas pessoais só poderia entorpecer o processo revolucionário. Graças à obediência às normas o grupo evita o risco de colocar sua sobrevivência em personalidades efêmeras.

As normas têm um caráter transpessoal e por esse fato elas se tornam o referencial fundamental na concepção que o combatente tem da guerrilha. Para o guerreiro, mais do que uma organização social a guerrilha é uma instituição com normas definidas às quais ele deve obediência. A participação nessa vida comunitária está condicionada pelo ato de obedecer de cada indivíduo. É pela obediência que o guerreiro participa e permanece na guerrilha, bem como

incorpora o *habitus* guerreiro desse grupo. Comentando o começo de sua inserção na guerrilha, um combatente lembrava:

No primeiro dia me explicaram tudo: ‘você tem que aprender a cozinhar, irmão, a lavar sua roupa, e há ocasiões em que não se pode dormir porque o Exército está em cima e o podem matar’. Isso foi o primeiro dia. Pela noite me disseram: ‘Você tem que prestar duas horas de vigilância aqui parado, e preste muita atenção, se vir algo grande dê-lhe bala ou apite e nos acorda.’ (GONZALES: 2002:126).

Desde o começo é preciso obedecer. A estrutura militar guerrilheira só acolhe aqueles indivíduos que lhe são análogos e a obediência sempre será interpretada pelos líderes como um indício da disposição do indivíduo para tornar-se um bom guerrilheiro.

Antes de ingressar na guerrilha, o indivíduo pode identificar-se com sua ideologia, pode ter disposição para o combate e gosto pela política, mas, o que vai definir seu engajamento no grupo é sua docilidade às normas internas. Do número de efetivos das FARC-EP, supõe-se que 30% são crianças⁸⁶ e mais de 90% são camponeses⁸⁷. A perseverança do camponês nas FARC-EP é favorecida, entre outros fatores, pela habilidade que ele tem para lidar com as dificuldades cotidianas da vida guerrilheira. Criado no rigor da vida camponesa, atividades como cozinhar, lavar roupa, encarar longas caminhadas ou lidar com as inclemências do clima, em fim, as exigências da rotina militar trazem para ele pouca inovação. Por sua vez, as crianças, geralmente acima de 12 anos, também parecem mostrar boa disposição para encarar todos os desafios da guerra. Elas lutam nas mesmas condições dos adultos. Sem espaço para lazer nem brincadeiras,

⁸⁶ Em conformidade com a Convenção sobre os Direitos das Crianças, neste texto considero criança todo ser humano menor de 18 anos de idade, com exceção daqueles que sob aplicação de lei tenham alcançado antes a maioridade. CDN, artigo 1, G.A. Res. 44/25, U.N. Doc. A/RES/44/25 (lei adotada em 25 de novembro de 1989, entrada em vigor em 2 de setembro de 1990).

⁸⁷ É possível que o elevado índice de participação e perseverança de camponeses nas fileiras das FARC-E esteja ligado à baixa escolaridade. Estudos realizados na Colômbia revelam que o índice de analfabetismo se concentra mais nas zonas rurais do país. A partir de uma perspectiva macro-social, constatou-se também que pessoas que tiveram certa formação acadêmica não obedecem cegamente à autoridade, são criteriosas e mais reflexivas, dado que aprenderam a pensar por si mesmas. Por outra parte, revela-se também que o ensino leva as pessoas a terem maior clareza dos seus interesses e a traçar metas para alcançá-los num determinado lapso de tempo, tornando-as mais responsáveis e comprometidas com seus objetivos, mesmo que para isso seja necessário que cada uma exija do governo atitudes que favoreçam seus interesses pessoais. Em outras palavras, na interdependência do Estado com seus cidadãos, o que se constata é que a educação é um fator decisivo na organização de uma determinada sociedade. Considero oportuno indicar sobre esse assunto a leitura do Protocolo de Desarrollo Humano. Maestria en Educación. Docência. Universidad de Manizales, 2003.

as crianças não resistem a fazer da guerra e das suas vicissitudes sua principal ocupação; as armas já não são mais de brincadeira, as ameaças são reais e a experiência mostra que estas não poupam ninguém.

Na distribuição de funções, todos os membros da guerrilha participam nas mesmas condições e deles são exigidos os mesmos resultados. Ali nada se improvisa. Todas as ações são calculadas e mediadas pela obediência às normas. De fato, o rigor da norma permeia todas as instâncias da vida individual e coletiva, percorre o corpo dos guerreiros e, progressivamente, vai tomando conta dele, amoldando-o e tornando-o apto e disponível para lutar pelos interesses do grupo. O tom das normas é imperativo; ele aponta o que se deve fazer, cabendo ao guerreiro somente obedecer. Na obediência silenciosa, repetem-se as mesmas ações e, na soma destas, com o passar do tempo, emergem os hábitos. No automatismo dos hábitos, os traços característicos de pensamento e sentimento do jovem camponês se diluem e surgem outros que o configuram como guerrilheiro das FARC-EP.

A desobediência às normas constitui uma falta e, na guerrilha, não existe falta sem castigo. As faltas podem ser leves ou graves. Consideram-se como *leves* aquelas que subjazem de pequenos descuidos na vida cotidiana: lentidão na obediência, falta de atenção num serviço determinado, esquecimento de funções irrelevantes, etc. O castigo para esse tipo de falta consiste em sobrecarregar de funções que exigem maior esforço físico: carregar água para o acampamento, buscar lenha para a cozinha, desbravar uma extensão de caatinga, cavar latrinas ou trincheiras etc. As faltas *graves*, gerlamente, se castigam com a morte. Consideram-se como faltas graves a perda da arma, a deserção consciente, delação ao inimigo, suspeita de ser infiltrado de forças opositoras, dormir nas horas de vigilância e o furto de recursos da organização.

O castigo é sempre ostensivo e acontece num contexto cerimonial vistoso. Em determinadas situações, o próprio comandante é o carrasco, e para exercer seu mister, quase sempre, basta perceber que alguém incorreu na falta. “*Eu senti o estralo - falou para mim um guerrilheiro-, saímos todos correndo pensando que era o inimigo, mas era o comandante que tinha atirado num companheiro que foi pego dormindo no serviço*”. Embora aconteçam fatos

como esse, onde a punição é quase instantânea com a infração da norma, o contexto preferido pelo grupo para tornar mais visível o castigo é o “*Conselho de Guerra*”.

Poder-se-ia dizer o Conselho de Guerra é o único espaço democrático aberto aos guerrilheiros. Ele revela uma outra face das FARC-EP, na qual, para proteger os interesses do grupo, todos os guerrilheiros se envolvem, deixando a impressão que do parecer individual depende a recondução do grupo, ameaçado de perder seu rumo pela irrupção da falta. No Conselho de Guerra, todos podem participar com voz e voto, em igualdade de condições para acusar ou defender e, por consenso, tomar a decisão sobre o futuro de um guerreiro na organização. O julgamento que fizeram de Ricardo Lara Parada, líder guerrilheiro da década de setenta, ficou registrado assim na lembrança da ex-guerrilheira Dora Margarita:

Eu assisti a esse julgamento. Ele estava realizando um trabalho na cidade. E o acusaram que lá comia simultaneamente carne e ovo frito, desperdiçando os recursos da organização. Podia comer um ou outro, mas não as duas coisas de vez. Então o castigaram com o desarme. Mas alguns votaram para que o fuzilassem. (LARA, 2000:42).

Um ritual como esse, para quem faz parte do grupo, pode significar a oportunidade mais adequada para eliminar as desavenças, as rivalidades, os ciúmes, a concorrência entre companheiros, enfim, a oportunidade para reafirmar a primazia do grupo sobre os indivíduos, assim como também para fortalecer a unidade interna ameaçada.

O Conselho de Guerra é o ritual mais utilizado pelas FARC-EP para incutir nos guerrilheiros um traço característico do *habitus guerreiro*: a submissão total aos interesses do grupo manifestados pelas normas. Os argumentos utilizados, sejam eles para atacar ou defender, terão sempre como referência a fidelidade ao sistema normativo do grupo. Dessa forma, o que se expõe aos olhos de todos os participantes é que, face à norma infringida, a única maneira de reparar os danos e devolver a harmonia perdida é castigando o criminoso. Ao redor do infrator, cada um dos guerreiros interessados começa a elencar as faltas pelas quais o acusado merece ser punido. Através dessas acusações, o valor do grupo para os guerreiros vai sendo afirmado e polido até deixar ventilar que o que ali interessa salientar não é a figura do criminoso, mas a reparação da norma do grupo que foi infringida.

Sendo a norma o meio que consolida e preserva o grupo da ameaça da autodestruição, “*qualquer cuidado para preservá-la e defende-la é pouco*”. Essa parece ser a premissa aceita por todos os guerreiros. Em consequência, na dimensão do não-dito, o critério aceito pela maioria é o de que tudo aquilo que possa colocar em risco o grupo deve ser eliminado. Assim, colocando o infrator na condição de réu, depois do debate se chega a um veredicto que representa a vontade da maioria do grupo. Dessa maneira, o cerco de proteção do indivíduo é violentado e o grupo, com plena autoridade, afirma que, embora o indivíduo seja importante, o que deve se impor são os interesses coletivos, razão pela qual se dispõe a eliminar a presença ‘*daquele que incomoda*’.

A execução do castigo, mais do que punir o crime cometido, tem como objetivo evitar sua possível repetição. Portanto, nunca o castigo poderá reduzir-se a uma mera admoestação. Mesmo que esta seja feita com severidade, se for realizada reservadamente perde seu efeito pedagógico. Para ter plena eficácia, o castigo deve sair do anonimato. Um guerrilheiro desertou das FARC-EP depois de presenciar o castigo de um adolescente como ele, com treze anos de idade. No depoimento, o desertor comenta que seu companheiro reclamou do comandante por obrigá-lo a carregar diariamente, por uma distância de um quilometro e meio do acampamento, dois garrafões de água de 20 litros, duas vezes por dia. “*Ele reclamou porque mandavam sempre ele e porque ainda tinha que fazer até três viagens seguidas*” – lembra Julio⁸⁸. “*Então o acusaram de ‘não cumprir de tarefas’*. No dia seguinte lhe fizeram um conselho de guerra e no terceiro dia o mataram”. Entre a ‘*falta*’ e a execução do castigo decorreu um lapso de três dias, tempo suficiente para que o crime se torne visível, porque só assim o castigo poderá inscrever na memória dos espectadores que a falta punida não deve ser repetida.

Na guerrilha, quando o punido é um membro do grupo⁸⁹, todos os companheiros deverão presenciar o castigo. “*Porém - concluiu Julio-, o que mais me impressionou foi que entre os trinta que participaram do conselho escolheram cinco para matá-lo: dois deles tinham meros 15 anos e haviam sido seus melhores amigos*”. O castigo quase sempre recai com o máximo rigor sobre o corpo do infrator. No caso do adolescente ‘*desobediente*’, o castigo imputado foi o

⁸⁸ Depoimento dado ao jornal El tiempo em 17 de maio de 2003.

⁸⁹ Se o castigo recai sobre pessoas da população civil, é prática recorrente das FARC-EP espalhar os corpos em lugares visíveis da comunidade, acompanhados de textos explicativos da razão da punição.

fuzilamento. Mas o processo de execução se alastrou por dois dias. Durante esse tempo de espera, se o punido entrar em estado de pânico, a mensagem será muito mais nítida e o castigo alcançará ainda maior visibilidade.

Procedimentos com esse teor de violência apresentam-se como paradoxos ao pensamento contemporâneo, dado que depois das profundas mudanças na percepção do indivíduo como eixo da história e causa principal de toda ação humana, o suplício do corpo passou a ser um espetáculo, geralmente, reprovável. Mas o resgate do suplício, da dor física, no mundo dos guerreiros, revela-se como o melhor dispositivo para alcançar a obediência dos guerreiros. Sendo o corpo o lugar central no processo de dominação do grupo sobre seus membros, parece prática bastante aceita na guerrilha a tortura do indivíduo para cultivar o ímpeto do guerreiro. Nessa perspectiva, o acato da autoridade, mais do que resposta a uma convicção interior, aparenta ser mera conseqüência de um raciocínio lógico: em relação às normas o melhor é obedecer. Dessa forma, graças à inflexibilidade dos castigos desenvolve-se tal pensamento que torna os guerreiros mais dispostos às ordenações do grupo, o que permite perceber que na guerrilha fica mais fácil alcançar obediência mais pelos efeitos do medo do que pelas justificativas da razão.

Com efeito, a guerrilha sabe que nada melhor para amedrontar os outros do que o suplício do corpo. Castigos físicos, torturas prolongadas e até mesmo a eliminação da vida em espaços visíveis funcionam como estratégia eficaz para fragilizar a dinâmica emocional dos guerreiros e, conseqüentemente, como efeito colateral do medo alcançar deles a cega obediência. Espera-se que a desproporção do castigo atinja de maneira contundente os espectadores e que o façam concluir que aquilo que estão presenciando é o prenúncio do que poderia acontecer com eles se incorressem na mesma falta.

Fugir do castigo, não cumprir a pena, nem sempre pode ser uma boa idéia. A coação mais efetiva para evitar qualquer tentativa de rebelião é o fato dos líderes insistirem no conhecimento total dos vínculos familiares do guerrilheiro. Dessa forma, fica claro que se o guerrilheiro fugir, a pena recairá sobre seus familiares, concluindo-se assim a eficácia do castigo. No momento da escolha, o medo do castigo pessoal será sempre inferior ao medo do castigo imposto a terceiros, a pessoas que nada têm a ver com a guerrilha. Montesquieu afirmava que só um profundo

sentimento de medo permitirá que “*se aniquilem todas as coragens e se extinga até o menor sentimento de ambição*” (2000:36). Nessa linha de pensamento, a guerrilha parece ter, mais do que na argumentação, apostado no castigo como a melhor maneira de unificar ambições individuais em torno de um projeto impessoal.

O castigo sempre será consequência da desobediência ao sistema normativo que permeia todas as instâncias da guerrilha. A Esquadra, como espaço que cerca o indivíduo, torna-se o contexto social imediato em que se exercem as normas. O controle do pessoal é minucioso e as medidas punitivas, quase sempre, são severas. Na execução desse controle é onde mais transparece o poder de dominação do comandante sobre os guerrilheiros rasos, tal como se percebe no comentário do Comandante Fernando Caicedo⁹⁰:

Uma instância de controle é a célula [...]. Nós temos outra instância disciplinar mais vertical que se chama a Relação, essa se faz todos os dias. Na relação se tratam os erros e as faltas que tenham cometido no serviço diário. Se um companheiro desobedeceu a uma ordem, se dormiu na vigília, se deixou queimar a comida, se lhe escapou um tiro, tudo então é informado na relação. Aqui não há democracia, você só tem direito de informar.

As normas são transpessoais, pois não ficam sujeitas à interpretação subjetiva do comandante e dissipam qualquer possibilidade de argumentação por parte de quem cometeu a falta. A letra da norma tira qualquer protagonismo pessoal e reafirma o poder onipresente da organização, manifestando sua vontade na frieza do papel e na radical obediência dos líderes no cotidiano guerrilheiro.

Os comandantes são os tutores do sistema normativo, e a sua figura está sempre revestida dessa autoridade. Compete a ele fazer com que a norma seja obedecida e o castigo alcance sua eficácia. Assim, o comandante torna-se para o grupo a autoridade suprema, o responsável pela sentença e, em muitos casos, seu executor, exercendo o papel de carrasco. No grupo, sua presença é de extrema visibilidade em razão do poder que nele se congrega. Mas tudo isso não o exime da possibilidade de ser destituído ou de se tornar um ‘*desaparecido*’. O valor do sistema normativo sempre estará acima das pessoas, assim como o exercício do poder será outorgado

⁹⁰ Em FERRO/URIBE, 2002:57-58.

àqueles que derem provas de fidelidade às normas. Uma ex-guerrilheira, que namorava um comandante, lembra assim a destituição do seu parceiro:

Fui julgada [...] porque meu namorado e eu tivemos muitos problemas. Obrigaram-me a abortar e fiquei com muita raiva, por isso brigávamos. Eu o esfaqueei e ele me bateu. Tinha medo de que nos matássemos. Como ele era comandante, nosso conselho estava integrado por cinco comandantes. A votação foi três contra dois para deixar-nos viver. Foi horrível, eu tinha certeza de que nos iam matar. Porém, o castigo foi amarrar-nos numas árvores e tirar-lhe o mando. Desamarravam-nos para dormir e para comer. Castigaram-nos também com o silêncio, nós não podíamos falar com ninguém e ninguém podia falar conosco⁹¹.

Na guerrilha ninguém é insubstituível. Na falta do comandante, outro deverá ocupar seu lugar, o que interessa mesmo é que a dinâmica do grupo não perca seu curso e que a rede de coerções grupais tenha sempre alguém que as articule. Se o grupo ficar acéfalo é muito provável que ele se pulverize pela dispersão de seus membros, daí a importância do comandante, figura projetada para dar sentido de unidade e pertença à guerrilha. É ele quem faz a hermenêutica das normas e, a depender de sua interpretação, o uso dos instrumentos de violência aos quais tem acesso, tornando-se, dessa forma, poderoso diante dos outros. A manifestação do seu poder está no ato de proferir a última palavra quando se trata de decidir sobre o que se faz e o que não se faz e, em certas circunstâncias, quem deve morrer.

⁹¹ Em HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:108.

CAPÍTULO IV

MENINOS NÃO CHORAM

A forma através da qual se manifestam os sentimentos, certamente, não é igual para todos os seres humanos. Essas manifestações alcançam sua forma característica de expressão pela força coercitiva do contexto social onde cada pessoa se move, e não pela criatividade individual. Nas FARC-EP, a dinâmica emocional de seus integrantes está bastante condicionada à forma peculiar como esse grupo percebe a vida. Na guerrilha, a vida é vista como uma luta incessante contra inimigos poderosos, onde a existência individual e coletiva depende da capacidade de ataque e da defesa desenvolvida. Como uma forma de proteger a vida no meio do conflito armado, o grupo desenhou uma estrutura social regida por códigos de conduta que orientam o comportamento do guerrilheiro em todas as dimensões de sua vida. Com a aplicação desses códigos, o grupo pretende formar pessoas com uma estrutura humana compatível com a função por ele desempenhada na amplitude da vida social.

O cotidiano da vida guerrilheira está absorvido pelo preparo ou pela realização de lutas físicas ou armadas contra os inimigos do grupo. Nessas lutas, o fato de ferir ou, se for necessário, de matar não é visto como algo extraordinário, e sim como um exercício regular da atividade guerrilheira. Nesse ínterim, os guerrilheiros que participam dessa estrutura social vão desenvolvendo um *habitus* caracterizado pela intolerância com as pretensões individuais, implacável com os limites decorrentes da condição humana de cada um dos guerreiros, zeloso dos interesses coletivos e contrário a tudo aquilo que o grupo considera desprezível. Nesse contexto, revelar-se física ou emocionalmente como fraco significa correr o risco de ser estigmatizado e, posteriormente, desprezado pela coletividade, dado que esta só dá prioridade àqueles que lhe são afins. No decorrer da vida cotidiana guerrilheira, os traços comunitários de severidade no trato e elevado controle emocional regulam as interações sociais. Esses traços, em períodos de tempo prolongados, são interiorizados pelos guerreiros, eles permeiam todas as dimensões de sua vida a ponto de condicionar sua forma de interagir socialmente, mesmo quando essas interações se sucedam em contextos distantes do universo guerrilheiro.

Nas ciências humanas, é bastante difundida a crença de que a abordagem da dimensão emocional é patrimônio da psicologia. Mas a observação empírica das interações sociais nos ajuda a perceber que, embora a experiência humana dos sentimentos esteja reservada à intimidade de um indivíduo, ela é conseqüência da incidência do tecido social em que ele está inserido. Por outra parte, se revistarmos a história e os processos de transformação social nela desencadeados, poderemos observar que a intervenção dos sentimentos nesses processos tem força extraordinária, com poder suficiente para alterar seu curso.

Nessa linha de pensamento, é de se observar que o conflito armado colombiano não teria conseguido sobreviver por tantos anos se as pessoas que nele estão diretamente envolvidas não estivessem assistidas por uma série de impulsos anímicos. No caso particular da guerrilha, o alongamento e a multiplicação de cadeias de interdependências entre grupos rivais, o agravamento de tensões e conflitos específicos, os dispositivos disciplinares, a vida itinerante e outros traços característicos dessa vida coletiva contribuíram significativamente para o desenvolvimento de padrões peculiares da forma de manifestar os sentimentos. A dinâmica da vida guerrilheira pode alimentar ou extirpar determinados sentimentos. Ódio aos inimigos, amor pela pátria, medo das ameaças e vários outros sentimentos encontram estímulo e sustento nesse tipo específico de vida comunitária. De outra sorte, sentimentos como o ciúme, a inveja, a raiva, a vingança e tantos outros que poderiam interferir na vida em comum, por incidência dos códigos de conduta, são minguados antes mesmo que se manifestem, dado que sentimentos desse tipo só afetam o indivíduo, mas, em nada beneficiam o grupo.

A dinâmica emocional dos guerrilheiros não tem importância no fato mesmo de observar a existência de tal ou qual sentimento. A ênfase que o grupo dá a esse fato recai nas ações que cada um deles pode desencadear. Inserido no seio de uma vida comunitária regida por fortes traços militares, espera-se do guerrilheiro desapego da família e das coisas materiais, disposição e coragem para o confronto armado, obediência às normas, fidelidade à causa revolucionária, enfim, sentimentos e comportamentos que assegurem a identidade do indivíduo com o grupo no qual está inserido. Isso só será possível pela resignação a esses treinos de caráter, através dos quais o coletivo reforçará em cada indivíduo seus traços de identidade. No entanto, o grupo agirá

severamente para extirpar sentimentos cujas ações não sejam compatíveis com o ideal do *‘homem revolucionário’*, que ameacem destruir não apenas o vínculo com o grupo mas também a própria identidade individual. Para uma pessoa cujo orgulho, amor-próprio e distinção social se originam do fato de pertencer ao grupo, deixar transparecer sentimentos que denotem fraqueza significará colocar em risco a sua participação e, conseqüentemente, a sua identidade e auto-estima. Quando isso acontece na guerrilha, os elos de unidade sofrem graves danos que, freqüentemente, são irreparáveis.

“A gente se prende a essas idéias”

A partir da descrição da figura do comandante contida no Estatuto das FARC-EP, podemos deduzir quais são os traços característicos do *habitus* guerreiro. O texto afirma que o comandante deve:

ter capacidade militar e dom de mando. Ter dois anos na fila desempenhando tarefas indicadas e haver observado boa conduta. Haver mostrado interesse por elevar o nível ideológico dos combatentes. Ter cumprido e defendido as determinações dos organismos superiores das FARC-EP e haver-se destacado na obediência às normas disciplinares. Ser militante ativo da organização política. Saber orientar-se em situações difíceis, ser sereno, corajoso, reflexivo, respeitoso dos demais e modesto. Ter caráter revolucionário, elevada moral e estar dotado de honestidade exemplar. Haver manifestado profundo respeito pelos interesses da população civil, portar-se corretamente com ela e conquistar sua confiança. Saber ler e escrever⁹².

Pelas virtudes destacadas nesse texto, poderíamos concluir que o guerreiro é essencialmente um homem altruísta, desvencilhado de qualquer ranço de egoísmo em suas ações, obediente às normas e leal à causa revolucionária.

Altruísmo é aquela disposição individual para cuidar dos interesses de outrem. É a conduta humana que coloca em primeiro lugar, na ordem das prioridades pessoais, o bem dos outros. Colocar o altruísmo como o valor fundamental para quem participa dos movimentos revolucionários é a maior preocupação dos líderes. E eles acreditam que só animados por um

⁹² Estatuto das FARC-EP, capítulo III, artigo 6.

sentimento como esse poderão contar com o apoio popular para suas lutas e, na soma de forças individuais, evitarão que suas propostas fiquem reduzidas a uma quimera. Só o altruísmo tem poder para fazer com que planos e projetos passem da fantasia à concreção, só animado por essa interior disposição o guerrilheiro poderá abraçar os objetivos coletivos como se fossem próprios e participar das ações políticas, econômicas ou militares com inteira satisfação. Embora o altruísmo esteja ligado à ordem da intimidade pessoal, é preciso que seja socialmente cultivado para que, através das disposições internas criadas por esse sentimento, se desenvolvam processos sociais que levem o indivíduo a se entregar à luta por objetivos ligados a uma ordem impessoal. Indubitavelmente a exaltação de valores cívicos, que transcendem o mero subjetivismo, é um recurso que ajuda em muito a guerrilha a envolver seus integrantes na luta revolucionária.

No discurso, a guerrilha afirma que suas lutas são feitas pela defesa da soberania nacional, pela execução de um processo de reforma agrária que solucione os problemas da população camponesa, por uma distribuição de renda mais equitativa, enfim, por uma série de objetivos de ordem eminentemente impessoal, que beneficiariam o povo do qual esse grupo se autoproclama legítimo representante. Entretanto, na busca da consecução desses objetivos, via luta armada, são o corpo e a vida de cada um dos guerreiros que padecem os efeitos das respostas violentas dos inimigos, dado que são eles as pessoas que se arriscam a atingir esses ideais revolucionários. Para que ninguém abdique desse empenho, as FARC-EP desenharam uma série de coerções sociais que induz cada guerrilheiro a perseverar em suas fileiras. Algumas dessas coerções são evidentes, como o aparelho disciplinar, outras são sutis, como menções honrosas e promoções nas posições de poder dentro do grupo.

Contudo, em diversos diálogos percebi que a estratégia mais utilizada pelos líderes é a de motivar os guerrilheiros mediante um discurso bem articulado, que os leva a redescobrir sua dignidade e a se sentirem motivados a defendê-la. O discurso mais empolgante é aquele que atualiza as lutas revolucionárias no mundo e, principalmente, as memórias das origens da guerrilha colombiana. Seguir o exemplo dos fundadores do grupo, dos “guerreiros de Marquetalia”⁹³, é quase uma ordem. Comentava o comandante Ivan Rios:

⁹³ A batalha de Marquetalia ocorrida em 1964 é comentada em todos seus detalhes nos diversos momentos de formação política, e quando isso acontece os guerrilheiros são obrigados a escutar as narrativas referentes a esse fato

A atitude do pessoal de Marquetalia foi uma atitude de dignidade, de assumir o que estavam fazendo e não submeter-se às exigências do outro numa inferioridade total de condições. E esse gesto se entende porque os marquetalianos não são simplesmente os que começaram aí, senão os que seguiram os combatentes que se vinculam hoje. Muita gente se vincula por dignidade. (FERRO/URIBE; 2002:35).

Sendo quase a totalidade de guerrilheiros de origem camponesa, pobres e excluídos, um discurso como esse se torna eloqüente e cativante. Para muitos deles é motivo de honra participar do resgate de sua dignidade e a dos excluídos da pátria e contribuir para a continuidade da luta armada iniciada por outros camponeses como ele.

Quando um discurso que conclama o resgate da dignidade é proferido para uma platéia fragilizada pela pobreza e exclusão social, o resultado não pode ser outro senão a acolhida do convite para somar forças e lutar pela mudança desse quadro de *'flagelo social'*. Eis o contexto no qual a importância sociológica do altruísmo toma a forma concreta que aqui me proponho a observar. A importância do altruísmo radica precisamente no fato de possibilitar que no indivíduo confluam os interesses pelos quais luta o grupo. Se os líderes conseguirem disseminar os interesses coletivos na multiplicidade de guerrilheiros por eles comandados, se conseguirem fazer com que esses interesses se tornem a causa essencial que justifique qualquer sacrifício, então a unidade coletiva e a sobrevivência do grupo estará garantida pelo entrega generosa e total de cada combatente. Em outras palavras, o altruísmo adquirirá seu derradeiro valor quando os interesses coletivos forem incorporados como próprios pelo indivíduo, e quando este, instado a lutar por causas impessoais, se dispuser a abdicar de projetos pessoais e a pagar qualquer sacrifício para manter-se fiel àquilo que, sendo patrimônio de muitos, é considerado e zelado como se fosse seu.

Dizia a ex-guerrilheira Dora: “A gente se entrega absolutamente a essa estória da guerra [...], é incondicional com ela, cego, não importa nada [...]. A gente se entrega com alegria, não sente que está renunciando a tudo, a formar uma família, a viver junto de um namorado, a estar perto da mãe [...]. A gente se prende a essas idéias” (LARA, 2001:37). Quando na gama das manifestações afetivas o altruísmo passa a ocupar o lugar preponderante na vida do guerreiro, o resultado mais imediato é que esse fato o poupa de dilemas e conflitos em seu comprometimento

em posição de sentido. Há ainda a condecoração “*Ordem de Marquetalia*”, reservada aos guerrilheiros que dêem mostra excepcional de fidelidade ao movimento.

com o grupo. Movido por essa disposição apaixonada para cuidar dos ideais revolucionários, o guerrilheiro não se sentirá mais interiormente dividido pela interferência de outros sentimentos de ordem mais subjetiva, como o amor à família, o zelo pelo trabalho, o desejo de sucesso profissional ou acumulação de capital, etc.

Sabe-se que, na maioria dos casos, as razões que levam os indivíduos a se inserirem na guerrilha estão ligadas à pobreza e à exclusão social. No entanto, a pregação guerrilheira coloca o altruísmo como a causa principal que move os combatentes a perseverar na luta armada, tal como afirmava o comandante Ivan Rios:

Nós não temos salário. Pode ser difícil não ter salário, não receber uma remuneração econômica, mas isso não afeta na medida em que desde o começo a gente se comprometeu e deve ser claro com a família nesse sentido, desde que o pessoal tenha um compromisso de que já não é pela família, senão por todo um povo, pela sociedade. Se isto fosse uma organização de beneficência, talvez sim, ou se fosse clientelista ou alguma coisa desse tipo. Mas não é assim, é uma organização revolucionária que tem objetivos distintos. (FERRO/URIBE, 2002:90).

Dessa forma, ainda que o ingresso na guerrilha seja apresentado como um ato realizado com plena consciência das renúncias e riscos, a partir dele a guerrilha atribui para si o direito de exigir do indivíduo uma conduta condizente com o ideal revolucionário, marcado pela nobreza do altruísmo.

Contudo, o amor à causa revolucionária, a entrega generosa às lutas populares e tantas outras moções com o mesmo teor altruísta, não são elo suficientemente consistente para garantir o comprometimento do guerrilheiro, assim como para segurar unidade e coesão grupal duradouras. Lembrando seu ingresso à vida guerrilheira, um ex-combatente dizia para mim:

“O dia que me entregaram a arma, me disseram que era para defender à pátria, para lutar pelos pobres, para que ninguém passe fome. Eu me emocionei. Quase que chorei. Mas, depois de algum tempo, comecei sentir-me cansado de fazer todos os dias a mesma coisa. Sentia falta dos amigos e das coisas que gostava fazer quando morava em minha casa”.

A emoção dos primórdios, com o passar do tempo, pode tornar-se fastio. A guerrilha sabe que nada é mais volátil do que a afeição humana. Nas trilhas da revolução o altruísmo e outros sentimentos motivadores podem perder sua força e levar os guerrilheiros a perder o encanto de

viver no grupo, conseqüentemente, o risco de minguar o furor combativo do guerrilheiro aumenta. De fato, sem tirar sua importância sociológica, o altruísmo, manifestado na forma do amor, da amizade, do patriotismo ou do sentimento do dever social, está sujeito às vicissitudes da vida interior. Portanto, a guerrilha, enquanto figuração social que prima pela autoconservação, precisa envolver todos os seus membros na dinâmica dessa vida social guerrilheira, instigando-os a participar movidos também por outros sentimentos que possam ser orientados sociologicamente, tal como acontece com a fidelidade.

Sabe-se que, na guerrilha, as interações entre seus membros se dão numa relação de dominação/submissão. O grupo tem planos estratégicos traçados em longo prazo e uma estrutura política e militar bem precisa à qual cada novo combatente deverá se adaptar. Nesse processo de adaptação, são desconsiderados planos, projetos e anseios pessoais da vida pregressa do indivíduo. Essa ruptura com o passado pessoal não é mais do que um artifício que visa manter vigente a vida em comum existente desde a época da configuração do grupo. Assim, o ingresso do indivíduo serve para acrescentar essa força coletiva, e não para alterar seu curso. Provavelmente por essa razão as FARC-EP tenham conservado, nos mais de quarenta anos de luta revolucionária, os traços organizacionais que lhe caracterizaram desde suas origens.

Frente a essa estrutura organizacional estática, que não admite a interferência de moções pessoais, a fidelidade adquire incidência sociológica importante. Através dela, a instabilidade interior das pessoas cede espaço a uma participação mais firme e estável no tecido social guerrilheiro. Repleto de rigidez em suas estruturas, objetivos e códigos de conduta, esse grupo perdura e se afirma acima da vida e do ritmo subjetivo do guerreiro. Prescindindo das incontáveis modificações, oscilações e entrelaçamentos com que se revela em cada caso concreto a interioridade individual, a fidelidade é a ponte, a conciliação daquele dualismo essencial e profundo que se abre entre a vida interior do indivíduo e sua participação no tecido social do guerreiro.

O guerrilheiro sabe que seu ingresso no grupo é definitivo, que o futuro só pode ser pensado em função das possibilidades de vida que ele possa encontrar dentro dessa coletividade. Ele tem clara consciência de que não poderá recuar nem pôr objeção a determinadas ordens. Ele

sabe que o código disciplinar é inflexível e não tolera que a relação indivíduo/guerrilha se altere. De fato, a *deserção consciente* e a *desobediência* são consideradas faltas graves, punidas severamente, quase sempre com fuzilamento. William, seqüestrado pela guerrilha durante um ano e meio, falou para mim:

Os guerrilheiros são gentes muito conformadas, quase nunca reclamam de nada. Não recebem salário, só a comida e o material de dotação militar. Eles são limpos e disciplinados. Eu acho que a vida deles é muito monótona e extremamente controlada, mas ninguém tem coragem de se revoltar ou de ir embora.

Para o depoente, a vida exigente e pouco gratificante do guerrilheiro contrasta com a fidelidade para com o grupo. Ao afirmar que “*ninguém tem coragem de ir embora*”, William nos ajuda a perceber a fidelidade como aquele sentimento que não depende tanto das moções interiores quanto do controle externo, que a sociedade exerce sobre o indivíduo. De fato, o rigor disciplinar da guerrilha assegura a preservação das relações internas no grupo e a participação ativa do indivíduo na manutenção dessa vida coletiva. O valor sociológico da fidelidade se explicita naquele poder que leva o indivíduo a se manter unido ao grupo mesmo depois de perceber que suas expectativas não foram satisfeitas e que, embora não concorde com as decisões dos comandos, seu dever é obedecer e manter-se leal ao grupo.

Ódio para quem nos odeia

A influência de grupos inimigos foi fundamental para que a guerrilha, desde sua gênese, formaram-se como um grupo claramente combativo. Seja para se defender ou para atacar, o que se observa é que os traços militares das FARC-EP se configuraram no decorrer de ações recíprocas entre opositores nos meandros da guerra revolucionária. O sucesso de tal desenvolvimento militarista teve que ser paralelamente acompanhado pelo desencadeamento, na vida interior dos guerreiros, de sentimentos adequados a diversas circunstâncias. Esses sentimentos certamente subministraram aos guerrilheiros forças necessárias para a execução de ações combativas e para o desenho da estrutura organizacional coletiva.

De fato, graças ao auxílio de um complexo de impulsos anímicos, a luta revolucionária das FARC-EP se tem prolongado por mais de quarenta anos. Entre esses impulsos, certamente, encontra-se o “*ódio social*”, entendido este, no sentido de Simmel⁹⁴, como a rejeição que padece um grupo ou um de seus membros por consequência das ações realizadas por outro grupo que se posiciona como opositor. Tal rejeição não se justifica em razão de motivos pessoais, senão, no sentido em que o outro significa uma ameaça para a existência do grupo que se quer resguardar. Sem dúvida, o “*ódio social*” é um dos sentimentos que mais tem impellido os guerrilheiros a se resguardarem de grupos inimigos com firmeza e determinação. Odiar os grupos inimigos, sejam eles paramilitares, Forças do Estado ou outros movimentos guerrilheiros, não por razões pessoais, mas por significarem um perigo à existência da própria coletividade, tornou-se uma estratégia sociológica extraordinária de auto-afirmação guerrilheira. Na rede de iterações entre grupos opostos, partindo do princípio de que o “*ódio social*” é recíproco entre os contendores, o antagonismo entre eles se agrava, deflagrando as mútuas agressões e abrindo curso a uma sucessão de confrontos e embates sem um fim previsível.

O ódio aos grupos inimigos, cultivado no decorrer da vida guerrilheira, é um dos sentimentos socialmente construídos que têm trazido mais resultados para a dinâmica de configuração guerrilha/guerrilheiro. Ouvindo diversas experiências do processo de formação ministrado aos guerreiros, percebi que o desenvolvimento desse sentimento acontece principalmente, pela influência de um conteúdo discursivo que reafirma duas realidades excludentes entre si. No primeiro momento, o acento discursivo recai sobre a razão de ser das lutas populares. Nele, o indivíduo é levado a olhar para seu grupo e reconhecer a grandeza de suas façanhas, a galhardia daqueles que foram seus membros e que legaram um exemplo de coragem e fidelidade à revolução. No grupo exalta-se a nobreza das causas que justificam suas lutas, a singularidade de seus membros e a necessidade que o grupo tem de reafirmar sua responsabilidade histórica de transformar a “*dolorosa*” realidade social colombiana. No segundo

⁹⁴ SIMMEL (1977:289-296), analisando as interações entre católicos e luteranos, ou entre castas indianas e colonizadores ingleses, afirma que graças à mediação do “*ódio social*” muitos grupos reafirmam sua identidade e, conseqüentemente, estabelecem suas diferenças com grupos circundantes. A participação do “*ódio social*” dá vida e colorido a relações que, sem o estado de tensão que esse sentimento gera, não poderiam existir. Nessa mesma linha de pensamento, considero oportuno ler L’Agressivité no livro de FREUND (1982:131-142).

momento, o grupo aponta aqueles que são considerados culpados pela estagnação política, econômica e cultural do povo colombiano e conclama a disposição para lutar e para transformar esse estado de dominação e de abuso de poder. Dessa forma, reafirmando os valores da guerrilha e denunciando os atropelos das elites dominantes, é perceptível que a intenção dos argumentos é instigar sentimentos de aversão, de forma a que os guerreiros se sintam motivados a descarregar suas paixões e reparar a burla feita pelos opressores do país.

Se for verdade que nossas atitudes dependem, em grande medida, do conhecimento que temos do passado e que as nossas imagens do passado servem, freqüentemente, para justificar a ordem social presente, não é de estranhar que os guerreiros não oponham resistência aos pareceres de seus líderes. Como já se sabe, a grande maioria dos guerrilheiros possui um histórico de vida marcado pela pobreza, pela labuta da terra e pela falta de oportunidades. Para eles é simples entender o discurso e dar seu beneplácito, como se fosse uma consequência lógica a necessidade de resistir às agressões dos indigitados inimigos.

O “*ódio social*” se alimenta na medida em que se evidencia a culpa. Por isso, no discurso veemente dos líderes guerrilheiros, as iniciativas tomadas pelo governo sempre são vistas com desconfiança. Ao rejeitarem qualquer ato governamental, eles encontram mais suporte para argumentar a nova ordem que tentam instaurar pelo fragor das armas. Mas, para que isso seja possível, para que a máquina de guerra das FARC-EP avance na direção da derrocada do poder das elites hegemônicas, a guerrilha afirma que é preciso suprimir os responsáveis do processo de pauperização do país. Acusam-se a essas elites de aplicar métodos cruéis para manter-se no poder. E assim, à medida que afloram as acusações, no imaginário do guerrilheiro raso os opositores da guerrilha vão adquirindo uma configuração humana com traços indecifráveis de perversidade. Com essa construção do opositor da guerrilha como inimigo ‘*monstruoso*’, a imagem engendrada dos grupos opositores se define em posições determinadas: a guerrilha reforça sua auto-imagem de movimento de vanguarda e as ‘*elites burguesas*’ como um fenômeno social indesejado, como o mal que precisa ser extirpado.

Um poema guerrilheiro diz:

Tu, um bravo da força brutal/ Soldado militar/ tu que és um
Sansão/ e queres acabar com aqueles que não o são/ Tu que

me fostes entregar/ Sem nenhuma razão à autoridade/ Se te acabaram esses dias de glória/ Nos quais maltratavas pessoas inocentes/ Agora estamos aqui, somos um povo armado/ Que procuramos a justiça/ Arrasando o malvado/ Buscamos o bravo e aquele que nos ofendeu⁹⁵.

Esse poema pode ser a síntese da visão que a guerrilha tem do inimigo. Sob essa percepção do opositor como um perigo, ela tenta ativar o ódio social nos guerreiros para que estes se disponham a combatê-lo, acreditando que pela intensificação dos combates a vitória da causa revolucionária fica mais próxima de sua concreção.

O incentivo para odiar os inimigos tornou-se para a guerrilha um engenhoso artifício de sobrevivência no meio do conflito. Tomado pelo ódio, o guerreiro mantém um sentimento de repulsa por aqueles que o grupo indica serem seus inimigos. A rejeição pelos inimigos se exprime das mais diversas formas, sendo um dos exemplos a maneira através da qual os guerreiros se referem aos seus opositores: “*abutre*”, “*urubu*”, “*piranha*” e “*praga*” são alguns dos adjetivos pejorativos que fazem parte do linguajar guerrilheiro. Experimentar profunda repulsa pelo inimigo provoca no guerreiro um sentimento de esperança no futuro, porque sua resistência, mesmo que não se ultime a luta física, o faz perceber que não está completamente oprimido. Incentivar o ódio ao inimigo é uma das estratégias que a guerrilha encontrou para levar o guerreiro a adquirir consciência de sua força. Sem esse ódio exacerbado seria difícil a guerrilha conseguir manter em suas fileiras tantos guerreiros congregados, tantos homens e mulheres dispostos a arriscar tudo pela causa revolucionária. Sem a implantação do ódio no coração do guerreiro, o conflito armado na Colômbia não teria a mesma vivacidade, nem os grupos manteriam a mesma relação de coerção mútua que os define e vitaliza.

No entanto, em diversas visitas que realizei a ex-guerrilheiros presos, percebi que o teor de suas palavras, quando referidas às forças estatais, não era tão acalorado. Faziam mais ênfase na vida política e econômica do país, com o mesmo acento que o colombiano comum poderia fazê-lo. Isso me levou a perceber que o ódio social é um sentimento que muda de feição, e que sua intensidade depende do contexto social onde o indivíduo se encontre. Inserido no grupo, esse sentimento tende a estabilizar-se no guerreiro devido ao fluxo constante das provocações que o

⁹⁵ Tomado do Cântico “*Soldado Brabucon*”, da Frente Guerrilheira Comuneros del Sur, em fita cassete divulgada sob o título “*Busqueda*”.

reforçam. Mas, desmembrado, livre das coerções coletivas, a tendência é que esse sentimento adquira uma outra conotação. Fora da guerrilha, quando não é de desconfiança, a atitude do guerreiro em relação às pessoas anteriormente consideradas inimigas manifesta-se na forma de indiferença e, em algumas ocasiões, sob a roupagem da inofensiva simpatia. Entrementes, esse processo de desconstrução do ódio social precisa de um lapso de tempo prolongado⁹⁶. Um educador social em Bogotá, a partir de sua experiência como funcionário de um albergue dedicado a acolher menores ex-combatentes, afirmava que estes, ao saírem de seu grupo, percebiam as autoridades políticas e militares como a mais viva manifestação do mal. Para o educador, inicialmente, os ex-guerrilheiros tinham dificuldade em enxergar o governo ou a força pública com confiança e respeito.

“Aqui está tudo bem”

O conhecimento de outrem, ainda que aconteça num ambiente totalmente livre de coerções, estará sempre limitado às manifestações externas da vida humana através do agir e do falar. Só poderemos saber algo dos outros na medida em que estes agem e falam. Dessa forma, o conhecimento que os guerreiros têm uns dos outros - baseado nas ações e falas mútuas - é extremamente limitado, se levarmos em conta que o uso da palavra é empreendido racionalmente e que as ações dos guerreiros nunca são totalmente individuais. Mas, para dar suporte às interações sociais, percebe-se que na guerrilha não é fundamental saber tudo do outro, basta saber de seu vínculo com a organização. Com esse indício, dá-se por entendido que todos os que ingressam partilham dos mesmos ideais de luta, estão dispostos a assumir os desafios e riscos correspondentes e, principalmente, acatam as normas da organização.

A submissão às normas da organização tornou-se o elo que dá suporte à coesão grupal e o dispositivo essencial para evitar que a heterogeneidade de raciocínios ocasione oposições individuais que obstaculizem a execução das ações guerrilheiras. Prescindindo da interferência do subjetivismo, fica mais fácil congrega a pluralidade de membros em torno de um objetivo comum. É sobre esse conhecimento básico que se realizam, além das ações militares, as

⁹⁶ Em varias cidades do país onde foram encarcerados combatentes de grupos paramilitares e guerrilheiros, devido às agressões mútuas, o governo foi obrigado a colocá-los em lugares diferentes para evitar o contato físico e as possíveis manifestações de violência.

interações sociais entre os guerreiros. Para encontrar apoio no “*camarada*”, o guerrilheiro não precisa conhecê-lo profunda e totalmente nem saber do seu passado, do que pensa ou do que sente, basta saber que ele é também um guerrilheiro.

Esse saber relativo do outro é extensivo também ao grupo. Aquilo que é de interesse comum, é comentado e comunicado abertamente. No entanto, as ações militares que dão vida e conteúdo à existência desse tipo de coletividade, embora sejam de interesse comum, quase sempre ficam reservadas ao sigilo dos comandantes. A participação dos guerreiros justifica-se pela força individual que cada um aporta às ações combativas. Os planos gerais e as minúcias dos detalhes são conhecidos pelos líderes. Os guerrilheiros rasos são apenas informados, com poucas horas de antecedência e em tom imperativo, da execução de tal ou qual operação. Eles são induzidos a participar de uma determinada ação sem direito a contestação. Suas opiniões ou motivações são sempre dispensadas pelos comandantes.

Na esfera externa ao grupo, a publicidade só acontece depois de terem sido realizadas as ações militares, pois a divulgação anterior pode ensejar alguma intervenção indesejada. A guerrilha divulga seus feitos partindo da idéia de que a sociedade civil precisa se inteirar dos acontecimentos da guerra revolucionária. Na arte da guerra, a habilidade para lidar com o secreto contribui sobremaneira para alcançar o sucesso militar, dado que este depende da capacidade de encobrir a execução das ações preliminares. Os comandantes evitam que se vazem informações como forma de impedir mudanças inconvenientes, surpresas desagradáveis, morte e destruição. É por isso que na guerrilha, a informação estratégica sempre fica amparada pelo sigilo de poucos. Ainda que pela ocasião do ingresso o indivíduo manifeste sua inteira disposição para entregar-se ao grupo, isso não basta para tornar-se totalmente confiável.

Sob o olhar das FARC-EP, tal como se lia no Estatuto, o guerrilheiro possui “*caráter revolucionário, elevada moral e honestidade exemplar*”. No entanto, no andamento da vida cotidiana, pelo tratamento disciplinar que o grupo dá a seus membros, subentende-se que a imagem do homem revolucionário traçada no Estatuto é substituída pela de um homem volátil, no estado intermédio da entrega total que o grupo espera. Se o comprometimento com a causa revolucionária fosse total, não haveria necessidade de usar artifícios de dominação como o

segredo e a disciplina. Mas, o apelo a esses artifícios é conveniente em virtude da faculdade de pensar, que é tão própria dos seres humanos e que torna cada indivíduo suspeito por excelência. Essa suspeita não pode ser evitada até mesmo pela conduta exemplar demonstrada no dia-a-dia da vida guerrilheira, dado que a capacidade de pensar implica também, ainda que hipoteticamente, a possibilidade de mudar de idéia. E é esse fato que dá sustento ao segredo e, conseqüentemente, que justifica a desconfiança espalhada nas interações guerrilheiras.

O processo de inserção na guerrilha é rápido. Desde o início o novo guerreiro começa a participar das diversas atividades comunitárias, tais como a prestação de serviços, o cumprimento dos horários e a execução de funções a ele encomendadas pelos chefes imediatos. No fluxo incessante da comunidade, a vida corre depressa, o tempo é curto e o controle das mais diversas atividades absorve a atenção e o cuidado dos comandantes. Quando ingressa um novo integrante, as possibilidades de inquérito sobre sua vida pregressa são escassas, vez que as dificuldades práticas de apurar os dados fornecidos e a significativa quantidade de ingressos podem embarçar o curso das atividades do grupo. A falta de confirmação das informações prestadas faz emergir a suspeita, o que faz com que a guerrilha ative seu aparelho disciplinar e de comando para dar um matiz peculiar às interações entre os guerrilheiros.

A desconfiança mútua que caracteriza a vida em comum guerrilheira encontra seu fundamento na hipótese de possíveis delações que possam colocar em risco a estabilidade do grupo⁹⁷. A desconfiança, como atributo pessoal, é desenvolvida pelo guerreiro, quase sempre, por coação do líder. Dialogando com alguns guerrilheiros, era comum ouvi-los afirmar que, depois do ingresso, o comandante os chamava para indagá-los sobre sua vida pessoal e orientá-los sobre

⁹⁷ Em comunicado do Exército Nacional, veiculado pela imprensa em 17 de janeiro de 2000 e a partir do depoimento de 53 guerrilheiros desertores das FARC-EP, em 1999 foram assassinados 300 guerrilheiros como resultado de uma “faxina” interna ocasionada pela suspeita de que as vítimas poderiam se tornar futuros delatores. Informações como essa são veiculadas freqüentemente pela mídia. Contudo, a “faxina” mais notória foi a que aconteceu a começos de 1986 em Tacueyo. Javier Delgado, comandante do grupo guerrilheiro que operava na região, chamou a imprensa para informar que tinha executado 158 “infiltrados” do Exército. Para dar mais veracidade a essa informação, apresentou seis homens para serem executados perante os jornalistas convocados. O comandante Delgado afirmou: “Fico orgulhoso de ser o chefe de uma organização que tem executado 158 assassinos do nosso povo”. E concluiu suas declarações dizendo: “Estou cansado de matar tanto filho da puta” (RAMIREZ/RESTREPO, 1998:246). A justiça estatal, depois de ter investigado o caso, concluiu que a causa da suspeita era simplesmente a coincidência dos jovens assassinados usarem um escapulário, o que se explica pelo fato de que todos eram camponeses do Departamento del Valle, região de fortes manifestações de religiosidade popular.

a forma de se relacionar com os outros '*companheiros*'. Ele pedia que, ao entrarem em contato com outros integrantes do grupo, se comportassem com cuidadosa discrição, isto é, que ao falarem sobre si próprios, dissessem estritamente o necessário. Uma orientação como essa denota a clara intenção de situar o indivíduo como guerreiro, de reafirmar claramente que é essa sua função dentro do grupo. Por outra parte, com essa orientação o guerreiro é sutilmente induzido a desconfiar dos outros que partilham sua mesma sorte.

Orientado a guardar segredos, o guerreiro tem como desafio lidar com a incessante interação social na estreita relação a que é submetido na vida cotidiana. A distribuição dos espaços nos acampamentos guerrilheiros ocasiona contato físico constante. A divisão do trabalho impede que os guerreiros assumam atitudes de indiferença mútua. Passar despercebido se torna impossível. Assim, obrigado a se comunicar com reserva, o guerrilheiro passa a agir de forma racional, calculada e metódica perante os demais membros do grupo. No entanto, com estranhos ou com aqueles com quem não partilha nenhum tipo de interesse, prevalece a confiança para dividir pedaços de intimidade, tal como se narra em quase todas as histórias de vida dos seqüestrados. Na experiência do trabalho de campo, dialogar com guerrilheiros presos sob a condição de voluntário, cujo único interesse era facilitar a vida deles na cadeia, propiciou um clima de espontaneidade a partir do qual os guerrilheiros deixaram fluir experiências de vida que, segundo meu entendimento, nunca seriam partilhadas com aqueles que foram seus companheiros de Esquadra.

Expor abertamente a intimidade, dividir pensamentos e/ou sentimentos de maneira espontânea com os companheiros de luta é correr o sério risco de colocar em dúvida a pertença ao grupo. De fato, na guerrilha chama-se '*desmoralização insuperável*' aquele estado de tristeza profunda e de falta de motivação para atender às exigências dessa vida militar. Quem entra nesse estado ou dá sinais dele está manifestando os sintomas de uma possível '*deserção consciente*', fato que na guerrilha é considerado falta grave que sempre se pune com fuzilamento. Dizia para mim um guerrilheiro:

No começo, ficava meio pensativo, cabisbaixo... Aí o pessoal começou a zombar comigo. Um dia o comandante me pegou para conversar. Fez para mim um monte de perguntas. No final me olhou sério e me disse que tivesse cuidado com o que pensava fazer. Depois um companheiro me falou que quando

o pessoal fica triste é porque quer ir embora e que, talvez, ele pensasse que eu quisesse fugir. Eu levei o maior susto. Depois disso, mesmo que ficasse triste, eu tentava mostrar para os outros que comigo estava tudo bem.

Chorar, ficar triste, reclamar da vida e tantas outras manifestações emocionais são vistas como inadequadas para um guerreiro, dado que podem ser interpretadas como sinal de fraqueza e como prenúncio de uma possível deserção. Depoimentos como o anterior nos permitem ver como a desconfiança se torna um meio de coerção eficaz, através do qual o grupo instila no seu integrante dois traços característicos do *habitus* guerreiro: o uso racional da palavra e o elevado autocontrole na manifestação de suas emoções.

Se, por um lado, a reserva na dimensão individual poupa o guerrilheiro de correr o risco de inspirar desconfiança nos outros, por outro traz como consequência a dificuldade para estabelecer relacionamentos afetivos profundos. Distante da família e dos amigos, desprovido do

calor dos afetos de seus anteriores relacionamentos, a solidão emerge como um sentimento coletivamente partilhado. Embora seja uma experiência comum à condição humana, a solidão é mais intensa e mais sentida no universo dos guerreiros. A solidão do guerreiro não se refere à ausência ou à carência de relações sociais, ele a experimenta como o sentimento de estar interiormente só, de perceber que, embora rodeado de muitas pessoas, ninguém possui significado afetivo para ele. Dessa forma, os outros podem fugir, abandoná-lo, traí-lo ou até deixarem de existir que ele não vai sentir a falta, pois não há nenhum elo emocional que garanta um mínimo de unidade individual. É na companhia dos outros que a solidão do guerreiro se manifesta mais nitidamente.

Sem medo para lutar

A vida do guerreiro não foge à regra da condição humana. Para ele, os indivíduos que lhe rodeiam representam o seu universo social, a sua realidade objetiva. Na ordem das relações sociais, eles ocupam o lugar do imediato. Sendo assim, não é de surpreender que para construir seu universo interior de representações o guerrilheiro se condicione aos limites colocados pelo grupo, à dinâmica das interdependências e a tudo aquilo que decorre da mera existência dos outros.

As representações que o guerrilheiro faz a partir da experiência da vida em comum tornam-se subsídio para organizar e tornar compreensível a si mesmo aquilo que acontece em sua vida interior. Se observarmos o procedimento do grupo, não seria difícil entender o porquê das ações e a singularidade das formas de manifestar pensamentos e sentimentos do guerrilheiro. Pode ser que nossa percepção imediata capte indivíduos independentes, que agem com autonomia, mas, partindo de numa análise mais aprofundada, poderemos perceber que em cada indivíduo se manifestam os traços característicos do grupo, assim como no grupo, de alguma maneira, os traços guerreiros do indivíduo se refletem.

Nada melhor para evidenciar os efeitos da simbiose do indivíduo com seu grupo do que a forma desenvolvida pelos guerrilheiros para administrar o sentimento de medo. No mundo da guerra, a administração dos medos humanos tem significativa importância, pois dela depende o

nível de poder que o grupo exerce sobre seus membros bem como sobre seus inimigos. Dado que a administração dos medos humanos pode ser uma das mais importantes fontes de poder sobre as pessoas, na guerrilha se percebe que uma profusão de domínios se estabeleceu e continua a se estabelecer sobre essa base. A arte pode nos ajudar a mergulhar na percepção dessa realidade. Numa música alusiva ao movimento, podemos captar a forma como é construída a auto-imagem coletiva das FARC-EP. A música diz assim:

“Desde criança me perseguem/ Mas não me podem matar/ Me sinto muito orgulhoso/ De ser um guerrilheiro das FARC/ Pegar meu fuzil em mão/ Essa foi minha conclusão/ Gritemos todos irmãos/ Viva a revolução”.

Em cada expressão está plasmada a representação que o grupo faz de seus membros. Para o grupo, o guerrilheiro é, essencialmente, um combatente destemido, que encontra prazer em lutar e que faz do risco sua principal distração. Apaixonado por sua pátria, movido por um sentimento nacionalista, os ideais revolucionários são para ele o elixir miraculoso que conforta e justifica qualquer empreitada.

A depender das circunstâncias varia a forma como o grupo coage o guerreiro para lidar com o medo. Nos embates, espera-se um guerrilheiro disposto para a luta e desprovido de perturbações emocionais que comprometam seu desempenho. Frente ao inimigo, o medo inibe a coragem. Embora seja o indivíduo que experimente tais sentimentos no âmago de sua intimidade, o grupo, mediante o uso de diversas práticas coercitivas, não poupa esforços para instigá-lo a vencer as limitações decorrentes do medo. Foi isso o que aconteceu com Adriana, nos começos de sua vida guerrilheira:

Tive um combate sete semanas depois do meu ingresso. Eu estava muito assustada. O ataque era contra os “paras” [paramilitares]. Matamos uns sete. Eles mataram um dos nossos. Tínhamos que beber do seu sangue para vencer o medo. Tinham que fazê-lo somente os mais assustados, e eu era a mais assustada de todos, porque era a mais nova⁹⁸.

É possível que casos como esse sejam eventuais, mas na vida cotidiana dos guerrilheiros o grupo faz uso de diversos mecanismos coercitivos que, embora menos drásticos, procurem o mesmo objetivo. Piadas, expressões irônicas, apelidos e qualquer tipo de zombaria reforçam o cerco do

⁹⁸ Em HUMAN RIGHTS WARCH, 2004:122.

grupo sobre o indivíduo, acuando-o para que lide com seus medos, para que lute como se eles não existissem. Não se trata de exorcizar os medos, o que interessa ao grupo é que estes não sejam obstáculo à disposição combativa do guerreiro.

No campo de guerra o medo joga um papel importante. Suscitar medo no guerrilheiro pode ser a melhor maneira de ativar nele seus mais profundos instintos de sobrevivência. Nessa perspectiva, nada melhor do que insistir, com a eloquência do discurso, na vulnerabilidade da existência humana. Quase todos os guerrilheiros entrevistados lembravam do afinco do líder, nos momentos de formação, em não esquecer de comentar a capacidade de destruição que têm os inimigos da guerrilha. Mediante um discurso bélico, aparentemente baseado em dados reais, o líder tenta reforçar o sentimento de medo a ponto de levar o guerreiro a prestar o máximo de atenção em cada ação realizada, tudo isso para anular qualquer margem de possibilidade de se tornar vítima dos grupos inimigos. Por exemplo, entre os serviços para o grupo, a vigilância noturna é o que mais reclama cuidado. Para que o sentinela desempenhe concentradamente sua função, ouvi dos guerrilheiros que acerca dessa responsabilidade os membros do grupo contavam tragédias que beiravam verdadeiras fábulas, tudo para reforçar o cuidado e a atenção do vigilante.

Há também um outro discurso cujo objetivo é provocar o efeito inverso. Antes de entrar em combate, o líder reúne os membros do grupo e, com palavras inflamadas, tenta inebriá-los de coragem, enaltecendo a bravura de cada combatente para que todos eles se sintam heróis absolutos, valentes guerreiros, verdadeiros soldados do Exército Popular que realizam a missão histórica de transformar as estruturas sociais do país. A exaltação da coragem e da capacidade de luta pode produzir um equilíbrio interior, um sossego e um sentimento ideal de poder que dá sustento à vontade de luta e antecipa a sensação de vitória.

Para alcançar a obediência nos guerreiros, os comandantes parecem apostar mais na eficácia do medo do que no poder da persuasão. De fato, as relações de poder encontram no medo um aliado eficiente para se estabelecerem. Sem o medo como facilitador dessas relações, a estabilidade coletiva correria o risco de pulverizar-se. O grupo, para sobreviver, precisa se auto-abastecer de guerreiros. Ele precisa estar sempre aberto para acolher novos membros. Pela gama de atividades desempenhada pelo grupo e pelo pouco tempo disponível para realizar todas elas, o

processo de adaptação dos que ingressam deve ser rápido. Novos e antigos caminham sob o mesmo ritmo nas trilhas da guerra. A lida com conflitos interiores como medo, insegurança ou apreensão corre por conta do indivíduo, dado que isso não é de interesse do grupo. O grupo só se ocupa em caprichar na rigidez das normas para que a engrenagem coletiva se mantenha.

Para perseverar no grupo só é necessário obedecer às regras, razão por que o guerreiro deve se mostrar disposto a realizar qualquer tipo de ação que lhe for delegada pelo chefe imediato. Na guerrilha o poder de decisão é sempre derrotado pelo medo do castigo. Um advogado que participou do julgamento de vários guerrilheiros presos em combate afirmava que diante dos fatos ‘criminosos’ a eles imputados, a resposta de todos era genérica: “*eu obedecia ordens*”. Dessa forma eles manifestam o quanto estavam movidos por coerções externas que, na maioria dos casos, aniquilavam a vontade individual.

As saudades do guerreiro

Lembrando seus primeiros dias na guerrilha, Rosa Flor falou para mim:

Quando cheguei ao acampamento, não fazia outra coisa senão chorar. Chorava muito. Um cara se aproximou de mim e me disse: ‘meninos não choram’. Fiquei com raiva e falei para ele: ‘eu não sou menino’. Sentia-me muito mal. Não parava de pensar em minha mãe e na aflição que ela deveria estar passando porque eu não voltei mais para casa.

No começo da pesquisa de campo, a primeira impressão que ficou para mim foi de que a guerra faz dos guerrilheiros pessoas extremamente racionais, introvertidas, pouco sociáveis, afetivamente menos calorosas e muito desconfiadas. A rejeição da tristeza de Rosa Flor por parte de seu companheiro poderia confirmar essa impressão. No entanto, na medida em que consegui estabelecer um contato mais próximo, pude percebê-los como seres sensíveis, ávidos de afeto e carentes de relações humanas desprovidas das coerções próprias do mundo guerrilheiro.

De fato, enquanto os indivíduos estão inseridos no grupo, prevalece o poder das normas como forma de evitar qualquer tentação que afete o processo de simbiose guerrilha/guerrilheiro.

Todos os vínculos sociais pré-existentes à inserção no grupo são quebrados. Embora não exista uma proibição geral manifesta, só se permite estabelecer contato com a família sob a permissão do chefe imediato. Contudo, quando indagados sobre as visitas familiares, quase todos os entrevistados manifestavam que depois do ingresso na guerrilha nunca mais retornaram às suas casas nem conseguiram manter algum tipo de comunicação.

O fato de regular os vínculos afetivos externos tornou-se um instrumento eficaz para favorecer a coesão interna do grupo. Omar, um jovem guerrilheiro, afirmou: *“Nunca tive permissão para ver minha mãe. Ela morava perto, a um dia do acampamento. Todo dia pedia permissão. Não me deram razão. Somente diziam: ‘melhor esquecer tua mãe’. Sentia-me muito mal porque é o ser mais querido que a gente tem”*⁹⁹. O que interessa aqui é observar as conseqüências da separação da família. Além de oferecer maiores garantias de segurança e proteção para o grupo, o fato de romper com os vínculos afetivos familiares e/ou sociais alheios à guerrilha contribui significativamente para desencadear um processo de interdependência mútua entre os membros do grupo.

Sem alternativas, é com os companheiros que integram o grupo que os guerrilheiros dividem as tarefas, assumem compromissos, partilham alegrias e tristezas e tecem novos relacionamentos, sejam eles conjugais ou de amizade. Estreitados no dia-a-dia do conflito armado, os vínculos afetivos dos guerrilheiros têm no contato físico a medida de sua durabilidade. A vontade individual não conta no momento de cultivar as amizades, ela fica sujeita à força das circunstâncias, à duração da permanência dos envolvidos no grupo que os congrega. Embora a organização prevaleça, as unidades pequenas que tecem sua base são mutantes. Elas se alteram, entre outras causas, pelos constantes deslocamentos, pela periódica reestruturação interna, pelas deserções ocasionais e pela súbita morte nos combates.

O cultivo de relações amorosas no contexto da guerra sempre terá percalços. A primeira dificuldade com a qual os amantes terão que aprender a lidar são as normas do grupo. De fato, assim como todas as suas manifestações vitais, a vida afetiva e sexual do guerrilheiro é

⁹⁹ Em HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:84

totalmente condicionada às exigências das normas. Em grupos como a guerrilha, integrados por homens e mulheres que vivem nas mesmas condições e repartem entre si as tarefas da vida em comum, para manter a ordem e a disciplina internas será necessário que se apliquem severas medidas de distanciamento entre aquelas pessoas que habitam o mesmo espaço. A rigidez dos horários, a divisão de funções, a primazia do coletivo sobre o individual, entre outras características dessa vida em comum, tornam-se para os guerrilheiros coerções que regulam encontros e distanciamentos nas interações mutuas.

Os vínculos afetivos estão subjugados aos interesses da organização, tal como afirma a comandante Lucero: *“As relações conjugais aqui não dependem do casal. O casal está em função das tarefas do movimento. Se, no movimento, as tarefas requerem separar um casal estável, ou um casal que esteja começando, eles serão separados. Enquanto contribua ao processo, o movimento faz o possível para que estejam juntos”*¹⁰⁰. Embora não exista uma norma explícita que anule o livre-arbítrio, as relações amorosas dos guerreiros, pela ínfima margem de autonomia individual tanto na escolha do parceiro como na condução da relação, são bastante restritas.

O ingresso de mulheres é inferior a 30%. O número de integrantes na guerrilha é predominantemente masculino e essa disparidade numérica entre homens e mulheres cria dificuldades no momento de estabelecer vínculos afetivos. Nesse contexto, rituais de sedução cedem espaço à abordagem direta e pouco afetuosa. Afirmava uma guerrilheira: *“Ali [na guerrilha] não existem namorados, ali, os homens de vez agarram a gente de amante, não esperam nada. Eu estava muito preocupada com isso, e comentei que não queria estar com ele pelo que me estava acontecendo, que fossemos simplesmente namorados, e ele ria de mim: ‘que namorados, se aqui não existem namorados?’”* (GONZALES, 2002:36). A abordagem da intimidade sexual priva, em muitos casos, a participação na relação de outras manifestações pessoais, como a ternura e a afeição. Essa abordagem de caráter mais físico do que afetivo exige a intervenção do grupo, o qual regula a frequência e a maneira a partir da qual devem ser vivenciados os encontros dos amantes.

¹⁰⁰ Em FERRO/URIBE, 2002:71.

Embora haja regulação, na guerrilha não há normas explícitas para determinar os comportamentos sexuais de seus membros. Na aparência, o exercício da sexualidade é totalmente liberado. Porém, o grupo, através de normas implícitas, cerca-o de cuidados, induzindo o guerrilheiro a exercer sua sexualidade sob o domínio de novos padrões de comportamento, os quais diferem em muito daqueles adquiridos pela experiência familiar e social. Desde o início o guerreiro percebe que o autocontrole emocional deve ser compatível com sua nova condição e com o modelo da vida em comum guerrilheira. Cedo ele aprende que da submissão radical às normas depende a possibilidade de estabelecer um relacionamento. A depender das carências afetivas, o guerreiro aguça o nível de controle de seus instintos e, no dia-a-dia da vida guerrilheira, ele assume o desafio de racionalizar a necessidade de amar e de sentir-se amado.

A disciplinarização do cotidiano da vida guerrilheira dá um matiz de racionalidade à condução das relações amorosas. As normas interferem claramente no exercício da sexualidade, e o ápice dessa interferência se expressa na eliminação drástica da fecundidade feminina. Embora não se estipule nas normas, é prática freqüente na guerrilha obrigar as mulheres, mesmo as que não possuem companheiro sexual, a usar algum método contraceptivo¹⁰¹. Isso não significa dizer que a maternidade seja negada à mulher guerrilheira. Pelo contrário, a maternidade é exaltada como um dos maiores valores do universo feminino e, na guerrilha, ela transcende a mera dimensão biológica. A mulher guerrilheira é convidada a ser mãe, mas mãe dos homens e mulheres da *'nova Colômbia'*, gerada por ela na abnegação e entrega corajosa à causa revolucionária.

Num Cartão Postal divulgado pelas AFARC-EP por ocasião do dia das mães, em 09 de maio de 2004, pode-se ler: *“Mães na luta pelos filhos do seu povo/ Mães da liberdade que levam o fuzil no ombro/ E o futuro no colo/ Mães da liberdade que com sua ternura vêm arando a paz”*. É essa dimensão *'simbólica'* da maternidade que a mulher guerrilheira é convidada a viver. Embora a maternidade biológica no imaginário da mulher camponesa colombiana seja o

¹⁰¹ Rosa Flor afirmou que conheceu garotas que ingressaram com doze anos de idade e, mesmo sem ter companheiro sexual, foram obrigadas a usar métodos contraceptivos. Segundo ela, os mais usados são as injeções, comprimidos e, principalmente, o DIU. Verifiquei essa informação com os depoimentos de outros guerrilheiros entrevistados. Também a justiça estatal verificou esse fato depois do ataque militar, denominado *'Operação Berlin'*, liderado pelo Exército contra um grupo guerrilheiro que trafegava pelo nordeste colombiano, em dezembro de 2000. Na necropsia, constatou-se que, das 11 mulheres assassinadas, todas eram menores de 18 anos e 09 usavam DIU.

bem mais almejado, na guerrilha a possibilidade de engravidar e cuidar de filhos é um evento racionalmente preterido. No mundo da guerra não há condições adequadas para viver com segurança o período de gravidez. A mulher guerrilheira carece de condições práticas para cuidar de bebês simplesmente porque o grupo não a dispensa de seus ofícios militares.

Além da impossibilidade de ter filhos, os guerreiros também abdicam de projetos futuros de vida conjugal. Mesmo assim, eles não se conformam a viver sem companhia. Embora saibam que na guerra o amor tem prazo de validade, eles não desistem da esperança de curtir um relacionamento, de ter a companhia de outrem para dar sentido aos dias que, sem amor, parecem não passar. Quando perguntei a Rosa Flor o porquê de sua deserção da guerrilha, ela foi precisa em sua resposta: *“Passei dois anos, quatro meses e cinco dias na guerrilha. Tive dois namorados. Um foi transferido e nunca mais o vi. O outro, de quem eu mais gostava, dizem que foi morto pelo Exército. Nos últimos meses fiquei sem ninguém, me sentia sozinha e uma vida assim não tem jeito”*. Escutando histórias como essa, percebi que no mundo da guerra o amor pode brilhar com todo o seu fulgor, que ele leva as pessoas envolvidas a enxergar a vida com outros olhos, que ele preenche os vazios e quebra a monotonia de uma vida gasta na execução de tarefas militares.

O confinamento ao grupo como o único espaço de interação social, torna o guerrilheiro mais vulnerável e expectante diante da possibilidade de iniciar algum tipo de relacionamento afetivo. A ação recíproca de unidade ou de distanciamento que, efetivamente, caracterizará o tipo de relação, terá seu fundamento na imagem que cada qual se formará do outro. Dessa forma, no mundo da guerra a representação que os parceiros formam um do outro, será sempre parcial, porque ainda que o indivíduo comunique sentimentos e pensamentos nos colóquios íntimos, nunca o fará sem uma dose de dissimulo. Como efeito das coerções grupais, o guerreiro, em pouco tempo, aprendeu a distinguir o que deve calar e o que deve falar e qual deve ser a proporção na mistura de silêncio e expansão, para conservar no outro, ou nos outros, a imagem adequada do tipo de personalidade que ele quer revelar. Assim, mesmo que a expectativa dos envolvidos seja usufruir as mais diversas manifestações de amor, o comando das relações afetivas na guerrilha será, na maioria dos casos, competência da razão.

A formação de pares é afetada pela desproporção numérica de aproximadamente 70% de homens e 30% de mulheres. Os homens têm restringidas suas possibilidades enquanto as mulheres passam a ser muito assediadas. No entanto, os que nunca têm dificuldades na arte da sedução são os comandantes. Pelo poder que eles ostentam, tornam-se a figura masculina mais atraente do grupo. Quem ocupa o cargo de comandante não só escolhe e troca sua companheira sexual pelo número de vezes que lhe apetece, como é bastante procurado pelas guerrilheiras. Relações desse tipo são de pouca duração. Elas se sustentam, na maioria dos casos, pelo jogo de interesses entre o comandante e a mulher guerrilheira. A mulher participa da relação motivada pelas benesses que pode fruir por ser a ‘*companheira*’ do comandante. Ela sabe que só assim exercerá um certo *status* dentro do grupo que a poupará de tarefas cansativas e lhe facilitará o acesso a bens de consumo dos quais a maioria guerrilheira não pode usufruir¹⁰².

No mundo da guerra, há tempo para viver histórias de amor, mais são poucos os relacionamentos estáveis que se podem contar¹⁰³. A rotina mesma da vida militar somada à interferência do aparelho disciplinar coloca uma série de obstáculos que rompem a unidade procurada pelos amantes. Dessa forma, os relacionamentos são curtos e permeados de interferências. Na maioria dos casos, o começo se dá mais pela necessidade de apoio e proteção do que pelo fascínio mútuo. Esse fato é decisivo, principalmente se observarmos a participação da mulher.

Se a interferência das coerções sociais do grupo obstaculiza as relações amorosas, não sucede o mesmo com a construção e vivência de amizades entre combatentes. Ainda que estas sejam construídas no emaranhado de revelações autênticas e de segredos, seu mérito radica na forma em que são vividas. Mesmo que reservem para si uma boa parcela de sua individualidade,

¹⁰² Depois de muitas entrevistas com mulheres combatentes, essa foi a conclusão a que chegou a equipe de pesquisa da ONG americana HUMAN RAIGHTS WATCH. No Capítulo VII do relatório final, os pesquisadores abordam o tema do acoso e do abuso sexual dos comandantes com jovens guerrilheiras. A mesma constatação se fez na pesquisa realizada por Érika Paez, intitulada *Las Niñas en el Conflicto Armado en Colombia: um diagnóstico*. Bogotá: Terre des Hommes, 2001. Outro texto que nos ajuda a ter uma idéia clara desse assunto é o primeiro depoimento apostado no livro de GONZALES, 2002:25-48.

¹⁰³ Em depoimento dado pela comandante Olga Lucia Marin, os únicos casos de relacionamentos estáveis que ela conhece dentro das FARC-EP com mais de um ano de duração são os de alguns comandantes do Secretariado Maior Central. Para ela, manter um relacionamento duradouro entre guerrilheiros não é um fato recorrente (Cf. LARA, 2001:114)

pela forma como se entrelaçam os vínculos, as amizades dos guerreiros têm matizes bastante específicos. Os vínculos dos amigos se fortalecem na solidariedade que exige a divisão de funções, na comunhão de impressões das lutas revolucionárias, na celebração dos diversos acontecimentos que marcam essa vida em comum, nas circunstâncias de proximidade e na vivência comum da latente ameaça da separação.

O amor pelos amigos é um sentimento que fortalece a unidade do grupo e estimula a permanência dos indivíduos nas fileiras da guerrilha. A lembrança dos momentos vividos em sua companhia, para muitos guerrilheiros, torna-se a marca que dá sentido e distinção a fragmentos de sua existência nos tempos de guerra. É isso o que afirma a ex-guerrilheira Dora Margarita:

O mais duro da guerra é a morte, a perda dos companheiros. São dores que se vão acumulando. Enquanto se está na luta a gente não é consciente delas. Mas quando pára, nos devora a dor de cada morto, de todos os mortos. E o que mais dói é que na vida clandestina não se ocultam as dores, porque são produzidas por mortos estigmatizados. E essa ocultação faz com que as feridas nunca saiam. As dores ficam, elas se eternizam. (LARA, 2001: 70).

A perda dos amigos dói porque, para o guerrilheiro, de alguma maneira cada amigo preenche o vazio afetivo deixado pela ausência da família e dos elos com a vida social de tempos pretéritos. No entanto, a freqüente perda dos amigos encarna as saudades do guerreiro. A memória dos mortos, a lembrança de momentos vividos, traz para sua consciência as marcas de uma profunda contradição: enquanto seu corpo perambula, se desloca por diversas direções, seu coração encontra-se num lugar fixo, num espaço exato, povoado por gente sedentária, que não sai do lugar. É de junto da família que o guerreiro quer estar, é lá para onde ele quer voltar. *Quando sair daqui, para onde você gostaria de ir?* - perguntei aos guerreiros com os quais falei. A resposta foi iterativa: eu gostaria de morar perto da minha mãe, junto da minha família...

“O guerrilheiro não é ambicioso”

Na guerrilha prima a visão do *homo faber*, do homem produtivo, que não pára de realizar ações para serem vistas e valorizadas pelos outros. A auto-imagem que a guerrilha espera ver resplandecer em cada guerrilheiro é a do indivíduo que entende que sua existência deve estar em

função dos outros. O lazer, aquelas atividades lúdicas cujos resultados só beneficiam às pessoas que as realizam, é tido como típica expressão de uma vida burguesa que o grupo insiste em rejeitar.

Com o tempo preenchido na execução de tarefas militares, escasseiam os espaços de ócio para encantar-se com pequenas coisas que poderiam inspirar no guerreiro sentimentos de cuidado e ternura. Curtir um amor, escutar uma música, admirar uma paisagem, enfim, os momentos nos quais ele pode fruir sua sensibilidade são, no mundo da guerra, bastante escassos. Quando acontece, o guerreiro experimenta a estranha sensação de perceber-se como um ser profundamente humano, sem inimigos que lhe perseguem nem pessoas a quem deve atacar.

As possibilidades de lazer que o grupo oferece são bastante reduzidas. Atividades físicas como nadar no rio, jogar futebol, dominó ou baralho são tidas como um bálsamo que cura do tédio e quebra a monotonia da rotina militar. Em poucas ocasiões, se as condições do acampamento permitem, é possível assistir à televisão e curtir filmes de ação. As festas são eventuais. Os guerrilheiros celebram com entusiasmo natal e *reveillon*, assim como também o aniversário de fundação das FARC-EP, em 27 de maio. Nesses eventos é permitido dançar e consumir moderadamente bebidas alcoólicas. Além dessas datas, só resta curtir as alegrias que proporcionam os motivos simples do dia-a-dia dessa vida em comum. Ao ser indagado sobre as boas lembranças do tempo em que esteve na guerrilha, a resposta que recebi de um ex-combatente foi bastante precisa: *“O que mais lembro é do tempo em que eu era responsável pelas compras do mercantil, era ótimo. Por cada compra que ia fazer na cidade, tomava coca-cola e comia um pacote de bolacha”*. Esse desfrute das pequenas coisas, vivido e sentido nos

momentos de sossego, de descuido e de distração das ocupações decorrentes da vida guerrilheira foi para ele a melhor porção de sua vida de combatente.

A partir da perspectiva guerrilheira, o homem revolucionário é do povo e para o povo. Abnegado, trabalhador e resignado a viver com quase nada. Com precisão dizia Jacobo Arenas: “[...] *aqui na guerra fazem falta muitas coisas. As relações sociais do guerrilheiro são muito reduzidas, o mundo do guerrilheiro é muito pequeno. Muito estreito. A maior parte da gente está metida na selva, não tem contato direto com a população. Aqui fazem falta muitas coisas. O essencial o guerrilheiro carrega em sua mochila*” (ARANGO, 1984:42-43). O guerrilheiro é visto pelo movimento como aquele que abdicou de todos os desejos humanos, como o homem que uma vez liberto das correntes do egoísmo se entregou por inteiro à causa revolucionária. O “*essencial*”, ele o acolhe com a gratidão de quem recebe uma dádiva. Na visão do grupo, o guerrilheiro verdadeiro não reclama de nada, ele se alegra com a mera satisfação das necessidades básicas decorrentes de sua condição biológica, natural, como a alimentação, a roupa e os implementos materiais considerados úteis para a sobrevivência na selva.

Os diversos espaços de formação são aproveitados pelos líderes para reforçar a idéia de que o essencial o guerrilheiro já possui. Dentro dessa perspectiva, não é concebível o guerreiro estar no grupo movido por interesses outros que não os projetos coletivos. Reclamações pessoais por inconformidade com horários, alimentação, atividades militares ou serviços cotidianos são tidos como manifestações de quem busca viver com padrões de comportamento burgueses.

O que o grupo espera do combatente é que ele faça seu dever movido pela mística revolucionária, a qual só enxerga o bem comum e tolhe aspirações individuais. Dizia o comandante guerrilheiro Ivan Rios:

Aqui os incentivos são do tipo moral, aqui não há incentivos de tipo material. Não é que porque se destacou numa ação que lhe vou dar uma arma melhor, ou será premiado com dinheiro, ou veja você que se comportou tão bem nessa ação, pode ir 15 dias de licença. Nós não temos aqui férias, nem salário, não temos absolutamente nada disso, nem prêmios materiais. (FERRO/URIBE, 2002:88).

Com apreciações como a anterior, os líderes guerrilheiros pretendem purificar as motivações que possam ter seus subalternos para permanecerem nas fileiras do grupo. Para eles, ser guerrilheiro é ser um apaixonado pela causa revolucionária, é lutar com afinco contra os inimigos, é viver despojado de qualquer ranço de vaidade ou de interesse próprio. Ser guerrilheiro é fazer tudo movido pela entrega e compromisso com os projetos coletivos de libertação nacional.

As interações do cotidiano guerrilheiro, a execução de ações militares ou as convicções ideológicas contribuem na renovação individual do fervor pela guerra revolucionária e na reafirmação da opção por esse tipo de vida em comum. Falando sobre sua experiência na guerrilha, a Comandante Melisa descreve-a assim:

Combinava a cozinha com a preparação de palestras sobre a linha política [da guerrilha]. Me ajudava muito dar palestras porque me obrigava a pensar e repensar por que lutávamos. Às vezes entrava em crise por perceber que pobres e ricos lutavam pelo mesmo, pelo dinheiro. Somente ver os rapazes tão abnegados pela causa, tão dedicados a seu trabalho, tão resignados a dar a vida e tão valentes para trocar tiros com os urubus [policiais] me tirava da depressão. Sofrer com eles a vida me dava alento para continuar em frente. (MOLANO, 1999:72).

Dessa forma, o cerco da vida em comum guerrilheira reforça a auto-imagem do guerreiro como homem batalhador, comprometido e resignado a perseverar nas trilhas da luta armada.

As FARC-EP procuram se apresentar perante a opinião pública como o paradigma do tipo de sociedade que pretendem formar. A imagem que a guerrilha quer comunicar à sociedade civil é a de ser uma coletividade exemplar, cujo cotidiano está regido pela prática da justiça e da equidade em todas as relações sociais que em torno do grupo se possam estabelecer. No discurso, a guerrilha oferece melhores condições de vida para seus membros do que o Estado para seus cidadãos. Na propaganda guerrilheira, o grupo insiste em apresentar-se como alternativa de vida, como espaço social que oferece condições para a satisfação de aspirações individuais. De fato, os líderes guerrilheiros afirmam que quem pertence ao grupo sob nenhum pretexto poderá ser excluído da satisfação plena de suas necessidades básicas. Nessa linha de pensamento, novamente se fazem oportunas às palavras do comandante Ivan Rios:

A gente cuida bem do guerrilheiro. Que esteja contente, que esteja com saúde, que tenha a possibilidade de comer três

refeições diárias, que tenha as botas em bom estado, para que também tenha a moral em alta, porque a moral também tem um princípio material, de maneira que você se sente bem, mas se fica doente e ninguém lhe presta atenção, vai embora. Mas na maioria dos casos, o guerrilheiro não está afetado ideologicamente, porque o guerrilheiro no fundo não é ambicioso. (FERRO/URIBE, 2002:90).

Na percepção do comandante, o guerrilheiro dispõe do suficiente para viver. Se ele não possui mais é porque “*não é ambicioso*”. Dessa forma, a imagem do guerrilheiro que o grupo pretende que cada combatente incorpore é a do homem conformado com o que possui e despojado de qualquer ambição.

Essa auto-imagem do guerreiro que o revela como homem em estado de aparente conformidade com os bens oferecidos pelo grupo ou de renúncia a qualquer ambição pessoal é socialmente construída. Ela faz parte de um processo que evidencia a incidência das coerções sociais na incorporação de determinados comportamentos individuais. De fato, se olharmos de forma objetiva o acontecer da vida guerrilheira, poderemos constatar que o tempo dos guerreiros é preenchido na execução de ações militares. Banido de outras relações além das guerrilheiras, sem contato humano diverso do estabelecido com seus companheiros de luta, que vivem sob as mesmas condições e partilham os mesmos valores, as margens para cultivar outras aspirações ou almejar outros bens de consumo são mínimas. Mesmo assim, cada indivíduo interiormente poderia acalentar desejos, mas o rigor das normas é intolerante com qualquer tentativa de sua satisfação, pelo simples fato de que as normas foram construídas visando os interesses coletivos. Assim, na guerrilha, as necessidades individuais parecem ter como único horizonte sua própria negação.

A impossibilidade de satisfazer necessidades pessoais é um fato que atinge todos os guerreiros, ocasionando entre eles um efeito de nivelção, o qual desencadeia um processo de busca de alternativas para experimentar interiores satisfações. Assim, na procura de alcançar certa emancipação social, emerge no horizonte do guerreiro o culto à personalidade. É de se reconhecer que nem sequer o mais despojado dos guerreiros poderia recusar à possibilidade de sentir-se reconhecido pelos outros, de ser tratado como ser humano que tem valor e dignidade. Mas, só aqueles que têm talante e pulso são os que correm atrás desse reconhecimento. Na guerrilha, as possibilidades de ascensão social são bastante restritas. A participação nas estruturas

de poder, isto é, o desempenho de cargos que ofereçam distinção e reconhecimento, é extremamente limitada. Mas, sendo o único caminho para alcançar visibilidade social, não faltam combatentes dispostos a pagar seu preço. Para estar à frente do grupo, o guerreiro terá que extrapolar o instinto de preservação e viver em alto grau de ameaça, ser o primeiro nas frentes de combate, aguçar sua capacidade intelectual para comandar os outros e ter tempo e disciplina para refletir acerca de princípios e metas mais altos e abstratos, com os quais o guerrilheiro raso não costuma lidar.

A conquista de espaços de visibilidade social traz para os comandantes a sensação de ter uma vida plena de significado, a qual é correlata ao seu comprometimento na manutenção da ordem que rege essa vida social. Mas não se pode dizer o mesmo do guerrilheiro raso. A distância da família, a falta de autonomia em suas decisões, o medo dos constantes perigos e ameaças, o cansaço físico, enfim, o conjunto de exigências dessa vida militar nem sempre é considerado um fardo fácil de ser suportado. A esse respeito, disse-me um ex-guerrilheiro:

“Faz tempo que queria sair, a questão é encontrar a oportunidade. É difícil que ninguém te veja, quase nunca a gente fica só. Você se cansa de perambular de um canto para outro o tempo todo, não tem sossego. Várias vezes tive vontade de sair correndo, de fugir da fila, mas tive medo de que atirassem e me matassem ou que depois me pegassem”.

Pelo que pude perceber, dilemas como o descrito são bastante freqüentes na vida dos guerreiros e difíceis de ser resolvidos. Ficar no grupo implica abdicar dos mais profundos anseios pessoais em favor da manutenção de uma coletividade. Transgredir as normas e correr o risco de desertar nem sempre pode ser uma decisão bem sucedida, dado que a “*deserção consciente*” sempre será considerada como falta grave.

No tradicional discurso de ano novo, proferido pelo Presidente Álvaro Uribe (2002-2006), em janeiro de 2003, chamou minha atenção a maneira como ele se dirigiu aos guerrilheiros. Pelo teor do discurso dava para perceber que ele se falava, principalmente, aos guerrilheiros rasos. Com um discurso bem articulado, comentou as prerrogativas do decreto 128 de 2002, criado para facilitar o processo de desmobilização dos grupos armados. Foram oferecidas garantias de segurança pessoal e amparo socioeconômico para aqueles que desistam da guerrilha e se entreguem às forças do Estado. Desse modo, as promessas do Presidente Uribe trouxeram resultados imediatos. A partir dessa data o número de desmobilizados das FARC-EP está em

permanente aumento. Nos primeiros meses de 2003 desertaram 621 guerrilheiros, número que se elevou a 4337 em 8 de abril de 2006¹⁰⁴.

Dessa forma, o elevado índice de deserção das FARC-EP, nos últimos três anos, nos poderia fazer acreditar que Freud¹⁰⁵ não estava errado quando afirmava que a felicidade humana quase sempre vai de encontro a normas e sistemas de coerção inventados pelos homens, com o intuito de se controlarem mutuamente. Nos diálogos que tive com ex-guerrilheiros em Bogotá, percebi que mais do que pela ambição de uma vida burguesa, o que os moveu a desertar foi o desejo de usufruir de uma parcela de autonomia. Muitos saíram cansados, desiludidos das exigências dessa vida militar, querendo encarar a vida animados apenas pela esperança de encontrar melhores possibilidades de realização humana, num contexto social mais livre de tensões. É possível que a experiência nas trilhas da guerra revolucionária tenha levado alguns guerrilheiros a perceber que o prazer de viver se esvai na medida em que o rigor de normas e coerções sociais coíbem e limitam a concreção de aspirações individuais.

¹⁰⁴ Não cabe dúvida que instigar a deserção é uma estratégia que fragiliza às FARC-EP, dado que além de perder combatentes, em alguns casos, perde também seus recursos. A partir de um relatório do Ministério da Defesa Nacional, em notícia veiculada pelo jornal El Tiempo em 17 de junho de 2005, estima-se que as FARC-EP perderam nos últimos anos mais de 1250 milhões de dólares nas mãos de desertores.

¹⁰⁵ Ver o comentário de Freud sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos (comunicação preliminar) – 1893, em Estudos sobre a Histeria, Editora Imago, Rio de Janeiro, 2006.

CAPITULO V

A ESTRATEGIA DO CARACOL

Em dezembro de 1997, tive a oportunidade de permanecer por duas semanas em Santa Maria, pequeno povoado erguido no meio das montanhas andinas no sul da Colômbia. Na ocasião, a Frente 29 das FARC-EP começava a fazer seus primeiros contatos com os moradores daquela região. Nesse lapso de tempo, defrontei-me várias vezes com guerrilheiros desse grupo. Sua presença se tornava evidente pela farda que os distinguia e pela arma que carregavam sempre consigo. Esses encontros ocasionais me traziam à memória diversas narrativas sobre a vida dos guerrilheiros que, desde criança, eu passei a ouvir. Uma das características desse tipo de vida que mais chamam a atenção é a mobilidade permanente em que se sucede a existência dos guerreiros.

Nos versos de um poema, um guerrilheiro descreve seu cotidiano da seguinte maneira:

“Que será que se move ali?/ Que será o que anda por ali?/
Sobe a montanha, desce a montanha/ Vai pelo planalto,
retorna pelo planalto/ Passa pelas aldeias, retorna pelas vilas/
Cruza pelas ruas, corre pelas ruas/ Passa durante o dia, passa
durante a noite/ passa pela tarde ou pela madrugada”.

Com efeito, é dessa forma a vida guerrilheira acontece. Ela é sentida no tráfegar incessante de subidas, descidas, longas caminhadas, prolongadas vigílias, treinos militares, enfim, numa sucessão permanente de atividades que reclamam esforço físico dos guerreiros.

Estar em contínuo movimento além de ser a melhor estratégia para dificultar as agressões inimigas, é também a prática militar que mais atinge e molda o corpo dos guerreiros. De fato, os exigentes esforços físicos fazem com que os integrantes do grupo guerrilheiro configurem seus corpos conforme os parâmetros próprios do homem/militar. Corpos altivos, leves, ágeis, sempre prontos para o combate, tornaram-se os traços que distinguem visivelmente o guerrilheiro do homem camponês. Além disso, o fato de estarem trajados de igual maneira garante a uniformidade visual que delata a presença do grupo e denota a pertença de cada um deles às FARC-EP. Os corpos dos guerreiros são despojados de detalhes que denotem, diante da população civil, algum tipo de vaidade ou prepotência. Em sua grande maioria, as mulheres não dispõem de qualquer adereço. No entanto, embora a tendência do rigor militar seja à uniformidade de seus membros, existe a afirmação de traços que denotam certa individualidade. Homens de barba ou bigode, outros, por serem ainda púberes, com a aparência própria de sua idade.

No decorrer do processo de inserção no grupo, há uma mudança na visão dos guerrilheiros sobre as diversas realidades que os circundam. Essa mudança é mais evidente quando referida à percepção que o guerreiro faz de seu próprio corpo. Para ele, o corpo é o elo de unidade com o mundo, o lugar onde experimenta os sucessivos eventos da existência humana através dos quais escreve sua história pessoal, deixada como legado à memória dos homens que lhe são próximos. Ainda que no mundo da guerra o combatente seja obrigado a trocar de nome, a desvencilhar-se de sua terra natal e das pessoas amadas que por lá ficaram, seu corpo continuará sendo o maior referencial de sua identidade individual. Ainda que uniformizado e protegido pelo

escudo de sua condição de guerreiro, ou mesmo que seja mutilado, supliciado e adestrado, ele não deixará de ser o corpo de um indivíduo singular.

“O pessoal não liga para isso”

No decorrer das lutas revolucionárias, a guerrilha desenvolveu um tipo específico de disciplina, através do qual se controla de maneira minuciosa as operações do corpo dos guerreiros. Pode-se dizer que essa disciplina resulta da racionalização da vida militar que caracteriza esse grupo e que se explicita num conjunto de coerções que vigiam minuciosamente os processos e atividades dos combatentes. A execução dessas coerções guarda harmonia com a maneira segundo a qual está organizada a vida em comum guerrilheira. De fato, a aplicação do aparelho disciplinar esquadrinha com simetria calculada todos os fatores que incidem na vida comunitária: tempo, espaço, administração de recursos, movimentos e ações tanto individuais quanto coletivas tornam-se coerções que favorecem a incorporação do *habitus* guerreiro e o funcionamento coletivo dessa vida militar.

Um dos principais efeitos das coerções sociais na vida dos guerreiros radica no fato de induzi-los a conservar com o grupo uma relação de docilidade/utilidade através da qual o grupo dá consistência e continuidade ao processo de disciplinarização dos indivíduos, para que estes, progressivamente, se tornem guerrilheiros. O rigor dos horários, a sistematização dos treinos militares, a distribuição de funções, a execução de ações de guerra e, evidentemente, o próprio tipo de vida itinerante, tornam-se meios de adestramento que incidem diretamente no aprimoramento do corpo dos guerreiros. Dessa forma, é perceptível a variedade das formas de dominação do indivíduo, que faz de seu corpo um instrumento dócil e útil na longa travessia rumo à conquista do poder.

A distribuição dos espaços é um fator importante na manutenção desse aparelho disciplinar. Nos acampamentos, os lugares destinados a albergar os guerreiros são construídos de maneira bem rudimentar, erguidos em madeira e revestidos com plástico. Tal desenho é resultado da combinação de vários fatores. Um é a previsão da pouca duração do tempo de estada do grupo no lugar onde o acampamento foi erguido. Um outro fator é necessidade do

grupo de manter o controle sobre os movimentos que se realizam no exterior. Mas, um fator essencial que incide na forma de construção e na distribuição dos espaços dentro do acampamento, é a necessidade que o grupo tem de exercer um controle articulado e detalhado sobre as diversas ações individuais. O que cada guerreiro realiza pela intervenção do corpo, torna-se visível para o olhar de todos os que com ele habitam no mesmo espaço. No interior do grupo não há possibilidades de realizar ações individuais secretas, dado que a vida em comum carece de espaços físicos que possa salvaguardar a intimidade pessoal. Em consequência disso, é fato que na guerrilha existe um olhar vigilante que, sutilmente, condiciona os movimentos individuais dentro do acampamento.

A inflexibilidade dos horários obriga a que muitas atividades individuais sejam realizadas coletivamente, favorecendo dessa forma sua visibilidade. O banho, por exemplo, é um ato, que embora seja individual, pela distribuição do tempo, tornou-se uma atividade coletiva, na qual, a ação transformadora do grupo se impõe sobre os indivíduos que o integram. No caso, embora no imaginário do homem camponês, o corpo esteja revestido de uma série de tabus, ao expô-lo em sua nudez na hora do banho, esses tabus são drasticamente modificados e reconduzidos pelas trilhas de um conhecimento específico de ordem militar, onde se demarca um processo de uniformidade dos corpos e de aprimoramento do autocontrole dos instintos sexuais dos guerreiros. Dizia-me Rosa Flor: *“Tomar banho, nos primeiros meses, era para mim um suplício. O horário para isso era reduzido, às vezes, davam-nos 20 minutos. Algumas mulheres tomavam banho de calcinha. Eu sempre me banhava com sutiã e uma blusinha por cima. O pessoal não ligava para isso. Mas eu ficava encabulada”*. Gradualmente, atividades rotineiras, como a de tomar banho, pelo fato de serem expostas à visibilidade coletiva, contribuem para que cada indivíduo perceba seu próprio corpo como “corpo de guerreiro”, esculpido e orientado em função do fortalecimento militar do grupo.

A vida em comum guerrilheira acontece no seio dos acampamentos. Estes, embora estejam construídos em lugares relativamente fixos, não delimitam o campo de ação dos guerrilheiros. O que cerca a vida do guerreiro não é a delimitação territorial do acampamento, e sim o poder disciplinador da vida comunitária. De fato, em razão da guerrilha se configurar em pequenas unidades móveis que congrega poucos integrantes, o efeito coercitivo do grupo sobre

os indivíduos se fortalece e reforça o nível de unidade coletiva, bem como possibilita a prontidão do rigor militar que rege a vida dos guerreiros. Cercado pela ininterrupta manifestação das coerções grupais, não resta outra alternativa para o indivíduo senão a de agir em sintonia com o grupo

Todas as ações comunitárias atingem o corpo do guerreiro. Contudo, nada incide de maneira tão eficaz quanto a contínua mobilidade do grupo. Deslocamentos freqüentes, usualmente em horários noturnos, por trilhas inóspitas e em trechos prolongados, mirando espaços que garantam segurança e proteção. A vida itinerante, o fato de morar em lugares diferentes e por pouco tempo levam os guerrilheiros a desenvolver uma extraordinária capacidade de adaptação aos diversos fatores que afetam à vida humana. Essa capacidade para lidar com variedade de climas, geografia, alimentação, etc., provavelmente seja o reflexo da forma sociológica de flexibilidade que o grupo verteu sobre seus membros. De fato, assim como o grupo, cada guerrilheiro, em breve lapso de tempo, consegue desenvolver capacidades diversas

físicas e emocionais para resistir aos desafios desse tipo de vida coletiva marcado por mudanças freqüentes.

Os lugares escolhidos pela guerrilha para construir seus acampamentos, no mais das vezes, são os mais altos. Ninguém duvida das dificuldades que esse fato acarreta para a sobrevivência humana. Sabe-se que as cabeceiras das montanhas ficam distantes das fontes de água e, geralmente, são açoitadas por um tipo de clima mais frio. Contudo, se essas dificuldades trazem algumas inconveniências para o conforto humano, elas favorecem o processo de configuração do *habitus* guerreiro. Nesse sentido, a pouca comodidade de morar em lugares de difícil acesso contribui para o condicionamento físico e o aperfeiçoamento da capacidade de percepção visual dos guerreiros. De fato, no íterim de subir e descer montanha, carregando mantimentos ou armas, os corpos são trabalhados e capacitados a se mobilizarem nesse tipo de terreno. Da mesma forma, o olhar do guerreiro a partir da montanha é aguçado, o que lhe confere extraordinária capacidade para situar os espaços e a presença de pessoas estranhas ou de inimigos declarados. Usufruindo dessa capacidade, o corpo do guerreiro ganha, em certa medida, um poder de onipresença. A combinação de agilidade, resistência física e maior capacidade visual na acidentada geografia das montanhas colombianas trouxe maior qualificação do potencial combativo do guerrilheiro.

Esse processo de adestramento do corpo que o torna ágil, adaptável e resistente às agressões externas, afeta também a capacidade de autocontrole dos guerrilheiros sobre as apetências ligadas à sua dimensão biológica. Instintos básicos como a satisfação de necessidades de ordem alimentar estão condicionados pela execução de ações de cunho militar, pela urgência e comprometimento com a divisão de funções e pelo recorrente aumento das cadeias de interdependências dos indivíduos entre si, tendo todos esses fatos o rigor do aparelho disciplinar guerrilheiro como pano de fundo. As diversas atividades ligadas à esfera natural do comportamento humano, no mundo dos guerreiros, são confinadas e domadas por inumeráveis regras e proibições que, progressivamente, se transformam em auto-limitações.

Em face desse fenômeno, cabe aqui lembrar um fato corriqueiro da intrincada vida combativa na guerrilha, trazida à tona pelo lendário guerrilheiro Jaime Guaracas, ao lembrar de suas incursões militares:

A tropa ia caminhando pela estrada. Antes tínhamos advertido, do jeito que sempre se faz, que ninguém mijaria nos lugares por onde pudesse passar o inimigo, porque eles poderiam sentir o cheiro da urina ou da defecação. Mas teve um companheiro que defecou perto, e o vento levou o cheiro na direção da estrada. Então o segundo homem do exército o sentiu e gritou: - ‘Cabo, por aqui fede a merda!’ – ‘Procure por aí para ver o que é’ -, respondeu o cabo [...] e ai se ascendeu o combate [...]. Tomamos as armas e demos baixa a muitos, sem perder gente da nossa, mas os resultados poderiam ter sido melhores se não tivesse sido pelo ato de indisciplina do companheiro. (ARANGO, 1984:243-44).

Qualquer ação, ainda que, como a anteriormente citada, não esteja muito ligada à esfera militar, mas que perturbe ou altere as determinações dos comandantes, é sempre interpretada como um ato de indisciplina, punido com severos castigos. Dessa forma, o cerco de coerções sociais e o complexo funcional da vida em comum guerrilheira atingem o indivíduo na amplitude de sua dimensão humana.

Nada foge ao controle coercitivo dessa vida coletiva. Horários, visibilidade social, distribuição de funções, vida itinerante, ameaça de ataques inimigos, em fim, todos os fatos dessa vida em comum tornam-se coerções sociais que se completam e, em algumas situações, se substituem umas às outras na tentativa de impor limites às ações individuais. Seus efeitos atingem o corpo do guerrilheiro, atribuindo-lhe uma forma socialmente impressa que tem importância decisiva tanto para o andamento do grupo como tal quanto para a configuração do *habitus* guerreiro dos indivíduos que o compõem. Os efeitos das coerções sociais, em todas as suas manifestações, favorecem sempre o grupo, no sentido de que eles fortalecem o exercício do poder grupal sobre os indivíduos.

“Nós somos homens de combate”

Não é possível pensar o mundo dos guerreiros desvencilhado do universo masculino. Embora se saiba que, a partir da década de noventa, a guerrilha passou a incorporar em suas fileiras um

número significativo de mulheres. O que se observa é que a rotina guerrilheira está permeada de práticas e comportamentos que outrora, no contexto social colombiano, eram consideradas manifestações exclusivamente masculinas.

A partir dessa constatação, é possível afirmar que o *habitus* guerreiro das FARC-EP foi construído com base nos traços característicos do homem camponês colombiano. Dessa sorte, a masculinidade se revela no mundo dos guerrilheiros como esse conjunto de atributos, valores, funções e condutas que se supõem essenciais ao varão. Na guerrilha é mais do que evidente a imposição desse modelo hegemônico masculino no comportamento e nas formas de manifestar os sentimentos. A mulher guerrilheira, depois de inserir-se no grupo, precisa se adequar a essa ordem de vida em comum erguida nos moldes do universo camponês masculino. Nessa linha de pensamento, é bastante iluminador o seguinte depoimento da comandante Luzero:

A mulher na guerrilha teve que dar uma briga dupla, a tentativa é de não ficarmos atrás, você vê maior participação da mulher na guerrilha. Mas nós tivemos uma briga difícil, não só falando e exigindo, mas também mostrando que somos capazes. E nós temos demonstrado no militar, que somos tão boas ou melhores combatentes do que os homens [...]. Por isso nós temos que fazer um duplo esforço, eu tenho dificuldade em pegar uma pá e colocar-me a fazer trincheiras, me saem calos nas mãos, mas o faço. Estou convencida de que é uma tarefa que se dá dentro do processo revolucionário, que é uma tarefa de caráter militar e, como sou uma guerrilheira e faço parte de um exército, cumpro essas ordens com o maior dos gostos. Demonstrando que o faço bem, que nós mulheres somos capazes de desempenharmos tudo bem. (FERRO/URIBE, 2002:66).

Através das palavras transcritas, percebe-se claramente o que já se afirmou anteriormente, ou seja, que as interações sociais guerrilheiras estão ajustadas ao modelo masculino como o socialmente dominante, fato que facilita a tentativa de subordinar e discriminar a mulher.

A aplicação desse modelo masculino pode ter algumas variações, a depender do nível de instrução ou da formação humana adquirida na família, bem como da idade e do nível que o guerreiro ocupe na escala de distribuição de poder dentro do grupo. Contudo, no processo de socialização dos guerrilheiros, as vantagens do varão são bastante perceptíveis, uma vez que ele melhor corresponde aos traços estabelecidos do *habitus* guerreiros das FARC-EP. Como

exemplo disso pode ser mencionada a evidente disparidade na distribuição de cargos de mando, dado que o número de comandantes mulheres é insignificante se comparado ao de homens. Por outra parte, nessa mesma linha de pensamento, é perceptível que o homem camponês tem mais facilidade do que a mulher para romper vínculos afetivos e sociais, bem como para incorporar condutas violentas e temerárias na resolução de dificuldades ocasionais subseqüentes ao conflito armado. É possível que a diferenciação comportamental entre o homem e a mulher obedeça à forma como a família camponesa educa os filhos. A mulher, na maioria dos casos, é formada para ser dona de casa, mãe de filhos e, no possível, para dar assistência aos pais em sua velhice. O homem, por sua vez, é educado para que, quando adulto, seja provedor do lar, dando assistência material a sua família mesmo que, para isso, tenha que trabalhar longe de casa; prematuramente ele é motivado a ser destemido e disposto no ato de enfrentar as adversidades da vida em prol da família.

Entretantes, é importante salientar que a incorporação de condutas que reafirmam o modelo masculino de comportamento no interior da guerrilha não seria necessária se elas não significassem vantagem para o fortalecimento do grupo. No mundo dos guerreiros, a rigidez no trato militar entre pessoas é socialmente mais valorizado e reforçado pelo aparelho disciplinar guerrilheiro. Delicadeza no trato e revelação de sentimentos que denotem vulnerabilidade são socialmente rejeitadas. Tudo isso traça um padrão de comportamento bem definido, no qual devem se encaixar, na maioria dos casos com muito sacrifício, também as mulheres.

A dificuldade para verbalizar manifestações de vulnerabilidade está ligada ao cerco de coerções sociais que recaem sobre o indivíduo. Essas coerções atingem homens e mulheres, induzindo-os a incorporarem padrões de comportamento marcados pela frieza no trato e pela insensibilidade frente às penúrias próprias e alheias. No caso da mulher, a auto-exigência para evitar transmitir esse tipo de sentimento é ainda maior, pois, diante da hegemonia masculina no interior do grupo, ela acredita que deve afirmar-se como guerrilheira mediante manifestações de força e coragem e comportamentos que lhe permitam participar dessa vida comunitária com a mesma intensidade dos homens. A esse respeito, comenta a ex-guerrilheira Dara Maria:

Quando terminaram os combates fiquei num barranco observando a retirada do Exército [...]. Não podia chorar. Tinha homens sob meu comando. Então tinha que lhes

demonstrar que eu era tão forte quanto eles, que não era inferior pelo fato de ser mulher. Fazia um esforço muito grande para aparentar que tinha a mesma capacidade física que eles. Meu equipamento era tão pesado como o dos homens. Eu percebia que eles não gostavam que uma mulher os comandasse. (LARA, 2001:63).

Como se pode perceber no depoimento anterior, na guerrilha é necessário manter certo controle emocional que permita verificar, de alguma maneira, o nível de envolvimento do indivíduo com o grupo.

Nas interações cotidianas, a mensagem coletiva que os integrantes captam é a de que, para ser guerrilheiro, é necessário ser forte. Por consequência desse fato, os guerrilheiros vão desenvolvendo, progressivamente, uma enorme capacidade de controlar suas emoções. É como se alguém lhes estivesse ensinando os postulados da antiga sabedoria que declarava: “*sábio é aquele que sabe calar*”. Eles sabem que as palavras podem trazer consequências nefastas, enquanto o silêncio só colabora. Assim, o grupo estabelece coerções que demarcam os limites das formas de manifestação dos sentimentos, colocando, sempre que possível, homens e mulheres no mesmo patamar.

Sendo o rosto o principal espaço corporal através do qual o ser humano comunica seu estado anímico, inserido na guerrilha o indivíduo desenvolve certa capacidade de dissimular seus gestos, a ponto de conseguir esconder sua dinâmica interior, seja ela de sossego ou de angústia, de alegria ou de tristeza. Por trás dessa aparência, escondem-se os ímpetos individuais para que apareçam os traços coletivos do homem/guerreiro. Dessa forma, o rosto alcança extraordinária significação sociológica, dado que através das manifestações faciais se reforça, no guerrilheiro, a manutenção do comportamento que o grupo espera ver em seus integrantes. Ciente do risco de revelar sua vulnerabilidade, o guerreiro talha o seu rosto de maneira a refletir os traços do guerreiro, e não aquilo que pode ser peculiar de sua dinâmica interior. Assim, mediante o cultivo da arte da simulação, gradativamente, o guerrilheiro aprende a representar um jeito particular de ser: com olhar esperto, malicioso, desconfiado; com corpo esguio de posturas firmes, conforme à esfera castrense, ele pretende afirmar que sua presença, reforçada pela companhia dos companheiros de grupo, representa uma instituição eminentemente militar, dedicada com exclusividade a zelar por interesses específicos, vinculados a uma ordem coletiva.

Um outro aspecto importante a destacar é a tendência da guerrilha de omitir discussões sobre gênero na organização da vida comunitária. Ali, o que prima é ser guerrilheiro, fato que transcende atributos e funções de ordem biológica e reprodutiva. A figura do guerrilheiro, mais que pela sua corporeidade humana, é vista pela sua capacidade militar. Essa imagem do “guerreiro combativo” é interiorizada mediante a rede de interações comunitárias a partir da qual cada guerrilheiro, seja homem ou mulher, passa a desenvolver formas de se representar e de agir no mundo. Tudo isso em sintonia com aqueles traços comuns a todos os membros do grupo e que evidenciam a existência do *habitus* guerreiro.

Limadas as asperezas de discussões intrincadas sobre a competência do masculino e do feminino, o interesse do grupo pelos indivíduos que o integram recai de maneira explícita sobre as funções que cada um deverá exercer, dispensando assim qualquer atenção às características individuais de quem as realize. Na guerrilha, diferentemente do que se sucede, por exemplo, na família, onde os pais ou a pessoa autorizada para distribuir as tarefas levam em consideração as particularidades dos adolescentes, das crianças, dos homens e das mulheres, não existe preocupação com distinção de sexo ou idade, via de regra, as concessões são inadmissíveis. Supõe-se que quem ingressa no grupo é para ser guerrilheiro e, a partir dessa condição, ele deverá adequar-se às mesmas condições de vida de seus pares, porque quem pretende ser autêntico revolucionário deve aprender a dar total atenção aos interesses da coletividade e não particularidades individuais. A participação na limitada margem de possibilidades de acesso às escalas de poder depende, em quase todos os casos, da experiência e intuição dos comandantes, os quais, depois de um processo de observação e dependendo das necessidades coletivas, convidam um indivíduo determinado para exercer funções de mando.

Um outro elemento que contribui para a tendência da guerrilha de uniformizar seus membros é o uso do material de dotação militar. A partir da década de oitenta, quando as FARC-EP se fortaleceram financeiramente, o esforço para configurar-se com Exército Popular se fez mais evidente na aquisição de farda e armamento para todos os guerrilheiros. Dessa forma, eles tornaram-se representantes de uma instituição de caráter político e militar. Se, no interior do

grupo, a farda não expressa nada além da mera uniformidade entre seus membros, na interação com a sociedade civil ela permite a cada guerreiro usufruir de visibilidade social, de certa distinção, dado que seu uniforme representa poder aos olhos daqueles que não pertencem à coletividade guerrilheira.

De maneira especial, como símbolos de pertença à guerrilha, a farda e a arma para o guerreiro não significam meros implementos materiais que escondem a nudez de um corpo ou amparam o anonimato de um indivíduo. Elas se tornam condicionamentos para os gestos e comportamentos do guerrilheiro no acontecer de sua vida cotidiana. O rigor da vida militar guerrilheira tende sempre a nivelar os membros do grupo e o uso da arma e da farda contribui para reafirmar isso. Homens e mulheres são trajados da mesma forma, mesmo que alguns deles ocupem um *status* de distinção dentro do grupo. A calça, uma prenda que no interior da Colômbia é exclusivamente masculino, pelo uso obrigatório na guerrilha, ela pode ser vista como outra evidência da tendência desse grupo para uniformizar seus membros. A imposição da calça para as mulheres guerrilheiras, somou-se ao conjunto de artifícios coletivos usados para padronizar comportamentos predominantemente masculinos.

Dessa forma, carregando em seu corpo o valor emblemático das lutas revolucionárias, manifestado na visibilidade dos símbolos representativos da guerrilha, o *habitus* guerreiro se instila, progressivamente, afetando não só a participação do guerrilheiro na vida social, como também sua dinâmica interna de sentimento e pensamento. Com o corpo coberto de símbolos de ordem coletiva, dificilmente poderão se formar pensamentos desvinculados desse contexto social em que está inserido. Por trás do olhar perscrutador, desconfiado e hábil, esconde-se o guerreiro que se sente socialmente impelido a estar alerta diante de qualquer ameaça. Possuidor de um corpo adestrado, através dele o guerreiro se expressa visivelmente no mundo, isto é, nas interações sociais que estabelece e na contribuição que faz com sua presença para o fortalecimento do grupo. Assim, o corpo torna-se para o guerreiro o campo de expressão concreta dos traços militares que configuram esse coletivo.

Quando o corpo incomoda

Em estudos realizados por Freud sobre a histeria, foi argumentado, com a eloquência dos detalhes, que as formas através das quais os seres humanos manifestam a dor, isto é, a relação anômala do ser humano com seu corpo, estão condicionadas por coerções de ordem fisiológica, psicológica e, é claro, social. Nessa linha de pensamento e considerando o mundo dos guerreiros, é evidente que as formas como eles vivenciam e comunicam sua dor estão condicionadas pelos traços militares que regem essa vida coletiva. Em outras palavras, as formas do guerrilheiro lidar com a dor física obedecem a um processo de construção social.

A participação do corpo na vida guerrilheira é fundamental. Não há dúvida de que, na guerra, só os corpos sadios podem ser úteis. No entanto, mesmo os corpos sadios se ressentem quando submetidos ao tráfego intenso de uma vida itinerante ou ao permanente esforço físico empregado na execução de atividades militares. Longas travessias carregando pesos significativos, açoites climáticos pelo fato dos acampamentos serem construídos em descampados, esforço físico para realizar mais de 16 horas diárias de trabalho intenso, sem férias nem descanso semanal, tudo isso são fatores que, num tempo prolongado, desgastam e consomem a energia física do guerreiro. No entanto, graças à ativação dos códigos disciplinares do grupo, a relação com a dor é caracterizada por um nível bastante elevado de tolerância.

A sensibilidade diante da dor parece ser semelhante para o conjunto dos seres humanos. Mas as formas de lidar com essa dor mudam conforme o cenário social onde o indivíduo se move. Na guerrilha, como efeito do complexo funcional dessa vida em comum, o limiar de tolerância dos guerrilheiros é bastante elevado. Para eles, constatar que o corpo padece parece ser uma realidade aceita com antecedência. O repúdio pela vida burguesa e a rejeição a manifestações de fraqueza vão configurando um tipo de pensamento que parece induzir os guerreiros a perceberem que, mais do que desejar usufruir de uma vida de 'bem-estar', o que se deve almejar é ter condições físicas para estar sempre em condições de combate.

Ficar ferido por um tempo prolongado, sentir-se doente enquanto se está no acampamento, depender da assistência dos outros, enfim, vivenciar qualquer limitação física torna-se para o combatente uma experiência que agride sua auto-estima, dado que sua identidade de guerreiro se alicerça na participação das manifestações de força coletiva. Qualquer

dificuldade de ordem física que impeça o guerrilheiro de ser escalado nos plantões de serviço ou de participar de ações coletivas o coloca num lugar inferior na distribuição de poder dentro do grupo, uma vez que, neste, até o mais inepto combatente, se goza de bom estado físico, tem maior significação social do que o mais valente guerreiro, quando doente. Victor, um jovem guerrilheiro, narrou essa experiência da seguinte forma:

Num combate, tive que pular um barraco e caí de mau jeito, quebrei o calcanhar. Demorou muito tempo para ficar curado. Fui transferido de frente duas vezes, passei mais de oito meses tentando me recuperar. O pessoal zombava de mim porque achava que era preguiça de fazer as coisas, mas eu estava doente mesmo. Nesse tempo foi que aprendi a cozinhar bem direitinho, porque era a única coisa que podia fazer. Sentia-me uma dona de casa.

Para lidar com a saúde dos guerreiros, as condições na guerrilha são precárias. Na divisão de funções, aleatoriamente são escolhidos os responsáveis para cuidar dos doentes, razão por que nem sempre são escolhidas as pessoas mais adequadas para prestar esse tipo de serviço.

Surge, assim, uma das maiores dificuldades da guerrilha: lidar com algo que, embora indesejável, é sempre previsível: as falências do corpo humano. Quando o tratamento médico é inevitável, o processo varia de acordo com as características do guerreiro. Se ele faz parte dos altos mandos, o tratamento médico é da melhor qualidade e no próprio acampamento pode ser adaptada uma clínica; se houver possibilidades, são levados aos grandes centros urbanos do país ou até mesmo do exterior. Porém, ao guerrilheiro raso, que está mais exposto a doenças, só restam as possibilidades de receber um tratamento limitado pelas circunstâncias de viver nas montanhas ou, no melhor dos casos, lograr o prêmio de poder voltar temporariamente para sua casa, a fim de ser tratado pela família, algo que acontece apenas se o guerreiro tiver dado provas suficientes de fidelidade ao grupo. Contudo, é fato recorrente que o sofrimento pelas limitações físicas, pelo esforço para responder às exigências do grupo, termina colocando os guerreiros, quase sempre, na condição de animais que padecem mas não reclamam porque a possibilidade de falar de si lhes foi restringida.

O grupo almeja com afinco que o corpo do guerreiro seja invulnerável, pois assim ele pode mostrar força combativa e capacidade de resistência aos ataques inimigos. As exigências que o grupo faz sobre resistência física dos guerreiros parecem refletir o desejo coletivo de fugir da condição humana, com a esperança de afugentar qualquer possibilidade de revelar algum tipo de fraqueza. No entanto, essa possibilidade não passa de mera quimera. Os guerreiros adoecem, são feridos e, em muitos casos, assassinados. O corpo do guerrilheiro não é invulnerável aos perigos que o cercam.

O desejo coletivo de mostrar força e poder, capacidade militar e resistência combativa, misturado ao instinto de sobrevivência próprio da condição humana, suscita neles um complexo de forças físicas que em estado de paz seria impensável. Fugir estando ferido, não desistir de correr mesmo perdendo sangue, combater o inimigo superando a dor causada por diversos ferimentos, enfim, lutar com disposição mesmo em condições adversas, além de ser uma descoberta inesperada para os combatentes, é a melhor oportunidade para integrar-se à comunidade dos heróis e participar das glórias celebradas pelos guerreiros que se distinguem no grupo. Ocupar um lugar no pódio dos guerreiros exige disposição para lutar em circunstâncias completamente adversas e para desconsiderar os apelos do corpo. No mundo dos guerreiros, o amor à revolução implica, de certa maneira, possuir inteira disposição para oferecer o corpo como manifestação de entrega generosa ao grupo e às causas pelas quais se luta.

Nos treinamentos militares, o guerrilheiro é alertado para lidar com possíveis situações adversas. Motivá-lo para manter autocontrole emocional nessas situações faz parte das estratégias de guerra. Dessa sorte, o fato de distanciar-se da dor física, seja ela causada por doenças ou por ferimentos, leva o guerrilheiro a enfrentar situações difíceis, com certa disposição estoíca do tipo: *“estou aqui para encarar o que der e vier”*. Nas trilhas da guerra, a experiência ensina que só têm capacidade para alcançar relativo controle de uma situação difícil aqueles que aprenderam a lidar com a dor e com o sofrimento. Treinado para dissimular o turbilhão de emoções, as manifestações de dor e sofrimento, mais do que nas lágrimas e nos gritos, alcançam seu canal de expressão no silêncio dos guerreiros.

Sofrer em silêncio, padecer sem reclamar, resistir ao sofrimento sem desistir do engajamento guerrilheiro são manifestações concretas do *habitus* guerreiro que o grupo espera encontrar em cada um de seus integrantes. No ato de saber lidar com situações adversas, identifica-se o autocontrole como uma manifestação concreta de valentia pessoal. Das diversas narrativas que escutei, chamou-me a atenção a forma entusiasmada como os guerrilheiros relatavam situações adversas e a sua superação. Tive a impressão que, no seu imaginário, o fato de se impor em situações desfavoráveis ou de mostrar disposição pessoal para perseverar na luta, ainda que as circunstâncias fossem adversas, tornava-se a oportunidade para mostrar ao grupo a mais nobre manifestação do heroísmo, como a maior virtude do guerreiro.

A experiência da dor física na guerrilha parece ser inevitável. Dizia para mim um guerrilheiro: *“Na guerrilha, o pessoal adoce com freqüência. O clima é bravo. As gripes ou problemas estomacais são muito freqüentes. No entanto, do que mais padecem os guerrilheiros é de frieira e assaduras¹⁰⁶, a gente sente isso principalmente quando tem que caminhar por longas distâncias ou por conseqüência da estada em locais úmidos.”* Situações como as anteriormente descritas apresentam-se na vida dos guerreiros como algo indesejável. Para ele é fundamental estar em pé de luta, sentir-se bem, estar livre de dores corporais. Mas a dor chega sem maiores

¹⁰⁶ São irritações cutâneas em decorrência do contato prolongado da pele com bactérias, umidade e calor. Nos guerrilheiros, a freqüência desse tipo de doenças é ocasionada pela dificuldade para manter a roupa e as botas limpas e secas.

preâmbulos, invadindo de improviso o corpo dos guerreiros, alterando sua vida cotidiana e modificando, no indivíduo adoentado, a forma de interagir socialmente.

Para a dinâmica da vida comunitária guerrilheira, ser forte e possuir um corpo hábil para o combate são sinônimos de aceitação e reconhecimento social. Portanto, para manter o moral em alta, o guerreiro se vê impelido a ocultar a dor física ou, quando esta é insuportável, pedir ajuda de maneira discreta. Uma coisa é certa: de nenhum modo a dor física consegue ser objeto de manipulação afetiva ou motivo para lograr concessões por parte do grupo. Disse-me um guerreiro: *“O pessoal que se queixa muito ou que se deprime por qualquer motivo é desmoralizado. Se você tiver alguma coisa que lhe esteja incomodando, tem que agüentar, a menos que esteja bastante doente. Se os comandantes pensarem que está fingindo, fazem conselho de guerra e podem até matá-lo”*. A partir do depoimento transcrito, percebe-se claramente que o uso da dor como pretexto para escorar-se nos outros e evitar a participação nas ações militares comunitárias é uma estratégia que, na guerrilha, não funciona.

A saúde é o bem mais almejado pelo guerreiro, porque o fato de sentir-se sadio lhe outorga a possibilidade de participar das manifestações de força do grupo, de sentir-se pertencido ao mundo dos guerreiros. Cada um deles sabe que para participar da dinâmica dessa vida comunitária é necessário estar com saúde, pois só assim poderá executar as ações de responsabilidade que lhe forem encomendadas e, nesse ínterim, experimentar satisfações interiores que possam justificar sua permanência no interior do grupo. No entanto, esse estado de satisfação pode mudar pela irrupção de um mal-estar físico.

Enquanto o guerreiro puder participar da dinâmica da vida guerrilheira, a possibilidade de experimentar algum tipo de realização humana nunca lhe será negada. Porém, quando se achegarem as limitações próprias de uma saúde em decadência ou de um corpo ferido, a dor será o melhor pretexto para levá-lo a olhar para si próprio e reconhecer sua condição humana. Quando indaguei os ex-guerrilheiros acerca dos momentos em que se sentiram derrotados a ponto de pensar em fugir ou desertar, percebi que a maioria dos depoentes lembrava os momentos de intensa dor física, momentos nos quais o guerreiro encontrava-se consigo próprio,

com sua limitação e vulnerabilidade. Nesses momentos de aflição, a única coisa que desejavam era voltar à vida de antes, ao aconchego da casa materna.

“Camarada, foste um herói”

A palavra vida designa o intervalo de tempo entre o nascimento e a morte. Limitada por um começo e um fim, a vida segue sempre uma trajetória linear, movida pelo processo biológico que o homem compartilha com outros seres vivos. No entanto, no mundo guerrilheiro esse processo da natureza pode ser rompido. Ali, a morte prematura é um fato recorrente. Um capitão do exercito comentava que nunca viu um guerrilheiro velho: *“Esse pessoal é muito novo –dizia-, a vida deles é muito curta”*. A constatação da morte prematura de quem vive em atitude permanente de combate é óbvia, dadas as freqüentes agressões físicas que se vivenciam nesse contexto. De fato, para aqueles que integram um grupo como esse, que vive em estado de conflito, onde agredir e ser agredido faz parte da ocupação cotidiana, a possibilidade de sucumbir em confronto é algo constantemente presente. Para os guerrilheiros, morrer pacificamente em sua cama é um evento excepcional. Eles sabem disso. Sabem que podem morrer a qualquer momento, embora, como a maioria dos seres humanos, tendam a negar esse fato. Assim, a combinação da clara consciência da fragilidade humana com o perigo latente que ameaça a vida do guerreiro traz como resultado o zelo na execução de cada atividade.

Os comandantes, nos momentos de formação militar, insistem no zelo com que devem ser realizadas todas as ações. Um guerrilheiro contou-me que, em muitas ocasiões, os líderes do grupo narravam histórias de companheiros que restaram presos pelos inimigos, descrevendo em detalhes os atos de tortura a que foram submetidos. Usando esses exemplos, incentivavam seus subalternos a concentrarem toda a atenção na realização das tarefas ordenadas, de modo a evitar a captura pelos opositores. Para os guerrilheiros, cair em mãos inimigas significa amargar a mesma sorte: tortura e sofrimento. Segundo o mesmo guerrilheiro, *“era melhor morrer do que se deixar capturar para ser torturado”*.

Além da ameaça dos grupos inimigos, a vida do guerrilheiro é ameaçada pelos contínuos deslocamentos do grupo, pela exposição às inclemências do clima, pelo esforço físico constante,

pela ameaça de animais venenosos, etc. No entanto, o fato de padecer o efeito dessas ameaças ou de testemunhar a morte de companheiros é uma experiência que leva os guerreiros a perceberem a morte como uma realidade muito próxima. Mas o medo que essa constatação pode trazer é exorcizado pela força das coerções sociais. Chacotas e brincadeiras denotam a intolerância que o grupo tem diante de manifestações de insegurança. No entanto, a coerção que mais instiga os guerreiros a enxergar a morte como um gesto sublime de entrega e doação ao grupo é o fato de se atribuir a esse sacrifício um sentido de plenitude de vida. Assim, é bom lembrar que a percepção da morte varia de uma sociedade para outra. Não importa quão natural e imutável possa parecer aos membros de cada sociedade particular, a percepção da morte é um evento aprendido socialmente.

Certamente, atribuir um sentido à morte tem sido um artifício bastante utilizado pelo grupo para empolgar os guerreiros a darem sua vida pela causa, a perceberem a morte como um bem conquistado, merecido por aqueles que devem participar do pódio dos heróis. Para a guerrilha, “*dar a vida*”, “*morrer lutando*”, é um ato sublime que está ligado à causa revolucionária. É isso o que se pode perceber no poema intitulado “*Jairo Guerrilheiro*”. Nele, o autor, depois de comentar em tom quase dramático a forma dolorosa através da qual o comandante anuncia a morte em combate de Jairo, passa logo a descrever os dotes pessoais do guerrilheiro morto: “*O fuzil que tu carregaste fizeste ressoar/ Contra os tiranos que a teu povo querem acabar/ Jairo comunista lutaste com valor/ Tua vida a ofertaste pela nossa revolução*”¹⁰⁷. Como se pode perceber nos versos transcritos, a percepção da morte que tem a guerrilha possui uma conotação eminentemente altruísta. Morrer em combate é um ato de extrema grandeza, é a maior oblação que se pode fazer à pátria.

Embora a guerrilha dê um significado especial à morte por causa da revolução, seu maior interesse se centra na vida, porque a vida num contexto de guerra é manifestação de poder. Ter um número elevado de guerrilheiros é sinal de força combativa. É por isso que nesse grupo qualquer pacto com a morte é descartado. Quando são abatidos em combate, é tarefa dos guerrilheiros sobreviventes se desfazerem dos caídos. O corpo estendido, sinal de morte, precisa desaparecer. Na guerrilha, o grito de ordem “vencer ou morrer” não passa de um mero grito,

¹⁰⁷ Poema da Frente Guerrilheira Comuneros del Sur, em fita cassete divulgada sob o título “*Busqueda*”.

porque eles sempre querem vencer. Se acontecer de alguém morrer, esse fato será negado, todas as evidências serão apagadas de forma criativa. A morte é expressão de fraqueza e a guerrilha precisa sempre demonstrar força.

Desaparecer os corpos dos guerrilheiros sem patente caídos em combate é uma forma de preservar o poder do grupo que sobrevive à perda de seus membros. O que interessa é conservar uma imagem de onipotência, e é por isso que a memória dos mortos carece de importância. A evidência de sua morte pela exposição dos corpos só poderia beneficiar o inimigo. Dessa maneira, ao fazer desaparecer os corpos, o grupo afirma a percepção que possui da identidade do guerreiro, que nada mais é do que um indivíduo anônimo, sem passado e sem vínculos. A existência do guerrilheiro só tem sentido em função da força combativa que pode contribuir para a máquina de guerra coletiva. Desaparecendo seu corpo, o grupo o relega à vala das coisas inexistentes.

Para os que ficaram vivos, na maioria dos casos, a morte dos companheiros pouco importa. Qual é o valor de *uma* pessoa, quando há tantos que podem substituí-la? A ausência dos camaradas mortos não aperta o coração dos homens de guerra. A dor da saudade que os ausentes deixam é mitigada pela dinâmica da vida comunitária, que atua como corpo coletivo que restitui a perda e minimiza a falta. Os homens de guerra quase não têm tempo para celebrar ritos de passagem desta “*vida à outra*”. Eles não realizam luto porque negam para si a oportunidade de experimentar o vazio. Quando afetados pela morte de alguém próximo, eles só querem suprir sua falta, dando continuidade à causa pela qual o companheiro morreu. Assim, sua vida de guerreiro retorna a seu curso e o grupo se reconforta pela oportunidade de continuar satisfazendo aquele desejo coletivo de “*lutar sempre sem render-se jamais*”. Ceder espaço para celebrar um ritual funerário não é boa idéia para quem quer fortalecer o *habitus* guerreiro. Para que refletir sobre a vida e seus percalços, se o que interessa é o futuro e suas promessas de vitória?

Para o guerrilheiro, a morte não significa ruptura; a vida continua, ela se eterniza na existência do coletivo. Nas poucas ocasiões em que o grupo abre espaço para celebrar o rito de luto, o faz de maneira externa, visual. Nesses casos, o que se pretende é cativar a atenção do guerrilheiro para renovar nele o furor pela causa revolucionária. Proferem-se discurso, contam-se

histórias, cantam-se músicas revolucionárias para, finalmente, gerar um cenário solene que reafirma o poder do grupo e evita a introjeção individual. Ali, o essencial é olhar para fora de si e interessar-se pelo “*nós*”. No entanto, cabe salientar que, na guerrilha, só a memória dos guerrilheiros insignes é celebrada de maneira ritual. A morte do guerrilheiro sem patente é sempre negada, uma vez que, ao celebrar sua memória, não poderia acrescentar nada para o fortalecimento do grupo.

Assim, tornando anônima a morte do guerrilheiro de baixo escalão, o grupo purifica sua memória e tira o significado do desfecho de uma vida. Em certo sentido, o desaparecimento do corpo significa que foi roubada a própria morte do indivíduo, provando-se dessa forma que nada, nem mesmo a morte, pertencia-lhe. Com o desaparecimento do cadáver, afirma-se que o guerrilheiro de baixo escalão jamais existiu, entretanto, quando o morto é um comandante, não há o mesmo procedimento em relação a ele. O grupo lhe assegura a continuidade, após sua morte, das obras por ele iniciadas. Suas contribuições ideológicas, seu talento militar, seu comportamento exemplar, enfim, as virtudes que o destacavam como paradigma guerrilheiro são costumeiramente trazidas à memória dos guerreiros nos momentos de formação. Dessa forma, atualizando os méritos do guerrilheiro morto, o grupo se fortalece. A memória dos líderes gloriosos, de homens e mulheres que lutaram com afinco em épocas passadas, renova a disposição combativa e continua a dar vida à corrida militar revolucionária.

Retomando algumas outras passagens do poema ‘Jairo Guerrilheiro’, a atualização dos méritos desse combatente é manifestada no seguinte verso: “*Comunistas te falamos: temos saudades de ti, companheiro/ Sempre te encontraremos em cada guerrilheiro/ Seguiremos teu exemplo e nunca nos renderemos, Colômbia é nossa pátria, socialista a queremos*”. Assim, o grupo demonstra o porquê de seu interesse em manter viva a memória de Jairo. Ele sabe que, ao reconstruir a passagem desse guerrilheiro exemplar pela terra, ao atualizar sua entrega à causa revolucionária, as energias combativas de seus membros serão renovadas. O grupo sabe que os guerrilheiros célebres sempre serão fontes de inspiração, paradigma perene, modelo eterno a ser seguido por aqueles que se identificam com as lutas revolucionárias. No calendário promovido pelas FARC-EP para o ano de 2006, pode-se ver no mês de agosto uma sentida homenagem aos

“camaradas” mortos e a proclama que diz: *“Pelos nossos mortos/ desaparecidos na luta/ nem um minuto de silêncio/ toda uma vida de combate”*.

A permanência na guerrilha não depende do livre arbítrio do indivíduo, dado que esta sempre será competência exclusiva do grupo. Assim como na vida, também depois da morte dos guerreiros, é o grupo que decide quem deve continuar ou desaparecer dessa vida coletiva. Uma das formas que o grupo encontrou para dar continuidade aos méritos dos guerreiros mortos foi atribuindo o seu nome a alguma das frentes de combate. Dar nome a um grupo tornou-se a melhor homenagem à memória de guerrilheiros célebres, vez que suas façanhas, virtudes e méritos serão indelevelmente impressos na memória dos integrantes. Figuras como Jacobo Arenas, Joselo Lozada, Teófilo Forero, Aurélio Rodriguez e outros guerrilheiros insignes, são também imortalizados nos discursos e nas resenhas que deles se fazem nos momentos de formação política. Enfim, cultivar na memória dos vivos as ações e as palavras dos mortos

parece ser um fato de extrema necessidade, principalmente quando o que está em jogo é a manutenção do poder coletivo.

Como exemplo do que se afirmou acima, pode ser mencionado o que aconteceu na vila de Puerto Elvira, no Estado do Cauca. Jesus Cevallos, o “*Mocho César*”, um dos comandantes das FARC-EP mais conhecidos naquela região, foi assassinado em 06 de outubro de 2003. A vida desse guerrilheiro foi empregada na disputa dessa região contra as forças do Estado. Na tentativa de seguir os planos estratégicos das FARC-EP, para fazer da região oriental da Colômbia o que poderia ser o primeiro “Estado independente”, o cadáver foi recuperado e sepultado no cemitério do povoado, com honras fúnebres num lugar de bastante distinção. Tudo isso para mostrar que o grupo continuaria governando essa região com a mesma dinâmica do líder assassinado. No olhar da guerrilha, o “*Mocho César*” merecia ser conclamado paradigma guerrilheiro e seus feitos deveriam ganhar continuidade. O túmulo de Cevallos, adornado com flores de plástico, contém uma inscrição na lápide que testemunha a doação exemplar de uma vida em favor da revolução: “*Camarada, foste um herói e um guerreiro, lutaste contra a burguesia tirânica do Estado*”. Enquanto a guerrilha colocava a memória do combatente na galeria dos heróis, o Exército celebrava sua vitória militar, afirmando que a morte do “*Mocho César*” representava um “duro golpe” à guerrilha e um descanso para a sociedade, que se livraria de um sujeito de alta periculosidade¹⁰⁸.

Embora os olhares sobre o mesmo fato sejam divergentes, o que aqui nos interessa apontar é que na guerrilha só poderão ocupar o posto de herói aqueles homens e mulheres que mostrarem, no percurso de sua vida, fidelidade e entrega total ao movimento, consagrando-se ao serviço de uma causa e consumindo seus dias em razão de alcançar uma meta coletiva. Assim, quem pretender conscientemente marcar seu registro na história da guerrilha, deixar um legado e uma identidade merecedores de ‘fama imortal’, deverá, não só colocar em risco sua existência, mas também optar por uma vida intensa, cheia de ação e novos desafios.

¹⁰⁸ Segundo informações de inteligência militar, veiculadas pelos meios de comunicação nacional, Cevallos participou do seqüestro da ex-candidata presidencial Ingrid Betancur, do seqüestro do líder político Rodrigo Turbay Cote e do assassinato do governador do Meta, no sul da Colômbia, Jesus Angel Gonzáles, em 1995. Embora esses sejam seus principais méritos, sua morte foi celebrada pelo Exército pela certeza de que a partir dela se estaria desarticulando um setor da guerrilha dedicado à produção de drogas entorpecentes no oriente colombiano.

A guerra caminha de mãos dadas com o tempo e, assim como o tempo, ela não passa sem deixar marcas. E a marca mais forte deixada pela guerra são os mortos. O grupo sepulta seus mortos e na memória dos vivos ficam as lembranças daquilo que os guerrilheiros fizeram enquanto permaneceram agindo em comunhão com eles. No entanto, a memória é um instrumento pouco confiável para transmitir à posteridade os feitos dos combatentes caídos. É provável que essas lembranças esmaçam em pequenos lapsos de tempo. No devir histórico da vida em comum, é fato que a força de acontecimentos novos gere distância com relação ao passado e predisponha os indivíduos a viverem mais vinculados com o fluxo de eventos ligados ao presente. É de praxe que os vivos que têm memória, amiúde, se esqueçam dos mortos que ficaram para trás. Contudo, o fenômeno mais recorrente na guerrilha é que em um combate, os guerrilheiros que tiveram contato com um camarada célebre passem a fazer parte da longa lista dos desaparecidos, carregando consigo a memória de seus antecessores. Enquanto no grupo o indivíduo corre o risco de ser esquecido, no seio familiar, imune ao conflito armado, alguém continuará à espera do filho, do irmão ou, talvez, do amigo que foi embora para algum lugar, com a promessa de retornar um dia.

Quem adoece, é ferido ou morre é o indivíduo. O grupo tem mostrado que pode sobreviver à perda de seus membros. Tal capacidade de autoconservação está ligada à sua resistência a diversos ataques, os quais nunca poderão ser o suficientemente contundentes, pois através deles os inimigos poderão aniquilar alguns membros, mas nunca a totalidade do grupo. Os que resistem velam para que o vazio deixado pelos guerreiros mortos seja preenchido pela participação de outros. Nessa sucessão contínua de guerreiros, a conservação do grupo se garante, assim como também seu protagonismo na dinâmica do conflito armado colombiano. Embora o Exército celebre com frequência suas vitórias sobre a guerrilha, é inútil manter viva a esperança de afetar o grupo como um todo, a ponto de comprometer sua existência ou a eficácia de suas ações.

CONCLUSÃO

Assumi, no presente trabalho, o desafio de refletir em torno do processo de formação do *habitus* guerreiro das FARC-EP. Nesse ínterim, na medida em que aprofundei tal realidade, colocaram-se diante de mim ações e experiências da vida guerrilheira que afetam e modificam a condição humana de quem trafega nas trilhas das lutas revolucionárias. Embora essa vida guerrilheira possua traços específicos, bastante diferentes de outras manifestações da vida em comum, o fato de abordá-la, sem dúvida, enriqueceu meu olhar na arte de pensar o mundo e o percurso da humanidade em seu infatigável peregrinar histórico. No trajeto realizado, não pretendi esgotar as múltiplas formas de abordar o instigante micro-cosmo social guerrilheiro. Quis apenas captar as circunstâncias que favoreceram a formação da guerrilha e entender as formas de manifestar pensamentos e sentimentos daqueles homens e mulheres que vivem sob a condição de guerrilheiros.

Tal empreendimento se justifica porque a guerrilha, como uma figuração social específica, afeta de maneira significativa a dinâmica da vida social colombiana. Não é adequado ao pensamento social ficar indiferente diante desse fato. Para mim, como cidadão colombiano, a mera existência da guerrilha me instiga a conhecê-la, pelo simples fato de fazer parte da mesma realidade nacional em que esse grupo tenta concretizar seu projeto revolucionário.

Foi interessante seguir as trilhas da guerrilha desde suas origens até suas manifestações atuais. O contraste de seu estado atual com sua origem ressalta a dimensão que hoje tem essa organização, cuja presença afeta quase todas as esferas da vida nacional. Perceber seu crescimento permanente suscitou em mim uma série de questionamentos. Agora interrogo-me: o ingresso sempre crescente de combatentes se deve ao fato de que o projeto político da guerrilha tem suficiente poder de sedução ou é porque a miséria em que vivem grandes parcelas da população colombiana limita alternativas de ascensão social, ficando a guerrilha, para muitos jovens, como única opção de inserção social? Será que a guerrilha oferece um projeto de vida coletivo capaz de dar significado à vida de alguns setores da população colombiana? No capítulo II, foi mostrado que o crescimento militar é conseqüência de seu fortalecimento financeiro. A multiplicação de seu número de integrantes e a qualificação de seu potencial militar, poder-se-ia

dizer que são conseqüências desse fato. Mas, face ao fenômeno social guerrilheiro, ficam ainda muitas perguntas a serem feitas. As respostas podem ser múltiplas, polêmicas e, quase sempre, condicionadas pelo olhar de quem observa esse fato social. Enquanto encontramos respostas satisfatórias, o que se constata é que as causas que ocasionaram o surgimento dos mais diversos grupos guerrilheiros na Colômbia continuam vigentes, provocando ainda hoje o conflito armado que faz esvaír-se em sangue o país.

Não cabe dúvida de que a guerrilha hoje é um exército forte, cujo *habitus* guerreiro se consolida, gradativamente, pela combinação de sua estrutura militar, seu poder financeiro e sua presença vigorosa em muitas regiões periféricas do país. A combinação desses fatores faz dela um contendor digno de respeito para as forças do Estado. Talvez, por isso, sentindo-se encurralado por uma força combativa de grandes proporções, sob o governo de Belisário Betancourt (1982-1986), o Estado se viu obrigado a negociar a “*paz*” com a guerrilha. Tal iniciativa, embora ainda não tenha trazido resultados concretos, com relação à pacificação do país, denota que as elites políticas olham para a guerrilha, senão com respeito, pelo menos com precaução.

De fato, ciente das dimensões que estava alcançando a guerra revolucionária, iniciada pelos diversos grupos guerrilheiros na década de sessenta, o Estado teve que conter seu ímpeto de soberania e poder absoluto, preparar a mesa e convidar a guerrilha para dialogar e encontrar juntos o caminho da reconciliação e da paz. No entanto, pelo desenrolar desse processo que, com rupturas e continuidades, já ultrapassou a barreira de um quarto de século, percebo que, falar de paz, tornou-se, para as partes em confronto, uma outra estratégia para continuar a guerra. Dessa forma, o horizonte de reflexão se amplia, pois parece que a vontade política de negociação e de diálogo ainda não é mecanismo suficiente para conquistar a paz e para mudar as feições de um certo *ethos* guerreiro que parece permear as diversas esferas da vida nacional.

Com acusações mutuas e desconfiança redobrada, guerrilha e Estado, como em conversa de surdos, não conseguem definir os termos adequados para acabar com a guerra. Na teoria, o Estado sempre se mostrou disposto a negociar com a guerrilha. Na prática, tal como foi colocado nos dois primeiros capítulos, ele nunca abriu mão de sua atitude beligerante. Planos para conseguir a paz nunca faltaram, embora, com nomes diferentes, em essência, a estratégia sempre

tenha sido a mesma: Repressão aos grupos armados que ameaçam a estabilidade do Estado e o assistencialismo às comunidades afetadas, mesmo que seja apenas em tempo de campanha eleitoral¹⁰⁹. Depois de muitas tentativas, ainda não foi encontrada a fórmula de amenizar as relações governo/guerrilha. Cada governo, naufragando em discursos oficiais e na improvisação de medidas legislativas, tenta encontrar a solução definitiva do conflito armado. Os obstáculos não faltam e, curiosamente, ainda hoje continuam sendo os mesmos de quatro décadas atrás: a constante ingerência das elites políticas, o radicalismo dos militares, a falta de presença do Estado em muitas regiões periféricas do país e a intervenção da comunidade internacional. Os protagonistas desse conflito armado são o Exército, os paramilitares, grupos de narcotraficantes e as diversas organizações guerrilheiras que disputam o monopólio do poder. Em meio do clarão barulhento das balas, tecem-se as mais diversas coerções sociais cujo efeito, paradoxalmente, termina aprimorando a máquina de guerra dos grupos em confronto.

Guerrilha e Estado, em principio, têm manifestado seu desejo de chegar a um acordo e finalizar a guerra. Mas, pelas ações encaminhadas, todas elas de ordem militarista, o que se percebe é que, em surdina, as partes em conflito acreditam que, agudizando o confronto militar, o contendor se verá obrigado a negociar a paz e a aceitar as condições de convivência mútua, impostas pelo “*senhor*” que eventualmente possa ganhar a guerra. As estratégias são bem definidas. O Estado, investindo enormes quantidades econômicas do tesouro nacional e com o auxílio financeiro da comunidade internacional¹¹⁰, continua sua corrida armamentista. Amplia os contingentes da força pública, reclama resultados concretos dos mandos militares e renova permanentemente suas estratégias de guerra. Mediante emenda constitucional, nos últimos anos, o governo tem alcançado bons resultados pela aplicação do decreto de lei 128 de 2002, através do qual tenta oferecer garantia de proteção aos desertores dos grupos armados e facilitar sua inserção na sociedade civil. Por outra parte, o Estado oferece recompensas milionárias pela captura ou

¹⁰⁹ Para ter uma visão mais clara sobre a maneira como o Estado tem conduzido o conflito armado pode se ler o texto de LEAL, Francisco e ZAMOSO, L. *Al filo del Caos. Crisis política en la Colombia de los años 80*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1990.

¹¹⁰ Da comunidade internacional, o país que mais tem interferido no conflito armado colombiano são os Estados Unidos. A execução do *Plano Colômbia*, que marcou um precedente na maior luta contra o narcotráfico já feita no país, teve início no ano de 2002 com a doação do governo americano de mais de um bilhão de dólares. Pela ligação da guerrilha com o narcotráfico, grande parte desse recurso foi destinado a perseguição das FARC-EP, grupo qualificado pelo atual governo como “*narco-terrorista*”.

morte das principais lideranças das FARC-EP, porém, sem desconsiderar sua criatividade militar no combate à guerrilha, a batalha que porá fim à guerra revolucionária ninguém pode prever quando irá acontecer.

A expectativa de acabar com o conflito armado, em cada período de campanha eleitoral renova-se, as promessas mais eloqüentes dos candidatos, nessas circunstâncias, têm o efeito da profecia nos eleitores. Para os candidatos a cargos públicos, falar de paz tornou-se imprescindível na pugna pelo voto popular, talvez porque o povo queira ouvir propostas concretas que possam pôr fim ao conflito armado. Nessa perspectiva, os resultados eleitorais mostram que a inclinação do eleitorado é por aqueles candidatos que revelam ter “*pulso firme*” para atacar os grupos armados. Sendo assim, o conflito armado que se alastra por mais de quarenta anos adquire novo fôlego para continuar seu curso.

A guerrilha continua, por sua vez, acreditando que a revolução é possível. Provavelmente por isso se recusa a renunciar as práticas violentas como estratégia para alcançar seus objetivos. No transcurso dos anos, seu discurso político continua sendo o mesmo, mas, seu poder bélico sofreu significativas transformações. Embora suas ações e as pessoas que a integram estejam ligadas ao mundo rural, seu modo de fazer a guerra nada tem a invejar aos mais modernos exércitos, como consequência do seu magnífico crescimento financeiro. Armas poderosas, acesso a meios de comunicação sofisticados e uma estrutura organizativa que lhe permita estar em constante crescimento.

Crescer em armas e combatentes tornou-se a melhor estratégia de poder das FARC, mas também nesse fato, se evidencia sua maior debilidade. O aumento de frentes de combate abre a fenda para a criação de alguns grupos que, aos poucos, vão tornando-se autônomos em referência ao poder central dos altos mandos guerrilheiros. A causa para isso pode estar no fato de que, na organização administrativa das FARC-EP, a periferia, financeiramente, sustenta o centro: as frentes de combate enviam seus ingressos ao secretariado na forma de tributo. Dessa sorte, pelas dimensões que a guerrilha ganhou nas últimas décadas, seus mandos ainda não encontraram o método para controlar eficientemente as ações militares de todas as frentes e a fiscalização na distribuição dos recursos conquistados. A economia da guerrilha se sustenta do lucrativo negócio das drogas, da extorsão, do seqüestro e de outras atividades rentáveis como, por exemplo, os

saques. O dinheiro reveste esses grupos periféricos da guerrilha de enorme poder financeiro e de domínio sobre a população local, criando assim, forças centrifugas que podem fragmentar a guerrilha como um todo. As FARC-EP, mesmo tendo uma estrutura de poder rígida, permeada pela força de um dogmatismo ideológico incontestável, não tem sido imune à formação de certos grupos que pugnam por autonomia militar e financeira, tal como acontece com algumas Frentes de combate. Nesse sentido, os casos mais visíveis atualmente são o da Frente 16 liderada pelo “*Negro Acácio*” e o da Frente 43 sob o comando de “*John Quarenta*”. Para muitos, essas Frentes têm mostrado que mais do que lutar pelos pobres, interessa-lhes é dominar a população civil e acumular capital¹¹¹.

A falta de controle dos altos mandos sobre grupos periféricos se evidencia de maneira mais clara no uso instrumental da violência realizada por alguns membros da guerrilha. Com frequência, são veiculadas, nos meios de comunicação, práticas violentas que não harmonizam com o plano conjunto da organização. Nessa linha de pensamento, podem ser mencionados alguns acontecimentos no processo de paz iniciado pelas FARC-EP com o Presidente Andrés Pastrana (1998-2002). Enquanto o governo cedeu às exigências feitas pela guerrilha para iniciar o processo de negociação de “*paz*”, algumas Frentes de combate não fizeram o mesmo. Continuaram os ataques contra a população civil e atentados contra a infra-estrutura do país. Assim, as ações militares dessas Frentes guerrilheiras contradiziam a visível disposição dos representantes da guerrilha para negociar a “*paz*” com o governo. A conclusão desse fato é que o monopólio da violência extrapolou o controle dos altos mandos, dado que com a execução de suas ações, esses grupos manifestaram não estar de acordo com a disposição que manifestavam ter seus principais líderes.

É perceptível que, na manifestação do *habitus* guerreiro das FARC-EP, há um hiato entre as determinações passadas que o produziram e as determinações atuais que o interpelam. Ações

¹¹¹ Embora não se tenha informações factíveis de verificação, existem indícios para supor que o poder que usufruem alguns mandos guerrilheiros, em determinadas regiões do país, tem gerado conflitos internos dentro do movimento, principalmente por causa da corrupção de alguns líderes. Conhecem-se casos pitorescos, que parecem ser bastante frequentes, de deserções movidas pelo roubo dos recursos da organização. Para mencionar um caso recente, trago à memória o de Hernando Buitrago, o “*comandante Julião*”, líder da Coluna Teófilo Forero. Num certo dia do ano de 2002, Julião foi visto pela última vez por guerrilheiros, sendo acompanhado de um grupo de garotas adolescentes e dirigindo uma camionete carregada de dinheiro vivo, cujo montante, segundo se comenta, superava os 500 milhões de dólares.

violentas que outrora foram expressões da racionalização de uma guerra que se justificava pelo fato de estar em função da concreção da utopia revolucionária, hoje, essas mesmas práticas não são mais do que meras manifestações de uma figuração social que parece ter feito da guerra a condição essencial para justificar sua existência. É elevada o número de pessoas assassinadas pela guerrilha. Denúncias de organizações sociais que defendem os direitos humanos são freqüentes. Para mencionar apenas um caso, quero me remeter ao dia 2 de maio de 2002, no vilarejo de Bojayà, no estado de Chocò, na região do Atrato meio colombiano, onde foram assassinadas pelas FARC-EP 119 pessoas.

Na véspera daquele dia, comentava-se entre os moradores sobre um possível confronto entre a guerrilha e um “*grupo paramilitar*”. Movidos pelo pânico, muitos se refugiaram no templo local, acreditando que ali ficariam mais protegidos do que em seus humildes casebres. No entanto, suspeitando que entre os refugiados se escondiam combatentes do grupo inimigo, guerrilheiros das FARC despejaram um bujão carregado explosivos no local. Os mortos eram em sua maioria mulheres e idosos, contavam-se também 45 crianças assassinadas e ficaram mais 80 pessoas gravemente feridas. Nenhuma das vítimas foi reconhecida como membro de algum grupo paramilitar. Bojayà virou um povoado fantasma. Os que ficaram vivos permaneceram no vilarejo durante o tempo necessário para sepultar seus mortos. Mais de três mil pessoas da região migraram para Quibdo, a capital do estado, por medo de novos confrontos entre guerrilha e paramilitares. Questionado por esse insucesso, Alfonso Cano, membro do Secretariado das FARC afirmou que “*foi um erro derivado da confrontação*” e o qualificou como “*um fato que a guerra vai gerando na margem de nossa vontade*”, no entanto ele se comprometeu a “*minimizar o impacto sobre os não combatentes*”¹¹² na execução de futuras ações militares da guerrilha.

Ações como as de Bojayà, embora executadas em menor escala, acontecem com freqüência. A explicação para esses fatos por parte dos líderes guerrilheiros quase sempre coincide com as declarações minimalistas dadas pelo comandante Cano. Em face dessas manifestações de violência, cabe perguntar-se pelo controle real que os líderes das FARC-EP têm sobre as ações de seus quadros. Perguntei se conheciam casos de sanções da guerrilha por abuso de poder, alguns guerrilheiros manifestaram para mim que desconheciam situações nas quais

¹¹² Entrevista dada num jornal El Tiempo no dia oito de junho de 2002.

algum companheiro tivesse sido punido em decorrência desse fato. Um adolescente deu o seguinte depoimento para uma ONG americana: “*Em Tame [no estado de Arauca], disparamos uma bomba de 45 quilos contra um quartel da polícia. Passou por cima e caiu encima de três casas do lado do quartel. Matou vários civis. Por isso nos chamaram a atenção, mas não fomos sancionados*”¹¹³. Erros táticos, improvisações nos ataques, ainda que tragam conseqüências fatais à população civil, enquanto não afetam os interesses do grupo, quase sempre são punidos com discretos “*chamados de atenção*”.

A opção por práticas violentas tornou-se uma das convicções mais evidentes das FARC-EP. É possível que acreditem que, só através de uma atitude beligerante, poderão ficar mais perto do poder. Para muitos analistas, a guerrilha adere a guerra porque acredita que, só assim, poderá submeter o Estado e obrigá-lo a fazer concessão com suas exigências. Para isso, precisarão continuar atacando sistematicamente, talvez, com a esperança de gerar uma crise institucional que fragmente o país, confirme seu poder militar e obrigue o Estado a negociar a “*paz*” em igualdade de condições. Desta maneira, enquanto a corrida militar guerrilheira segue seu curso, o *habitus* guerreiro das FARC se reafirma nos guerrilheiros que integram esse grupo, mediante a realização das mais diversas ações militares que dão vida à guerra revolucionária. Submetidos aos mais diversos condicionamentos sociais, o *habitus* guerreiro fornece aos homens e mulheres que trilham os caminhos da luta armada um principio de associação que gera coesão coletiva e fornece categorias de juízo e de ação que norteiam esse tipo de vida em comum.

Por outra sorte, esse *habitus* guerreiro das FARC-EP fornece também aos guerrilheiros, em parte, um principio de individualização. Foram colocadas, a partir do capítulo III, as formas através das quais cada guerrilheiro, pelo fato de ter uma trajetória e uma localização única no mundo, combina de maneira peculiar as coerções sociais impostas pelo grupo com sua dinâmica interior. A formação da identidade individual, a forma em que se revelam os sentimentos e as peculiaridades da experimentação do corpo no mundo dos guerreiros encontram, em cada indivíduo, pequenas variantes que fazem da manifestação do *habitus* guerreiro um fato plural.

¹¹³ HUMAN RIGHTS WATCH, 2004:106.

Refletir, em torno das diversas manifestações humanas nos guerrilheiros traz a minha memória o deslumbramento de Foucault (2002:XXI) quando, contemplando o homem em suas múltiplas manifestações, afirmava: “*Contudo, é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma simples dobra de nosso saber e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova*”. Vasculhando a vida dos guerrilheiros, ouvindo relatos, lendo histórias e captando manifestações de sua existência através de todos os meios que me foram possíveis, renovei meu desejo de refletir em torno da grandeza do ser humano. Sinto-me instigado a pensar e repensar no mundo dos guerreiros, nesse grupo humano que se apresenta no meu olhar como uma “*invenção*” da sociedade colombiana em toda sua amplitude. Tenho a firme convicção de que a busca da reconciliação nacional deve começar pela redefinição do conceito de civilidade. A história da civilização lembra-nos de que, sem uma estrutura social favorável, uma figuração com traços claramente bélicos como as FARC-EP não poderia surgir. Para que possamos conduzir, com inteira satisfação, nosso peregrinar histórico como povo e como cultura, precisamos reconhecer que esse *habitus* guerreiro que caracteriza a guerrilha colombiana está interligado a uma realidade nacional múltipla, fluida e biocultural.

O processo de reinserção que se está levando na Colômbia desafia-nos a refletir nessa direção. Na tentativa de fazer dos homens de guerra cidadãos de paz, considero necessário começar por superar os dogmatismos que nos dividem e os determinismos pessimistas e receosos que nos podem privar de sonhar com uma país pacificado, marcado por relações sociais que prescindam da mediação da violência. Visitando alguns abrigos do Estado dedicados a albergar ex-combatentes, constatei que uma das maiores dificuldades que eles atravessam é a falta de referências para tecer vínculos sociais. Talvez isso se explique porque eles estavam acostumados a serem regidos, em todas suas ações, pela dissimulação e o rigor militar da vida guerrilheira. Assim, no espaço aberto da vida social ampla da cidade, eles se auto-percebem perdidos, diminuídos em sua condição humana. Inseridos na sociedade civil, eles carecem de chefe, aparelho disciplinar, inimigos, ações militares, em fim, de tudo aquilo que preenchia-lhes o tempo e dava-lhes sentido á existência.

Para os ex-guerrilheiros que participam do programa de reinserção social do governo, retornar à vida civil não é tarefa fácil. Sem horários, sem castigos, sem armas, em fim, sem tarefas militares para cumprir, alguns deles manifestaram experimentar certa carência de sentido para viver. Um educador social em Bogotá, falando sobre sua experiência na resocialização de jovens egressos de grupos guerrilheiros, apontava um diferencial bastante elevado, em termos de sentimento e de comportamento, entre essas pessoas e outros jovens que nunca participaram de qualquer grupo armado. Para o educador, a guerra torna-os propensos a desvios de personalidade, a serem vítimas de severas desordens mentais e emocionais. Segundo ele, muitos desses jovens têm tendências psicopatas e inclinações para perceber na delinqüência e na criminalidade uma forma “*normal e única de vida*”. Muitos desses jovens revelam uma grande facilidade para desenvolver a dependência química, outros - dizia o educador – chegam a sofrer de alucinações, fobias, depressão, pesadelos e transtornos compulsivos. No entanto, o objetivo dos programas de reinserção do governo nacional é de capacitar os jovens ex-combatentes para que possam empreender uma existência criativa e produtiva¹¹⁴, que os encoraje a apagar as “*marcas*” deixadas pela guerra em sua estrutura humana.

De fato, a vida interior de todo ser humano é experimentada a partir da fluência incessante, aparição e desaparecimento, de pensamentos e estados sentimentais. Ela se torna mais apreensível ao entendimento humano quando é exteriorizada através de ações ou palavras. Mas essas formas de exteriorização adquirem seu matiz peculiar a depender do contexto social onde cada indivíduo se move. Foi mostrado, no capítulo IV, que, no “*mundo dos guerreiros*”, as manifestações interiores devem encaixar-se nos padrões de ordem militar que conduzem as interações sociais dessa vida em comum. Nesse contexto, as coerções sociais têm uma função relevante na medida em que condicionam o indivíduo a ponto de dar-lhe uma conotação singular, que traça um caminho bastante revelador para quem quiser perceber o processo de formação do *habitus* guerreiro. O título desta pesquisa faz jus a esse fato.

Ao afirmar que “*meninos não choram*”, estamos sugerindo uma pista analítica que, sem dúvida, pode ser útil para abordar uma maneira particular de pensar e sentir num contexto social peculiar. De fato, povoado de indivíduos singulares e regido por padrões de conduta bem

¹¹⁴

Cf. GONZALEZ, 2002:15-23.

definidos, é perceptível que, no microcosmo social guerrilheiro, são tidas como inadequadas manifestações que denotem delicadeza, tolerância e respeito com limitações humanas, enquanto se exaltam e reforçam as atitudes que fazem do indivíduo um guerreiro, uma pessoa capaz de suportar os embates cotidianos desse tipo de vida que se desenvolve no meio do conflito armado.

Fora da arena da guerra, muitos guerrilheiros sentem que estão perdidos num labirinto. Muitos não retornam a sua família porque romperam os vínculos afetivos ou, como acontece na maioria de casos, por falta de segurança para suas vidas, dado que abandonar a guerrilha sempre será considerado pelas FARC-EP uma falta grave. Um jovem guerrilheiro dizia para mim: *“No mato, a gente não tem que se preocupar com estudos, com trabalho. Dinheiro a gente não precisa. O que realmente necessita, você o encontra com as pessoas. Aqui na cidade tudo fica mais complicado”*. De fato, para eles, viver fora do conflito se torna complicado. Para esse jovem que é analfabeto, assim como 60% dos membros das FARC-EP, a empreitada para inserir-se no mercado de trabalho será demorada e, talvez, pouco gratificante. Por outra parte, acostumado a obedecer, não lhe será tarefa fácil conduzir a própria vida com autonomia e responsabilidade. Um jornalista perguntava a um ex-combatente pela maneira como gastava o dinheiro que recebia mensalmente como auxílio do governo, sua resposta foi bem precisa: *“Eu gasto com vicio, sinuca e putas”*.

Diante de um possível processo de *“paz”* e da futura desmobilização de membros dos grupos guerrilheiros, a sociedade colombiana devera assumir o desafio de acolher e de facilitar a inserção à vida pública dos ex-combatentes. Para que esse processo tenha certo sucesso, haverá que fazer um grande esforço conjunto de todas as instâncias sociais. Só assim será possível desconstruir o *habitus* guerreiro incorporado nos tempos de luta armada. Nesse sentido, é grato lembrar que o ser humano não está condenado a viver perambulando no labirinto do determinismo social. A história humana confirma: o ser humano é maleável. O guerrilheiro pode ser artífice da paz e partícipe do processo de construção de uma humanidade nova. Depois de descrever os horrores vividos na arena da guerra, um jovem ex-combatente concluía:

“A verdade é que matar não é algo que possa nascer da cabeça da gente, o que acontece é que eles lhe dizem: ‘mate fulano’, e se a gente não o faz, gera desconfiança no grupo. Podem executar uma pessoa pela desconfiança que têm nela: se você não foi capaz, está colaborando com o inimigo, colaboração

involuntária ou voluntária; a gente sempre tem medo disso. Mas não é que venha do coração fazê-lo” (GONZÁLES, 2002:54).

Para esse jovem, muitas de suas ações foram realizadas sob a pressão exercida pelo grupo, pela urgência da obediência que evita a desconfiança e facilita a participação dessa vida coletiva. É possível que a força centrífuga dessa vida comunitária o tenha induzido a realizar uma série de práticas violentas, as quais poderiam ter fortalecido interiormente algum sentimento de participação dessa figuração social. No entanto, o que pretendo deixar claro aqui é que as formas de interação humana não são fixadas geneticamente, dado que elas têm enormes possibilidades de mudança por consequência da dinâmica própria da natureza humana que, num contexto pacificado, quase sempre se inclina pelos ditames do “*coração*”.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflexions on the origins and Spread of Nationalism*. Londres: Ed. Rev., 1991.

ALAPE, Arturo. *La paz, la violencia: Testigos de excepción*, 5ª Edición. Santafé de Bogotá: Editorial Planeta, 1985.

_____, *Las muertes de Tirofijo*. Bogotá: Plaza y Janes, 1980.

ALVAREZ G., Jaime. *La cruz trenca. Quinientos años de asesinatos*. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1988.

ARANGO Z., Carlos. *Las FARC-EP - Veinte años. De Marquetalia a la Uribe*, 2ed. Bogotá: Ediciones Aurora, 1984

_____, *Jacobo: Guerrero y amante*. Bogotá: Ediciones Alborada, 1991.

ARANGUREN Molina, Mauricio. *Mi confesión. Carlos Castaño revela sus secretos*. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 2001

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo. Imperialismo. Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ARENAS, Jacobo, *Cese al Fuego. Una historia de las FARC-EP*. Bogotá: Oveja Negra, 1984.

_____, *Correspondencia secreta del proceso de paz. Recopilación, notas y comentarios*. Bogotá: Editorial La Abeja Negra, 1989.

AUMADA Consuelo y otros, *Que esta pasando en Colombia? Anatomia de un pais en crisis*. Bogotá: El Ancora Editores, 2000

BALAKRSHNAN, Gopal (Organizador). *Um Mapa da questão Nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto Editorial Limitada, 2000.

BARREIRA, César (Organizador). *Poder e disciplina. Diálogos com Hannah Arendt e Michel Foucault*, Fortaleza. Fortaleza: EUFC, 2000.

_____, *Crimes por Encomenda – Violência e pistolagem no cenário brasileiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumara Editora, 1998.

BOLIVAR, Simon. *Escritos políticos*. Campinas SP: Editora da UNICAMP, 1992.

BOURDIEU, Pierre (Coordenador). *A miséria do mundo*, 3ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

_____. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada, 1983.

_____. Meditações Pascalianas. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A. 2001.

_____. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, Jean-Claude, PASSERON, Jean-Claude. A profissão de sociólogo. Preliminares epistemológicas, 3ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRODERICK, Walter. Camilo, el cura guerrillero. Bogotá: Editorial El Labrador, 1987.

BUSTOS V., Alirio. La ley del monte. Crónica. Bogotá: Intermedio Editores, 1999.

CASAS, Ulises. De la guerrilla liberal a la comunista. Bogotá, 1987.

CASTRO C. Germán. Colombia Amarga. Una obra que reconoce valientemente la realidad. Bogotá: Editorial Planeta, 1988.

Centro Gaitán. Once ensayos sobre la violencia. Bogotá: Editorial Cerec, 1985.

Comisión Andina de Juristas. Coca, cocaína y narcotráfico. Laberinto en los Andes, 2ª. Edición. Lima: Editor Diego García- Sayán, 1990.

Corporación medios para la paz. Para desarmar la Palabra: Diccionario de términos del conflicto y de la paz. Bogotá, 1999.

CURREA, Victor. El Debate Humanitario. Barcelona: Içaria, 2002.

CHANDLER, Billy Jaynes. Lampião, o rei dos cangaceiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

DaMATA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1990.

D'ALESSIO, Lucrécia. Leitura sem palavras. São Paulo: Editora Atica, 2002.

DUZÁN, Maria Jimena. Crônicas que matan, 3ª Edición. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1993.

DEAS, Malcom, LLORENTE, Maria Victoria (Compiladores). Bogotá: Cerec - Ediciones Uniandes, Grupo Editorial Norma, 1999.

DEAS, Malcom e GAITAN DAZA, Fernando. Dos ensayos Especulativos sobre la Violencia en Colombia. Bogotá: Tercer Mundo, 1995.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

_____, De la Division du Travail Social, 7 edição. Paris: PUF, 1960, Livro 1, Cap. 1.

ELIAS, Norbert. Os alemães. Rios de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997

_____. O processo civilizador. Vol. I e II . Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

_____. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.

_____. Sobre o tempo. Rios de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1998

_____. A solidão dos moribundos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001

_____. Envolvimento e alienação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

_____. Por ele mesmo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, J.L, Os Estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: 2000

FOUCAULT, Michel, Os Anormais. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____ - As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____ - Vigiar e Punir. História da violência nas prisões, 25^a Edição.
Petrópolis: Vozes, 1987.

FREUND, Julient. Sociologie du Conflit. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

FUKUYAMA, Francis. El fin de la historia y el último hombre. La interpretación más audaz y brillante de la historia presente y futura de la humanidad. Santa Fe de Bogotá: Editorial Planeta, 1992

FUNDACIÓN SEGURIDAD E DEMOCRÁCIA, <http://www.seguridadydemocracia.org/default.asp>

FUNDACIÓN IDEAS PARA LA PAZ, http://www.ideaspaz.org/publicaciones/download/boletin_conflicto26.pdf

_____. Preparar el Futuro: Conflicto y posconflicto en Colombia. Bogotá: FIP, 2002.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Barcelona: Editora Paz e Terra, 1978.

GALINDO C., Mauricio, VALENCIA C., Jorge. En carne propia. Ocho violentólogos cuentan sus experiencias como víctimas de la violencia, Santafé de Bogotá, Intermedio Editores, 1999.

GEERTZ, Clifford. O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa, 5ª Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GEVAERT, Joseph, El problema del hombre. Introducción a la antropología filosófica. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1997.

GIL, Jose. O Corpo in: Enciclopédia Soma/Psique e corpo. Lisboa: Imprensa Nacional, 1995.

GIRARD, René. A violência e o sagrado. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GLASSNER, Barry. Cultura do medo. São Paulo: Francis, 2003.

GONZALES U., Guillermo. Los niños de la guerra. Bogotá: Editorial Planeta, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A. Sociologia crítica, 30ª Edição. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1990.

GUEBARA, Ernesto Che. La guerra de guerrilhas. Obras Escogidas 1957-1967. La habana: Editorial Ciências Sociales, 1991.

GUZMAN, German Campos, FALS, Orlando, UMAÑA, Eduardo. La Violencia en Colombia. Tomos I e II. Bogotá: Tauros, 2005.

HABERMAS, Jürgen. A inclusão do outro. São Paulo, Edições Loyola, 2002.

HALL, John A. (Organizador). Os Estado na Historia. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

HALBWACH, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HARNECKER, Martha. Combinación de todas las formas de lucha, 2ª. Edición. Bogotá: Ediciones Suramérica, sem data de publicação.

HOBSBAWM, Eric J. Hisotriografia del Bandolerismo, en Gonzalo Sanchez y Ricardo Peñaranda (org.) Pasado y presente de la violencia en Colombia. Bogotá: Cerec, 1986

_____. Nações e nacionalismo desde 1780, 3ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

_____. Sobre a História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W. (Organizadores). Temas básicos da Sociologia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

HUMAN RIGHTS WATCH, Aprenderás a no llorar: Niños combatientes en Colômbia. Bogotá: Impresión Editorial Gente Nueva, 2004.

JIMENO, Ramon. Noche de lobos. Material xerocado, 1989

JARAMILLO, Jaime, MORA, Leonidas, CUBIDES, Fernando. Colonización, coca y guerrilla, Bogotá: Alianza Editorial Colombiana, 1989.

KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

KERRCKHOFF, Alan e BACK, Kurt. The fune Bug. New York: Appleton-Century Crofts, 1968.

KRAUTHAUSEN, Ciro, SARMIENTO, Luis Fernando. Cocaína & Co. Un mercado ilegal por dentro. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1991.

MOLANO, Alfredo. Trochas y fusiles. Bogotá: El Ancora, 1999

MEDINA G., Carlos. Autodefensas, paramilitares y narcotráfico en Colombia. Origen, desarrollo y consolidación. El caso "Puerto Boyacá". Bogotá: Editorial Documentos Periódicos, 1990.

MUNERA RUIZ, Leopoldo. Estado y Sociedad en Escenários de Posconflicto. En Latin American and Caribbean Center. Colombia: Conflicto Armado: Perspectivas de Paz y Democracia. Miami: Florida International University, 2001.

NYLOR R. T. The Insurgent Economy: Black Market Operations of Guerrilha Organizations, em Crime, Law and Social Change, No. 20, Kluwer Academic Publishers, 1993.

LARA, Patricia. Siembra vientos y recogeras tempestades. Barcelona: Editorial Fontamara, 1982.

_____, Patricia. Las mujeres en la guerra. Bogotá: Editorial Planeta, 2002.

LE BRETON, David, Antropologia del Dolor. Barcelona: Seix Barral.

LE BRETON, David. A syndrome de Frankstein in: Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. Antropologie du corps et moternite. Paris, 1990. (introdução, cap. I e cap. III).

_____. L'invention du corps: reflexiones epistemologiquas, in: Quel corps, n. 28/29 decembre de 1985.

_____. Corps et societes – essai de sociologie et d'anropologie du corps. Paris: Libraire des Meridiens, 1985.

LENIN, Vladimir I, Que Hacer? Obras escogidas en doze tomos, Vol. II, Moscu: Editorial Progreso, 1987.

LOZANO G., Carlos (Comisión Temática de las FARC-EP), FARC el país que proponemos construir. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 2001.

PABÓN P., Rosemberg. Así tomamos la embajada. Con textos del diario de "LA CHIQUI". Bogotá: Editorial Planeta, 1984.

PÉCAUT, Daniel. Orden y violencia: Colombia 1930-1954, Vol. I, Bogotá: Siglo Veintiuno Editores, 1987.

PEIRANO, Mariza (Organizador). O dito e o feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais. Coleção Antropologia da Política. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Protocolo de Desarrollo Humano. Maestría en Educación. Docencia. Manizales: Universidad de Manizales, 2003.

Periódico El Tiempo, principalmente a seção dedicada ao conflito armado.

PIZARRO LEONGOMEZ, Eduardo. Insurgencia Sin Revolución. La guerrilha en Colombia desde una perspectiva comparada. Bogotá: Tercer Mundo – IEPRI, 1996.

_____. Las FARC (1949-1966). De la Autodefensa a la Combinación de Todas las Formas de Lucha. Bogotá: Tercer Mundo, 1991.

_____. Una democracia asediada. Balance y perspectivas del conflicto armado en Colombia. Bogotá: Tercer Mundo, 2004.

RANGEL S., Alfredo. Colômbia: Guerra em el fin de siglo. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1999.

RANAN, Ernest, Qu'est-ce qu'une natio? Paris: Pocket, 1992.

RESTREPO, Laura. Historia de una traición. Historia de perdón y de ira, de amor y de muerte de pactos y de traiciones. Bogotá: Plaza y Janes, 1986.

RESTREPO, Luis Carlos. Mas allá del terror. Abordaje cultural de la violencia en Colombia. Bogotá: Editora Aguilar, 2002.

_____. El derecho a la ternura, Bogotá, Arango Editores, 1994.

Revista Critica de Ciências Sociais. Globalização, Conflitualidade e violência, N 57/58, junho/novembro, 2000.

RICHES, David. El Fenomeno de la Violencia. Madrid: Pirámide, 1998.

SÁNCHEZ, Gonzalo, PEÑARANDA, Ricardo. Pasado y presente de la violencia en Colombia. Bogotá: Cerec, 1991.

SANTOS, Enrique. Fuego Cruzado. Guerrilla, narcotráfico y paramilitares en Colombia en la década de los ochenta. Bogotá: Biblioteca de Autores Colombianos, 1989

SALAZAR . Alonso. La parábola de Pablo. Auge y caída de un gran capo del narcotráfico. Bogotá: Editorial Planeta.

SALAZAR, Alonso. No nacimos pa' semilla. La cultura de las bandas juveniles de Medellín. Bogotá: Cinep, 1990.

SALVATIERRA, Pedro. Confesiones de un secuestrado. Crónicas del Sumapaz. Bogotá: Intermedio Ediciones.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra – O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental. Record, s/d.

SERRES, Michel. Os cinco sentidos – Filosofia dos corpos misturados 1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SIBILA, Paula. O homem pos-orgânico – Corpo, subjetividade e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2002.

SIMMEL, Georg. Sociologia I. Madrid: Biblioteca de la Revista de Occidente, 1977

_____. Filosofia do amor. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

STAROBINSKI, Jean. As Máscaras da Civilização. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SUN, Tzu. A arte da guerra. Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.

TAVARES DOS SANTOS, José Vicente (Orgarnizador). Violência em tempo de globalização. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

THOMPSON, Jhon B. Ideologia e Cultura Moderna. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

WACQUANT, Loïc. Corpo e alma: Notas Etnográficas de um aprendiz de Boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

WAIZBORT, Leopoldo. Dossiê Norbert Elias. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. As Aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Editora 34, 2000.

VARIOS, En que momento se jodió Colombia. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1990.

_____, Iniciação a Prática Sociológica. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

VILLARRAGA, Alvaro, PLAZAS, Nelson. Para reconstruir los sueños. Una historia del EPL, Bogotá: Progresar, 1994.

VON CLAUSEWITZ, Karl. De la guerra. Barcelona: Editorial Mateus, 1972.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)